

# OBSERVATORIUM

RELATÓRIO ANUAL  
Abril 2012





# OBSERVATORIUM

RELATÓRIO ANUAL  
Abril 2012



## FICHA TÉCNICA

Título: *Observatorium*, Relatório Anual, Abril 2012

Edição: Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo/  
Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo.

Coordenação: Eduardo Brito Henriques

Coordenação Operacional: João Afonso

Equipa Interna: Filipe Holstein, Lurdes Gonçalves, Marta Luís

Páginas: 203

Data: Abril 2012

ISBN: 978-972-8872-24-3

Website: <http://www.ccdr-lvt.pt>

Contacto: Rua Artilharia Um, 33 1269-145 Lisboa

Tel: (351) 21 383 71 00

## Índice

Siglas e acrónimos	7
Notas metodológicas	8
Introdução	9
I Parte	11
1. Síntese de caracterização da RLVT	12
2. Domínio Pessoas	17
2.1 Dinâmicas demográficas	17
2.2 Educação e formação	33
2.3 Sociedade de informação	39
2.4 Saúde e proteção social	43
2.5 Coesão e inclusão Social	52
2.6 Acesso à cultura e lazer	59
3. Domínio Território	70
3.1 Acessibilidades e mobilidade	71
3.2. Energia	73
3.3. Ambiente	82
3.4 Ordenamento	92
3.5 Património	102
4. Domínio Organizações	111
4.1 Empresas	112
4.2 Desempenho económico	116
4.3 Emprego e mercado de trabalho	125
4.4 Inovação e Desenvolvimento Tecnológico	132
4.5 Turismo	137
4.6 Governança	145
II Parte	152
Retrato concelhio	152
Município de Abrantes	153
Município de Alcanena	154
Município de Alcobaça	155
Município de Alcochete	156
Município de Alenquer	157
Município de Almada	158
Município de Almeirim	159
Município de Alpiarça	160
Município da Amadora	161
Município de Arruda dos Vinhos	162
Município de Azambuja	163
Município do Barreiro	164
Município de Benavente	165
Município do Bombarral	166

Município do Cadaval .....	167
Município das Caldas da Rainha .....	168
Município do Cartaxo.....	169
Município de Cascais .....	170
Município da Chamusca .....	171
Município de Constância .....	172
Município de Coruche.....	173
Município do Entroncamento .....	174
Município de Ferreira do Zêzere.....	175
Município da Golegã.....	176
Município de Lisboa.....	177
Município de Loures .....	178
Município da Lourinhã .....	179
Município de Mafra .....	180
Município da Moita .....	181
Município do Montijo.....	182
Município da Nazaré.....	183
Município de Óbidos.....	184
Município de Odivelas .....	185
Município de Oeiras.....	186
Município de Ourém .....	187
Município de Palmela .....	188
Município de Peniche .....	189
Município de Rio Maior.....	190
Município de Salvaterra de Magos .....	191
Município de Santarém.....	192
Município do Sardoal.....	193
Município do Seixal .....	194
Município de Sesimbra .....	195
Município de Setúbal.....	196
Município de Sintra.....	197
Município de Sobral de Monte Agraço.....	198
Município de Tomar.....	199
Município de Torres Novas.....	200
Município de Torres Vedras.....	201
Município de Vila Franca de Xira.....	202
Município de Vila Nova da Barquinha.....	203

## Siglas e acrónimos

AML Área Metropolitana de Lisboa  
CCDRLVT Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo  
IEFP Instituto do Emprego e Formação Profissional  
INE Instituto Nacional de Estatística  
ISF Índice sintético de fecundidade  
LVT Lisboa e Vale do Tejo  
MCTES Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior  
MTSS Ministério do Trabalho e da Segurança Social  
NUTS Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos  
ORLVT Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo  
PIB Produto Interno Bruto  
PDM Plano Diretor Municipal  
PROT AML Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa  
PROT OVT Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo  
POR Programa Operacional Regional  
QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional  
RL Região de Lisboa  
RLVT Região de Lisboa e Vale do Tejo  
RSI Rendimento Social de Inserção  
RSU Resíduos Sólidos e Urbanos

## Notas metodológicas

O presente relatório de monitorização procura fazer uma leitura dos indicadores prioritários de contexto, selecionados pelo Observatório Regional, no sentido de dar conta das principais dinâmicas sociais, territoriais e económicas registadas na Região.

A apresentação dos dados é feita por diferentes níveis (NUTS II, NUTS III e concelhos) e varia ao longo do documento de acordo com a informação estatística disponível e a sua desagregação espacial.

Ao nível da apresentação, optou-se por representar a informação estatística relativa às NUTS II e NUTS III através de gráficos, e ao nível da informação por concelho, optou-se por representar sobre a forma de mapa para toda a Região de Lisboa e Vale do Tejo. A informação trabalhada baseou-se essencialmente nos dados disponibilizados pelos Anuários Estatísticos Regionais e pela base de dados dos Dossiers Temáticos – Indicadores do QREN, ambos disponibilizados pelo INE. Os dados provisórios já conhecidos do Censos 2011, nomeadamente para a população residente e a habitação, também foram considerados. O relatório inclui ainda informação produzida pela CCDRLVT e outra trabalhada internamente pelo Observatório.

Tendo em conta que a partir de 2007, e para efeitos do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), é criada a nova NUTS II Região de Lisboa<sup>1</sup>, mas tendo a CCDRLVT, nas suas competências, o território mais alargado da Região de Lisboa e Vale do Tejo, composta pelas NUTS III Grande Lisboa, Península de Setúbal, Oeste, Médio Tejo e Lezíria do Tejo, procurou-se no presente relatório alargar a análise, tanto quanto possível, a todo este espaço.

A RLVT agrega desde 2010, 52 concelhos, devido à entrada do município de Mação para a sub-região do Médio Tejo, no entanto, tendo em conta que o INE ainda não considera esse facto nos dados agregados que disponibiliza para a NUTS III Médio Tejo, optou-se por não considerar na análise aqui realizada este município.

Toda a informação trabalhada no relatório pode ser consultada no Sistema de Informação do Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo, disponível no site [www.ccdr-lvt.pt](http://www.ccdr-lvt.pt)

---

<sup>1</sup> A nova configuração territorial para efeitos estatísticos da NUTSII - Região de Lisboa, composta apenas por duas NUTSIII – Grande Lisboa e Península de Setúbal, entrou em vigor a 1 de Janeiro de 2007 (DL n.º244/2002 e DL n.º104/2003). As NUTS III Oeste e Médio Tejo passaram nesta data a estar incluídas na Região Centro, e a Lezíria do Tejo na Região do Alentejo.

## Introdução

A Região de Lisboa e Vale do Tejo é um território formado e transformado por muitos séculos de história. Hoje a Região afirma-se, mais do que nunca, como uma grande região metropolitana, onde a urbanidade aparece como um elemento central da sua identidade, e onde a complementaridade e relações da cidade-centro com a área metropolitana, as outras polarizações urbanas da região e as áreas rurais envolventes e intersticiais constituem um manancial de recursos de desenvolvimento capaz de potenciar transformações económicas e sociais em todo o país.

Um território tão heterogéneo e complexo como a RLVT deve ser estrategicamente acompanhado na sua diversidade e monitorizado nas suas dinâmicas. Aos “velhos problemas” ainda não totalmente resolvidos acrescem novos problemas, característicos das sociedades contemporâneas, e em especial das áreas metropolitanas, agora agravados por uma forte crise económica e financeira internacional que influencia o contexto nacional.

Este segundo *Observatorium*, enquanto relatório anual de monitorização do desenvolvimento regional em três escalas de análise espacial (Região – Sub-regiões – Concelhos), procura caracterizar a Região de Lisboa e Vale do Tejo e as suas dinâmicas recentes, olhando em particular para os últimos anos da década passada, ou seja, o início da chamada Grande Recessão que sobreveio à crise do *subprime*. Este documento procura constituir-se como uma base de informação sobre a RLVT e a Região de Lisboa, relevante para ajudar a observar criticamente as alterações e dinâmicas territoriais, sociais, económicas, ambientais e institucionais que estão a afetar a Região e que poderão vir a ter impacto no seu desenvolvimento futuro. O necessário ajustamento da economia portuguesa dependerá muito do crescimento económico da RLVT, não fosse Lisboa o motor de desenvolvimento do país. Superar o desafio da internacionalização é talvez hoje o maior objetivo da Região de Lisboa.

O *Observatorium* encontra-se estruturado em três domínios de monitorização: Pessoas, Território e Organizações. A análise relativa a cada um dos domínios é apresentada por dimensões de análise, primeiro para a Região de Lisboa no seu contexto nacional, posteriormente por sub-região (Grande Lisboa; Península de Setúbal; Oeste; Médio Tejo; Lezíria do Tejo, perfazendo a RLVT), e por fim ao nível dos 51 municípios. Cada domínio é precedido por uma breve síntese, apresentando-se, para cada uma das suas dimensões de análise, um curto comentário.

O presente relatório divide-se em duas partes. Numa primeira parte caracteriza-se a região, as sub-regiões e os concelhos de acordo com a lógica dos domínios e dimensões de análise antes referidos, analisando a região no contexto nacional, internamente as suas NUTS III e depois os 51 concelhos. Numa segunda parte, apresenta-se uma caracterização individual de cada município, identificando em dois momentos temporais distintos as tendências evolutivas registadas, com base na informação estatística de 11 indicadores e fazendo um ponto de situação sobre o respetivo PDM.

Contamos que este relatório permita um conhecimento mais aprofundado da Região e que constitua um instrumento de divulgação do trabalho de monitorização que o Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo tem vindo a desenvolver com vista a informar políticas públicas que articulem as medidas de austeridade necessárias com medidas de promoção do crescimento económico.



# CARACTERIZAÇÃO DA RLVT

IPARTE



## 1. Síntese de caracterização da RLVT

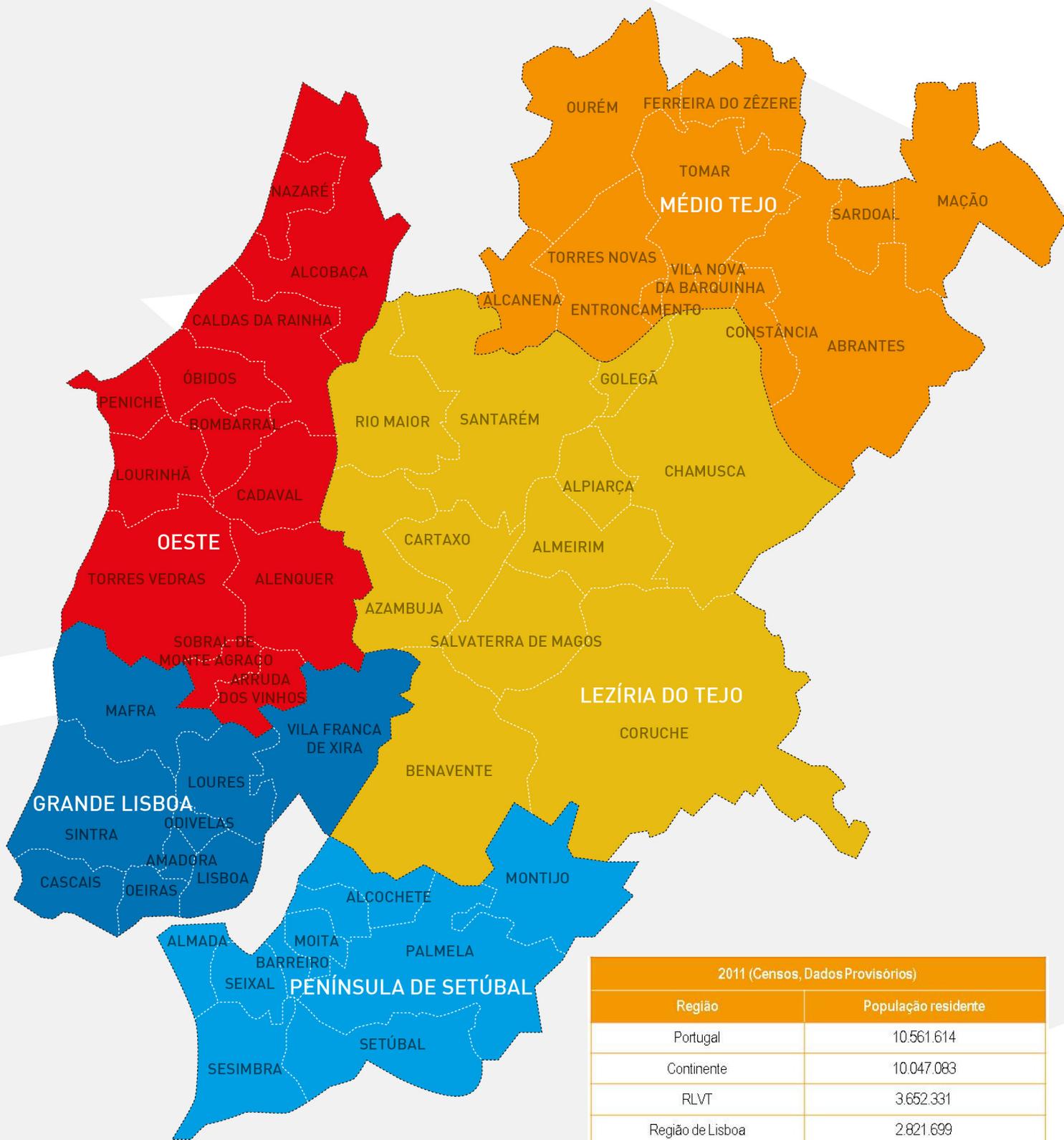
A síntese que aqui se apresenta pretende, de uma forma sucinta, dar conta da atual situação da Região de Lisboa e Vale do Tejo e analisar o modo como reagiu ao início da crise económica nos finais da primeira década deste século.

Para os domínios Pessoas, Território e Organizações, e de acordo com os indicadores utilizados, foi possível identificar as seguintes tendências:

- Continuação do crescimento demográfico da Região, sobretudo na Península de Setúbal e no Oeste, a que se associou um crescimento urbano extensivo, com consequências ambientais pesadas, em parte decorrente ainda de decisões tomadas e de dinâmicas iniciadas em décadas passadas.
- É de salientar o crescimento migratório na Região e sobretudo na Península de Setúbal, embora moderado e com tendência para diminuir, que permite contrariar as pesadas tendências de envelhecimento demográfico que se registam em muitas regiões do País e também já em alguns setores da RLVT. A capacidade de atração da Região, e sobretudo da Península de Setúbal, tem vindo, contudo, a reduzir-se bastante ao longo do período em análise.
- Continua a verificar-se uma diminuição acentuada da fecundidade, decorrente de um maior controlo tecnológico da procriação e que tem consequências na reposição das gerações. Ainda no campo da procriação, verifica-se uma transformação profunda e rápida dos modelos familiares, designadamente com a dissociação entre a conjugalidade formal e a parentalidade.
- Ao nível do desenvolvimento social, registam-se progressos na Região, evidenciados pelo aumento da esperança média de vida e pela diminuição significativa da mortalidade infantil, indicadores que resumem bem o efeito conjugado dos diversos fatores associados à qualidade de vida, como a habitação, a saúde e a educação.
- Um ponto também muito positivo é a crescente qualificação escolar da população residente na RLVT. Em particular, deve-se destacar o 'regresso à escola' de muita população adulta que, por razões várias, abandonou precocemente o sistema escolar, e o aumento da transição/conclusão do ensino secundário regular.
- A Região encontra-se bem posicionada na infraestruturização rodovia e ferroviária como também aérea e portuária, registando aumentos significativos do transporte de passageiros e de mercadorias por estas vias.
- A última década consolidou o ciclo de cobertura das infraestruturas de abastecimento, drenagem e tratamento de águas, bem como de recolha e tratamento de resíduos sólidos urbanos, sendo que a generalização da cobertura por estações de tratamento de águas residuais está mais atrasada. Existem ainda algumas deficiências na recolha seletiva de resíduos urbanos. As assimetrias intra-regionais são já relativamente ténues nestes domínios, embora persistam ainda problemas em diversos municípios.
- A Região continua a revelar-se um território densamente ocupado e urbanizado. A pressão sobre o território por novas construções tem diminuído ao longo dos anos, sendo mais intensa na área metropolitana. A recuperação do edificado é hoje um dos principais

problemas que a Região enfrenta; os valores deste indicador são ainda muito baixos, sendo necessário um maior investimento na reabilitação e um incremento do sector imobiliário do arrendamento, em especial nos centros das cidades.

- Apesar da informação existente ser insuficiente para uma caracterização do sector energético da Região, destaca-se uma ligeira subida no consumo de eletricidade, em especial nas sub-regiões mais rurais, e uma diminuição do consumo de combustível automóvel. As quotas de produção de energia eléctrica a partir de fontes renováveis têm vindo a aumentar, o que revela uma tendência positiva na Região. No entanto, o sistema energético regional está ainda longe da autonomia e sustentabilidade.
- Nos primeiros anos da crise (2007 e 2008) a Região parecia estar a seguir uma trajetória positiva no que respeita à criação de riqueza e à especialização económica em setores de elevada produtividade do trabalho, sobretudo na economia do conhecimento, tendência essa que os dados mais recentes indicam ter sido interrompida. No que respeita ao número de empresas, houve uma evolução negativa nos últimos anos, que aliás acompanhou a tendência nacional de encerramento de muitas empresas.
- A trajetória positiva da Região ao nível da especialização económica em atividades mais intensivas em conhecimento, dada a robustez e a dinâmica do sistema de inovação regional, foi muito significativa ao longo da década passada. No entanto, os dados disponíveis dos últimos anos revelam sinais de estagnação, contrariando a evolução positiva que se vinha a registar.
- O turismo tem-se consolidado, progressivamente, como uma das grandes fontes de riqueza na Região, evidenciado especialmente pela capacidade de alojamento significativa que a Grande Lisboa oferece. Contudo, os efeitos da crise do *subprime* e o início da Grande Recessão, em 2008, afetaram negativamente os níveis de desempenho da Região.



2011 (Censos, Dados Provisórios)	
Região	População residente
Portugal	10 561 614
Continente	10 047 083
RLVT	3 652 331
Região de Lisboa	2 821 699
Oeste	362 523
Médio Tejo	220 660
Grande Lisboa	2 042 326
Península de Setúbal	779 373
Lezíria do Tejo	247 449



The background features several overlapping orange geometric shapes, including triangles and polygons, creating a dynamic, layered effect. The text is centered in a white space between these shapes.

# **DOMÍNIO PESSOAS**

## 2. Domínio Pessoas

Neste domínio de análise procura-se conhecer e mostrar as dinâmicas de crescimento, a educação, as migrações e a qualidade de vida da população que reside na RLVT.

Da análise do período que se inicia em 2007 e segue até ao ano mais recente disponível<sup>2</sup>, pode-se aferir que a RLVT se encontra bem posicionada ao nível nacional, com um dinamismo demográfico superior à média nacional, níveis de instrução também superiores às restantes regiões, uma info-inclusão mais acentuada, melhores cuidados de saúde, poder de compra mais elevado e melhor acesso à cultura e lazer. Contudo, o desemprego surge como um indicador fortemente preocupante.

### 2.1 Dinâmicas demográficas

O crescimento da população é moderado e baseado essencialmente no crescimento migratório, pois o crescimento natural demonstra uma tendência negativa. A variação da população residente, tendo por base os dados provisórios dos Censos 2011, é díspar no seio da Região, contrastando o dinamismo verificado na Península de Setúbal e no Oeste com o desempenho muito menos favorável do Médio Tejo.

No envelhecimento da população salienta-se o Médio Tejo e a Lezíria do Tejo com um índice superior ao registado quer no Continente, quer nas restantes sub-regiões da RLVT, associado naturalmente a uma situação oposta no que diz respeito à juventude.

De registar, contudo, a ligeira variação negativa ao nível das migrações na Grande Lisboa contrastando com todas as outras sub-regiões que registam variações positivas superiores à registada para o Continente, destacando-se neste indicador a Península de Setúbal.

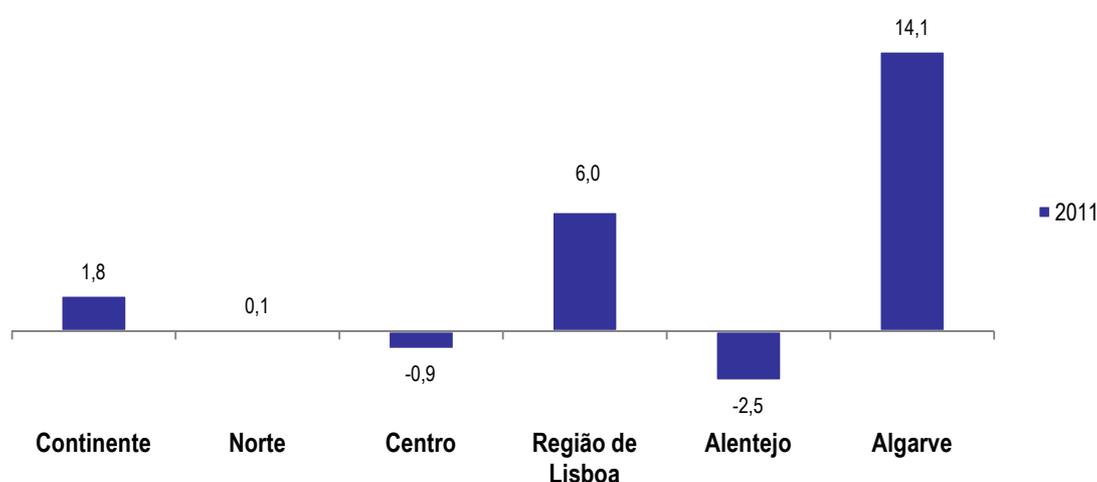
---

<sup>2</sup> À exceção do indicador taxa de variação da população que analisa somente o ano de 2011 (dados dos Censos provisórios) com base no ano de 2001 (Censos).

### Taxa de variação da população residente (2001/ 2011) (%)

A Região de Lisboa, no período 2001/2011, regista uma variação positiva da população residente (6%), o que representa um crescimento superior ao Continente, cuja taxa não ultrapassou 1,8%. No contexto nacional, o Algarve continua a ser a região que regista o maior crescimento da população residente, que estará associado ao crescimento migratório. Quando analisadas as restantes regiões do Continente, neste período, constata-se que o Alentejo continua a apresentar uma variação negativa (-2,5%), no mesmo sentido está a Região Centro que regista, igualmente, valores negativos (-0,9%).

Figura 1 - Desempenho Regional  
Taxa de variação da população residente (2001/ 2011) (%)

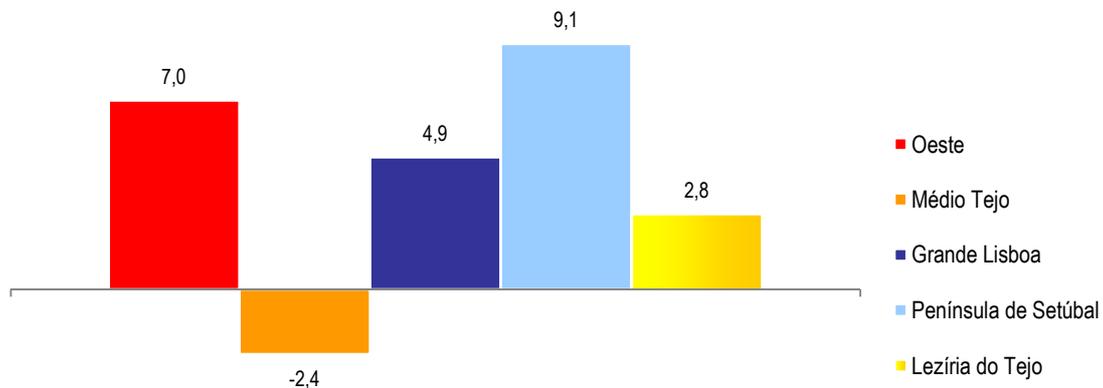


Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação – 2011 dados provisórios/ ORLVT

Na RLVT residiam em 2011 3.652.331 pessoas, o que corresponde a um crescimento da população em cerca de 5,3 pontos percentuais face a 2001, o que revela capacidade em atrair população para o seu território.

Ao nível sub-regional, a Península de Setúbal foi o território que mais contribuiu para o crescimento da população na RLVT, uma vez que regista valores superiores às restantes sub-regiões (9,1%), seguindo-se o Oeste, com um crescimento na ordem dos 7%. A Grande Lisboa regista uma variação de cerca de 4,9 pontos percentuais, seguida da Lezíria do Tejo com 2,8%. Foi, no entanto, o Médio Tejo a única sub-região que registou um dinamismo populacional negativo, com uma variação de -2,4% de 2001 para 2011.

Figura 2 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de variação da população residente (2001/ 2011) (%)

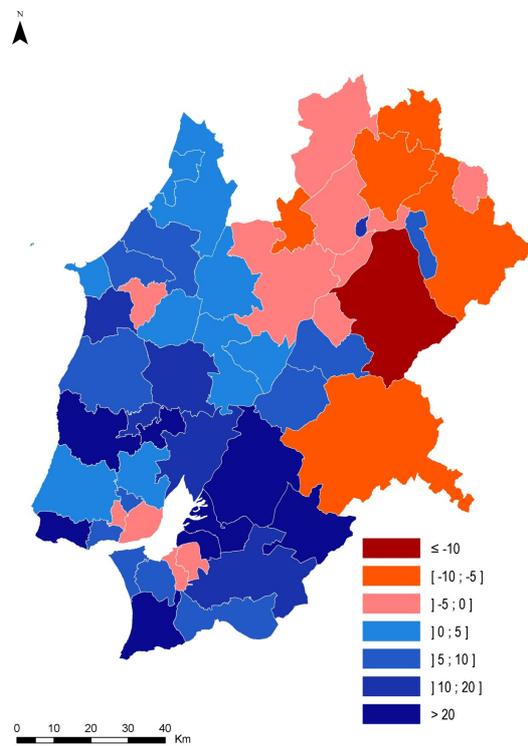


Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação – 2011 dados provisórios/ ORLVT

No período em análise constata-se que os municípios de Alcochete (35%), Sesimbra (31,8%) e Montijo (30,8%) foram os concelhos mais robustos, contribuindo para o crescimento populacional na Península de Setúbal. Na Grande Lisboa, destaca-se o município de Mafra que vê crescer a sua população residente em cerca de 40%, sendo o município com o maior crescimento populacional em toda a Região. Arruda dos Vinhos (29,4%), Sobral de Monte Agraço (13,8%), Lourinhã (10,6%) e Alenquer (10,4%) são os municípios que possibilitaram que o Oeste registasse o segundo maior crescimento ao nível sub-regional. A Lezíria do Tejo, embora não tenha registado um crescimento significativo, tem uma variação positiva pelo crescimento registado essencialmente no município de Benavente (24,8%).

No que se refere à sub-região do Médio Tejo, com uma variação negativa, constata-se que mais de metade dos seus municípios apresentam taxas de crescimento populacional negativas - Ferreira do Zêzere (-8,5%), Abrantes (-6,8%), Tomar (-5,4%), Alcanena (-5%) Sardoal (-3,9%), Vila Nova da Barquinha (-3,7%). Nesta sub-região, apenas os concelhos do Entroncamento e Constância registaram um crescimento positivo, com crescimentos populacionais de 11% e 6% respetivamente. Por outro lado, a maior perda demográfica encontra-se no município da Chamusca, com cerca de 11%. Refira-se que, à exceção de Lisboa (-3%), Amadora (-0,4%), Moita (-2,1%) e Barreiro (-0,3%), as maiores perdas de população registaram-se nos municípios mais rurais e interiores da Região, o que contribuiu para um envelhecimento mais acentuado destes concelhos.

Figura 3 - Desempenho Concelhio  
Taxa de variação da população residente (2001/ 2011) (%)

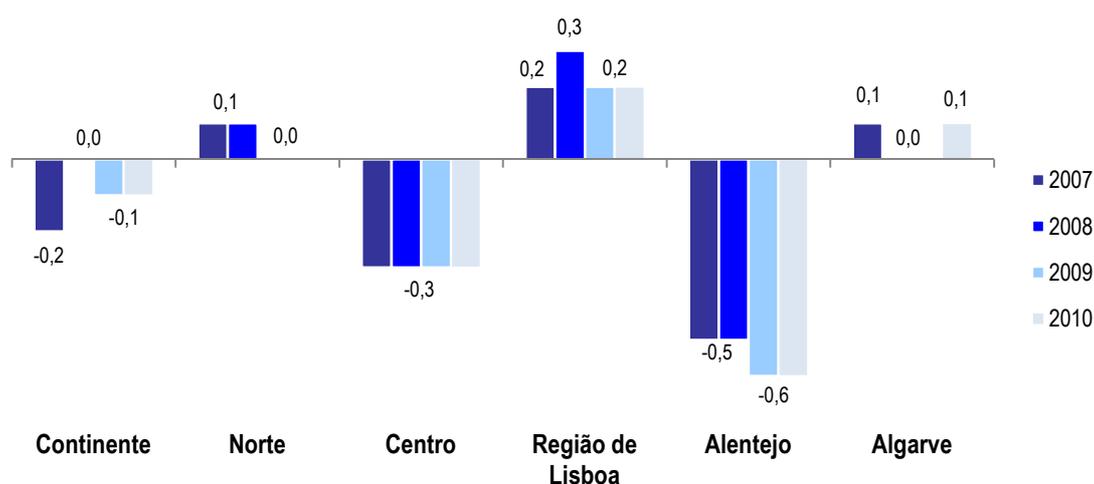


Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação – 2011 dados provisórios/ ORLVT

### Taxa de crescimento natural (%)

Nos últimos anos, a taxa de crescimento natural tem tendencialmente diminuído em todas as regiões do Continente, sendo a Região de Lisboa a que se destaca, no período em análise, por manter o crescimento natural positivo, em cerca de 0,2%, seguindo-se o Algarve com 0,1%. O Alentejo apresenta uma taxa de crescimento natural, entre 2007 e 2010, manifestamente negativa (-0,6%), seguindo-se a Região Centro (-0,3%).

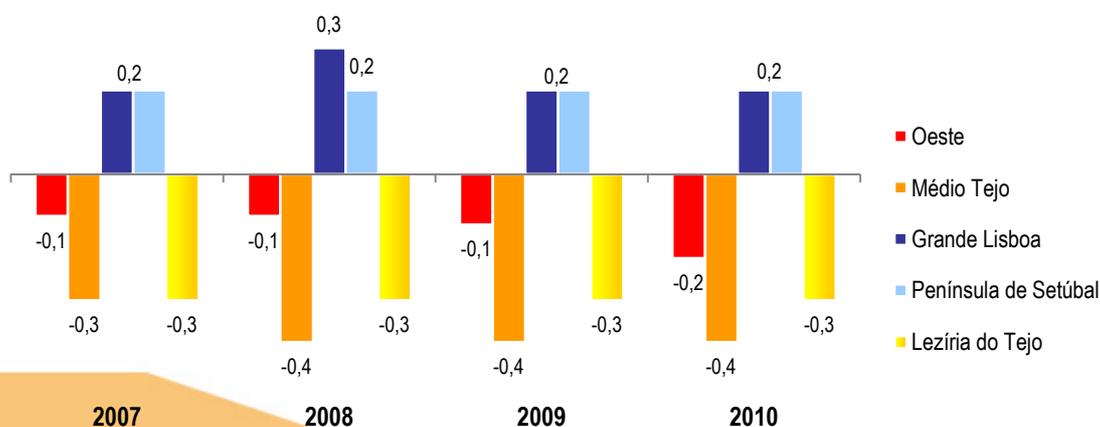
Figura 4 - Desempenho Regional  
Taxa de crescimento natural (%)



Fonte: INE, Indicadores Demográficos/ ORLVT

A Grande Lisboa e a Península de Setúbal destacam-se ao nível sub-regional, pois são as únicas sub-regiões que registam valores positivos no crescimento natural entre 2007 e 2010, contribuindo, por isso, para os valores positivos da Região. O Médio Tejo é a sub-região que apresenta o decréscimo mais acentuado face às restantes sub-regiões, embora tenha mantido os valores da taxa no período em referência.

Figura 5 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de crescimento natural (%)

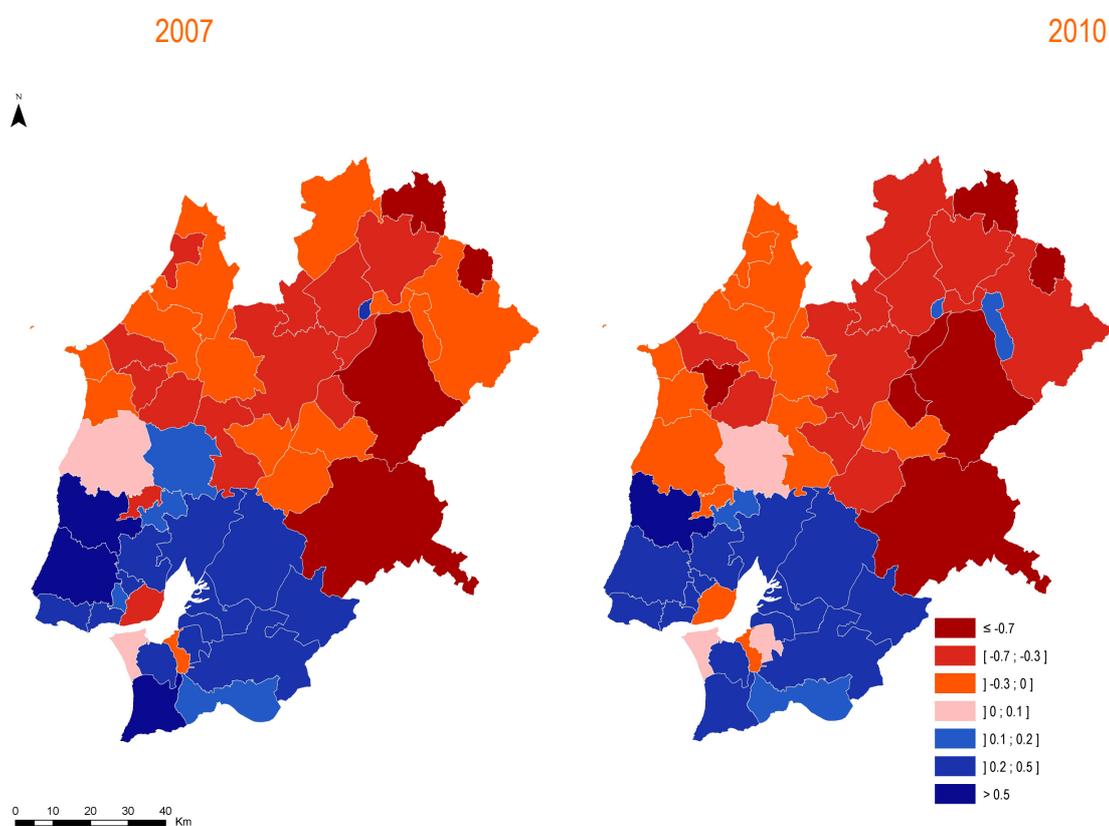


Fonte: INE, Indicadores Demográficos/ ORLVT

Na análise do desempenho concelhio, entre 2007 e 2010, constata-se que a maioria dos municípios da RLVT mostra uma taxa de crescimento natural negativo. No entanto, destacam-se os concelhos da Grande Lisboa e da Península de Setúbal, uma vez que a maioria apresenta uma taxa positiva. Neste grupo, só Lisboa e Barreiro registam valores negativos sem variações entre 2007 e 2010 (-0,3% e -01% respetivamente); Mafra e Alcochete são os concelhos destas sub-regiões que registam os valores mais altos em 2010 (0,6% e 0,5% respetivamente).

Na maioria dos concelhos do Oeste, do Médio Tejo e da Lezíria registam-se taxas de crescimento natural negativas. Contudo, destacam-se com valores positivos os municípios de Arruda dos Vinhos (0,1%), Entroncamento (0,2%) e Benavente (0,3%).

Figura 6 - Desempenho Concelhio  
Taxa de crescimento natural (%)

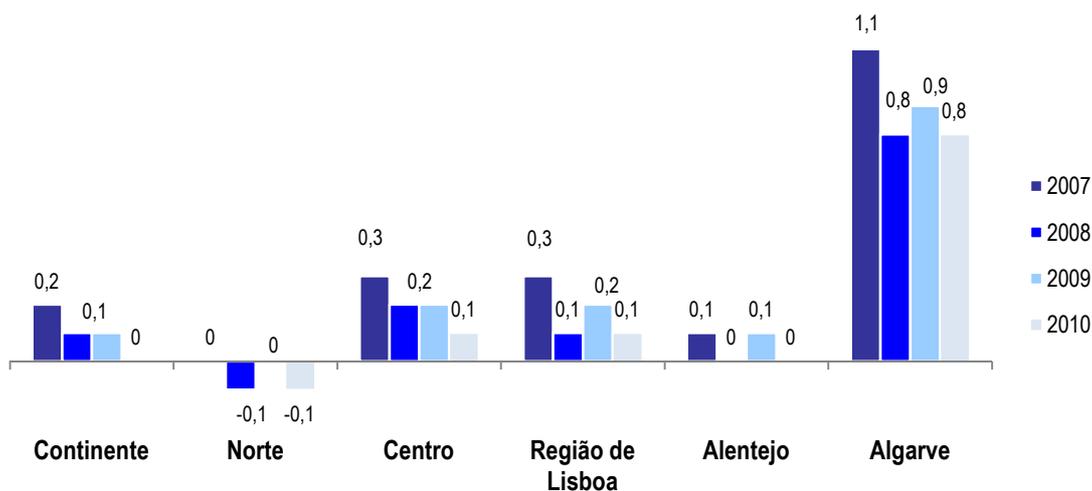


Fonte: INE, Indicadores Demográficos/ ORLVT

### Taxa de crescimento migratório (%)

Constata-se que a taxa de crescimento migratório entre 2007 e 2010 tem diminuído em todas as regiões do território nacional, tendo o Algarve registado valores superiores às restantes regiões e o Norte apresentado taxas negativas neste período. A Região de Lisboa segue a tendência na diminuição do crescimento migratório a par da média nacional.

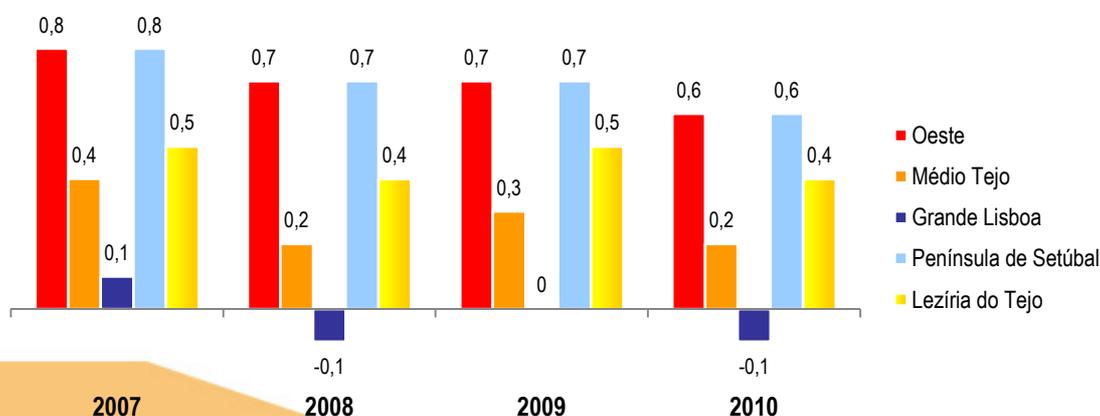
Figura 7 - Desempenho Regional  
Taxa de crescimento migratório (%)



Fonte: INE, Indicadores Demográficos

No período em análise, a taxa de crescimento migratório regista uma diminuição nas sub-regiões da RLVT, contudo, regista valores superiores aos observados no Continente. A Península de Setúbal e o Oeste são as sub-regiões que mais contribuem para os valores positivos apresentados na RLVT, enquanto a Grande Lisboa mostra uma taxa negativa em 2008 e 2010 (-0,1).

Figura 8 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de crescimento migratório (%)



Fonte: INE, Indicadores Demográficos

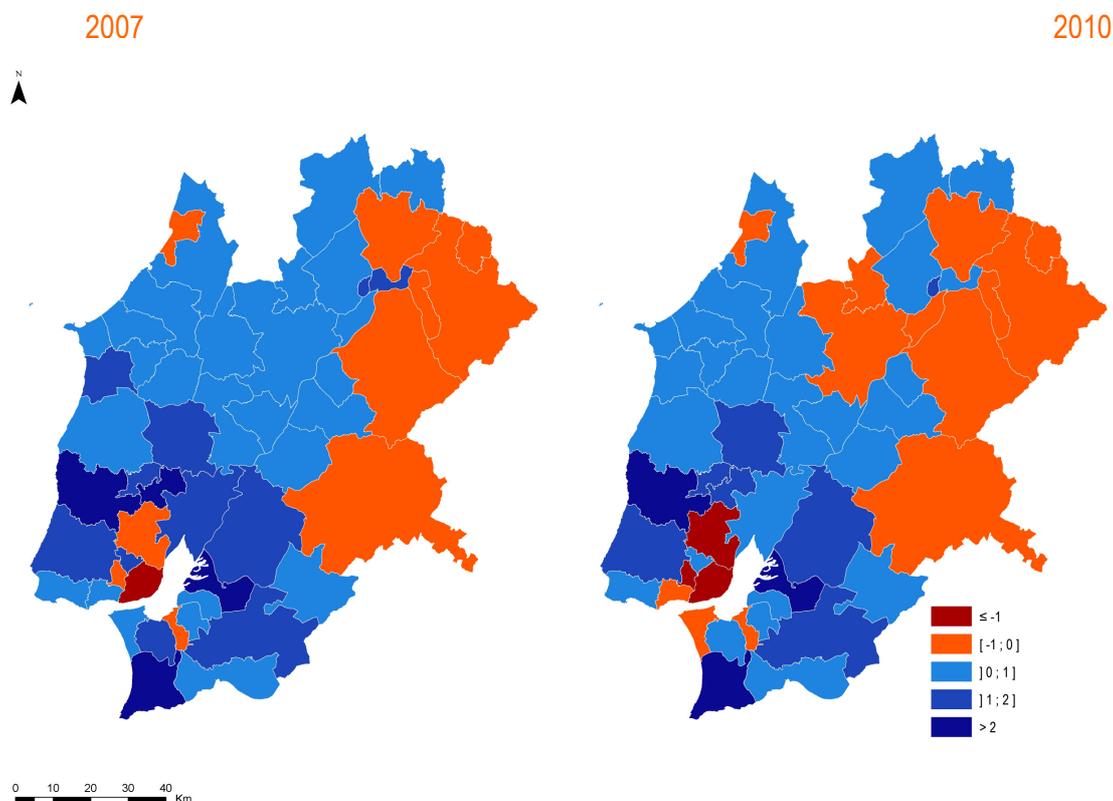
Constata-se que a taxa de crescimento migratório, na maioria dos municípios da Região, apresenta um decréscimo em 2010 face aos valores alcançados em 2007.

Na sub-região do Oeste, a Nazaré é o único concelho que apresenta valores negativos (-0,5% em 2007 e -0,7% em 2010). No Médio Tejo verifica-se que em 2010 a taxa de crescimento migratório diminui na maioria dos municípios, registando valores negativos nos concelhos de Alcanena (-0,2%), Tomar (-0,3%), Sardoal (-0,3%), Constância (-0,4%) e Abrantes (-0,4%).

Destaca-se na Grande Lisboa uma descida desta taxa em praticamente todos os concelhos, com o Município de Oeiras a obter pela primeira vez valores negativos (-0,08%) a par dos municípios da Amadora (-1,1), Loures (-1,1) e Lisboa (-1,9). O município de Mafra, apesar de uma ligeira quebra em 2010, continua a ser o concelho da Grande Lisboa a registar a maior taxa de crescimento migratório. Na Península de Setúbal regista-se, na maioria dos municípios, uma taxa de crescimento migratório positiva, sendo os municípios de Alcochete (3%) e Sesimbra (3,5%) os principais responsáveis pela boa performance desta sub-região. Apenas Almada (-0,2%) e Barreiro (-0,5%) surgem com taxas negativas.

A Lezíria do Tejo é a sub-região da RLVT que em 2010 regista um acréscimo de municípios com um crescimento migratório negativo destaque-se aqui o concelho da Golegã (-0,02) e de Santarém (-0,07) que em 2007 apresentavam taxas positivas

Figura 9 - Desempenho Concelhio  
Taxa de crescimento migratório (%)



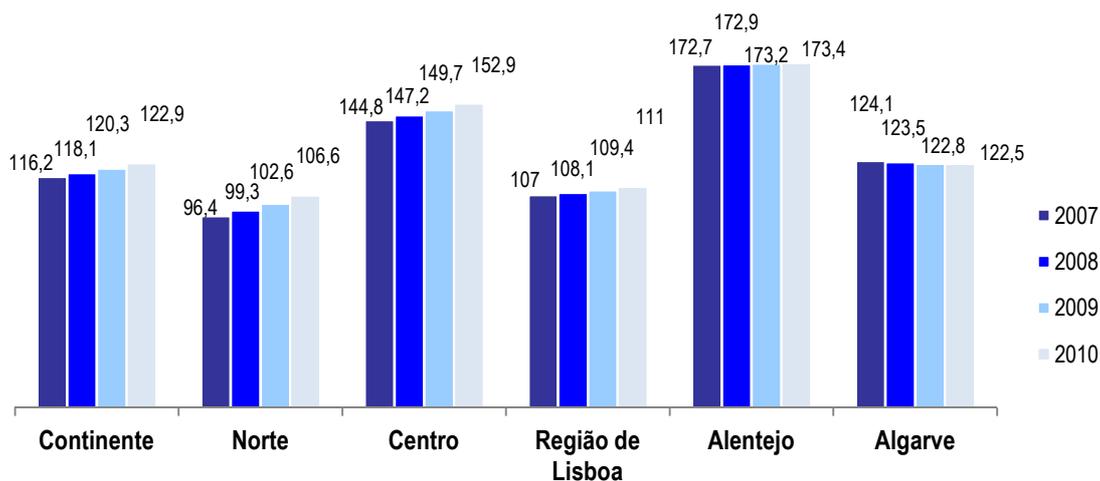
Fonte: INE, Indicadores Demográficos / ORLVT

### Índice de envelhecimento (Nº)

No período em análise, observa-se que o envelhecimento da população tem vindo a acentuar-se de uma forma gradual, nas várias regiões do Continente, fomentando um crescimento moderado da população. Estas mutações demográficas modificam a estrutura da população e a pirâmide etária, dado que o número de jovens com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos diminui e a população ativa tendencialmente decresce, enquanto a percentagem de pessoas com idades superiores a 80 anos cresce, devido ao aumento da esperança de vida. Estas transformações poderão acarretar desequilíbrios territoriais significativos.

A Região de Lisboa é a segunda menos envelhecida do Continente, logo a seguir ao Norte, contudo, entre 2007 e 2010 apresenta um acréscimo de 4 pontos, o que significa que, em 2010, Lisboa passa a registar cerca de 111 idosos para cada 100 jovens. Consta-se que o Alentejo é a Região que tem o maior índice de envelhecimento do Continente (173,4).

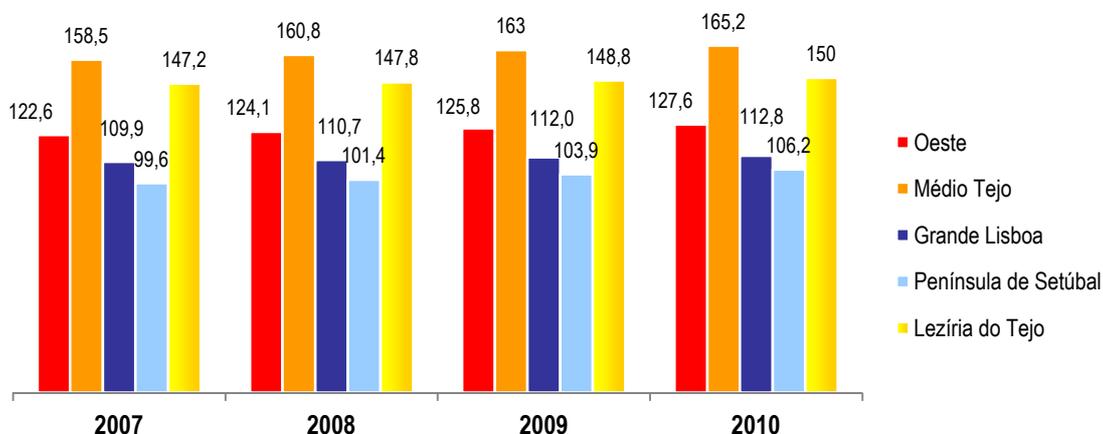
Figura 10 - Desempenho Regional  
Índice de envelhecimento (Nº)



Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente

Na RLVT, a Península de Setúbal é a sub-região que no período em referência se destaca pelo menor índice de envelhecimento, apesar do aumento em 6,6 pontos de 2007 para 2010. Para esse envelhecimento contribuíram os reduzidos níveis de natalidade associados a um fraco crescimento migratório, como podemos constatar nos indicadores analisados anteriormente. O Médio Tejo e a Lezíria do Tejo apresentam, neste período, o maior envelhecimento. Em 2010 o Médio Tejo regista uma proporção de cerca de 165 idosos por 100 jovens, e a Lezíria do Tejo 150 por cada 100 jovens, valores bastante significativos quando comparados com o Continente que detém cerca de 122 idosos por 100 jovens.

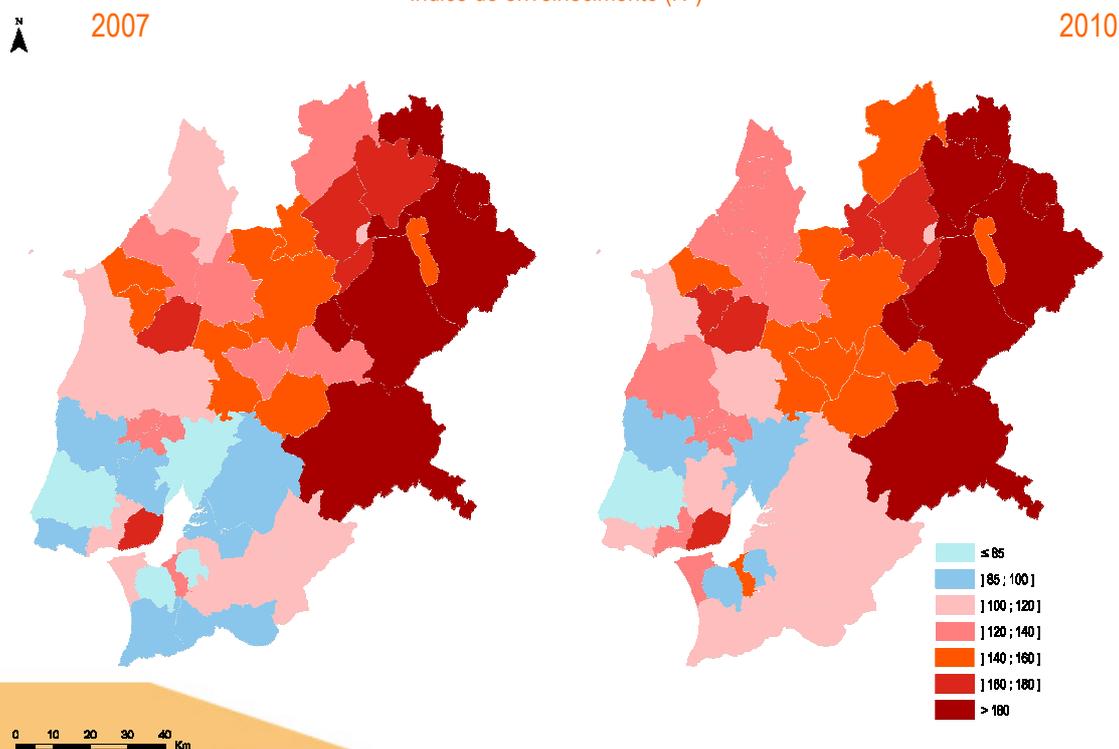
Figura 11 - Desempenho Sub-Regional  
Índice de envelhecimento (Nº)



Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente

Na RLVT são os municípios da Lezíria do Tejo e do Médio Tejo que apresentam o maior índice de envelhecimento, nomeadamente a Chamusca (239,9) e o Sardoal (232,7). O cenário relativamente a este indicador não é animador, pois a tendência dos municípios, entre 2007 e 2010, foi de agravamento do envelhecimento da população, com exceção dos municípios de Arruda dos Vinhos, Lisboa, Montijo e Alpiarça, que em 2010 registam valores abaixo dos reportados em 2007. No entanto, Lisboa é o concelho que apresenta o maior envelhecimento na sub-região da Grande Lisboa, com cerca de 161 idosos por cada 100 jovens.

Figura 12 - Desempenho Concelhio  
Índice de envelhecimento (Nº)

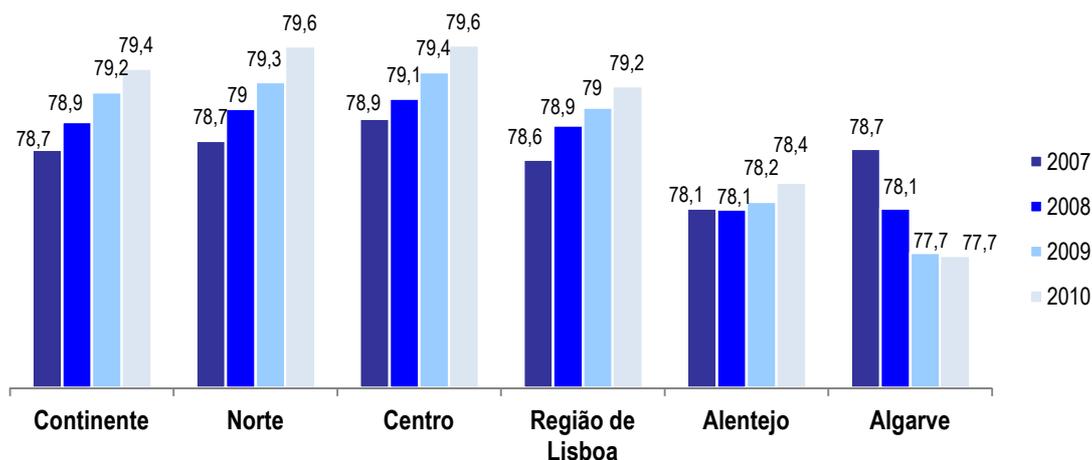


Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente / ORLVT

### Esperança média de vida à nascença (anos)

O aumento da esperança de vida, embora moderado, que se verifica na maioria das regiões do Continente, entre 2007 e 2010, contribui para o envelhecimento da população, o que onera os sistemas de proteção social. Consta-se que o crescimento da esperança de vida na Região de Lisboa acompanha o desempenho do Continente, não se registando variações significativas no período em referência.

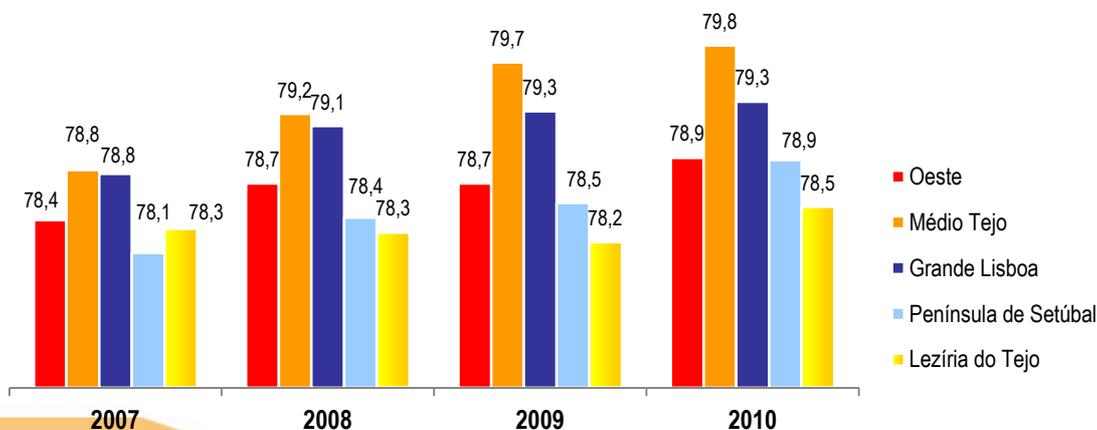
Figura 13 - Desempenho Regional  
Esperança média de vida à nascença (anos)



Fonte: INE, Indicadores Demográficos

Na RLVT observa-se um crescimento da esperança de vida à nascença, para o qual contribuiu a melhoria da qualidade de vida e das condições de saúde. Nota-se que o Médio Tejo se destaca a nível sub-regional, o que significa que, em média, um residente no Médio Tejo vive mais 1,3 anos do que um residente da Lezíria do Tejo, sendo esta a sub-região com a esperança de vida mais baixa em toda a RLVT. A Grande Lisboa é a sub-região que mais se aproximada da média da esperança de vida registada no Médio Tejo, o que poderá estar associado a um acesso mais diferenciado aos cuidados de saúde, aos estilos de vida e às condições ambientais.

Figura 14 - Desempenho Sub-Regional  
Esperança média de vida à nascença (anos)



Fonte: INE, Indicadores Demográficos

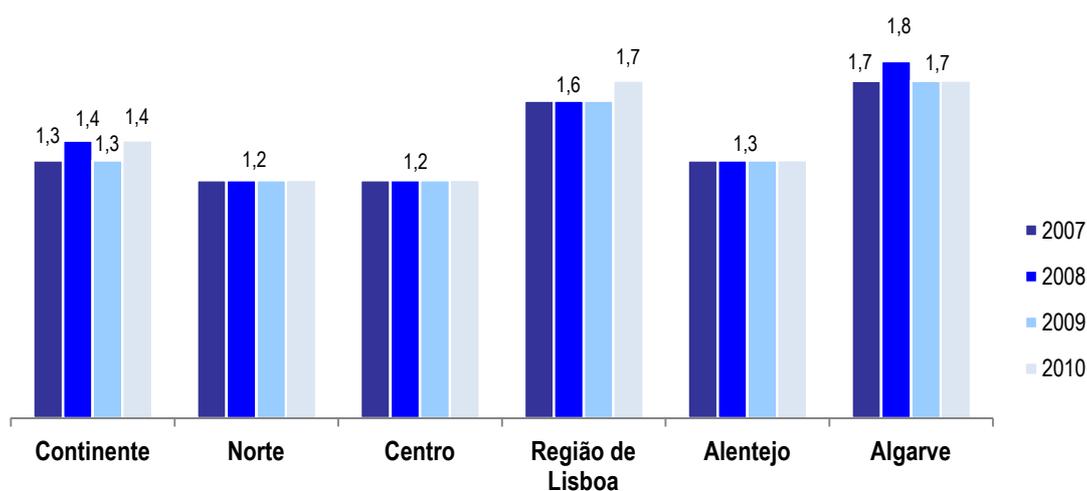
### Índice sintético de fecundidade (Nº)

O índice sintético de fecundidade (ISF) traduz-se no número de crianças que, em média, cada mulher tem durante a idade fértil (assumindo a não alteração do padrão de fecundidade). Este indicador permite saber se está assegurada a renovação das gerações, para a qual é necessário um valor mínimo de 2,1.

Constata-se que o valor do índice da Região de Lisboa está longe do valor mencionado, assim, a população encontra-se num processo de decréscimo e de envelhecimento. Refira-se que a evolução decrescente do ISF poderá estar relacionada com o aumento da idade média da mulher no nascimento do primeiro filho.

No período entre 2007 e 2010, ao nível das regiões do Continente, verifica-se que o ISF não regista variação, embora a Região de Lisboa apresente um ligeiro acréscimo no último ano de referência. O valor registado nesta região não permite já há bastante tempo assegurar a substituição de gerações e é provável que num quadro de agravamento do desemprego e de austeridade tenda a agravar-se ainda mais.

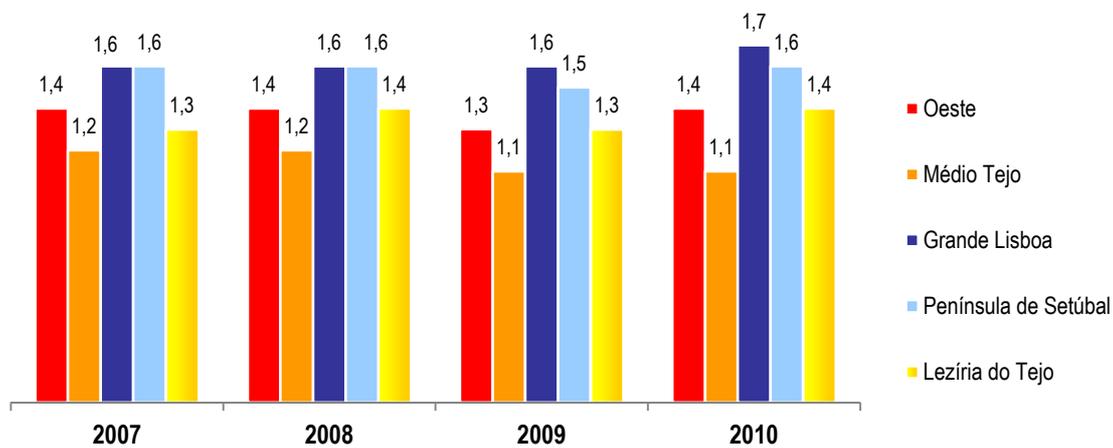
Figura 15- Desempenho Regional  
Índice sintético de fecundidade (Nº)



Fonte: INE, Indicadores Demográficos

Observa-se nas sub-regiões da RLVT uma variação pouco significativa na evolução do ISF entre 2007 e 2010, sendo que o Médio Tejo apresenta os valores mais baixos de entre todas as sub-regiões e a Grande Lisboa atinge em 2010 o valor mais alto.

Figura 16 - Desempenho Sub-Regional  
Índice sintético de fecundidade (N°)



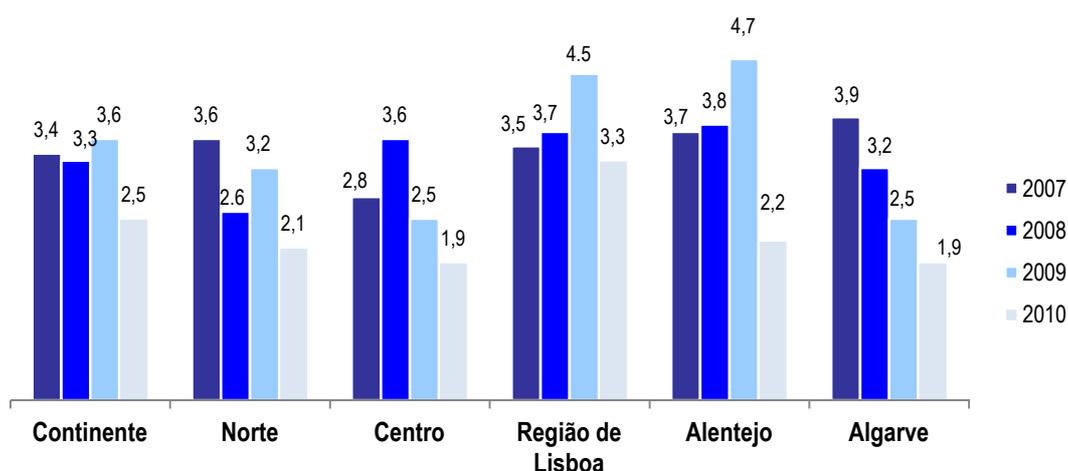
Fonte: INE, Indicadores Demográficos

### Taxa de mortalidade infantil (‰)

A taxa de mortalidade infantil, no período em análise, apresenta uma redução nas várias regiões do Continente, o que reflete o desenvolvimento tecnológico e social, a melhoria das condições de saúde e um acompanhamento médico mais qualificado.

A Região de Lisboa, em 2010, apresenta uma redução da taxa ao nível do registado no Continente. Consta-se que há uma redução generalizada da mortalidade infantil em todas as regiões do Continente, entre 2007 e 2010, à exceção da Região de Lisboa e do Alentejo que em 2009 veem a mortalidade infantil crescer.

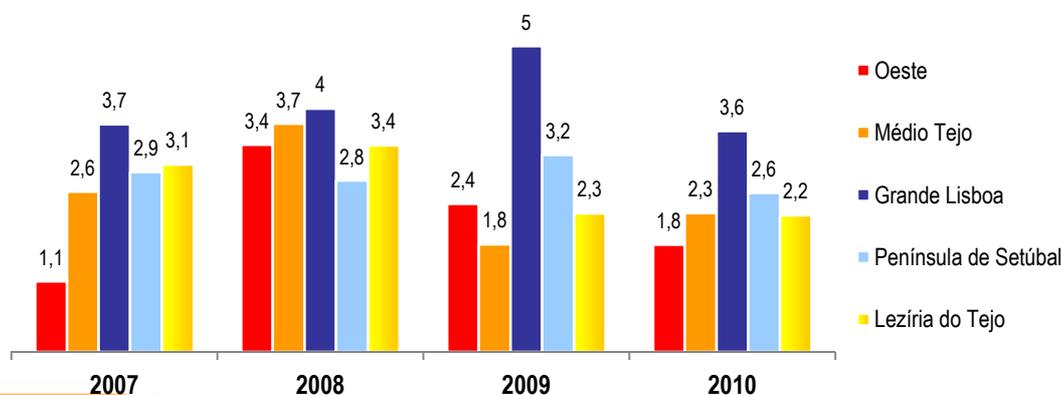
Figura 17 - Desempenho Regional  
Taxa de mortalidade infantil (‰)



Fonte: INE, Óbitos/ ORLVT

As sub-regiões da RLVT registaram uma evolução positiva na redução da mortalidade infantil, entre 2007 e 2010, com exceção do Oeste que apresenta um acréscimo em 2010 face a 2007. A Lezíria foi a sub-região com maiores progressos, reduzindo a taxa em 0,9 pontos. O Médio Tejo, ao contrário das restantes sub-regiões, apresenta, em 2010, uma taxa de mortalidade infantil superior a 2007, contudo, são variações que não refletem agravamentos ou melhorias das condições de saúde, podendo ser meramente conjunturais.

Figura 18 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de mortalidade infantil (‰)

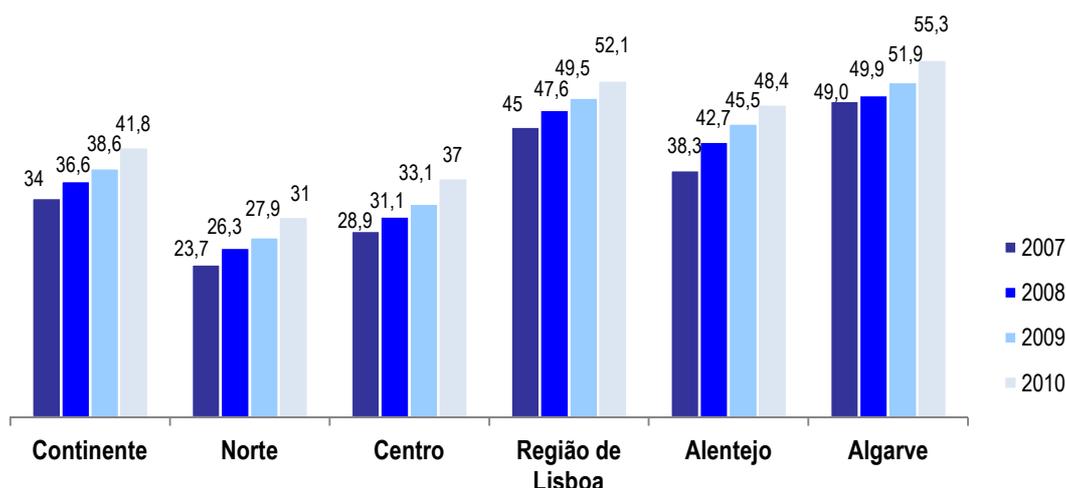


Fonte: INE, Óbitos/ ORLVT

### Nados vivos fora do casamento (%)

Este indicador reflete a alteração das estruturas das famílias. Em todas as regiões do país aumentou a percentagem de crianças nascidas fora do casamento no período em análise, mas são as Regiões de Lisboa e Algarve que apresentam os valores mais elevados, refletindo uma urbanização mais intensa e maior secularização da sociedade. Em 2010, a percentagem de nados-vivos fora do casamento na Região de Lisboa ascendeu a 52,1%, o que corresponde a 7 pontos percentuais a mais face a 2007.

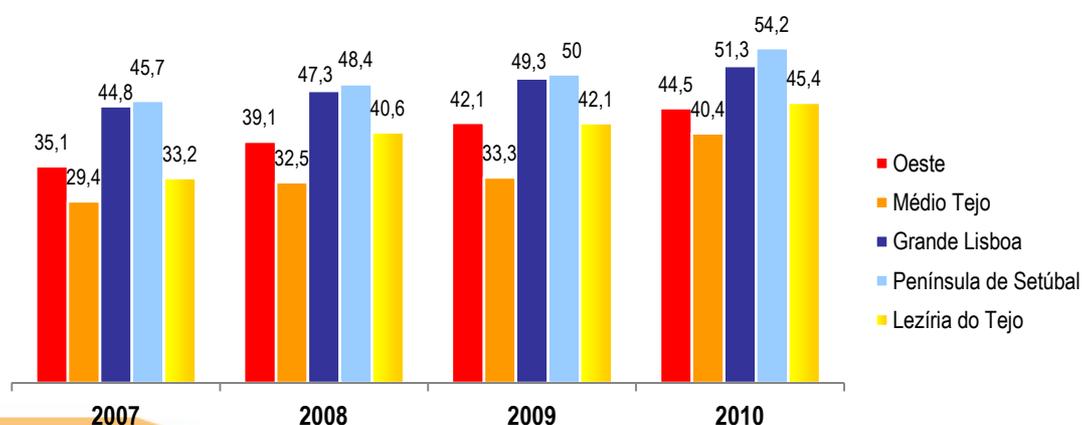
Figura 19 - Desempenho Regional  
Nados vivos fora do casamento (%)



Fonte: INE, Nados-Vivos

Ao nível sub-regional, é a Grande Lisboa e a Península de Setúbal que se destacam com o maior número de nados-vivos nascidos fora do casamento. Verifica-se que, em 2010, nas sub-regiões referidas, mais de metade das crianças nasceram fora do casamento.

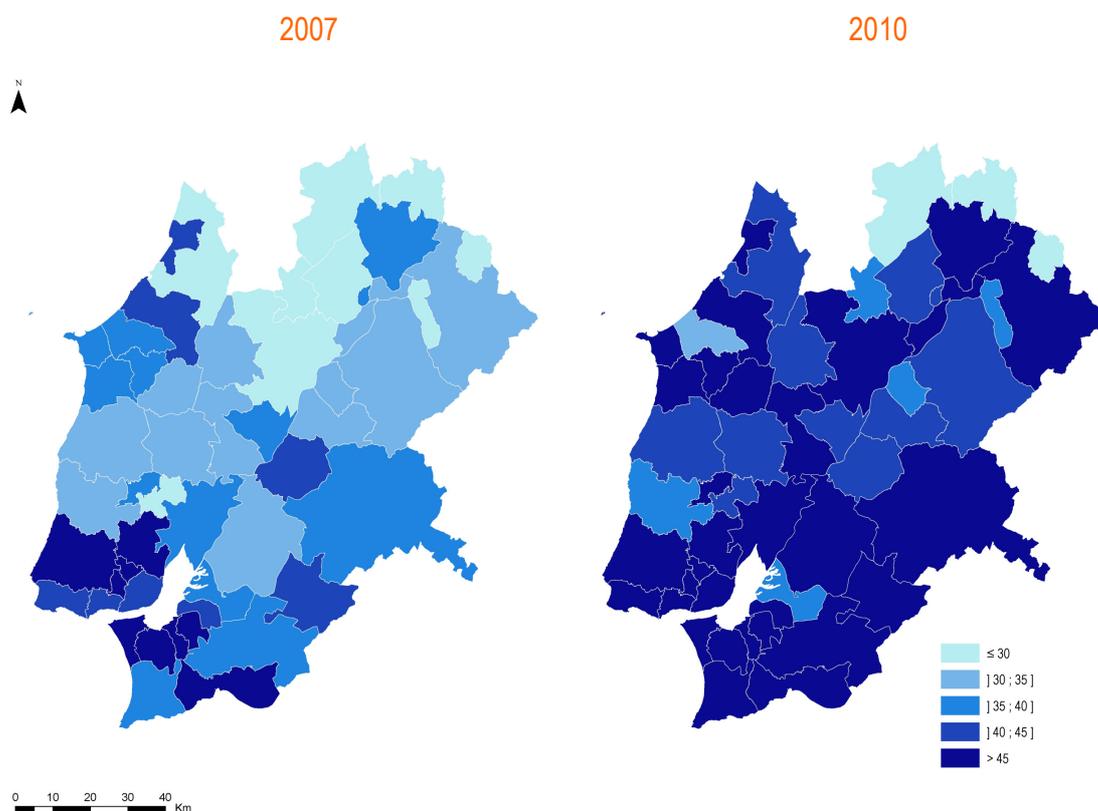
Figura 20 - Desempenho Sub-Regional  
Nados vivos fora do casamento (%)



Fonte: INE, Nados-Vivos

Ao nível municipal, constata-se que é na Área Metropolitana de Lisboa que a crise dos modelos tradicionais de parentalidade mais se destaca pois a maioria dos seus municípios apresentam percentagens de crianças nascidas fora do casamento acima dos 50% em 2010, como é o caso da Amadora (61,7%), de Loures (55,3%), de Oeiras (53,8%), de Lisboa (50,7%), do Barreiro (59,7%), da Moita (59,1%), do Seixal (56,1%), de Almada (55,6%), de Setúbal (54,5%) e, de Palmela (50,5%). Na Lezíria do Tejo apenas Coruche (53,3%), ultrapassa a barreira dos 50%. É nas zonas mais rurais da Região que este indicador regista os valores mais baixos, como é o caso do Sardoal (30%), de Ourém (29,6%) e Ferreira do Zêzere (25,5%).

Figura 21 - Desempenho Concelhio  
Nados vivos fora do casamento (%)



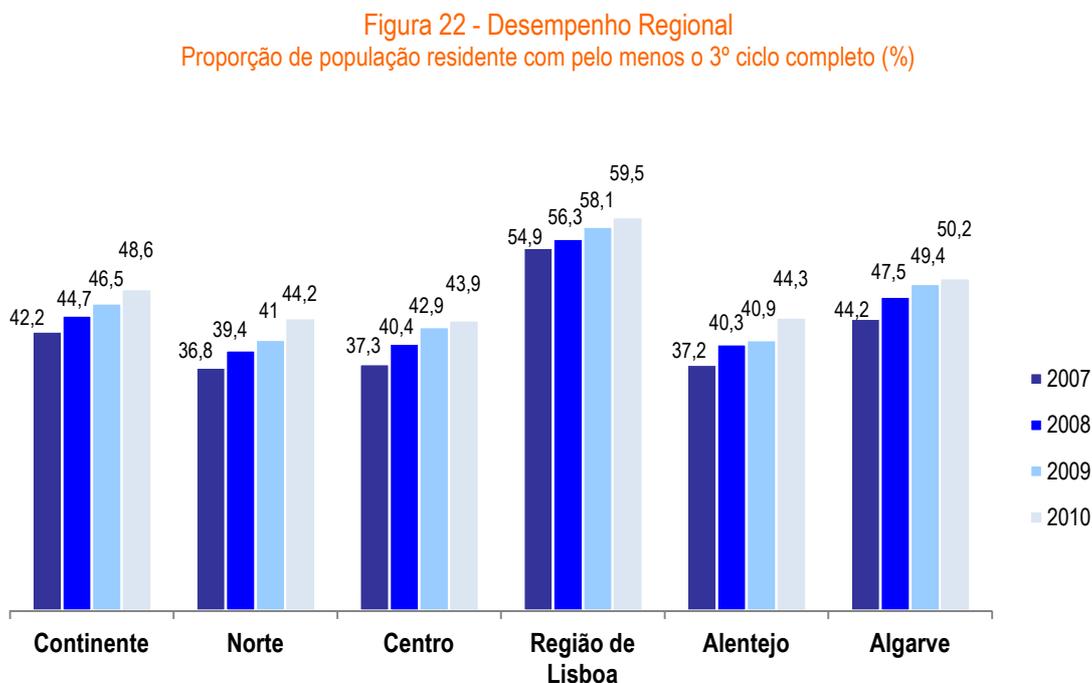
Fonte: INE, Nados-Vivos / ORLVT

## 2.2 Educação e formação

Nesta dimensão constata-se que a Região de Lisboa e a RLVT registam valores manifestamente superiores em relação às restantes regiões do Continente. Estes resultados são o efeito do maior acesso à educação, associado aos rendimentos familiares e à rede escolar, podendo-se ainda justificar pela capacidade de atração de população de outras regiões, nomeadamente no acesso ao ensino superior.

### Proporção de população residente com pelo menos o 3º ciclo completo (%)

No período em análise, a proporção de população residente com pelo menos o 3º ciclo completo revela que a Região de Lisboa teve uma evolução constante e acima dos 50 pontos percentuais, o que significa que mais de metade da população residente em Lisboa tem pelo menos a escolaridade obrigatória. A tendência das regiões do Continente é de crescimento, mas a Região de Lisboa apresenta 11 pontos percentuais acima do valor do Continente em 2010.



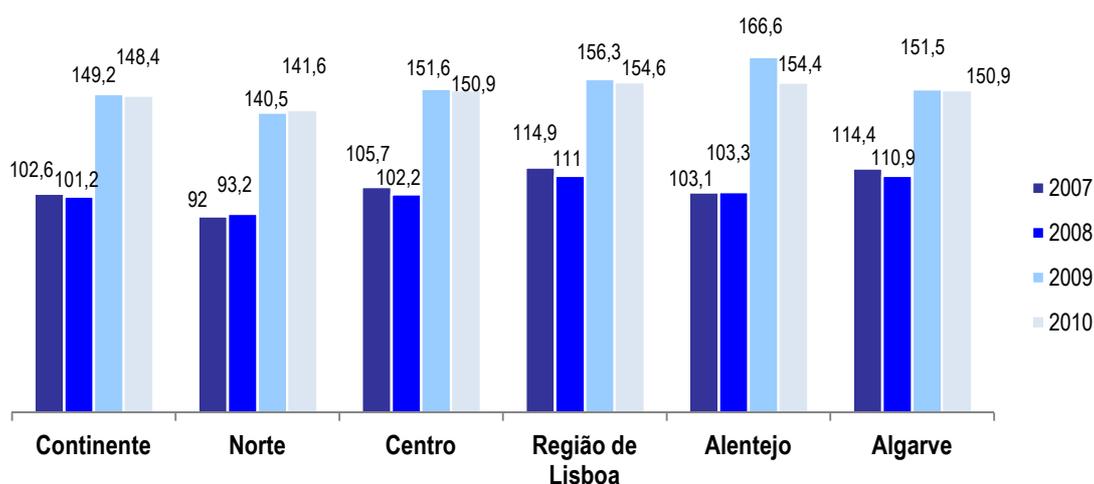
Fonte: INE, Inquérito ao Emprego/ ORLVT

### Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Secundário (%)

Quando analisada a qualificação da população no contexto regional, ao nível da escolarização do ensino secundário, constata-se que entre 2007 e 2010 há uma evolução positiva que se traduz num crescimento mais acentuado a partir de 2009. Neste sentido, observa-se na Região de Lisboa um aumento da taxa em cerca de 43 pontos percentuais entre 2008 e 2010, embora o Continente tenha crescido perto de 48 pontos percentuais, com o Alentejo a registar o maior crescimento.

Em 2010, a Região de Lisboa, destaca-se com a maior percentagem de alunos matriculados no ensino secundário, independentemente da idade, em relação à população residente em idade normal de frequência deste nível de ensino (154,6%). Com este retrato pode-se aferir que houve um regresso ao ensino secundário de população residente em idade adulta que tinha deixado de frequentar o sistema de ensino por diversas razões. Este indicador reflete o impacto dos programas e políticas públicas de incentivo à qualificação da população.

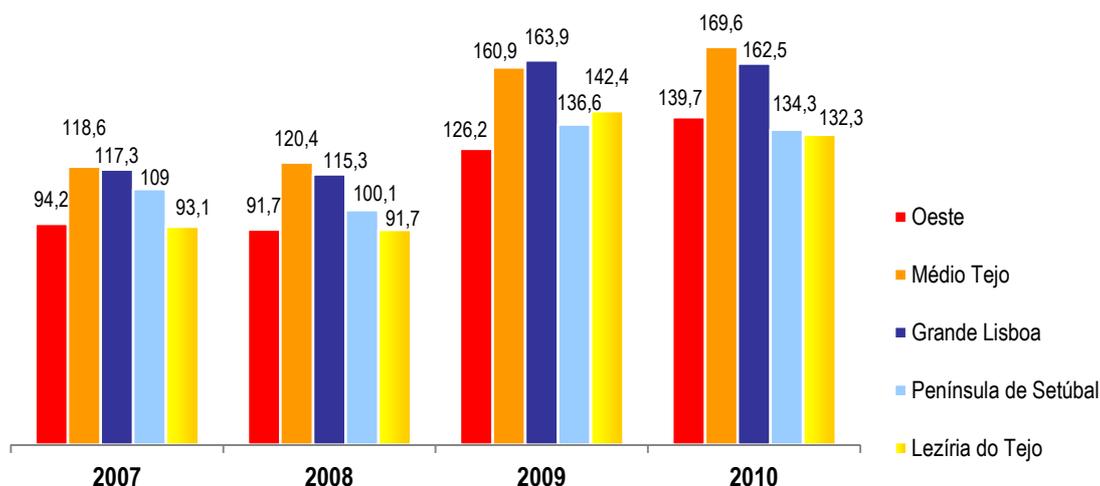
Figura 23 - Desempenho Regional  
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Secundário (%)



Fonte: INE/Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

Ao nível sub-regional destaca-se, igualmente, a tendência de aumento da taxa de escolarização a partir de 2009. São de realçar os valores elevados, em 2010, na Grande Lisboa (162,5%) e no Médio Tejo (169,6%). Em média, é a Lezíria que regista os valores mais baixos da RLVT, no período em análise, apesar do aumento significativo registado neste período.

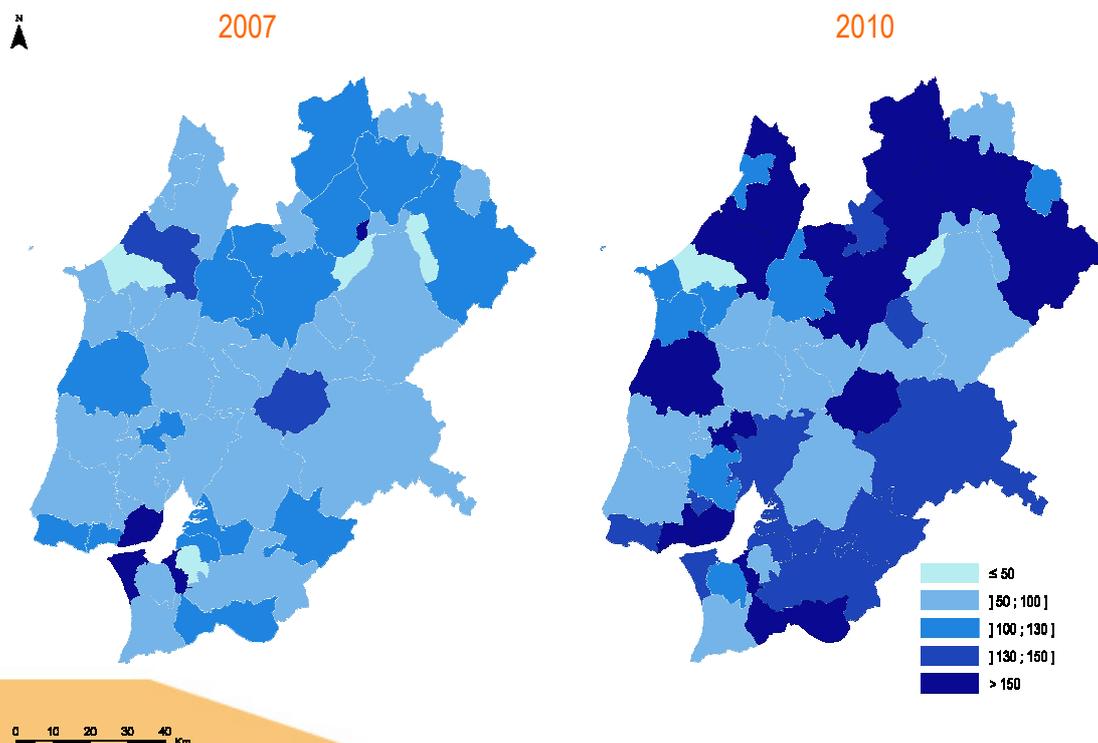
Figura 24 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Secundário (%)



Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

O aumento da taxa de escolarização do secundário ao nível concelhio, entre 2007 e 2010, é bastante evidente no mapa seguinte. Contudo, alguns concelhos registam, em 2010, uma taxa inferior face à reportada para 2007, como é o caso de Sobral de Monte Agraço, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Vila Nova da Barquinha, Azambuja, Cartaxo, Chamusca e Rio Maior. É de realçar os concelhos que detêm valores superiores a 200 pontos percentuais, como é o caso de Lisboa (318,4%), Abrantes (247,3%), Alcobaça (206,6%) e Salvaterra de Magos (209,7%).

Figura 25 - Desempenho Concelhio  
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Secundário (%)

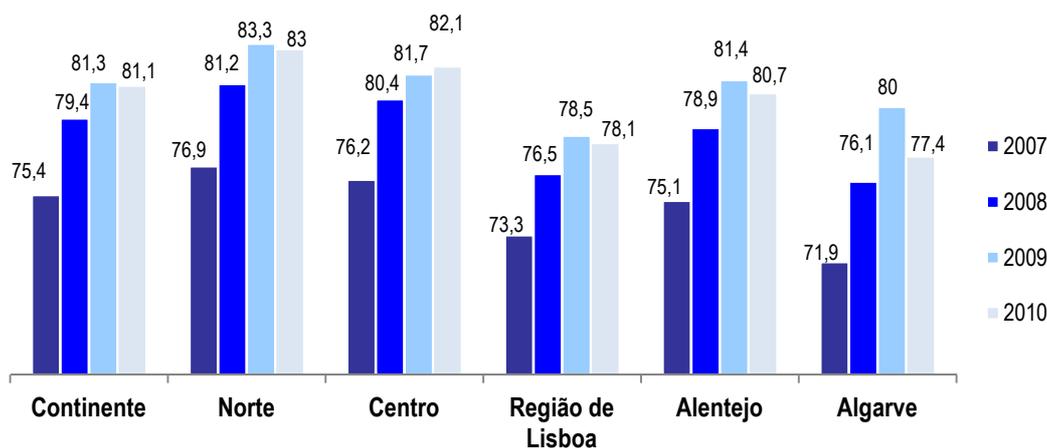


Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação / ORLVT

### Taxa de transição/conclusão no ensino secundário regular (%)

A taxa de transição/conclusão no ensino secundário teve uma evolução positiva, com um crescimento acentuado, em todas as regiões do Continente, entre 2007 e 2009, e uma ligeira quebra em 2010. A taxa registada no Continente tem sido sempre superior à registada na Região de Lisboa. Este insucesso de Lisboa deveria ser objeto de uma análise aprofundada pelo setor da educação.

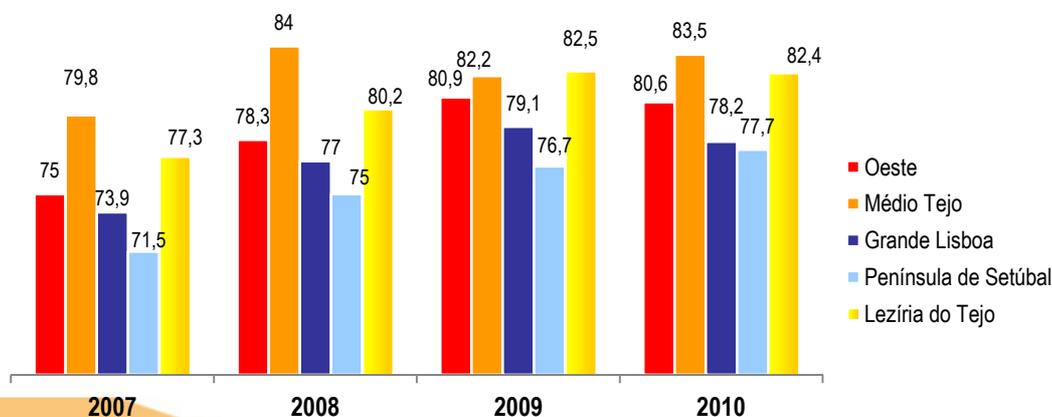
Figura 26 - Desempenho Regional  
Taxa de transição/conclusão no ensino secundário regular (%)



Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

Ao nível das NUTSIII da RLVT, destaca-se o Médio Tejo que apresenta ao longo do período em análise valores acima das restantes sub-regiões e da média nacional. Por outro lado, a Grande Lisboa e Península de Setúbal registam valores inferiores aos reportados no Continente e nas restantes sub-regiões. A RLVT revela em média um crescimento, em 2010, de cerca de 5 pontos percentuais, face a 2007, o que representa uma dinâmica positiva.

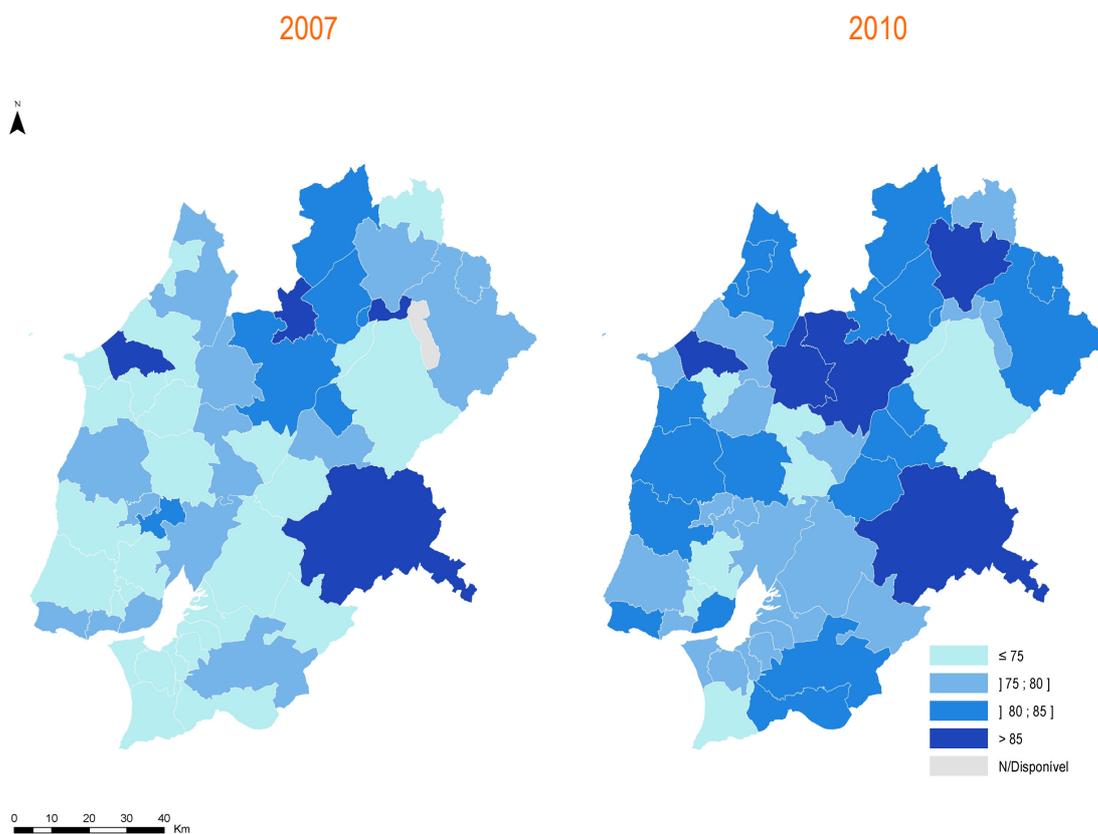
Figura 27 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de transição/conclusão no ensino secundário regular (%)



Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

As taxas de transição/conclusão do ensino secundário, na maioria dos concelhos da RLVT, revelam um crescimento entre 2007 e 2010, com exceção dos concelhos de Arruda dos Vinhos e Bombarral no Oeste; Alcanena, Ferreira do Zêzere e Vila Nova da Barquinha, no Médio Tejo; Azambuja e Coruche, na Lezíria. Quer os concelhos da Grande Lisboa, quer os da Península de Setúbal, registaram um aumento significativo desta taxa no período em análise. Os concelhos que se destacam pela positiva, em 2010, com uma taxa acima dos 85%, são: Tomar (88,3%); Rio Maior (87,8%); Óbidos (87,1%) e Coruche (85,7%).

Figura 28- Desempenho Concelhio  
Taxa de transição/conclusão no ensino secundário regular (%)



Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação / ORLVT

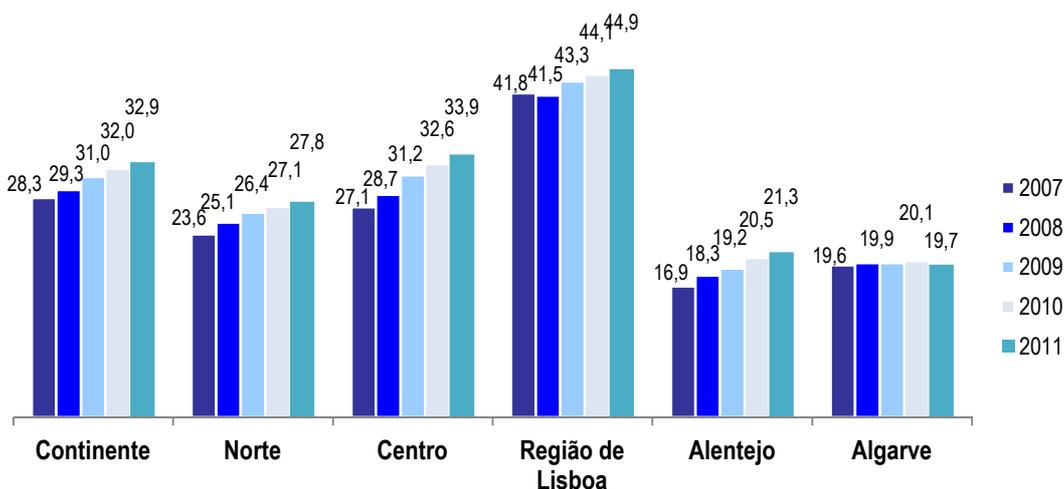
3

<sup>3</sup> N/Disponível: Sem dados, informação não disponível

### Taxa bruta de escolarização do ensino superior (%)

No período em análise, assiste-se a um aumento da frequência do ensino superior em todo o país, com tendência para a estabilização no Algarve. Refira-se que a Região de Lisboa se destaca significativamente face ao Continente, pois apresenta anualmente uma taxa superior à média nacional e às restantes regiões, o que revela maior frequência de alunos no ensino superior, em Lisboa.

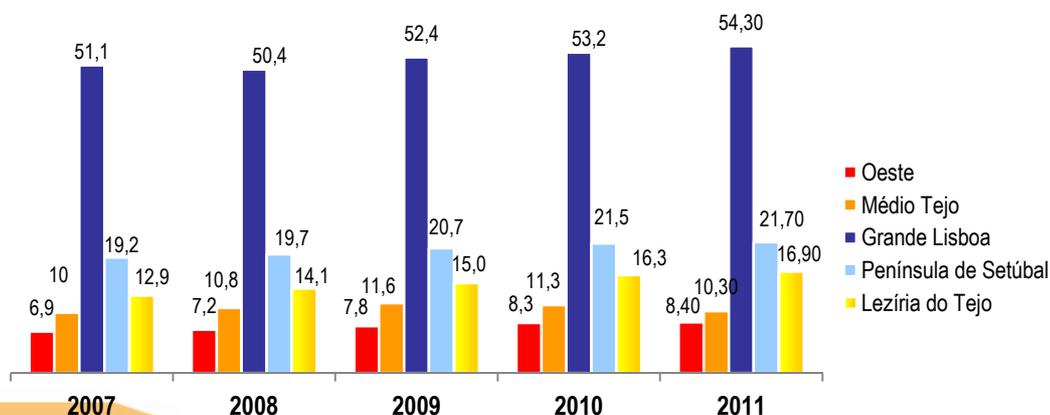
Figura 29 - Desempenho Regional  
Taxa bruta de escolarização do ensino superior (%)



Fonte: INE/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

O bom desempenho da Região de Lisboa deve-se essencialmente aos valores registados na Grande Lisboa, que apresenta mais do dobro da escolarização no ensino superior face às restantes sub-regiões. Situação que traduz as disparidades significativas registadas na RLVT. Embora se verifique um acréscimo de alunos a frequentar o ensino superior em todas as sub-regiões, no período 2007-2011, as percentagens mantêm-se muito inferiores aos da Grande Lisboa. Este destaque revela que a capital atrai muitos estudantes residentes nas outras sub-regiões, devido ao grande número de instituições de ensino superior existentes.

Figura 30 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa bruta de escolarização do ensino superior (%)



Fonte: INE/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

### 2.3 Sociedade de informação

Com a implementação do Plano Tecnológico em Portugal, na sequência da Estratégia de Lisboa, as tecnologias tornam-se centrais como meio de comunicação e elemento de inclusão. A Sociedade da Informação pretende promover a igualdade de acesso às Tecnologias de Informação e as competências para a sua utilização, junto da população. Neste contexto, verifica-se que no período analisado todas as regiões assumem uma posição semelhante nos indicadores que medem o desempenho da população no acesso às novas tecnologias e na sua capacitação, nomeadamente nos dois últimos anos de análise.

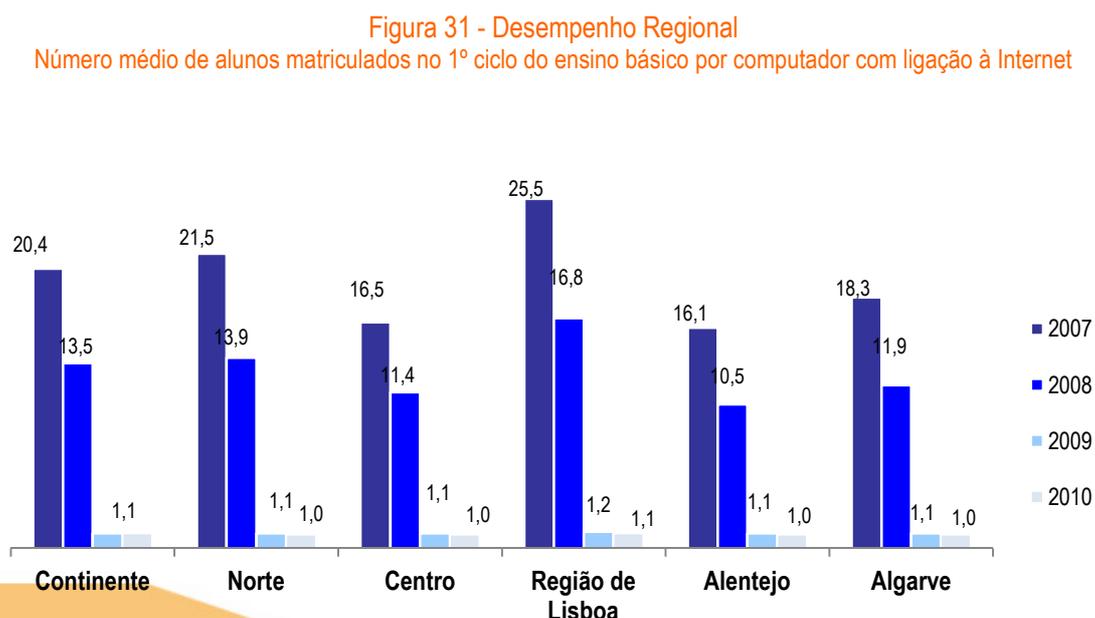
Constata-se que as sub-regiões da RLVT, no 1º ciclo do ensino básico, registam menos alunos a utilizar o mesmo computador com ligação à internet a partir de 2009 e revelam um aumento no número de famílias a entregar as declarações fiscais por via *on-line*, no período em análise. Ao nível sub-regional destaca-se o Oeste, o Médio e a Lezíria do Tejo, zonas mais ruralizadas, pelo seu bom desempenho no quadro do conhecimento e da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação.

No período em referência, para os dois indicadores representados, a evolução permite ter uma perspetiva positiva e de progresso da situação da RLVT.

#### Número médio de alunos matriculados no 1º ciclo do ensino básico por computador com ligação à Internet

A evolução positiva deste indicador, entre 2009 e 2010, é o reflexo da implementação do Plano Tecnológico, por um lado, e a distribuição dos computadores “Magalhães” no 1º ciclo do ensino básico, por outro, uma vez que os dados revelam uma significativa diminuição do número médio de alunos a utilizar o mesmo computador com ligação à internet.

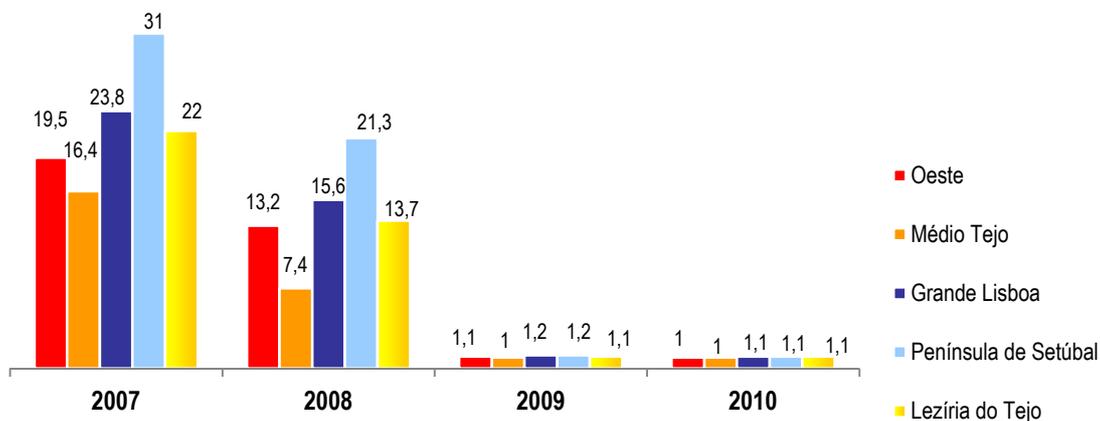
Verifica-se que a Região de Lisboa, entre 2007 e 2010, vê reduzir, nas instituições de ensino do 1º ciclo, o rácio em cerca de 24 alunos por computador com acesso à internet, o que reflete o atual apetrechamento tecnológico das escolas e o reforço das competências informacionais dos alunos.



Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

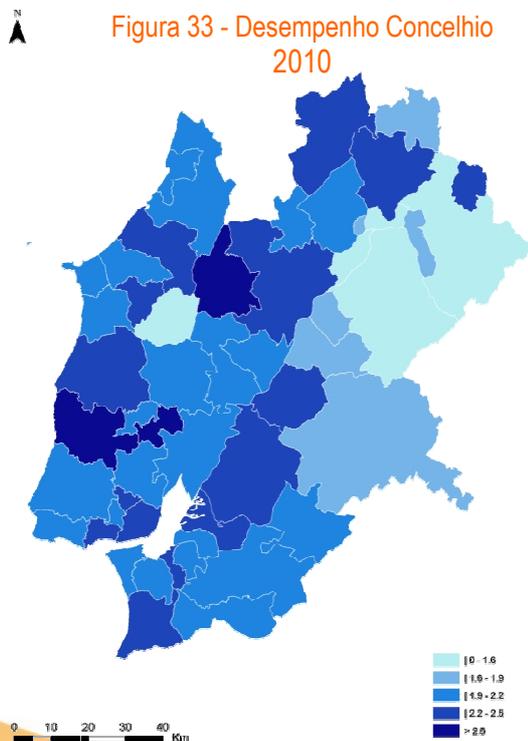
Na análise sub-regional, constata-se que o indicador revela melhor performance a partir de 2009, com todas as sub-regiões a atingirem o mesmo nível de desempenho. Verifica-se uma manifesta redução de alunos a utilizarem o mesmo computador com ligação à internet, dado que cada aluno passa a ter a possibilidade de utilizar individualmente um computador.

**Figura 32 - Desempenho Sub-Regional**  
Número médio de alunos matriculados no 1º ciclo do ensino básico por computador com ligação à Internet



Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

Os municípios da RLVT, entre 2007 e 2010, apresentam uma evolução positiva no número médio de alunos por computador com acesso à internet no 1º ciclo do ensino básico, dado que os valores encontram-se, maioritariamente, abaixo de 1,3. Situação que revela a existência de escolas com melhor apetrechamento ao nível das novas tecnologias.

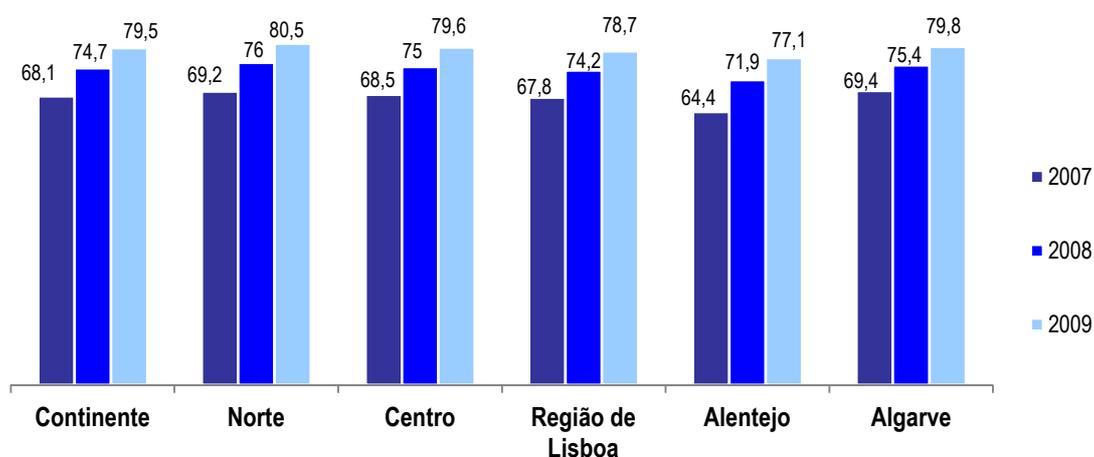


Fonte: INE / Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação/ ORLVT

### Proporção de declarações fiscais do IRS – Modelo 3 entregues on-line (%)

Este indicador regista uma evolução positiva, pois, gradualmente, as famílias têm vindo a utilizar cada vez mais a internet para entregarem as suas declarações fiscais do IRS- Modelo 3. Refira-se que nos objetivos de política fiscal, o Estado estabeleceu a generalização da apresentação das declarações fiscais por via eletrónica. A nível nacional, o indicador mostra que a entrega das declarações fiscais *on-line* teve um acréscimo de cerca de 11% em todas as regiões entre 2007 e 2009, o que demonstra que esta evolução apresenta um crescimento positivo e homogéneo nas regiões do Continente.

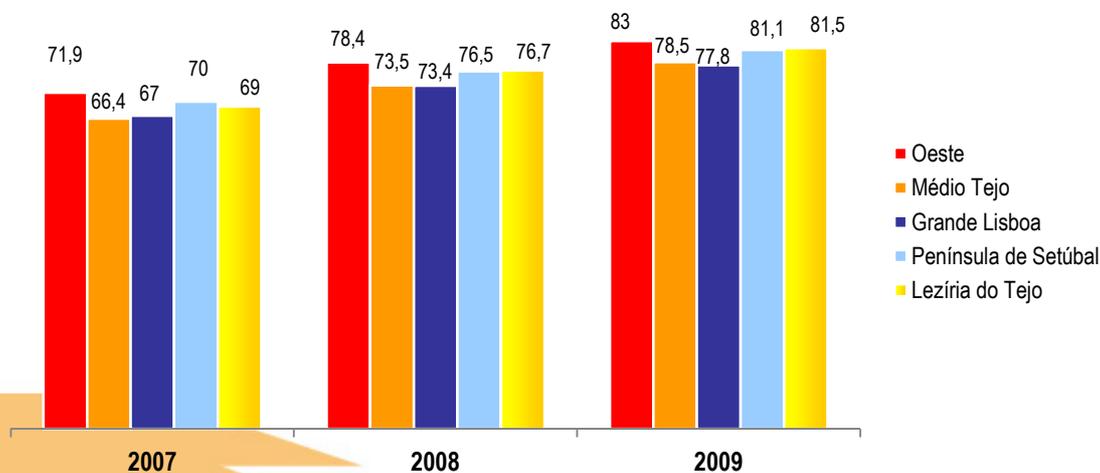
Figura 34 - Desempenho Regional  
Proporção de declarações fiscais do IRS – Modelo 3 entregues on-line (%)



Fonte: INE / Direcção-Geral dos Impostos

Ao nível sub-regional constata-se que a entrega das declarações de IRS por via eletrónica tem-se tornado cada vez mais frequente, pois este indicador mostra uma evolução positiva, com crescimento entre 2007 e 2009 em todas as sub-regiões. Destaca-se o Oeste e a Lezíria com a proporção de declarações fiscais do IRS – Modelo 3 entregues *on-line* superior ao registado no Continente, em igual período.

Figura 35 - Desempenho Sub-Regional  
Proporção de declarações fiscais do IRS – Modelo 3 entregues on-line (%)

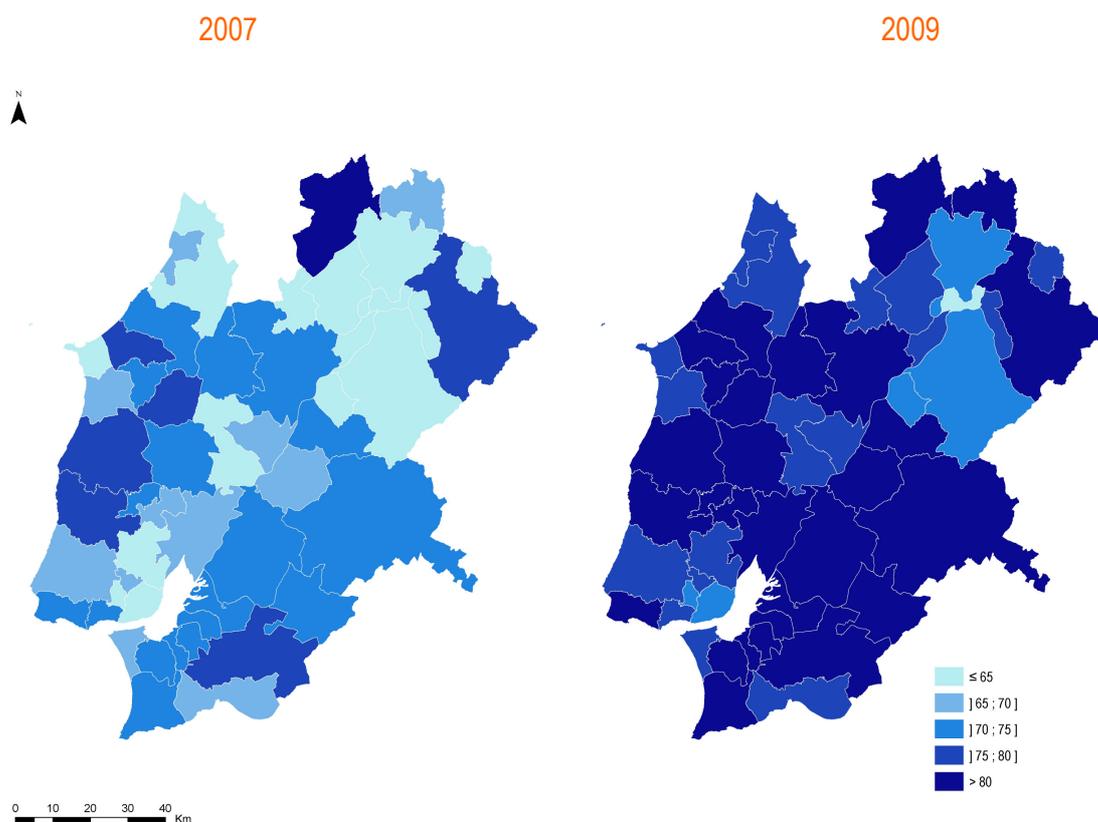


Fonte: INE / Direcção-Geral dos Impostos

Ao nível concelhio constata-se que a proporção de declarações de rendimentos entregues *on-line* cresce entre 2007 e 2009, com taxas acima dos 70%, à exceção do concelho de Vila Nova da Barquinha que apresenta uma percentagem de 63,9%. Destaca-se em especial o desempenho positivo dos concelhos de Óbidos (87,9%); Alcobaça (86,9%); Torres Vedras (86,1%); Cadaval (86%); Ourém (87,5%); Mafra (85,7%); Alcochete (86,2%); Palmela (86,1%); Coruche (85,9%) e Benavente (85,4%).

Figura 36 - Desempenho Concelhio

Proporção de declarações fiscais do IRS – Modelo 3 entregues *on-line* (%)



Fonte: INE / Direcção-Geral dos Impostos/ ORLVT

## 2.4 Saúde e proteção social

No contexto de serviços de saúde, salienta-se o aumento do número de consultas na Região de Lisboa e na RLVT, do número de médicos por mil habitantes e do número de enfermeiros por mil habitantes, entre 2007 e 2010, não sendo, no entanto, possível aferir da qualidade dos serviços prestados.

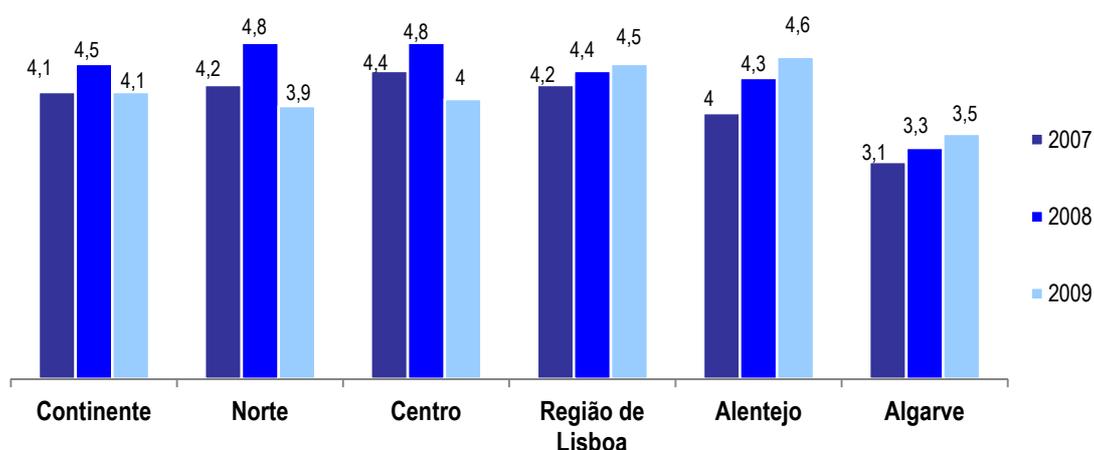
Quanto ao sistema de proteção social, o indicador pensionistas da segurança social por 1000 habitantes em idade ativa apresenta valores que cresceram moderadamente entre 2007 e 2010 na Região de Lisboa. O aumento de pensionistas no Oeste, no Médio do Tejo e na Lezíria influenciam os valores da RLVT, que têm estado em crescendo, mas abaixo da média do Continente. Este indicador é demonstrativo do envelhecimento regional, onde a percentagem de pensionistas no conjunto da população vai revelando um contínuo aumento.

Constata-se que é na Grande Lisboa, a par da Península de Setúbal, que o número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI), entre 2007 e 2010, apresenta a maior percentagem de beneficiários na população, observando-se um crescimento acentuado em 2010. Nas restantes regiões, entre 2007 e 2010, denotam-se tendências de um crescimento moderado.

### Consultas médicas por habitante (Nº)

No período em análise, verifica-se um crescimento das consultas médicas por habitante na Região de Lisboa. Contudo, o Continente, o Norte e o Centro registam um decréscimo de 2008 para 2009. De salientar que, em 2009, a Região de Lisboa regista um número de consultas médicas por habitante superior à média do Continente, o que pode indiciar uma maior facilidade de acesso e uso menos criterioso dos cuidados de saúde.

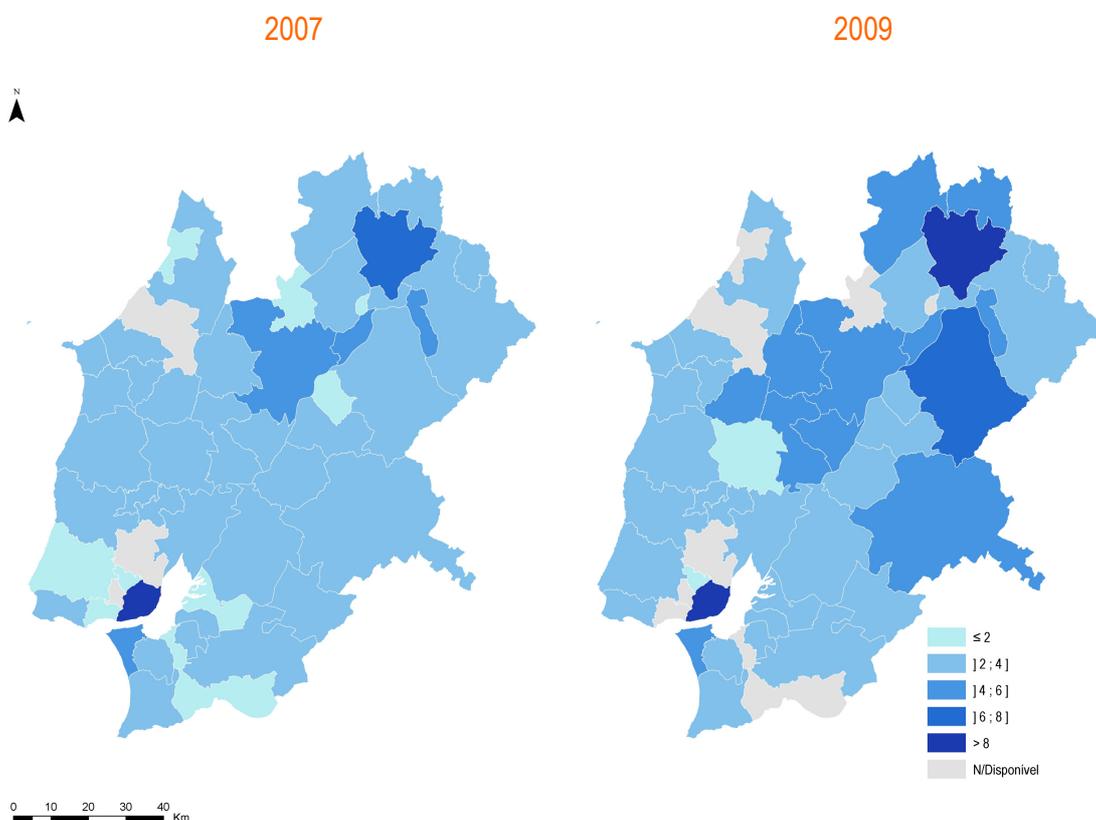
Figura 37 - Desempenho Regional  
Consultas médicas por habitante (Nº)



Fonte: INE, Estatísticas dos Estabelecimentos de Saúde

O número de consultas médicas por habitante, entre 2007 e 2009, regista um crescimento nos municípios da RLVT, com forte expressão nos concelhos mais rurais. É, contudo, o concelho de Lisboa que apresenta o maior número de consultas médicas (11,1), uma vez que concentra um número significativo de hospitais e centros de saúde, assim como de especialidades médicas, e serve muita população de outros municípios e até regiões. Destacam-se os concelhos com mais de 5,5 consultas por habitante, como é o caso de Tomar (8,1), Constância (5,9), Ferreira do Zêzere (5,7), Almada (5,8), Chamusca (6,3), Rio Maior (5,9) e Santarém (5,8). Em sentido contrário, estão os concelhos que apresentam valores abaixo de 2,5, como é o caso de Mafra (2,3), Sintra (2,1), Odivelas (1,7), Sesimbra (2,3) e Alpiarça (2,2).

Figura 38 - Desempenho Concelho  
Consultas médicas por habitante (Nº)

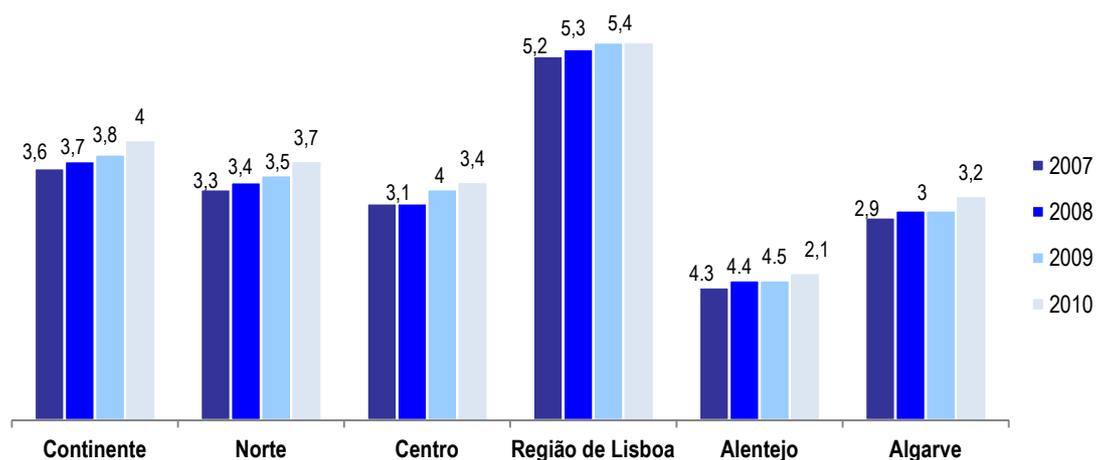


Fonte: INE, Estatísticas dos Estabelecimentos de Saúde/ ORLVT

### Médicos por mil habitantes (Nº)

Neste indicador observa-se que o rácio de médicos por mil habitantes na Região de regista valores superiores face às restantes regiões do Continente. De destacar que a posição da Grande Lisboa, no desempenho sub-regional, influencia o posicionamento da região nesta análise, por concentrar mais serviços de saúde.

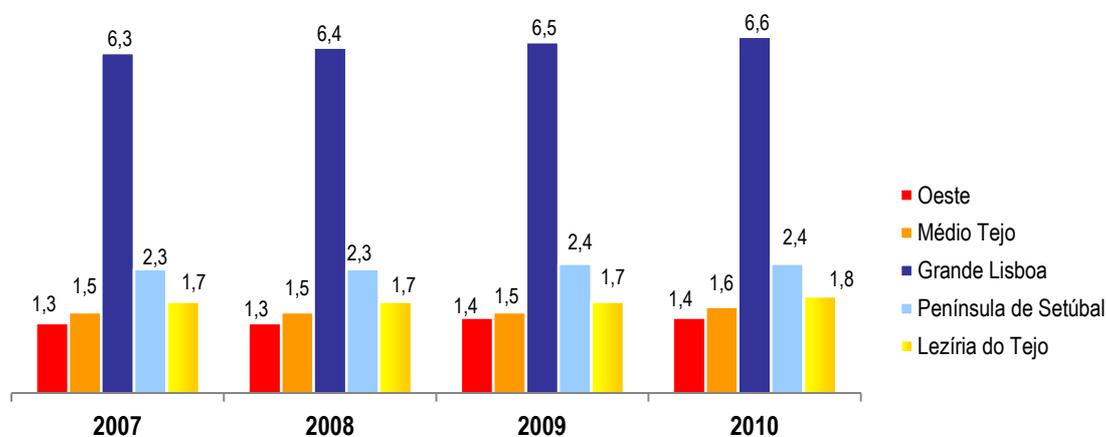
Figura 39 - Desempenho Regional  
Médicos por mil habitantes (Nº)



Fonte: INE, Estatísticas do Pessoal de Saúde

Observa-se que a RLVT manifesta disparidades acentuadas entre as sub-regiões, dado que o Oeste, o Médio Tejo e a Lezíria apresentam valores muito inferiores aos registados no Continente e na Grande Lisboa. Em média, cerca de 2 médicos por 1000 habitantes, enquanto a Grande Lisboa regista cerca de 6 médicos por 1000 habitantes.

Figura 40 - Desempenho Sub-Regional  
Médicos por mil habitantes (Nº)



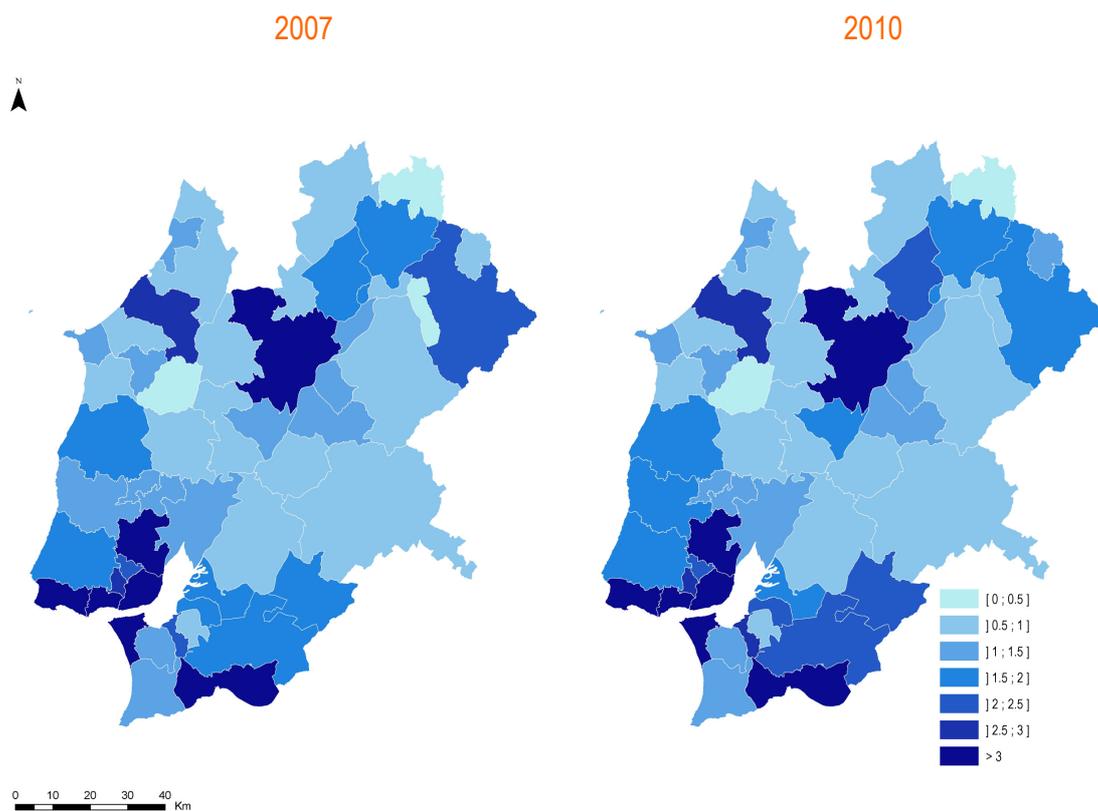
Fonte: INE, Estatísticas do Pessoal de Saúde

Os concelhos das sub-regiões da Grande Lisboa e da Península de Setúbal destacam-se face aos restantes concelhos por registarem os valores mais altos do número de médicos por mil habitantes.

Em 2010, constata-se que os concelhos da RLVT que apresentam valores acima de 2 médicos são: Amadora (3); Cascais (7); Lisboa (17); Loures (3,8); Odivelas (2,5); Oeiras (8,6); Almada (2,8); Barreiro (2,6); Montijo (2,3); Palmela (2,1); Setúbal (3,6), Santarém (3,8); Caldas da Rainha (2,8), e Torres Novas (2,4).

Figura 41- Desempenho Concelhio

Médicos por mil habitantes (Nº)

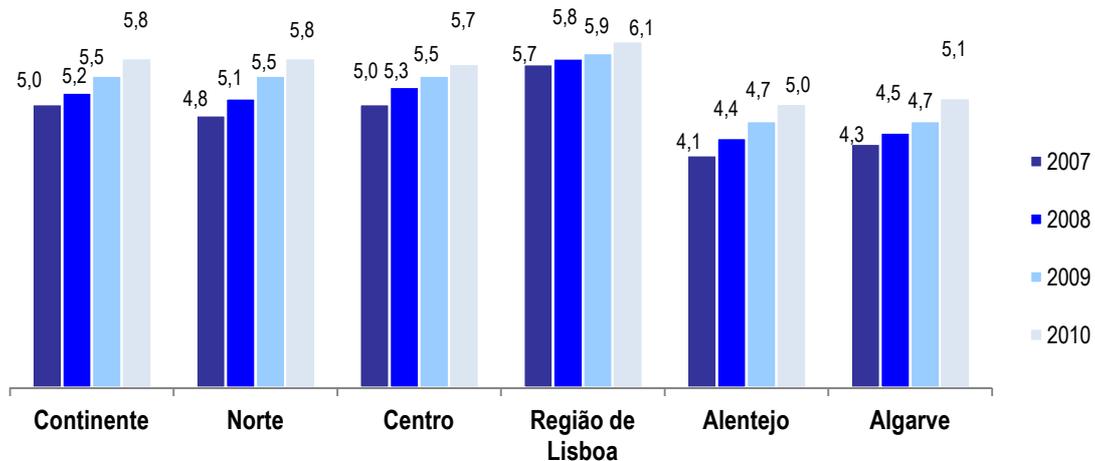


Fonte: INE, Estatísticas do Pessoal de Saúde / ORLVT

### Enfermeiros por mil habitantes (Nº)

O número de enfermeiros por mil habitantes, no contexto nacional, destaca-se em relação ao número de médicos por mil habitantes, uma vez que, embora se observe, igualmente, um crescimento entre 2007 e 2010, o número de enfermeiros tem uma distribuição uniforme nas regiões do Continente. No entanto, a Região de Lisboa destaca-se com cerca de 6,1 enfermeiros por mil habitantes.

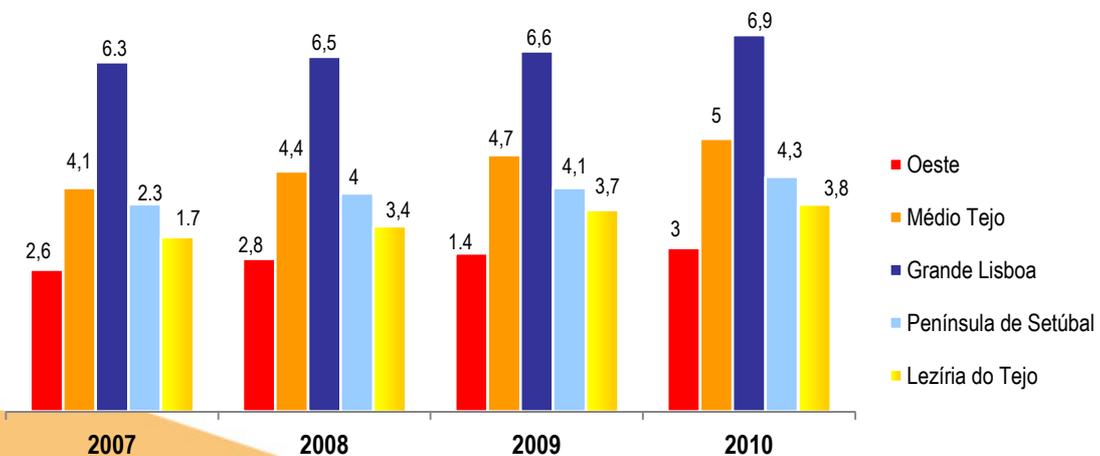
Figura 42 - Desempenho Regional  
Enfermeiros por mil habitantes (Nº)



Fonte: INE, Estatísticas do Pessoal de Saúde / ORLVT

Na análise sub-regional, constata-se que o número de enfermeiros tem uma distribuição menos díspar na RLVT comparativamente ao número de médicos. É evidente o crescimento do número de enfermeiros em todas as sub-regiões, destacando-se a Grande Lisboa com 6,9 enfermeiros por mil habitantes em oposição ao Oeste com apenas 3, em 2010.

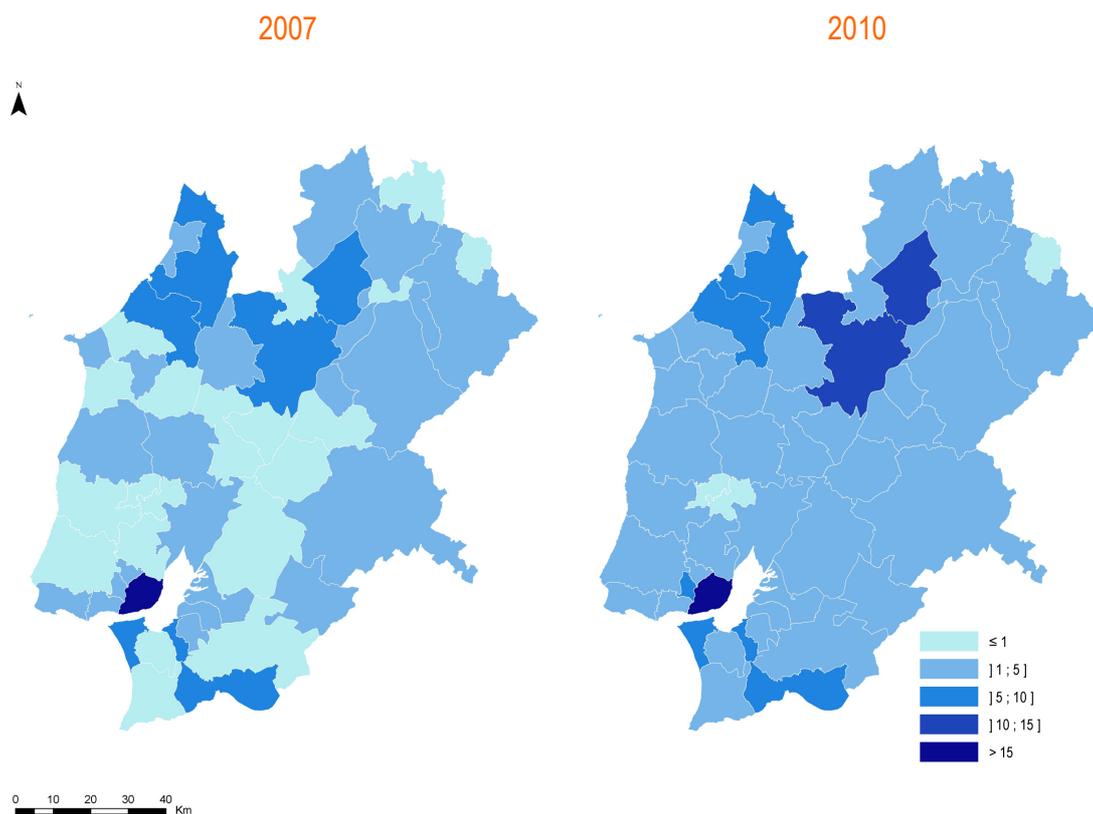
Figura 43 - Desempenho Sub-Regional  
Enfermeiros por mil habitantes (Nº)



Fonte: INE, Estatísticas do Pessoal de Saúde / ORLVT

No desempenho concelhio, observa-se o crescimento do número de enfermeiros por mil habitantes, entre 2007 e 2010, na maioria dos municípios da RLVT, com exceção de Torres Vedras, que passa de 5 em 2007 para 4,6 em 2010, e de Sobral de Monte Agraço, que passa de 1 em 2007 para 0,7 em 2010. Salientam-se os municípios que registam valores superiores a 5: Caldas da Rainha (5,5); Abrantes (7,2); Torres Novas (11,2); Lisboa (20,9); Amadora (5,4); Barreiro (7,6); Almada (7,4); Setúbal (7) e Santarém (10,6).

Figura 44- Desempenho Concelhio  
Enfermeiros por mil habitantes (Nº)

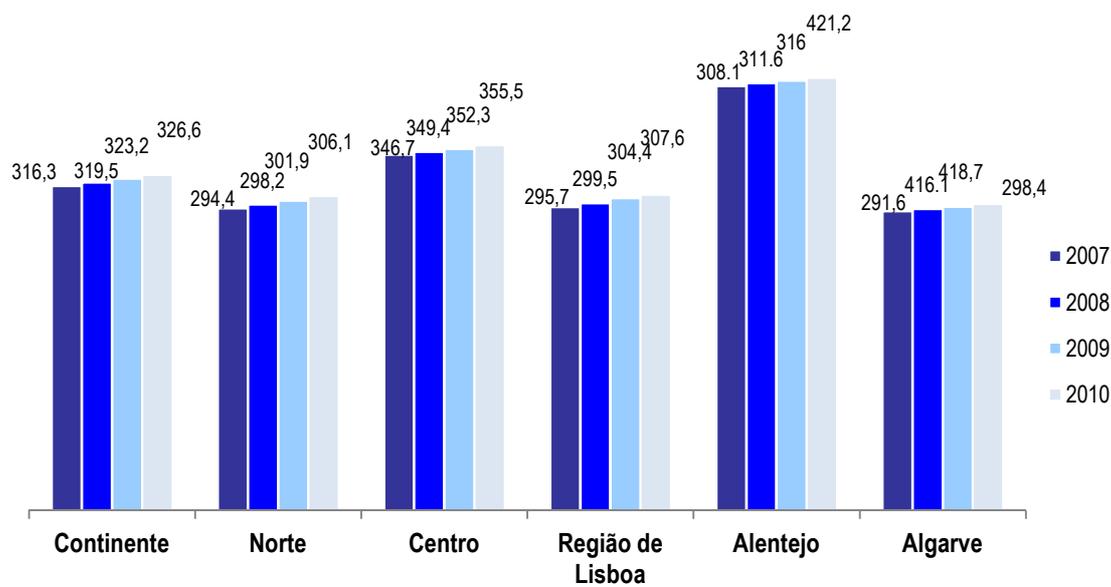


Fonte: INE, Estatísticas do Pessoal de Saúde / ORLVT

## Pensionistas da segurança social por 1000 habitantes em idade activa (%)

A tendência de envelhecimento na Região está refletida nos resultados deste indicador, uma vez que o valor de pensionistas no conjunto da população ativa apresenta um crescimento contínuo e moderado, entre 2007 e 2010. A Região de Lisboa regista um aumento da proporção de pensionistas no período em análise, contudo os valores são abaixo das regiões do Alentejo, do Centro e também da média do Continente. Em 2010, Lisboa regista cerca de 307 pensionistas por mil habitantes em idade ativa.

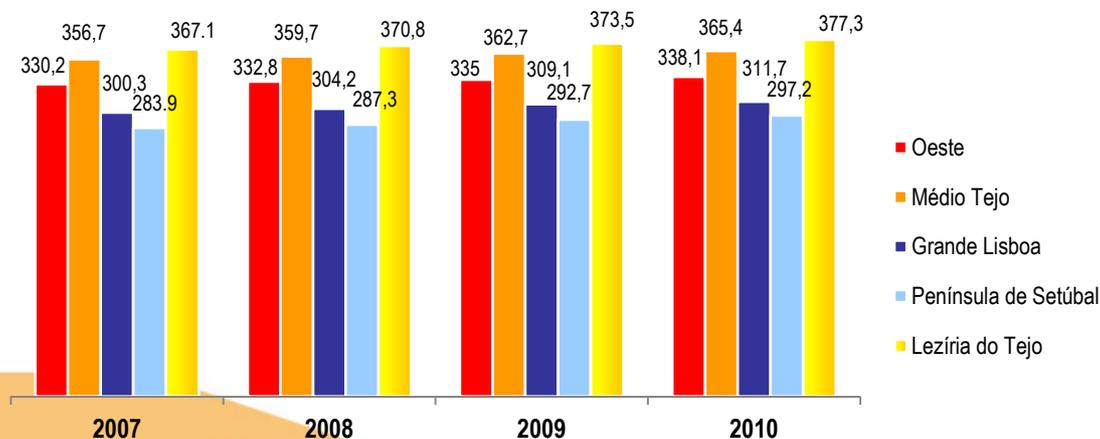
Figura 45 - Desempenho Regional  
Pensionistas da segurança social por 1000 habitantes em idade activa (%)



Fonte: INE, Instituto de Informática, I.P.

Em 2010, a RLVT apresenta por mil habitantes em idade ativa cerca de 319 pensionistas. Nas sub-regiões da RLVT, a proporção de pensionistas concentra-se sobretudo no Oeste, Médio Tejo e Lezíria – 338,1, 365,4 e 377,3 por mil habitantes, respetivamente, em 2010. Já a Grande Lisboa e a Península de Setúbal têm cerca de 311,7 e 297,2 pensionistas por mil habitantes em idade ativa respetivamente, valores que ficam abaixo das restantes sub-regiões.

Figura 46 - Desempenho Sub-Regional  
Pensionistas da segurança social por 1000 habitantes em idade activa (%)

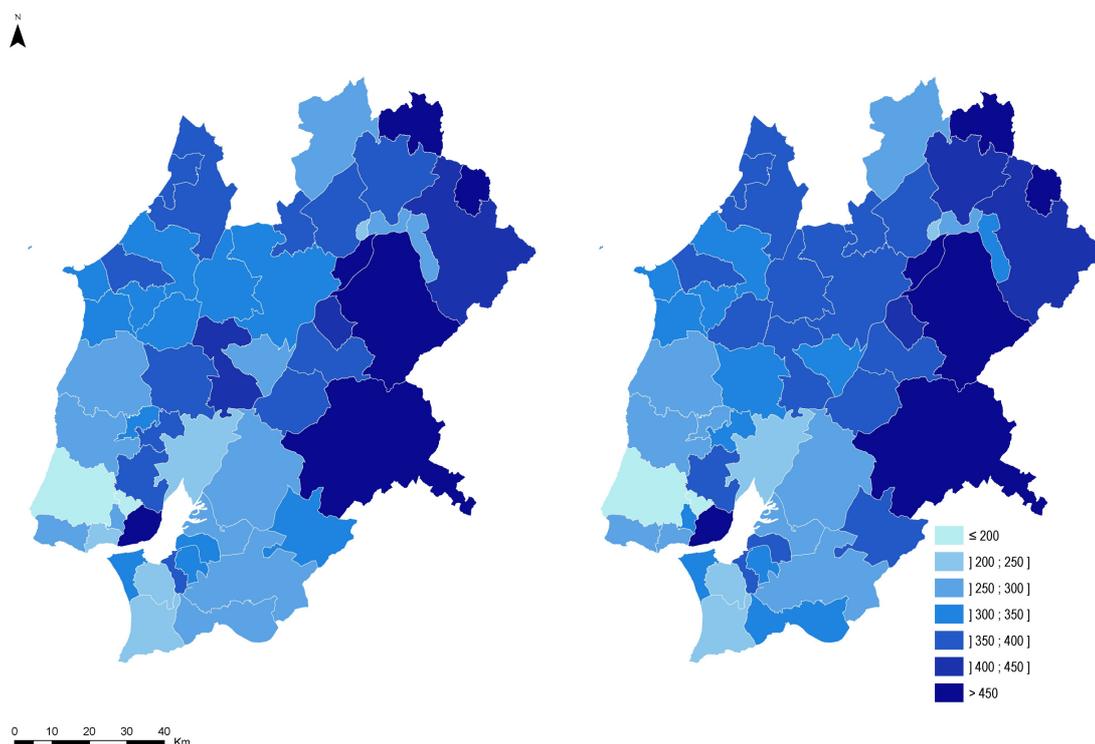


Fonte: INE/ Instituto de Informática, I.P.

Ao nível concelhio, o rácio de pensionistas por habitantes em idade ativa aumentou na maioria dos concelhos, o que reflete um envelhecimento acentuado no território regional. Refira-se no entanto que alguns concelhos apresentam em 2010 valores inferiores aos registados em 2007, como é o caso de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Sardoal, Mafra, Alcochete, Sesimbra e Azambuja. Já os concelhos que registam, neste período, os valores mais elevados (acima do 500 pensionistas por mil habitantes em idade ativa) são o Sardoal (513), Lisboa (508,2) e Coruche (514).

Figura 47 - Desempenho Concelhio

Pensionistas da segurança social por 1000 habitantes em idade activa (%)  
2007 2010

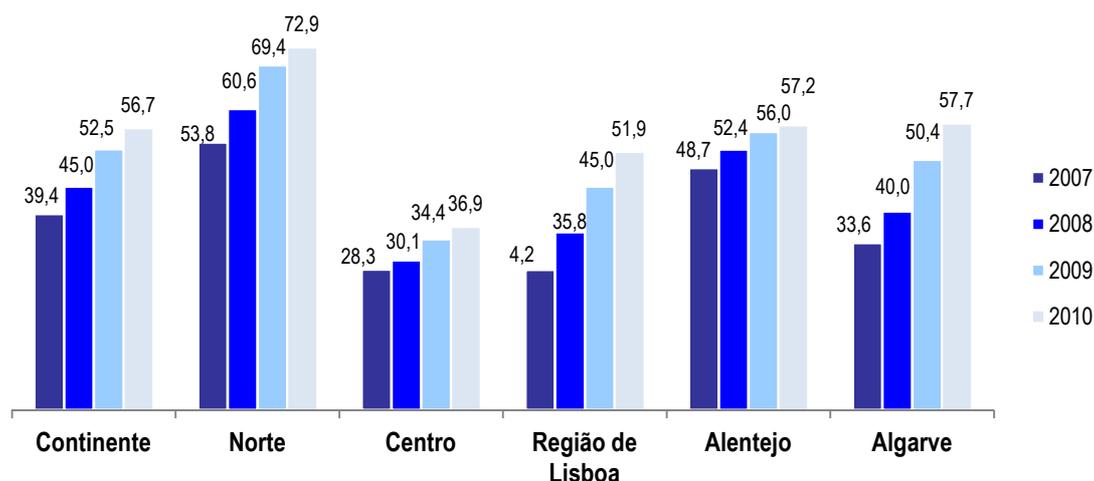


Fonte: INE/ Instituto de Informática, I.P./ ORLVT

### Beneficiários do Rendimento Social de Inserção por 1000 habitantes em idade activa (%)

Na análise do número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção por mil habitantes em idade activa, constata-se que aumentou em todas as regiões, entre 2007 e 2010, com maior destaque na Região Norte. A Região de Lisboa, embora com um crescimento menos acentuado e abaixo da média do Continente, vê o número de beneficiários de RSI aumentar em cerca de 20 beneficiários por cada 1000 habitantes, entre 2007 e 2010.

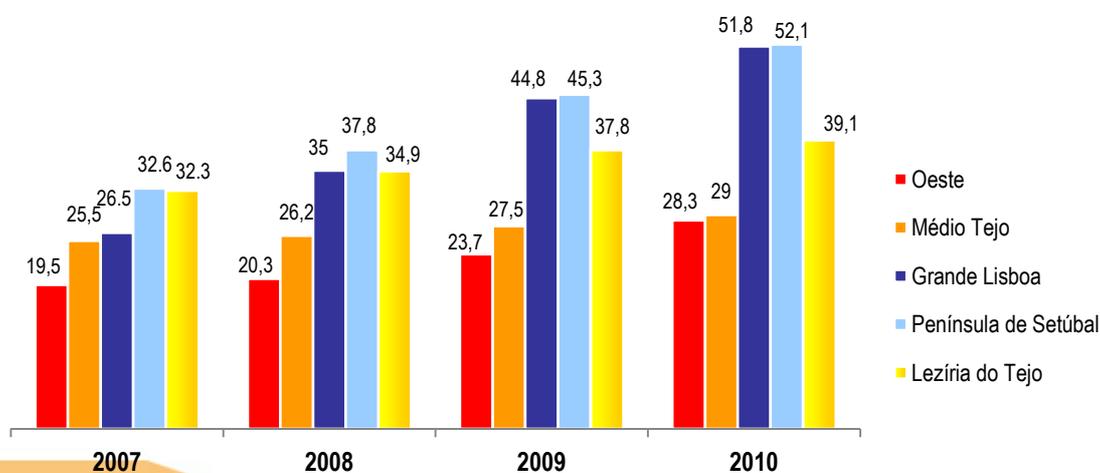
Figura 48 -Desempenho Regional  
Beneficiários do Rendimento Social de Inserção por 1000 habitantes em idade activa (%)



Fonte: INE, Instituto de Informática, I.P.

Verifica-se que, entre 2007 e 2010, o número de beneficiários do RSI aumentou em todas as sub-regiões. A Região de Lisboa e a Península de Setúbal são as sub-regiões que apresentam o maior crescimento no período em análise, embora com valores inferiores ao registado no Continente.

Figura 49 - Desempenho Sub-Regional  
Beneficiários do Rendimento Social de Inserção por 1000 habitantes em idade activa (%)



Fonte: INE, Instituto de Informática, I.P.

## 2.5 Coesão e inclusão Social

A atual conjuntura nacional, influenciada pelo contexto internacional, demonstra dificuldades na integração da população no mercado de trabalho. Acompanhando embora o crescimento continuado da taxa de desemprego que se observa no Continente ao longo do período em análise, a Região de Lisboa conseguiu manter até 2010 uma situação menos grave que outras regiões.

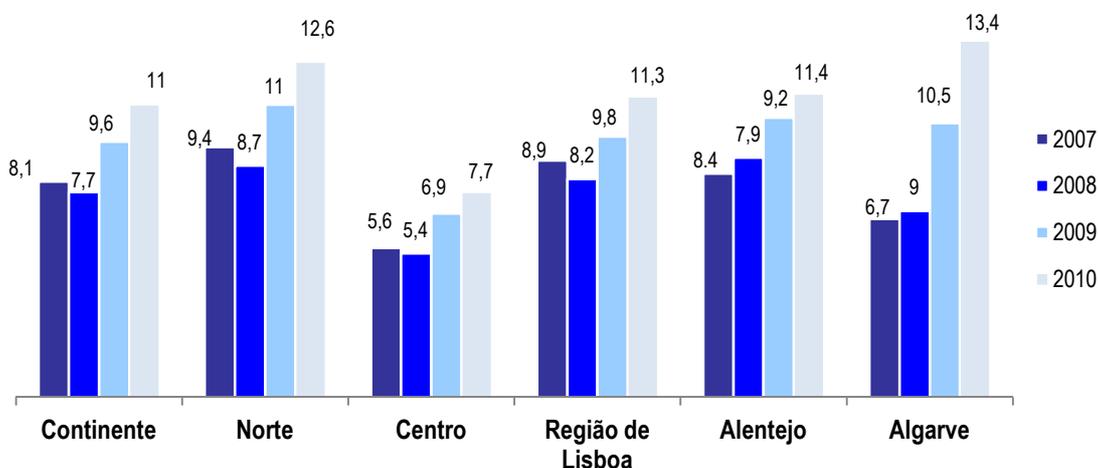
A inserção no mercado de trabalho aumenta para o sexo feminino, havendo uma disparidade no seu ganho médio mensal face aos homens, pelos seus mais baixos salários, embora se constate alguma redução.

A população da Região de Lisboa vê diminuir o seu poder de compra, embora um trabalhador em Lisboa ganhe, em média, mais do que um trabalhador no conjunto das restantes regiões.

### Taxa média de desemprego (%)

Entre 2007 e 2010 é notório o crescimento da taxa média do desemprego em todas as regiões. A Região de Lisboa apresenta uma taxa ligeiramente superior ao Continente no período em referência. A Região Centro regista valores inferiores aos das restantes regiões. É em 2010 que a Região de Lisboa atinge o valor mais elevado – 11,3%.

Figura 50 - Desempenho Regional  
Taxa média de desemprego (%)



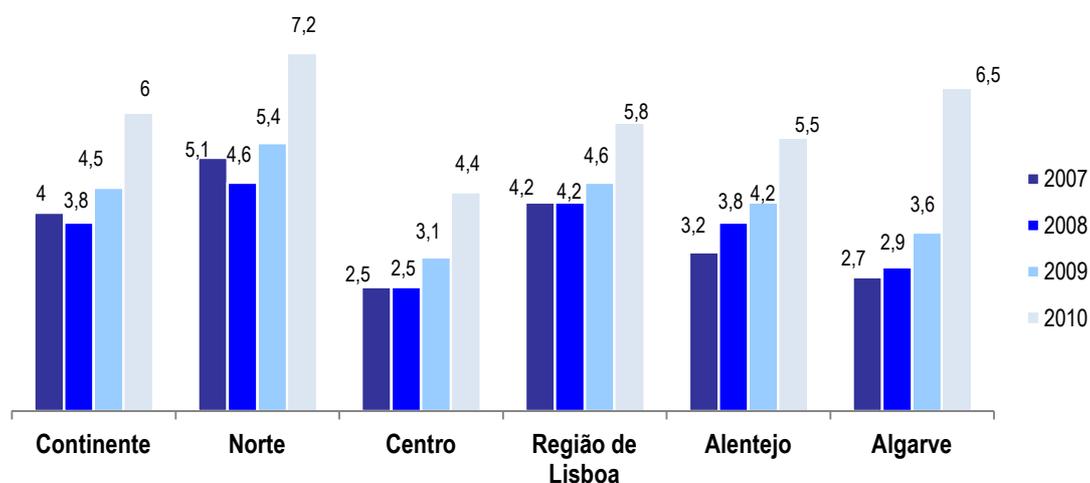
Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

### Taxa média de desemprego de longa duração (%)

A evolução da taxa média de desemprego de longa duração é de crescimento moderado entre 2007 e 2009, em todas as regiões do Continente, mas acentua-se em 2010, reflexo da deterioração da conjuntura económica do país. Esta taxa apresenta uma evolução similar ao indicador precedente. A Região de Lisboa vê a taxa média de desemprego de longa duração registar o valor mais elevado em 2010.

Figura 51- Desempenho Regional

Taxa média de desemprego de longa duração (%)



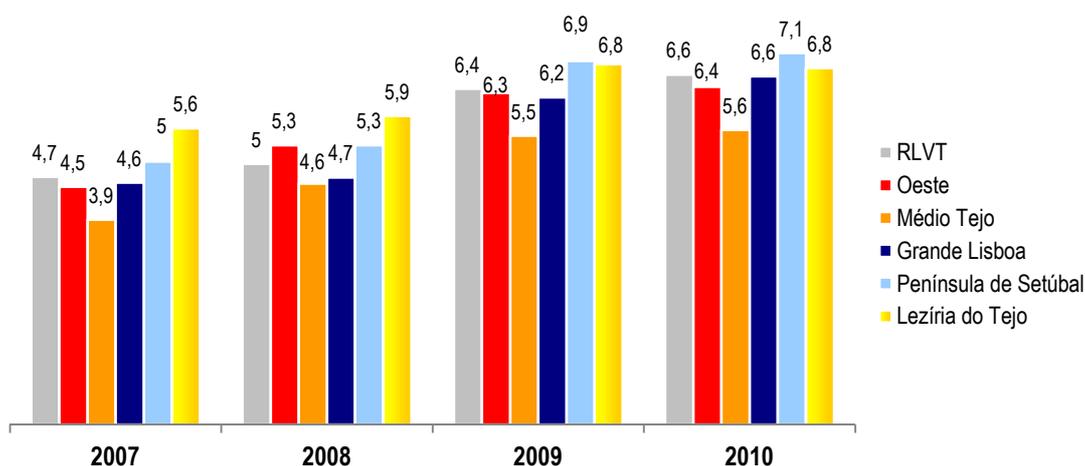
Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

### Número de Inscritos no IEFP face à População Ativa

Após os anteriores dados sobre a taxa de desemprego, importa agora observar os dados produzidos pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), que apresenta o número de desempregados registados nos Centros de Emprego na RLVT. Desta forma, procura-se fazer uma caracterização do desemprego ao nível sub-regional.

Entre 2007 e 2010, constata-se uma subida do número de inscritos no IEFP, reflexo da subida das taxas de desemprego. Verifica-se que a Península de Setúbal, com 7,1% da sua população ativa inscrita no centro de desemprego em 2010, é a sub-região com valores mais elevados. Por outro lado, a Grande Lisboa apresenta valores similares aos da RLVT (6,6%), e um pouco inferiores até aos da Lezíria do Tejo, mas apresentou tendência de crescimento no período em referência. A evolução deste indicador é, aliás, de crescimento em todas as sub-regiões.

Figura 52 - Desempenho Sub-Regional  
Número de Inscritos no IEFP face à População Ativa



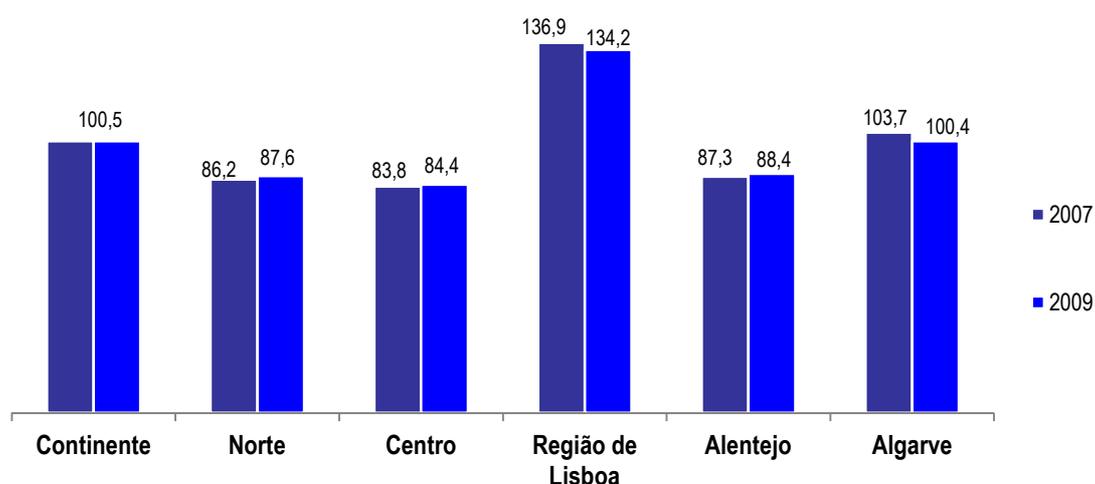
Fonte: IEFP, dados tratados pelo Observatório

**Nota:** Os dados foram calculados com base nos dados do IEFP e com a estimativa da população residente do INE para 2007, 2008, 2009 e 2010.

### Poder de compra per capita

Tendo como valor de referência Portugal (índice = 100), em 2007 e 2009, apenas a Região de Lisboa apresenta um poder de compra *per capita* superior à média nacional. Lisboa tem, em 2009, um poder de compra *per capita* 33 pontos acima da média do país. Pelo contrário, o Centro regista o menor poder de compra, estando 15 pontos abaixo da média nacional. Contudo, a evolução deste indicador na Região de Lisboa é desfavorável, uma vez que os valores registados em 2009 são inferiores aos apresentados em 2007. A aproximação das regiões à média nacional reflete uma maior coesão nacional, concretizando a convergência regional.

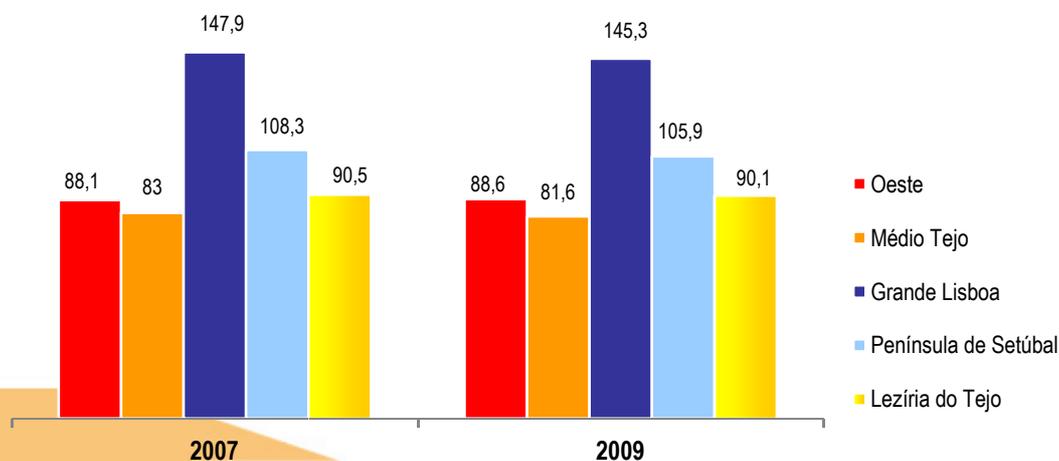
Figura 53 - Desempenho Regional  
Poder de compra *per capita*



Fonte: INE, estudo sobre o poder de compra concelhio

Ao nível sub-regional, a Grande Lisboa destaca-se com valores superiores à média do Continente, seguindo-se a Península de Setúbal. Embora, a Grande Lisboa manifeste uma tendência de diminuição relativa no poder de compra, mantém os valores mais elevados face às restantes sub-regiões. O Oeste, o Médio Tejo e a Lezíria do Tejo têm níveis de poder de compra semelhantes, contudo, só o Oeste converge ligeiramente para a média do Continente de 2007 para 2009.

Figura 54 - Desempenho Sub-Regional  
Poder de compra *per capita*

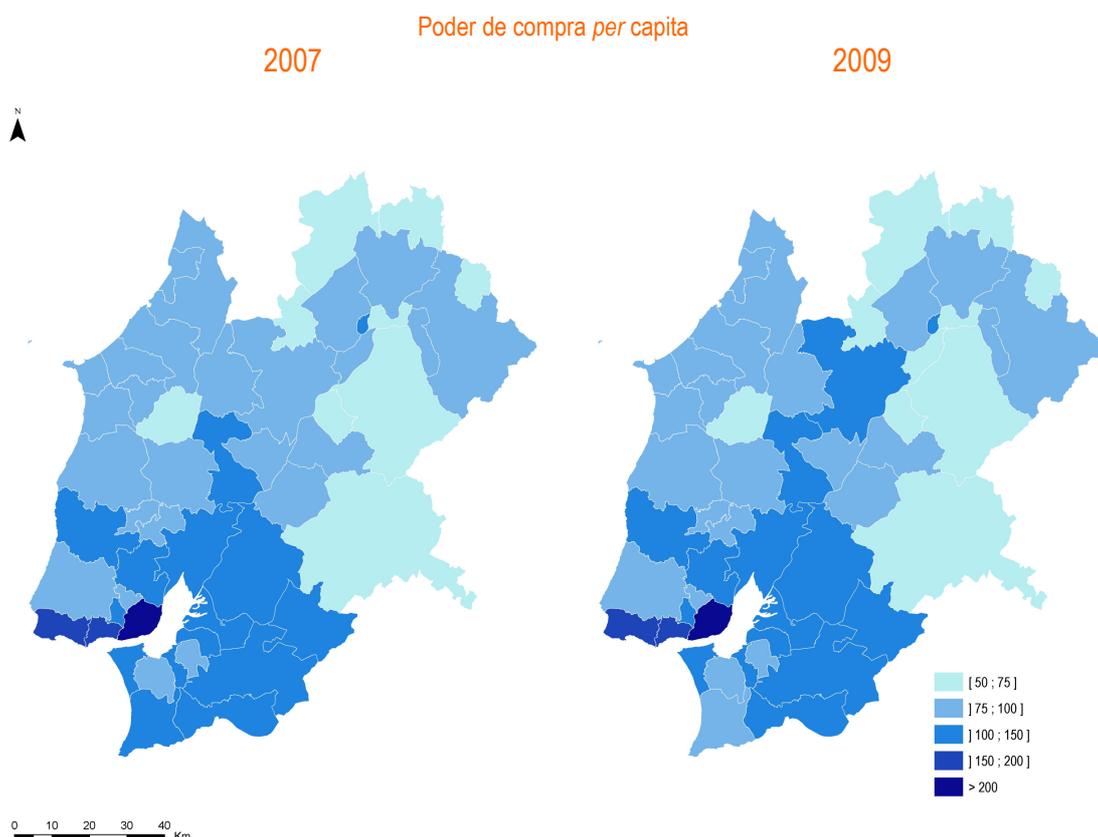


Fonte: INE, estudo sobre o poder de compra concelhio

A análise concelhia mostra a existência de disparidades significativas entre os municípios da RLVT, especialmente na dicotomia rural/urbano. Os concelhos com maior poder de compra, em 2009, são Lisboa (232,5), Oeiras (185,2), Cascais (150,6), Montijo (132,6), Alcochete (135,6), e Almada (122,2). Quanto aos concelhos com menor poder de compra, destaca-se o município de Ferreira do Zêzere (57,9), Chamusca (62,6), Vila Nova da Barquinha (65,2), Cadaval (66,4) e Sardoal (66,9).

De referir que entre 2007 e 2009, há uma tendência generalizada de convergência dos municípios para a média do Continente, que leva a que diminua a superioridade relativa dos municípios da Região de Lisboa e melhore a situação de alguns concelhos mais rurais. Não obstante, constata-se que em vários municípios houve degradação do poder de compra e que se acentuou a distância em relação à média do Continente. Neste sentido, destacam-se os concelhos de Odivelas (de 98,7,2 para 94,2), e Sintra, que apresenta em 2009 o índice mais baixo da Grande Lisboa (passou de 98,2 para 93,3). Nas restantes sub-regiões destacam-se com as maiores perdas os concelhos de Benavente (de 103,9 para 101,9), Cartaxo (de 92,5 para 88,1) Caldas da Rainha (passou de 99,9 para 98,7), Alenquer (passou de 92,9 para 90,7) e Nazaré (passou de 89 para 87,4),

Figura 55 - Desempenho Concelhio



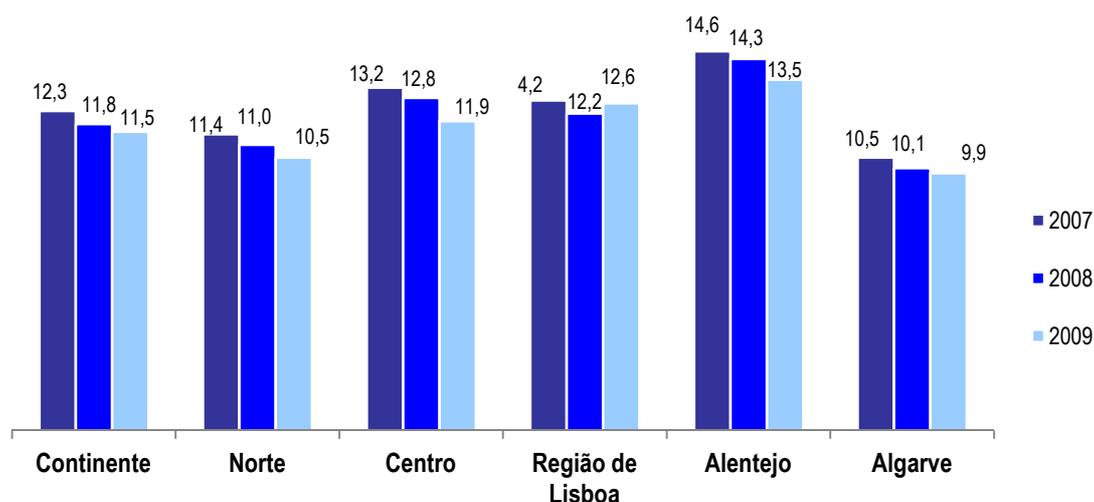
Fonte: INE, estudo sobre o poder de compra concelhio/ ORLVT

### Disparidade no ganho médio mensal entre sexos da população empregada por conta de outrem (%)

Quando analisada a sub-dimensão da igualdade de género, tem-se verificado uma crescente integração das mulheres na vida ativa. No entanto, as suas remunerações médias são ainda inferiores às dos homens, no período em análise, mantendo-se assim uma situação de manifesta disparidade.

A situação observada na Região de Lisboa nesta matéria contrasta com a da generalidade do Continente. Enquanto em todas as outras regiões a tendência de 2007 para 2009 consistiu na redução das disparidades salariais, na Região de Lisboa agravaram-se essas diferenças de 2008 para 2009.

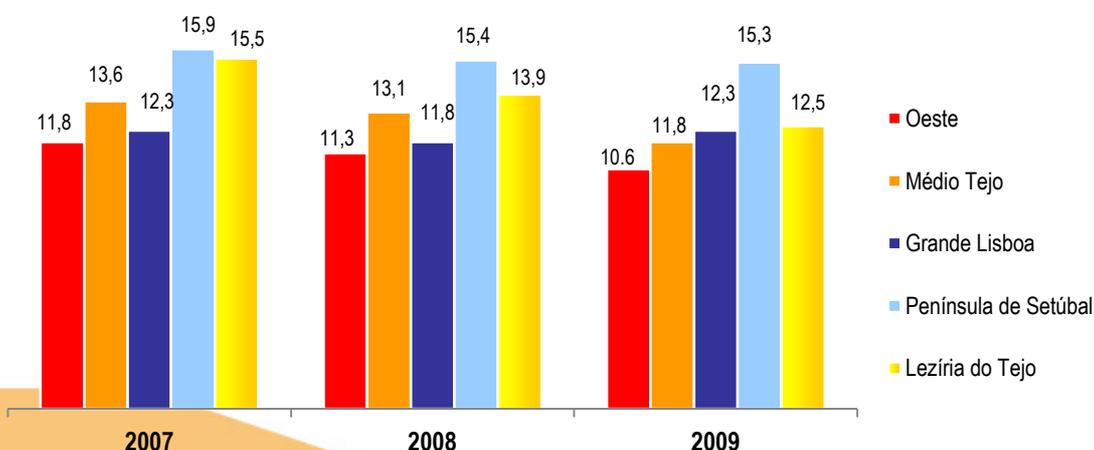
Figura 56 - Desempenho Regional  
Disparidade no ganho médio mensal entre sexos da população empregada por conta de outrem (%)



Fonte: INE/ MTSS / Gabinete de Estratégia e Planeamento

As maiores disparidades nas remunerações, segundo o género, verificadas ao nível sub-regional registam-se na Península de Setúbal, na Lezíria e na Grande Lisboa, seguindo, contudo, a tendência geral de decréscimo da disparidade, com exceção da Grande Lisboa que vê crescer a disparidade em 2009 face a 2008.

Figura 57 - Desempenho Sub-Regional  
Disparidade no ganho médio mensal entre sexos da população empregada por conta de outrem (%)



Fonte: INE/ MTSS / Gabinete de Estratégia e Planeamento

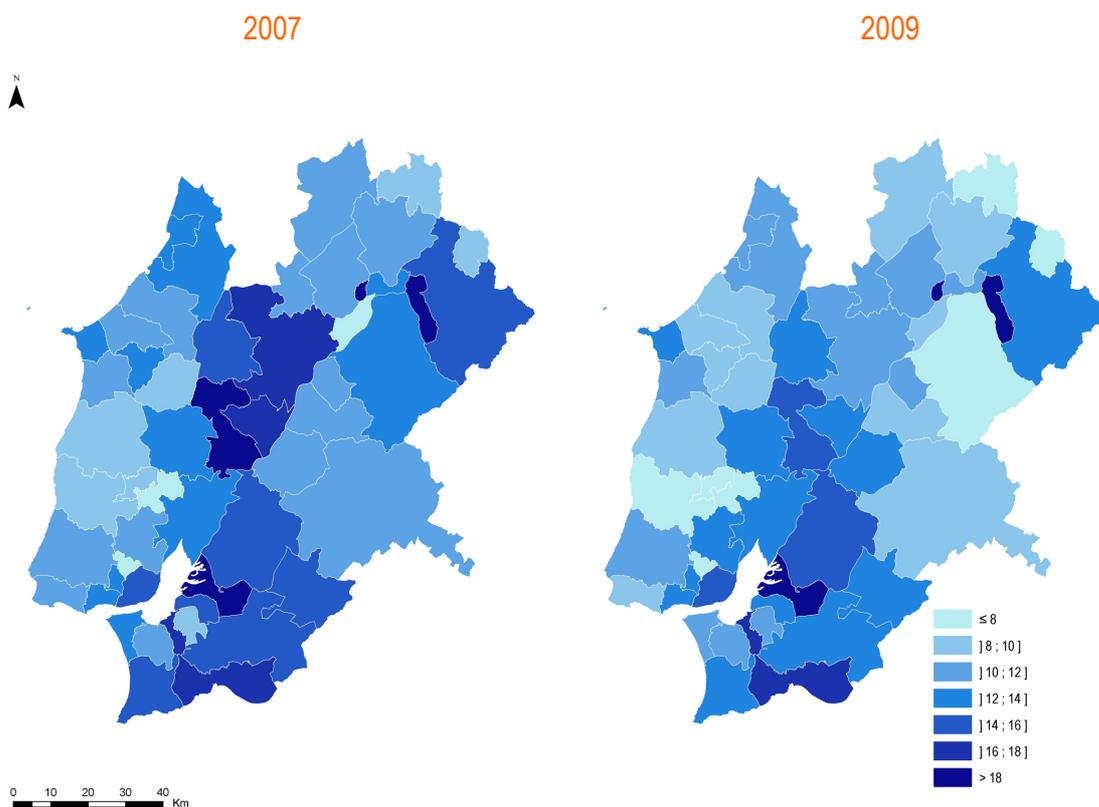
Ao nível concelhio a disparidade no ganho médio entre homens e mulheres teve uma evolução favorável na maior parte dos concelhos da RLVT, ou seja, diminuiu. No entanto, houve ainda cerca de 12 concelhos em que essa disparidade aumentou de 2007 para 2009, maioritariamente na Área Metropolitana de Lisboa. Recorde-se que a promoção da igualdade de género tem sido alvo de muitas políticas e medidas a nível nacional, com uma forte recomendação por parte da Comissão Europeia aos Estados Membros.

As disparidades mais significativas que ainda persistem em alguns concelhos encontram-se em Alcochete (35,8%), Constância (23,2%), Setúbal (17,6%), Barreiro (16,4%), Azambuja (15,9%), e Benavente (14,8%).

Já os municípios que apresentam uma menor disparidade no ganho médio entre sexos são o Sardoal (3,8%), Sobral de Monte Agraço (5,5%), Arruda dos Vinhos (6,1%), Ferreira do Zêzere (6,2%) e Mafra (6,8%). Destaque-se que é na Grande Lisboa que as disparidades entre sexos são mais homogêneas, variando entre o máximo em Oeiras (14%) e o mínimo em Mafra (6,8%).

Figura 58 - Desempenho Concelhio

Disparidade no ganho médio mensal entre sexos da população empregada por conta de outrem (%)



Fonte: INE/ MTSS / Gabinete de Estratégia e Planeamento / ORLVT

## 2.6 Acesso à cultura e lazer

A Região de Lisboa concentra hoje grande parte da oferta cultural do país. Refira-se que o número de espectadores de espetáculos ao vivo por habitante em Lisboa está reforçado em relação às outras regiões e é muito influenciado pela Grande Lisboa.

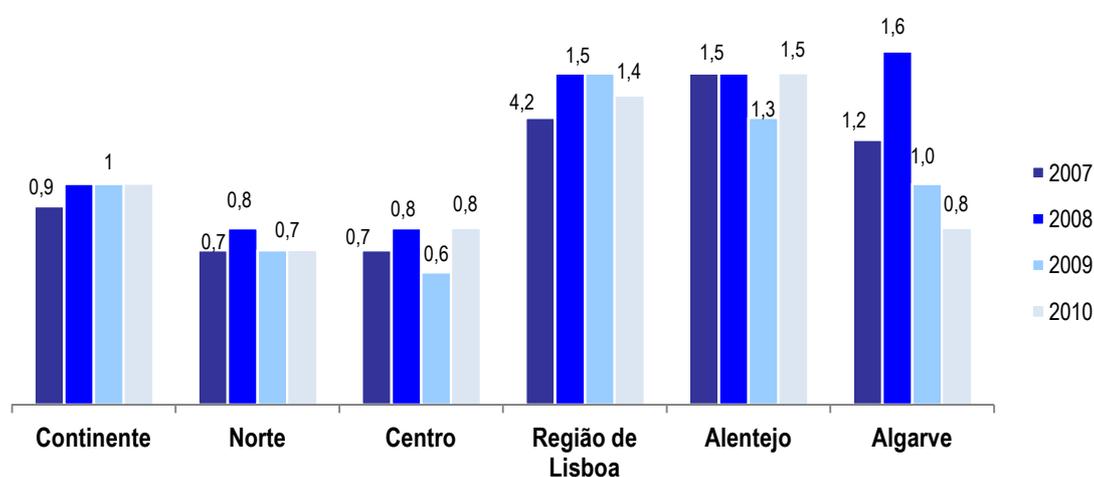
No mesmo sentido, verifica-se que o número de visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários na Região de Lisboa ultrapassa as outras regiões pelo desempenho da Grande Lisboa, dado a concentração deste tipo de oferta cultural. De referir, também, que estes valores, certamente, representam uma maior procura cultural e de lazer.

### Espectadores de espetáculos ao vivo por habitante (Nº)

Salienta-se que este indicador mede o número de espectadores de espetáculos ao vivo, face ao valor de população média anual residente. Neste indicador constata-se que a Região de Lisboa apresenta valores superiores à média do Continente no período compreendido entre 2007 a 2010. Estes valores estarão associados à elevada capacidade de atratividade e diversidade dos equipamentos e da programação nestas regiões.

No período em análise, entre 2007 e 2010, nota-se que a Região de Lisboa apresenta uma tendência de crescimento positiva, enquanto nas restantes regiões se regista a tendência inversa, com exceção do Alentejo devido aos festivais de verão.

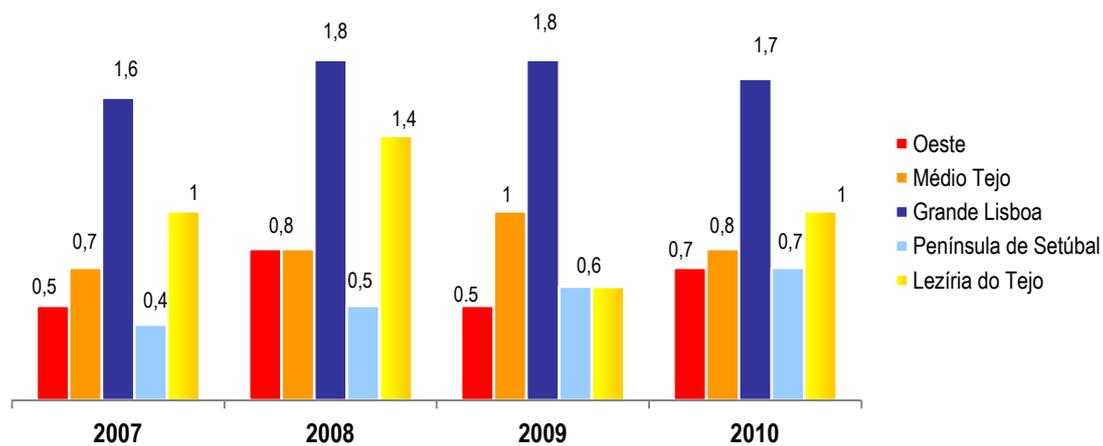
Figura 59 – Desempenho Regional  
Espectadores de espetáculos ao vivo por habitante (Nº)



Fonte: INE, Inquérito aos Espetáculos ao Vivo

A Grande Lisboa, no âmbito sub-regional, influencia os valores da Região de Lisboa, pois apresenta o maior número de espectadores de espetáculos ao vivo por habitante. Registe-se ainda, na Península de Setúbal o crescimento, entre 2007 e 2010, de 0,4 para 0,7 no número de espectadores de espetáculos ao vivo por habitante. A tendência demonstrada a nível sub-regional deste indicador, ao longo do período em análise, é de crescimento moderado.

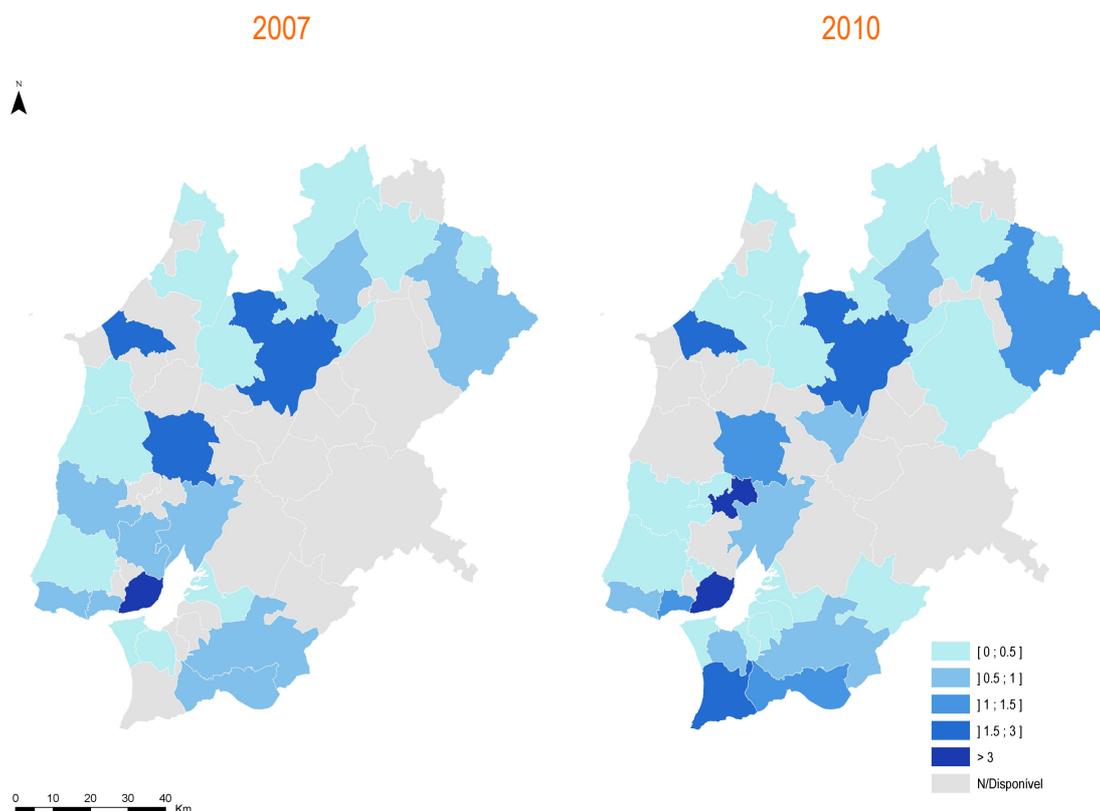
Figura 60 – Desempenho Sub-Regional  
Espectadores de espetáculos ao vivo por habitante (Nº)



Fonte: INE, Inquérito aos Espetáculos ao Vivo

No âmbito concelhio, os dados disponíveis para este indicador são escassos, não permitindo uma análise com pormenor nas dinâmicas culturais municipais. Sabe-se, no entanto, que podemos destacar os concelhos de Lisboa (6,2 espectadores por residente), Arruda dos Vinhos (4,9), Óbidos (1,9) e Sesimbra (1,6) como sendo os municípios em que o número de espectadores dos espetáculos ao vivo realizados é superior à população residente. Refira-se, porém, que existe um crescimento nestes números de 2007 para 2010 na maioria dos concelhos.

Figura 61 - Desempenho Concelhio  
Espectadores de espetáculos ao vivo por habitante (Nº)



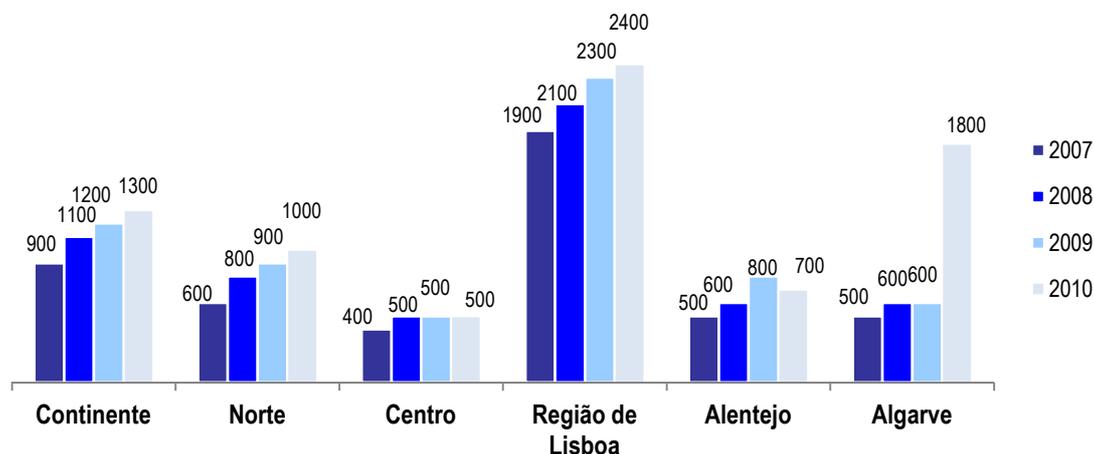
Fonte: INE, Inquérito aos Espetáculos ao Vivo / ORLVT

### Visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários por 1000 habitantes

Este indicador tem maior representatividade na Região de Lisboa. Verifica-se, assim, que existe uma tendência de crescimento generalizada para o período em análise, à exceção do Alentejo que regista uma diminuição nos valores em 2010 face a 2009. A Região de Lisboa, em média, regista valores muito superiores ao Continente.

Em consonância com o indicador anterior, este apresenta, também, valores para a Região de Lisboa manifestamente representativos face às restantes regiões. Este facto permite associar os níveis de procura cultural à capacidade da região em fixar equipamentos culturais.

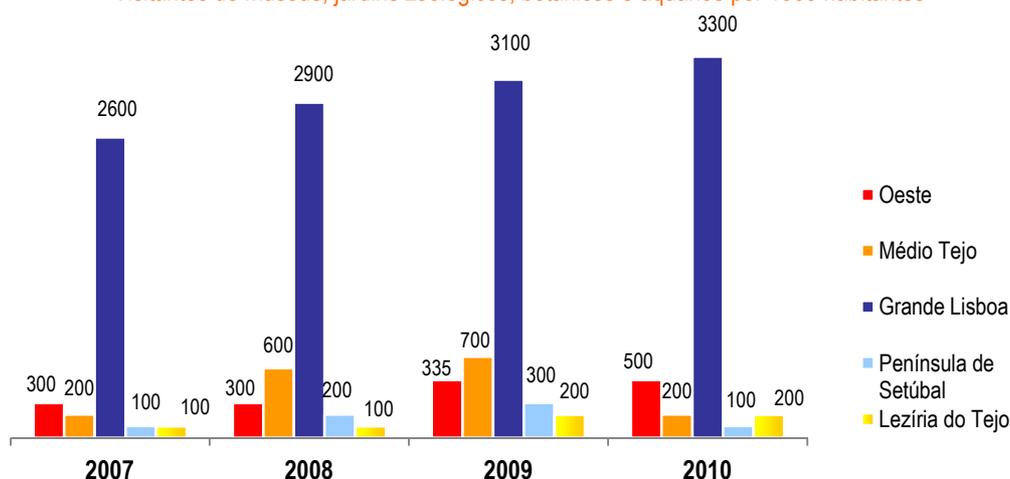
Figura 62 – Desempenho Regional  
Visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários por 1000 habitantes



Fonte: INE, Inquérito aos Museus, Estimativas Anuais da População Residente/ ORLVT

O número de visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários, ao nível sub-regional segue o mesmo sentido da análise realizada no âmbito regional, uma vez que a representatividade do número de visitantes na RLVT é influenciada pelos valores da Grande Lisboa, que são manifestamente superiores às restantes sub-regiões. Constata-se que existe uma tendência de crescimento no indicador ao longo do período de referência (2007 a 2010) para as sub-regiões, à exceção do Médio do Tejo e da Península de Setúbal que, em 2010, apresentam o valor de visitantes por mil habitantes inferior a 2009.

Figura 63 – Desempenho Sub-Regional  
 Visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários por 1000 habitantes

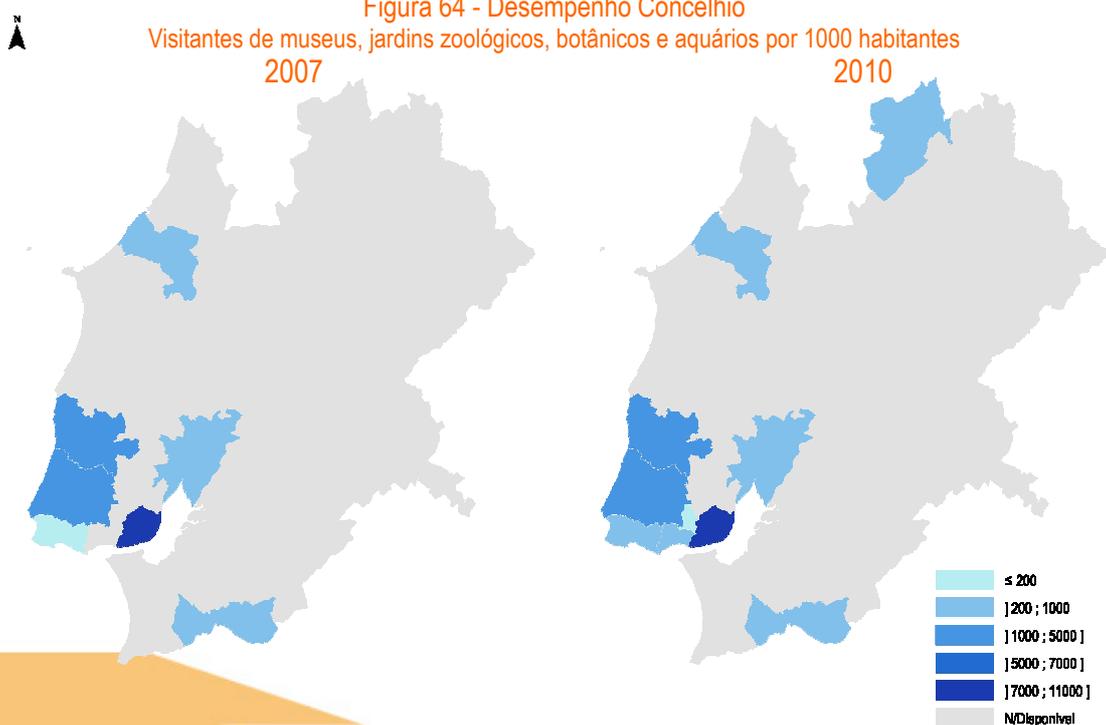


Fonte: INE, Inquérito aos Museus, Estimativas Anuais da População Residente/ ORLVT

O número de visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários por município permite-nos verificar um aumento no número de visitantes destes equipamentos culturais para os municípios com dados disponíveis. Constata-se que o destaque vai mais uma vez para o concelho de Lisboa, que concentra o maior número destes equipamentos, cujo crescimento de 2007 para 2010, ronda os 3.000 mil visitantes por mil habitantes. Ainda na Grande Lisboa regista-se a subida significativa no concelho de Cascais, que passa, em 2007, de cerca de 200 visitantes para cerca de 1.000 por mil habitantes em 2010. Mafra passa a ser o segundo concelho da RLVT com maior número de visitantes de equipamentos culturais, atingindo em 2010 cerca de 3.900 visitantes por mil habitantes.

Nas outras sub-regiões, tendo presente que se trata de visitantes por mil habitantes, destacam-se, em 2010, os concelhos das Caldas da Rainha (1.000 visitantes) no Oeste, e no Médio Tejo o município de Ourém que regista 500 visitantes devido aos museus religiosos de Fátima.

Figura 64 - Desempenho Concelhio  
 Visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários por 1000 habitantes  
 2007 2010



Fonte: INE, Inquérito aos Museus, Estimativas Anuais da População Residente/ ORLVT

Figura nº	Designação	Pag. nº
<b>Taxa de variação da população residente (2001 a 2011) (%)</b>		
1	Desempenho Regional	18
2	Desempenho Sub-Regional	19
3	Desempenho Concelhio	20
<b>Taxa de crescimento natural (%)</b>		
4	Desempenho Regional	21
5	Desempenho Sub-Regional	21
6	Desempenho Concelhio	22
<b>Taxa de crescimento migratório (%)</b>		
7	Desempenho Regional	23
8	Desempenho Sub-Regional	23
9	Desempenho Concelhio	24
<b>Índice de envelhecimento (Nº)</b>		
10	Desempenho Regional	25
11	Desempenho Sub-Regional	26
12	Desempenho Concelhio	26
<b>Esperança média de vida à nascença (anos)</b>		
13	Desempenho Regional	27
14	Desempenho Sub-Regional	27
<b>Índice sintético de fecundidade (Nº)</b>		
15	Desempenho Regional	28
16	Desempenho Sub-Regional	29
<b>Taxa de mortalidade infantil (‰)</b>		
17	Desempenho Regional	30
18	Desempenho Sub-Regional	30
<b>Nados vivos fora do casamento (%)</b>		
19	Desempenho Regional	31
20	Desempenho Sub-Regional	31
21	Desempenho Concelhio	32

<b>Proporção de população residente com pelo menos o 3º ciclo completo (%)</b>		
<b>22</b>	Desempenho Regional	<b>33</b>
<b>Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Secundário (%)</b>		
<b>23</b>	Desempenho Regional	<b>34</b>
<b>24</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>35</b>
<b>25</b>	Desempenho Concelhio	<b>35</b>
<b>Taxa de transição/conclusão no ensino secundário regular (%)</b>		
<b>26</b>	Desempenho Regional	<b>36</b>
<b>27</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>36</b>
<b>28</b>	Desempenho Concelhio	<b>37</b>
<b>Taxa bruta de escolarização do ensino superior (%)</b>		
<b>29</b>	Desempenho Regional	<b>38</b>
<b>30</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>38</b>
<b>Número médio de alunos matriculados no 1º ciclo do ensino básico por computador com ligação à Internet (Nº)</b>		
<b>31</b>	Desempenho Regional	<b>39</b>
<b>32</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>40</b>
<b>33</b>	Desempenho Concelhio	<b>40</b>
<b>Proporção de declarações fiscais do IRS – Modelo 3 entregues on-line (%)</b>		
<b>34</b>	Desempenho Regional	<b>41</b>
<b>35</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>41</b>
<b>36</b>	Desempenho Concelhio	<b>42</b>
<b>Consultas médicas por mil habitantes (Nº)</b>		
<b>37</b>	Desempenho Regional	<b>43</b>
<b>38</b>	Desempenho Concelhio	<b>44</b>
<b>Médicos por mil habitantes (Nº)</b>		
<b>39</b>	Desempenho Regional	<b>45</b>
<b>40</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>45</b>
<b>41</b>	Desempenho Concelhio	<b>46</b>

<b>Enfermeiros por mil habitantes (Nº)</b>		
42	Desempenho Regional	47
43	Desempenho Sub-Regional	47
44	Desempenho Concelhio	48
<b>Pensionistas da segurança social por 1000 habitantes em idade ativa (‰)</b>		
45	Desempenho Regional	49
46	Desempenho Sub-Regional	49
47	Desempenho Concelhio	50
<b>Beneficiários do Rendimento Social de Inserção por 1000 habitantes em idade ativa (‰)</b>		
48	Desempenho Regional	51
49	Desempenho Sub-Regional	51
<b>Taxa média de desemprego (%)</b>		
50	Desempenho Regional	52
<b>Taxa média de desemprego de longa duração (%)</b>		
51	Desempenho Regional	53
<b>Número de Inscritos no IEFP face à População Ativa (%)</b>		
52	Desempenho Sub-Regional	54
<b>Poder de compra <i>per capita</i></b>		
53	Desempenho Regional	55
54	Desempenho Sub-Regional	55
55	Desempenho Concelhio	56
<b>Disparidade no ganho médio mensal entre sexos da população empregada por conta de outrem (%)</b>		
56	Desempenho Regional	57
57	Desempenho Sub-Regional	57
58	Desempenho Concelhio	58
<b>Espectadores de espetáculos ao vivo por habitante (Nº)</b>		
59	Desempenho Regional	59
60	Desempenho Sub-Regional	60
61	Desempenho Concelhio	61

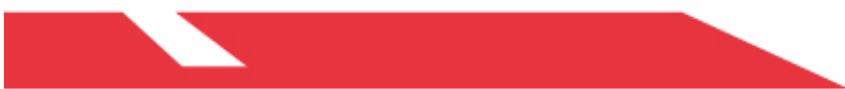
---

**Visitantes de museus, jardins zoológicos, botânicos e aquários por 1000 habitantes**

---

<b>62</b>	Desempenho Regional	<b>62</b>
<b>63</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>63</b>
<b>64</b>	Desempenho Concelhio	<b>63</b>





# **DOMÍNIO TERRITÓRIO**



### 3. Domínio Território

O Território é o suporte de todas as atividades e fundamental para a promoção da qualidade de vida das populações. Trata-se de um recurso de interesse coletivo que importa gerir de forma inteligente. Este domínio procura olhar para o uso do solo, a urbanidade e a apropriação do espaço, analisando as dinâmicas do ordenamento, do ambiente, das infraestruturas e equipamentos, das acessibilidades, do património e dos recursos naturais.

Num retrato da evolução da Região ao nível do Território, e tendo em conta uma análise do comportamento dos indicadores deste domínio nos últimos anos disponíveis, podemos referir que a Região se encontra bem posicionada, em termos nacionais, ao nível da infraestruturização rodó e ferroviária, aérea e portuária, como também no âmbito da drenagem e tratamento de águas residuais. É uma região densamente ocupada e urbanizada, marcada por um elevado grau de integração territorial, conforme se pode atestar pelos movimentos pendulares.

Há ainda uma margem de progresso apreciável na sustentabilidade ambiental, especialmente ao nível da produção de energia a partir de fontes renováveis.

Permanecem ainda alguns desequilíbrios internos entre as sub-regiões da RLVT e entre os municípios mais urbanos e os rurais. Territorialmente, a Região de Lisboa e Vale do Tejo é ainda marcada pelas dicotomias urbano/rural e litoral/interior.

### 3.1 Acessibilidades e mobilidade

Os indicadores apresentados para esta dimensão de análise tentam caracterizar os movimentos de passageiros nas diferentes infraestruturas de transportes, procurando perceber se a procura tem aumentado prevalecendo o uso do transporte público em detrimento do transporte individual. Procura ainda caracterizar o tráfego nas grandes infraestruturas de transportes existentes na Região, como os Portos e o Aeroporto Internacional de Lisboa.

O Aeroporto de Lisboa continua a aumentar o seu tráfego, em especial de passageiros estrangeiros, e o Porto de Lisboa tem apresentado um incremento nas toneladas de mercadorias transportadas por via marítima. Ao nível da mobilidade interna, a ferrovia continua a ser um meio de transporte privilegiado para os movimentos entre a capital e as periferias, enquanto o Metro de Lisboa, agora prolongado a outros concelhos, viu aumentar o número de passageiros no último ano em análise.

#### Passageiros Transportados por Ferrovia e no Metropolitano de Lisboa (Milhares)

Pelos valores apresentados na figura 1, podemos verificar que o número de passageiros transportados por ferrovia cresceu até 2008 mas diminuiu nos últimos dois anos em análise. No entanto, os dados disponíveis não permitem ter um conhecimento mais próximo da realidade, visto não estarem contemplados nestes números os passageiros mais frequentes que possuem passes combinados.

Quanto ao número de passageiros no Metro de Lisboa, verifica-se um aumento de cerca de 3 milhões de passageiros de 2007 para 2010.

Figura 1

#### Passageiros Transportados (Milhares)

	Região de Lisboa	
	Ferrovia <sup>5</sup>	Metropolitano
2007	97.598	179.687
2008	119.645	179.342
2009	114.793	176.511
2010	114.347	182.781

Fonte: INE, Inquérito ao metropolitano e INE, Inquérito ao tráfego por caminho-de-ferro

<sup>5</sup> NOTA: A informação relativa a passageiros transportados em ferrovia por região de origem/destino refere-se apenas a bilhetes vendidos em sistemas informatizados, não contemplando as vendas por meios manuais nem os títulos combinados. Inclui os valores das unidades suburbanas

**Mercadorias descarregadas e carregadas (Tráfego nacional) por Porto declarante  
(tonelada)**

Quanto aos Portos de Lisboa e Setúbal, e tendo em conta os dados para os dois anos disponíveis, regista-se um aumento, quer das mercadorias carregadas, quer das descarregadas no Porto de Lisboa e uma diminuição de ambas no Porto de Setúbal. As mercadorias carregadas continuam a ser superiores às mercadorias descarregadas, no entanto, o Porto de Setúbal em 2008, recebeu mais toneladas de mercadorias do que expediuiu.

Figura 2

**Mercadorias descarregadas e carregadas (Tráfego nacional) por Porto declarante (tonelada)**

	Lisboa		Setúbal	
	Mercadorias descarregadas no porto	Mercadorias carregadas no porto	Mercadorias descarregadas no porto	Mercadorias carregadas no porto
<b>2007</b>	689.313	1.136.147	666.211	746.845
<b>2008</b>	822.969	1.245.922	592.115	572.072

Fonte: INE, Inquérito ao Transporte Marítimo de Passageiros e Mercadorias

**Passageiros embarcados e desembarcados no aeroporto de Lisboa, portugueses e estrangeiros (Nº)**

O movimento de passageiros no Aeroporto de Lisboa tem apresentado nestes últimos anos um aumento significativo tanto em voos nacionais como internacionais. O Aeroporto da Portela tem, de resto, um movimento de passageiros muito superior ao dos outros Aeroportos do país. No total dos passageiros aéreos movimentados nos Aeroportos em Portugal, a proporção correspondente ao Aeroporto da Portela ronda os 50.8%

O tráfego gerado na Portela representa 15.1% do total de passageiros embarcados em voos nacionais e 84.9% em voos internacionais. Em relação aos passageiros desembarcados, o Aeroporto de Lisboa corresponde a uma proporção também de 84.8% dos passageiros em voos internacionais e 15.2% dos passageiros desembarcados em voos nacionais.

Pelos dados apresentados, podemos afirmar que o Aeroporto de Lisboa é a principal infraestrutura aeroportuária de entrada/saída de cidadãos nacionais e estrangeiros de Portugal.

Figura 3

**Passageiros embarcados e desembarcados no aeroporto de Lisboa, portugueses e estrangeiros**

Aeroporto de Lisboa	Passageiros Embarcados		Passageiros Desembarcados	
	Voos Nacionais	Voos Internacionais	Voos Nacionais	Voos Internacionais
<b>2007</b>	1.068.546	5.560.433	1.008.805	5.603.095
<b>2008</b>	1.017.598	5.762.134	958.969	5.794.007
<b>2009</b>	1.090.999	5.554.431	1.083.040	5.517.420
<b>2010</b>	1.063.742	5.960.361	1.061.175	5.940.876

Fonte: INE, Inquérito aos Aeroportos e Aeródromos

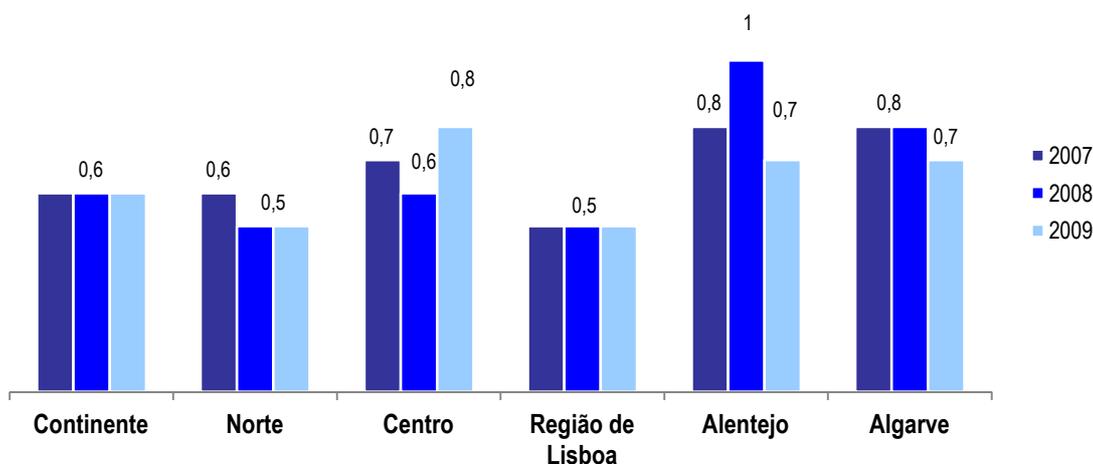
## 3.2. Energia

Esta dimensão de análise não dispõe de indicadores suficientes para uma caracterização do sector energético da Região. No entanto, e apesar de uma ligeira subida no consumo de eletricidade, as quotas de produção de energia eléctrica a partir de fontes renováveis têm vindo a aumentar, o que revela uma tendência positiva na Região. O consumo de eletricidade é, ainda assim, inferior aos consumos médios nacionais, e com maiores consumos nas sub-regiões mais ruralizadas.

### Consumo de combustível automóvel por habitante (tep/ hab.)

O consumo de combustível automóvel tem estabilizado Região de Lisboa nestes últimos anos, tendo apresentado valores inferiores ao consumo do Continente. Esta estabilização poderá dever-se à melhoria da rede de transportes públicos, assim como ao aumento constante do preço dos combustíveis.

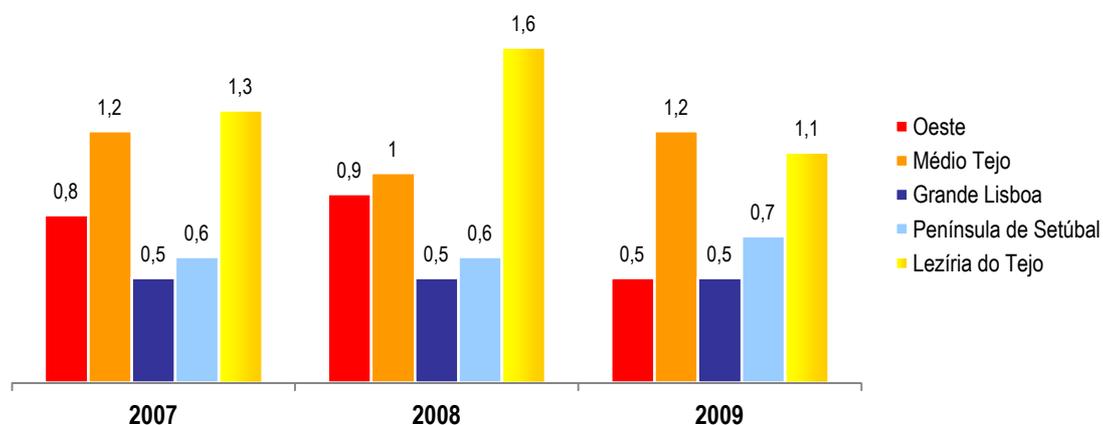
Figura 4 - Desempenho Regional  
Consumo de combustível automóvel por habitante (tep/ hab.)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

Ao nível sub-regional, continua a ser na Grande Lisboa e na Península de Setúbal onde se regista o menor consumo de combustível automóvel por habitante, graças à melhor rede de transportes públicos destas duas sub-regiões. Destaca-se também a tendência de diminuição de consumo nas outras três sub-regiões tendo o Oeste atingido em 2009 valores idênticos à Região de Lisboa

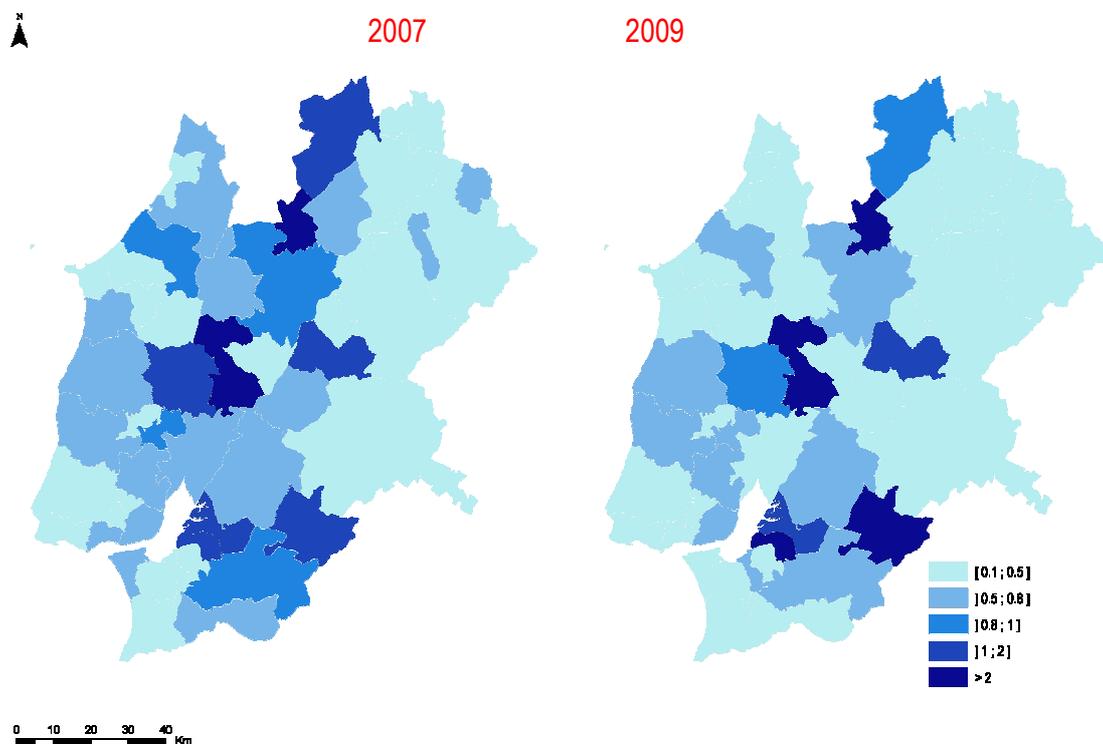
Figura 5- Desempenho Sub-Regional  
Consumo de combustível automóvel por habitante (tep/ hab.)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

De forma geral, há um decréscimo no consumo de combustível automóvel em quase todos os municípios entre 2007 e 2009, no entanto ressalta o aumento neste período em alguns concelhos como o Barreiro e o Montijo.

Figura 6- Desempenho Concelhio  
Consumo de combustível automóvel por habitante (tep/ hab.)

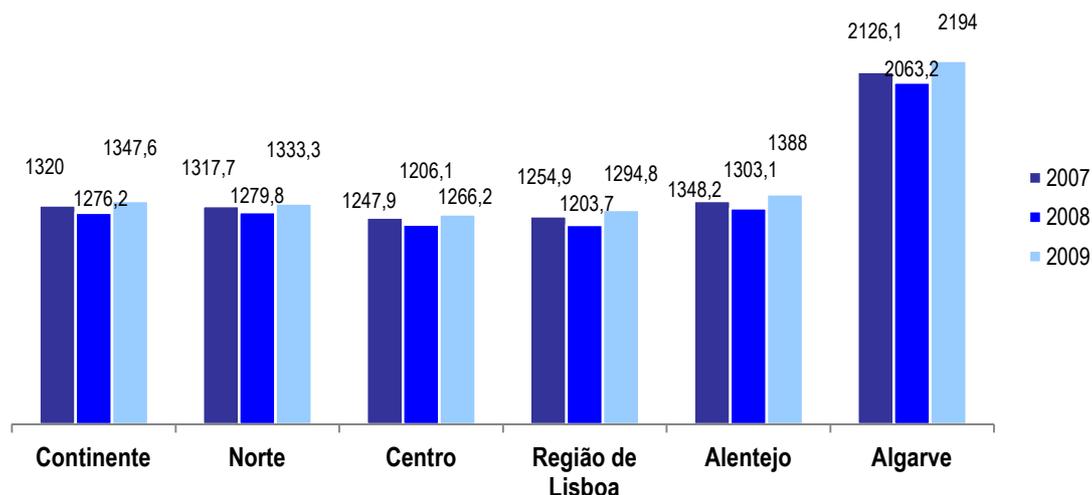


Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

### Consumo doméstico de energia elétrica por habitante (kWh/ hab.)

O consumo de energia elétrica teve um aumento na ordem dos 2% entre 2007 e 2009 no território nacional. A Região Centro, seguida da Região de Lisboa, são as que apresentam valores mais baixos a nível nacional. A Região do Algarve apresenta valores de consumo de energia elétrica em 2009 cerca de 60% a mais em relação ao consumo nacional continental.

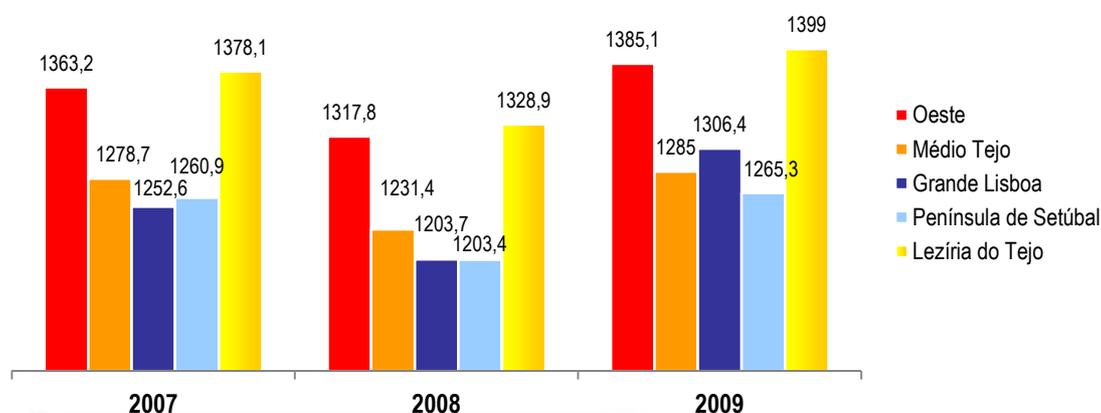
Figura 7 - Desempenho Regional  
Consumo doméstico de energia elétrica por habitante (kWh/ hab.)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

A RLVT, apesar de ter consumos superiores à Região de Lisboa, permanece, ainda assim, abaixo dos valores do Continente. Já ao nível das sub-regiões destacam-se com valores mais elevados de kWh por habitante, o Oeste e a Lezíria do Tejo; em contrapartida, a Península de Setúbal apresenta os valores mais baixos no contexto regional.

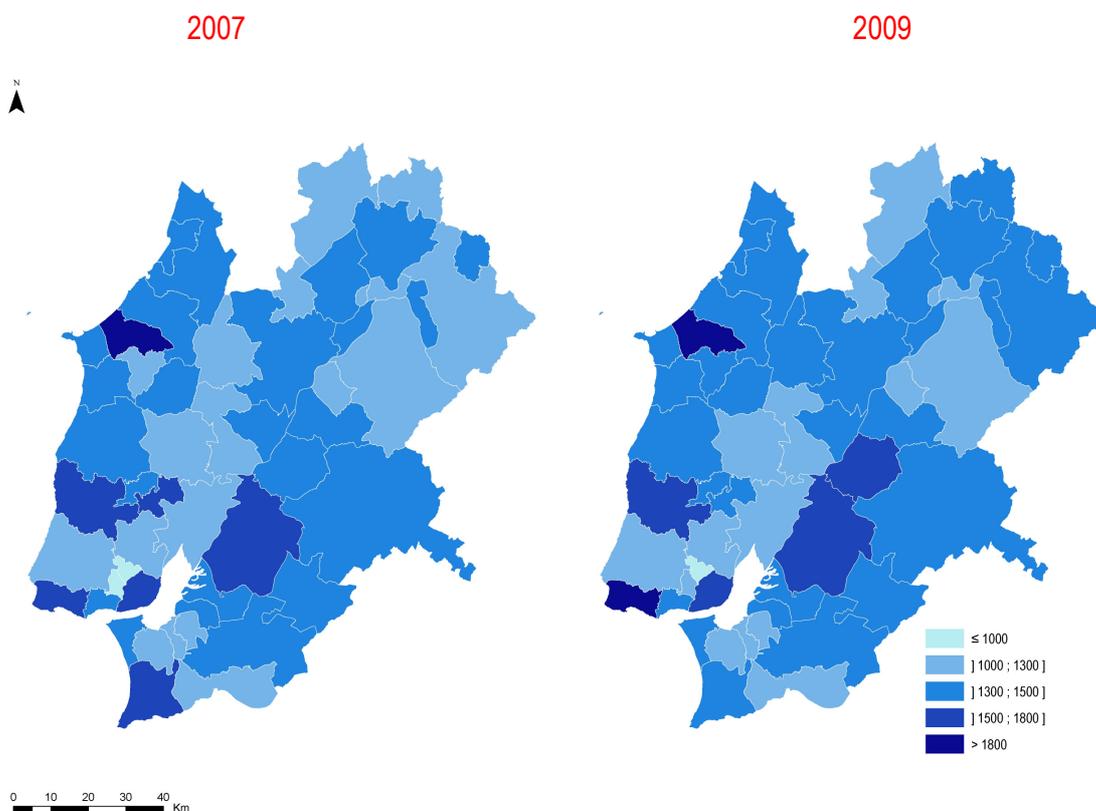
Figura 8 - Desempenho Sub-Regional  
Consumo doméstico de energia elétrica por habitante (kWh/ hab.)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

Na análise por município, constata-se uma manutenção, no período em referência, em quase todos os municípios quanto ao consumo de energia elétrica por habitante. No Oeste, com valores muito próximos entre os municípios, destaca-se o concelho de Óbidos, que atinge o maior consumo doméstico regional, em 2009, com 2022,3 kWh por habitante. Na Lezíria do Tejo, com valores médios na ordem dos 1400 kWh, destaca-se o concelho de Benavente, com 1640 kWh. No Médio Tejo, com valores idênticos entre os vários concelhos, Torres Novas é o concelho que mais energia elétrica consome (1400 kWh). Na Península de Setúbal, Sesimbra (1473 kWh) e o Montijo (1460 kWh) assumem os primeiros lugares. Contudo, é na Grande Lisboa que os valores mais oscilam entre os municípios: enquanto Cascais atinge os 1845 kWh, Odivelas fica pelos 971 kWh.

Figura 9 - Desempenho Concelhio  
Consumo doméstico de energia elétrica por habitante (kWh/ hab.)

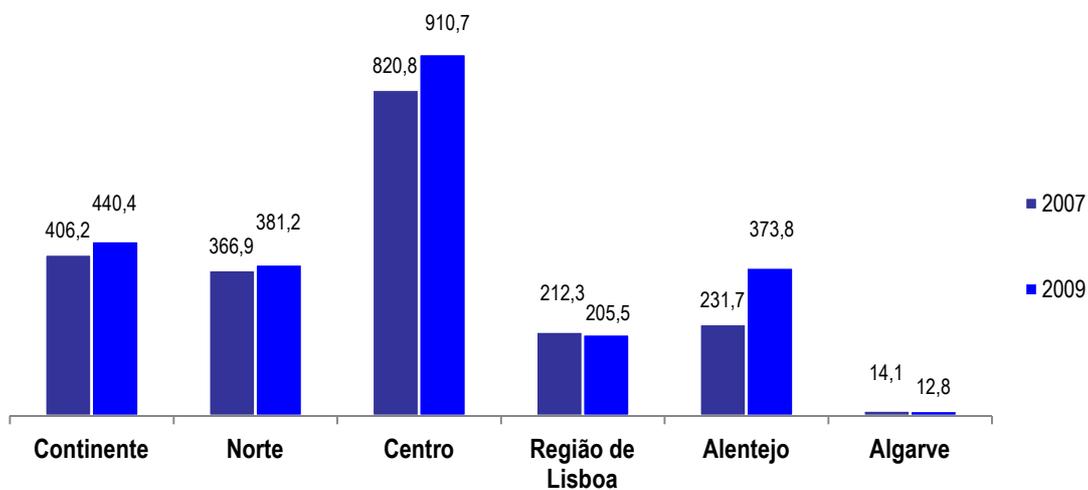


Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia /ORLVT

### Consumo de gás natural por mil habitantes (milhares Nm<sup>3</sup>)

O consumo de gás natural aumentou em cerca de 8% de 2007 para 2009 no território continental. A Região de Lisboa é a que tem a maior concentração de população e é também a que apresenta valores mais baixos de consumo (à exceção do Algarve), em contraste com a Região Centro que apresenta valores que rondam o dobro do consumo no Continente. Registe-se, que a nível nacional, a Região de Lisboa foi a única região cujo consumo de gás natural diminuiu no período em análise.

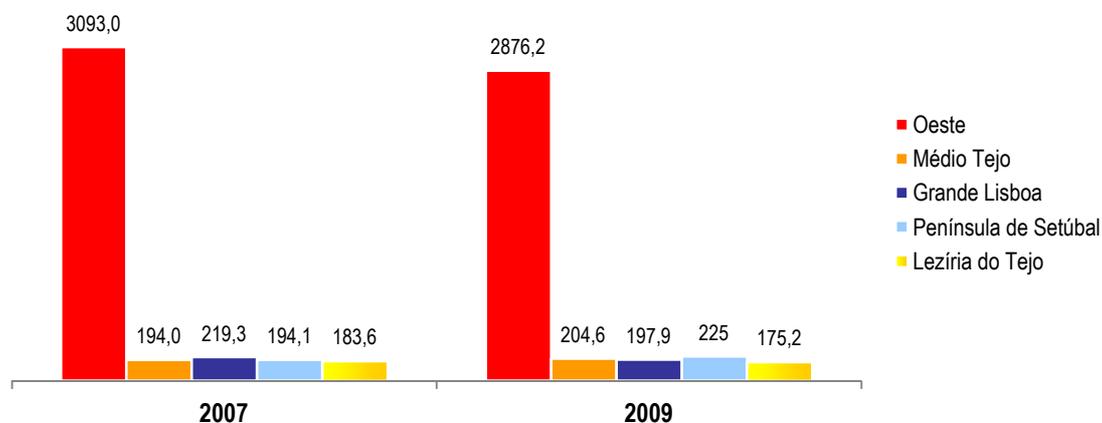
Figura 10 - Desempenho Regional  
Consumo de gás natural por mil habitantes (milhares Nm<sup>3</sup>)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia /ORLVT

Na análise sub-regional, o Oeste apresenta valores bastante mais elevados em relação às outras 4 sub-regiões, o que se deve essencialmente ao peso do consumo de gás pela central térmica do Carregado. Enquanto as sub-regiões da Grande Lisboa e Lezíria do Tejo diminuem no consumo de gás por mil habitantes, as sub-regiões do Médio Tejo e da Península de Setúbal registam um aumento no consumo desta energia.

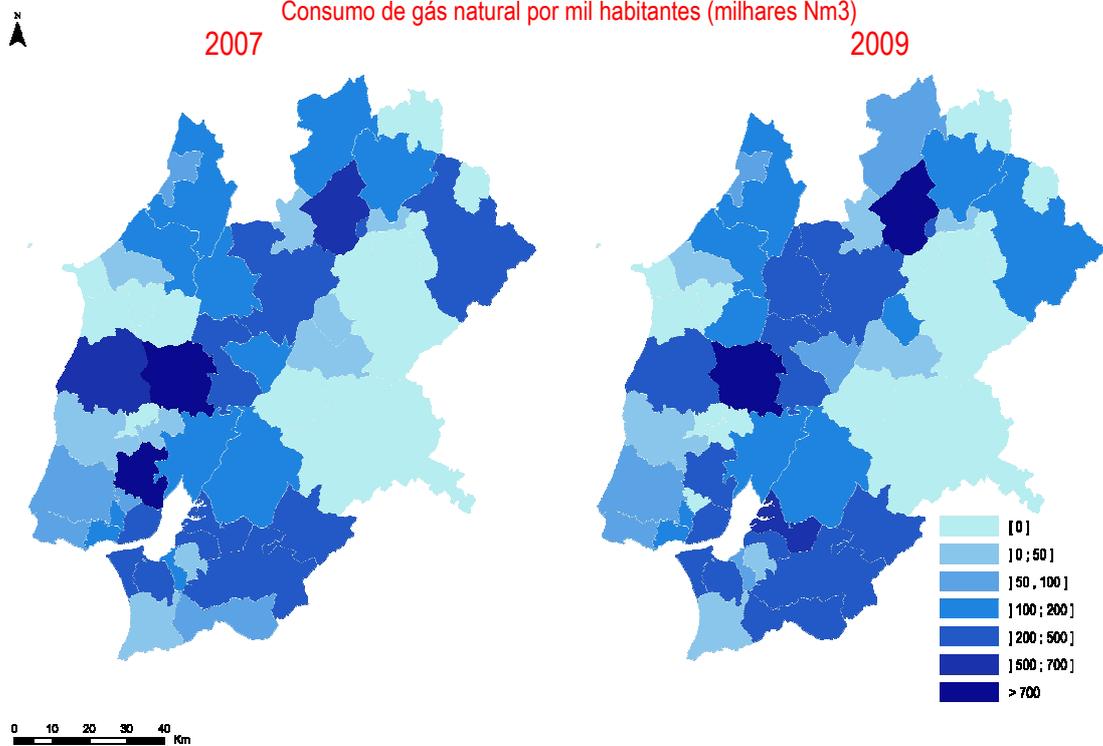
Figura 11 - Desempenho Sub-Regional  
Consumo de gás natural por mil habitantes (milhares Nm<sup>3</sup>)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia /ORLVT

Da análise concelhia observa-se que na Região Oeste são os concelhos de Alenquer (21.257 Nm<sup>3</sup>) e de Torres Vedras (402,2 Nm<sup>3</sup>) que apresentam o maior consumo de gás natural por mil habitantes, apesar de uma ligeira quebra registada em 2009. Como já referido, a existência no concelho de Alenquer da Central Térmica do Carregado explica este consumo elevado. Já no Médio Tejo, o concelho com maior consumo de gás é Torres Novas (804 Nm<sup>3</sup>), que aumentou de 2007 para 2009 cerca de 23%.

Figura 12 - Desempenho Concelhio  
Consumo de gás natural por mil habitantes (milhares Nm<sup>3</sup>)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia /ORLVT

### Quota da produção bruta de eletricidade por tipo de produção (%)

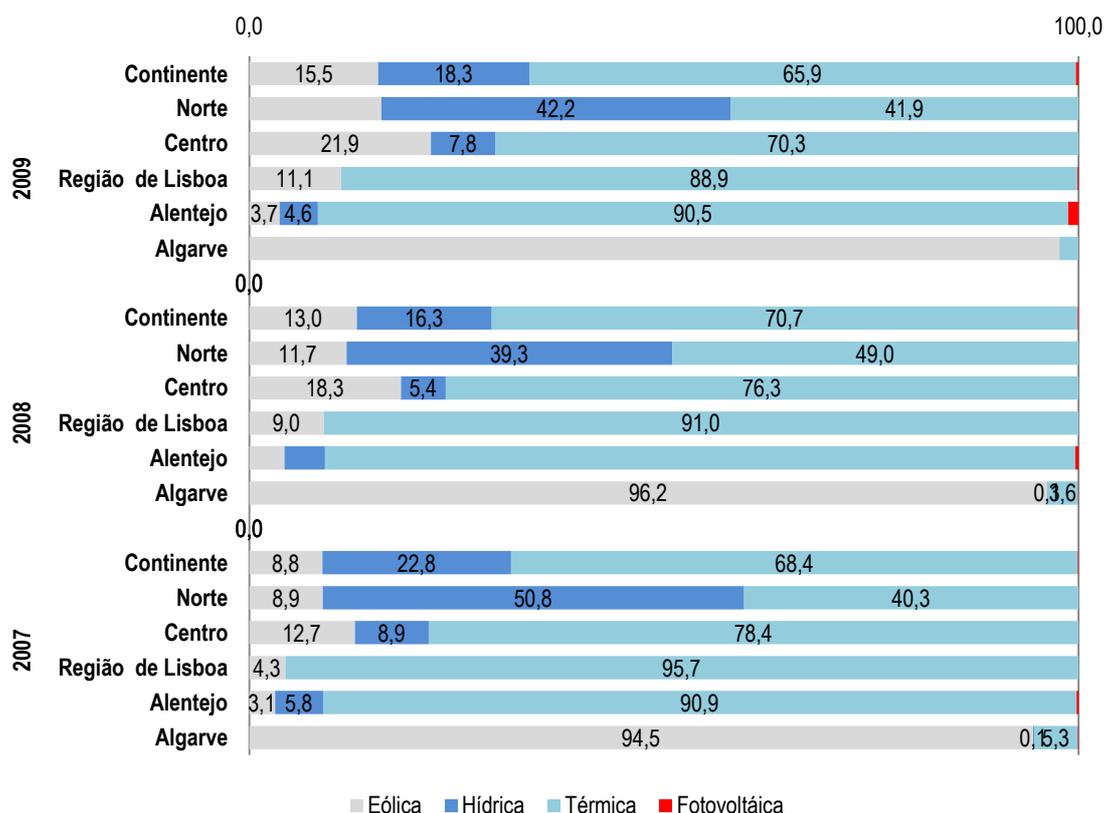
Quanto à produção de energia, podemos verificar a grande dependência, na Região de Lisboa, na utilização de combustíveis fósseis (carvão, fuelóleo e gás natural) para a produção de eletricidade por via térmica.

Regista-se contudo uma diminuição na produção de energia térmica no período de 2007 a 2009 e um aumento na produção de energia eólica de 4.3% para 11.1% em igual período de tempo.

No que se refere à produção de energia por via fotovoltaica, a Região de Lisboa apresenta em 2009 um valor de 0.1%, sendo o Alentejo a região com o valor mais elevado no Continente (1.2%), devido à instalação da Central Fotovoltaica de Moura.

O Norte é a região que apresenta maior produção de energia hídrica seguida do Centro, pois nestas regiões há uma maior densidade da rede hidrográfica, o que não acontece na Região de Lisboa, onde não há produção de energia hídrica. Salientamos aqui o Alentejo em que apresenta também alguma produção de eletricidade por via hídrica devido à infraestrutura do Alqueva.

Figura 13 - Desempenho Regional  
Quota da produção bruta de eletricidade por tipo de produção (%)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

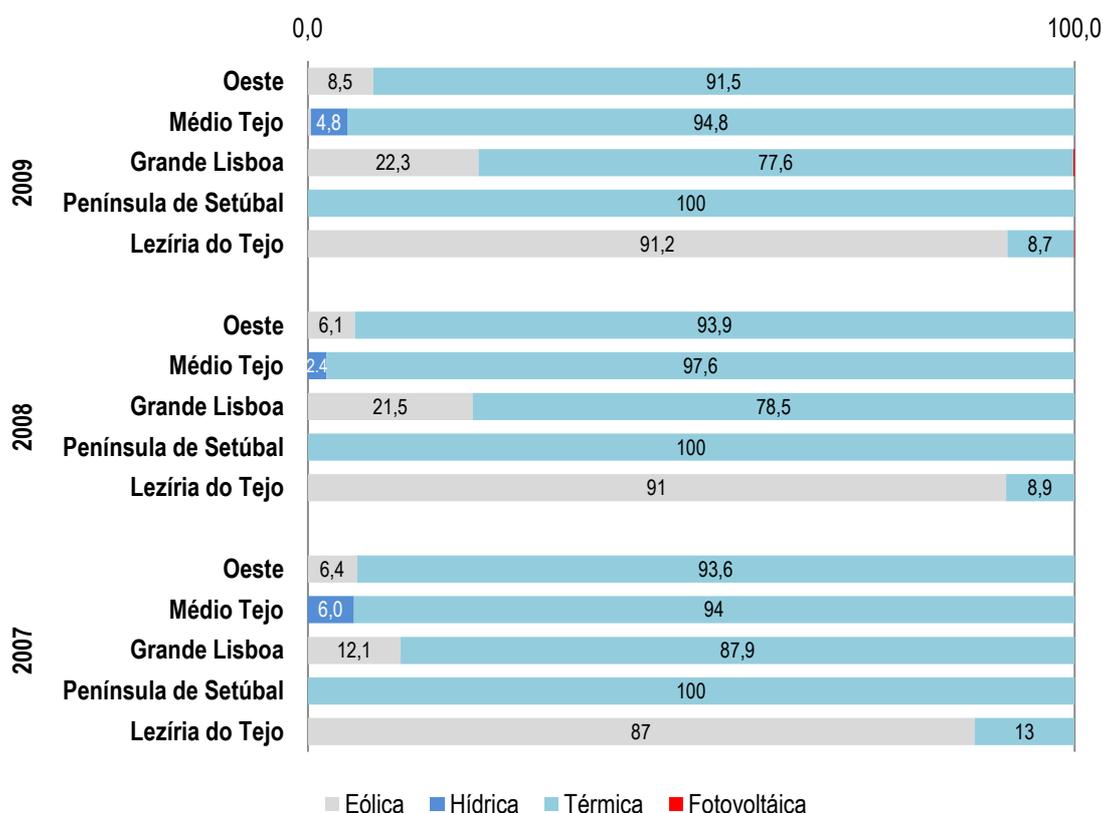
A nível da produção de energia hídrica, a RLVT apresenta em 2009 um valor de 1.4% de quota em relação ao total de energia produzida nesta região

Ao nível Sub-Regional, salienta-se o grande incremento na produção de energia eólica no período de 2007 a 2009 na Lezíria do Tejo (87% para 91.2%), na Grande Lisboa, (12.1% para 22.3%) e no Oeste, (6.4% para 8.5%). O ano de 2009 marca também o início da produção deste tipo de energia no Médio Tejo, atingindo uma quota de 0.4%. No respeitante à Península de Setúbal a produção deste tipo de energia é nula, dada a inexistência de infraestruturas eólicas neste território.

A nível sub-regional o Médio Tejo destaca-se pela importância que tem na produção da energia hídrica devido á barragem de Castelo do Bode, única fonte de produção deste tipo de energia em toda a Região.

A energia térmica tem uma importância relevante nas sub regiões do Médio Tejo ,Oeste e Península de Setúbal devido às infraestruturas termoelétricas existentes: Central Termoelétrica do Pego (Médio Tejo), Central Termoelétrica do Carregado (Oeste) e Central Termoelétrica de Setúbal .

**Figura 14 - Desempenho Sub-Regional**  
Quota da produção bruta de eletricidade por tipo de produção (%)

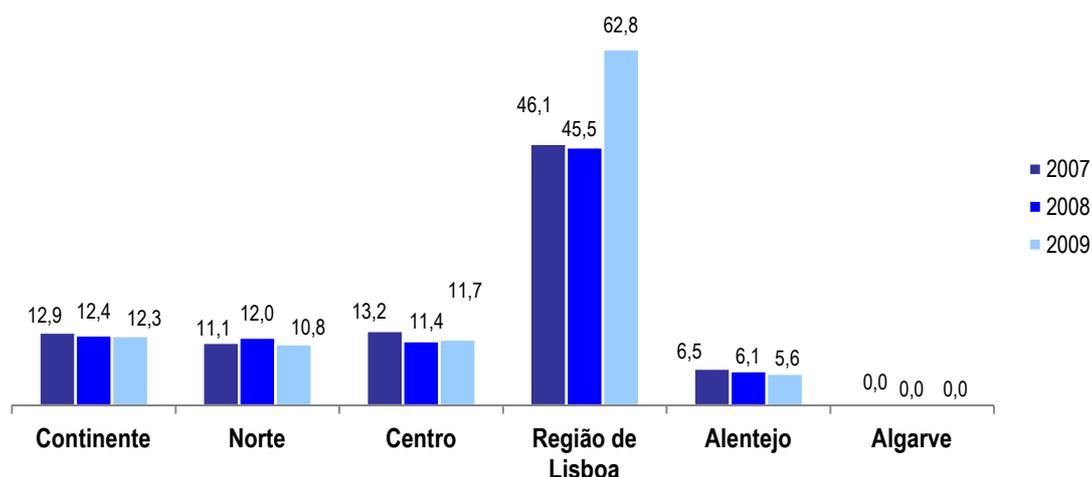


Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

### Quota de produção de eletricidade em centrais de cogeração (%)

A cogeração consiste no aproveitamento local do calor residual originado nos processos termodinâmicos de geração de energia elétrica que de outra forma se perderia. Verifica-se que a Região de Lisboa é a que apresenta valores mais elevados na produção deste tipo de energia devido a ser uma região com um nível industrial considerável no País.

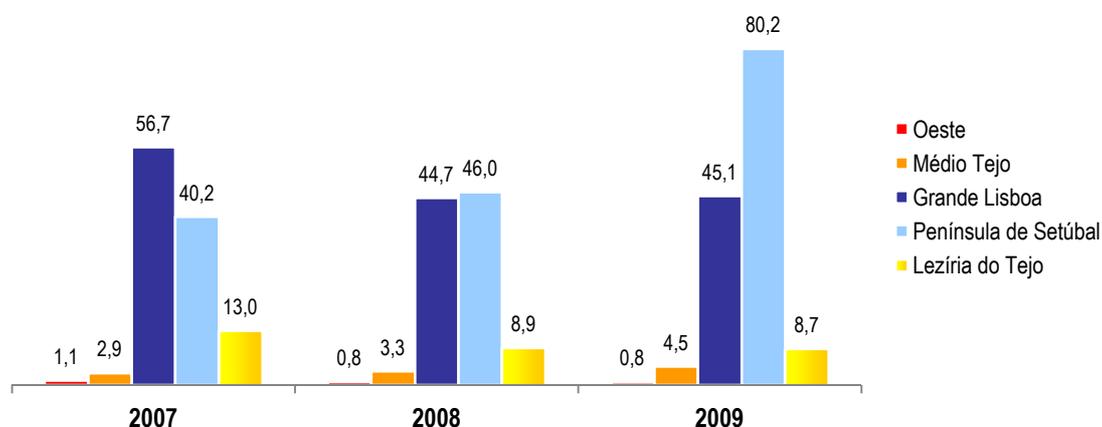
Figura 15 - Desempenho Regional  
Quota de produção de eletricidade em centrais de cogeração (%)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

A nível subregional, a Grande Lisboa e a Península de Setúbal destacam-se das outras sub-regiões quanto à produção de eletricidade por cogeração devido à grande proliferação industrial nestas regiões.

Figura 16 - Desempenho Sub-Regional  
Quota de produção de eletricidade em centrais de cogeração (%)



Fonte: INE, Direcção-Geral de Geologia e Energia

### 3.3.Ambiente

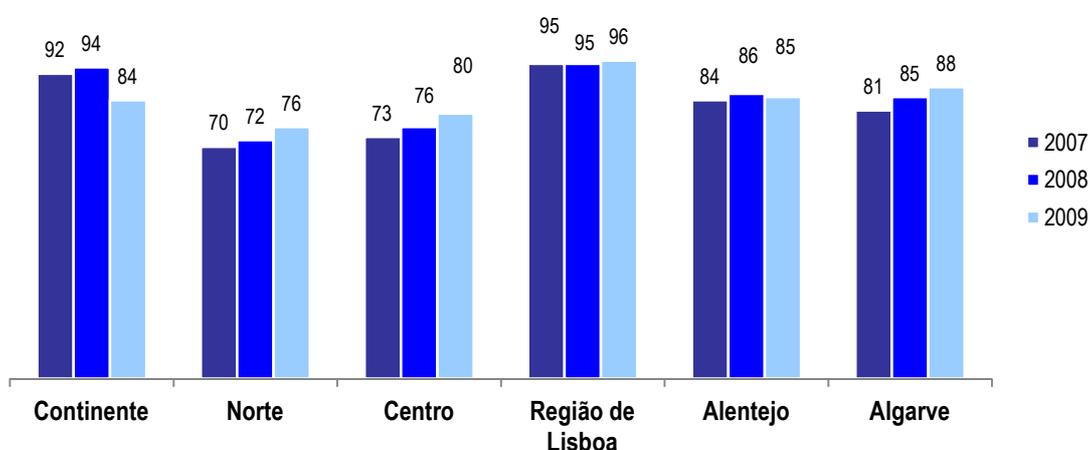
As questões ambientais aqui tratadas reportam-se essencialmente à água e à recolha e tratamento de resíduos sólidos urbanos. Mais de 90% da população que habita na Região de Lisboa encontra-se servida por sistemas de drenagem de águas residuais e mais de 80% por estações de tratamento. No entanto, registam-se ainda fortes disparidades entre as sub-regiões da RLVT, bem como entre concelhos, sendo o Médio e a Lezíria do Tejo as sub-regiões que ainda se encontram relativamente mais deficitárias nesta matéria.

A produção de resíduos sólidos urbanos continua a aumentar, em especial nas sub-regiões mais urbanas, o que é um indicador de pressão sobre o território

#### População servida por sistemas de drenagem de águas residuais (%)

A percentagem de população que é servida por sistemas de drenagem de águas residuais tem vindo a aumentar em todas as regiões desde 2007. A Região de Lisboa apresenta os valores mais elevados (96%) e superiores à média do Continente (84%) em 2009.

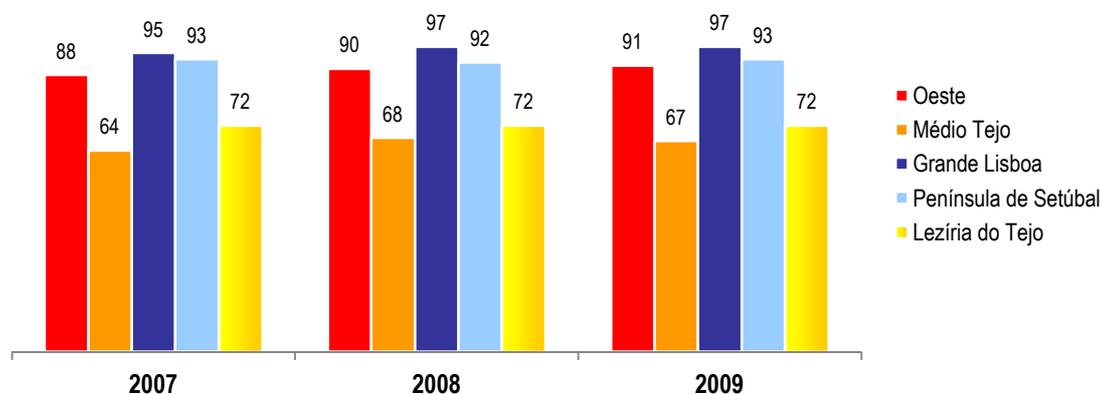
Figura 17 - Desempenho Regional  
População servida por sistemas de drenagem de águas residuais (%)



Fonte: INE, Inventário Nacional de Sistemas de Abastecimento de Água e de Águas Residuais | Vertente Física e de Funcionamento (INSAAR|VFF)

Pela figura 18 verifica-se que a nível sub-regional o Médio e a Lezíria do Tejo apresentam valores substancialmente inferiores aos das outras sub-regiões, pois estas são áreas mais ruralizadas onde existe uma maior dispersão do povoamento e é mais difícil a ligação à rede pública.

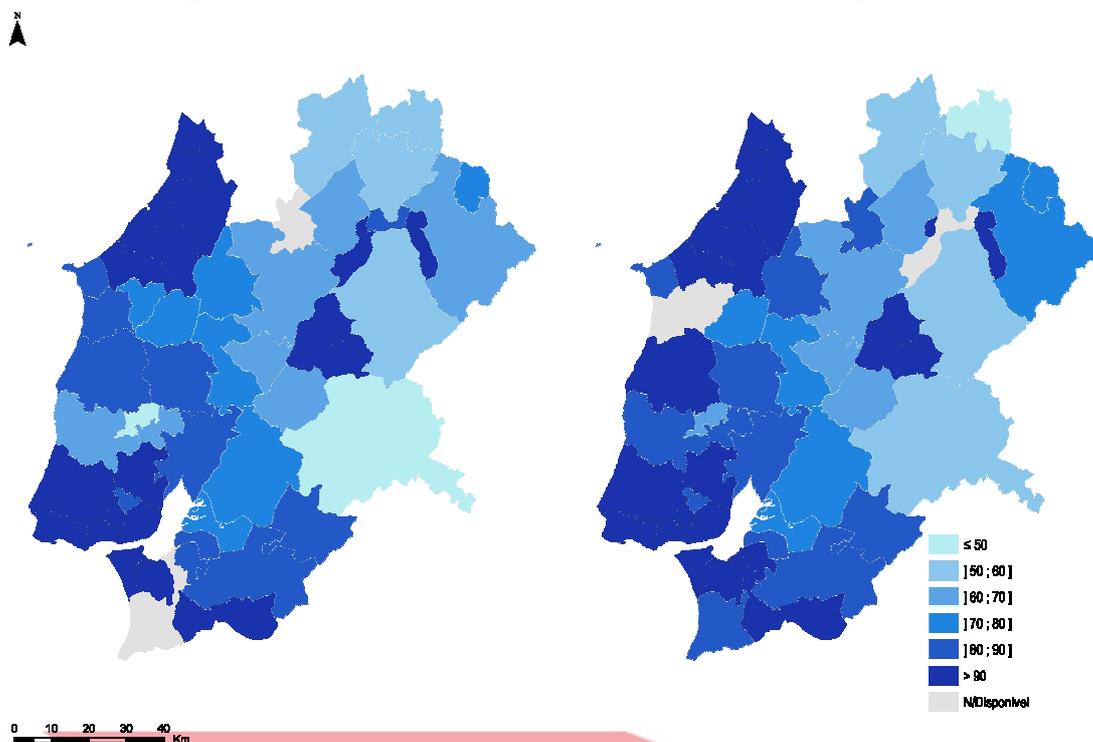
**Figura 18 - Desempenho Sub-Regional**  
População servida por sistemas de drenagem de águas residuais (%)



Fonte: INE, Inventário Nacional de Sistemas de Abastecimento de Água e de Águas Residuais | Vertente Física e de Funcionamento (INSAAR|VFF)

Pela análise concelhia podemos verificar que ainda se encontram municípios com uma cobertura abaixo da média regional em 2009. São os casos de Sobral de Monte Agraço (65%), Ourém (57%), Chamusca (52%) e Coruche (54%). Podemos também salientar o concelho de Arruda dos Vinhos que no período em análise teve um aumento de cobertura de 62% para 83% ao contrário de Ferreira do Zêzere que apresentou um retrocesso de 57% em 2007 para 21% em 2009

**Figura 19 - Desempenho Concelhio**  
População servida por sistemas de drenagem de águas residuais (%)  
2007 2009

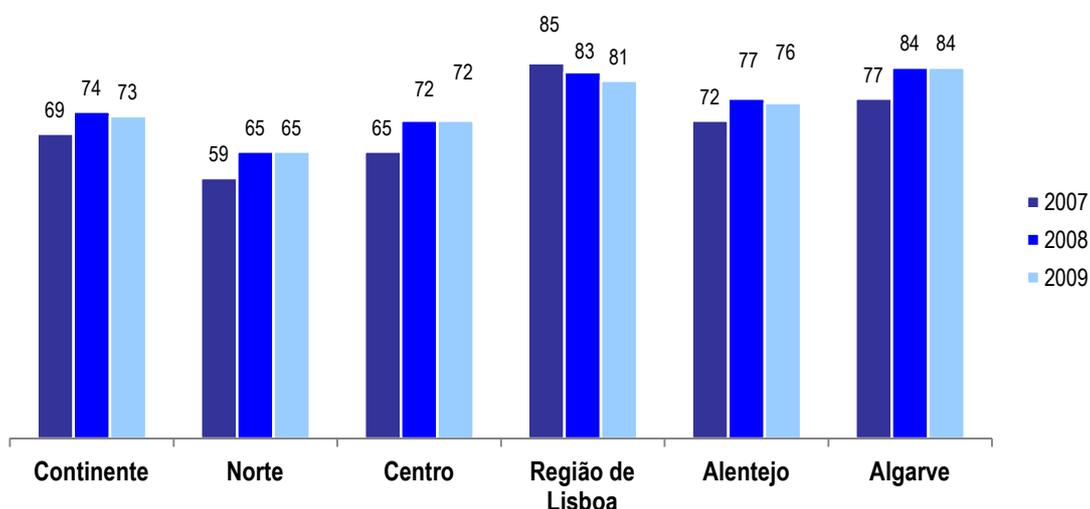


Fonte: INE, Inventário Nacional de Sistemas de Abastecimento de Água e de Águas Residuais | Vertente Física e de Funcionamento (INSAAR|VFF) / ORLVT

### População servida por estações de tratamento de águas residuais (ETAR) (%)

A Região de Lisboa e do Algarve são as que registam valores mais elevados de população servida por estações de tratamento de águas residuais. Estes valores tendem-se a aproximar aos do indicador anterior.

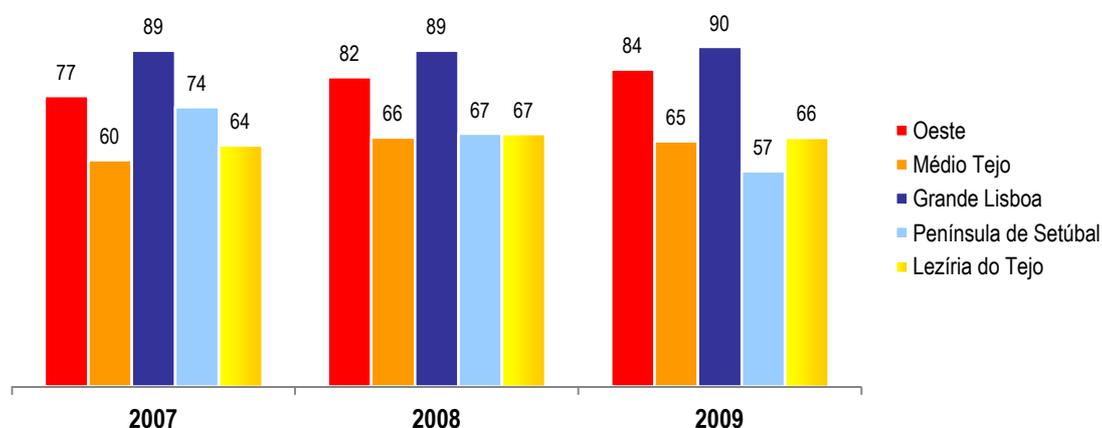
Figura 20 - Desempenho Regional  
População servida por estações de tratamento de águas residuais (ETAR) (%)



Fonte: INE, Inventário Nacional de Sistemas de Abastecimento de Água e de Águas Residuais | Vertente Física e de Funcionamento (INSAAR|VFF)

A sub-região da Grande Lisboa continua a destacar-se de forma positiva, atingindo o seu máximo em 2009 com uma cobertura de 90%. Destaca-se a diminuição registada na Península de Setúbal, que passa de 74% em 2007 para 57% em 2009, o que se pode dever ao aumento de novas construções ainda não ligadas às estações de tratamento de águas residuais.

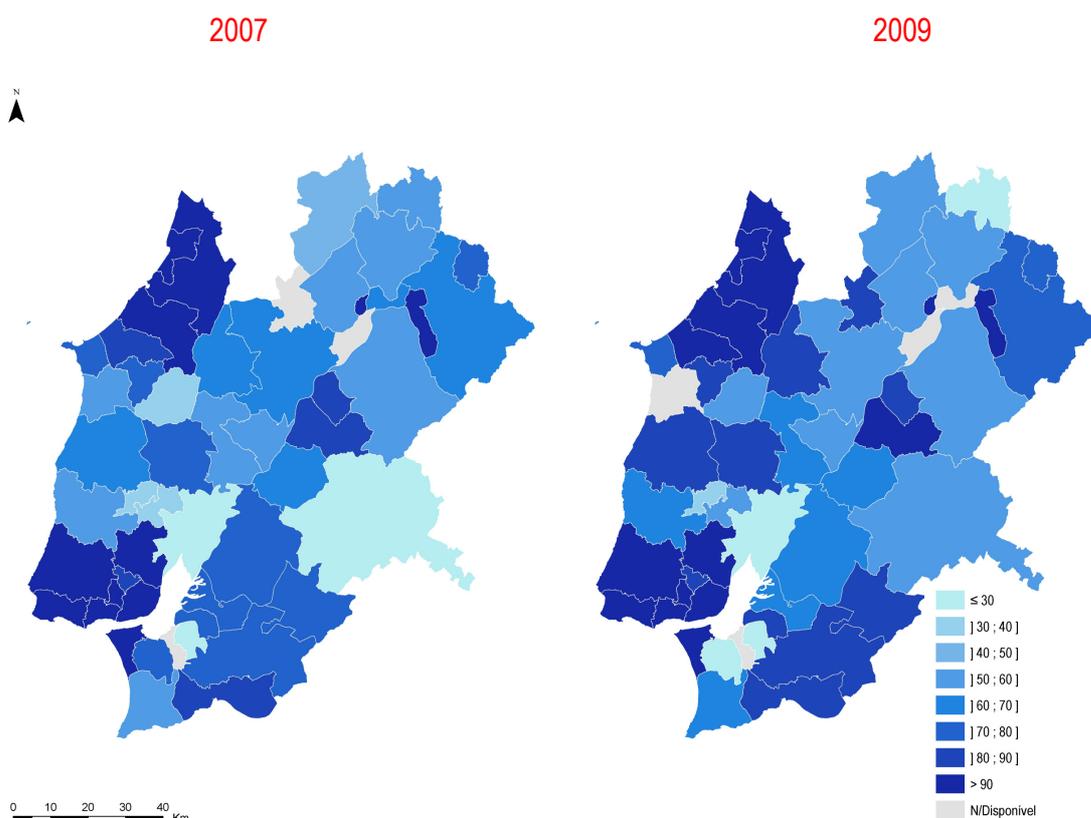
Figura 21 - Desempenho Sub-Regional  
População servida por estações de tratamento de águas residuais (ETAR) (%)



Fonte: INE, Inventário Nacional de Sistemas de Abastecimento de Água e de Águas Residuais | Vertente Física e de Funcionamento (INSAAR|VFF)

A melhoria da % de população servida por estações de tratamento de águas residuais foi muito significativa em toda a Região ao longo destes três anos. No entanto, destacam-se ainda algumas situações deficitárias registadas em alguns municípios em 2009, com valores inferiores a 40%: Ferreira do Zêzere (20%), Vila Franca de Xira (29%), Seixal (26%) e Moita (11%). Dada a inexistência de dados mais atualizados, não podemos deixar de referir que há alguns concelhos, que à data atual (2012), atingiram já valores mais elevados, dado terem sido concluídas novas estações de tratamento de águas residuais.

**Figura 22 - Desempenho Concelhio**  
População servida por estações de tratamento de águas residuais (ETAR) (%)

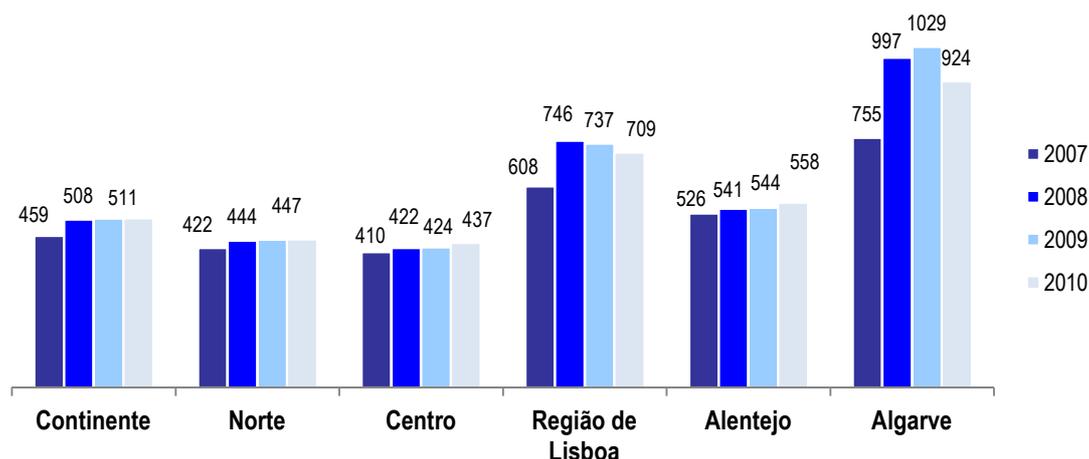


Fonte: INE, Inventário Nacional de Sistemas de Abastecimento de Água e de Águas Residuais | Vertente Física e de Funcionamento (INSAAR|VFF) / ORLVT

### Resíduos sólidos urbanos por habitante (Kg/hab)

O total de resíduos sólidos urbanos, por habitante, recolhidos anualmente na Região de Lisboa, revela um aumento, entre 2007 e 2010, na ordem dos 16,6% mantendo-se acima da média nacional (709 Kg/hab face aos 511 Kg/hab no continente).

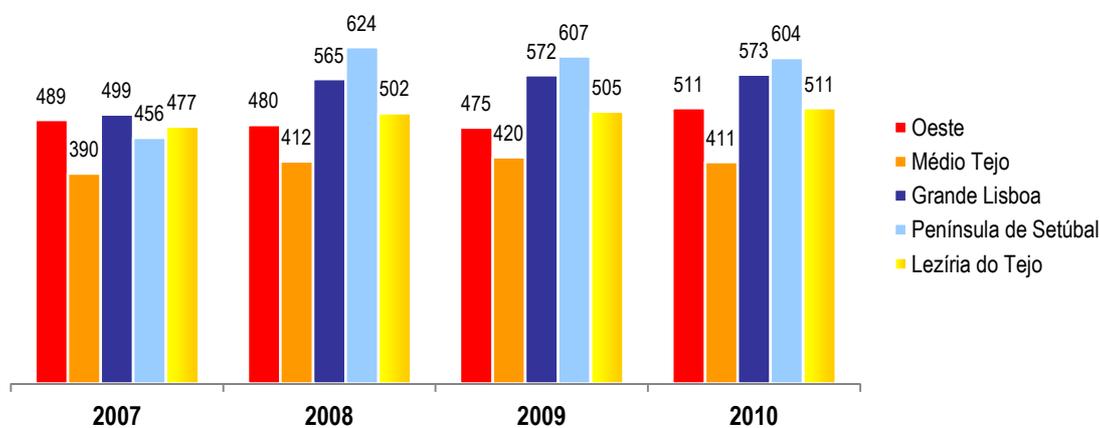
Figura 23 - Desempenho Regional  
Resíduos sólidos urbanos por habitante (Kg/hab)



Fonte: INE, Estatísticas dos Resíduos Municipais

A nível sub-regional, apesar do Médio Tejo continuar a apresentar as menores capitações de toda a Região, os RSU produzidos por habitante registam um aumento em todas as sub-regiões, no período em análise.

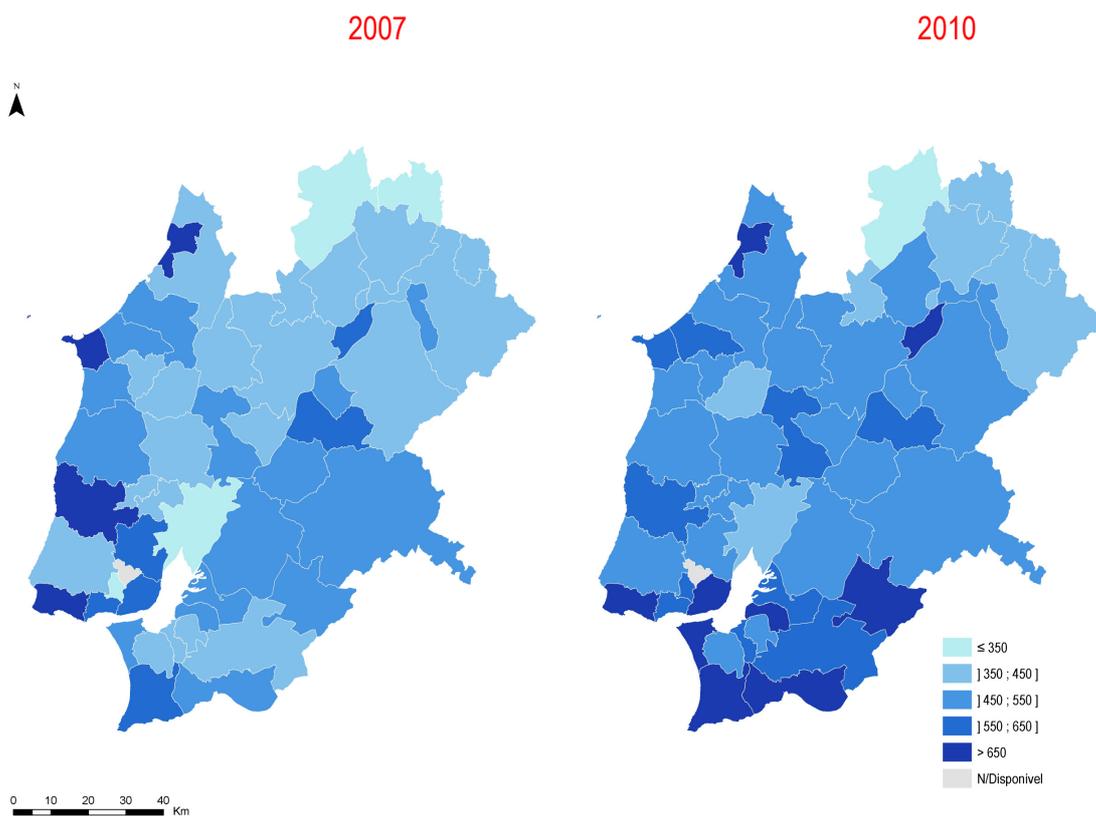
Figura 24 - Desempenho Sub-Regional  
Resíduos sólidos urbanos por habitante (Kg/hab)



Fonte: INE, Estatísticas dos Resíduos Municipais

A nível concelhio, verifica-se um aumento generalizado da produção de resíduos sólidos urbanos, contudo existem alguns municípios em que se verificou uma diminuição de 2007 para 2010, como é o caso de Cascais, que passa de 717Kg/hab para 697Kg/hab, de Loures 631Kg/hab para 488Kg/hab e de Mafra 840Kg/hab para 642Kg/hab.

Figura 25 - Desempenho Concelhio  
Resíduos sólidos urbanos por habitante (Kg/hab)

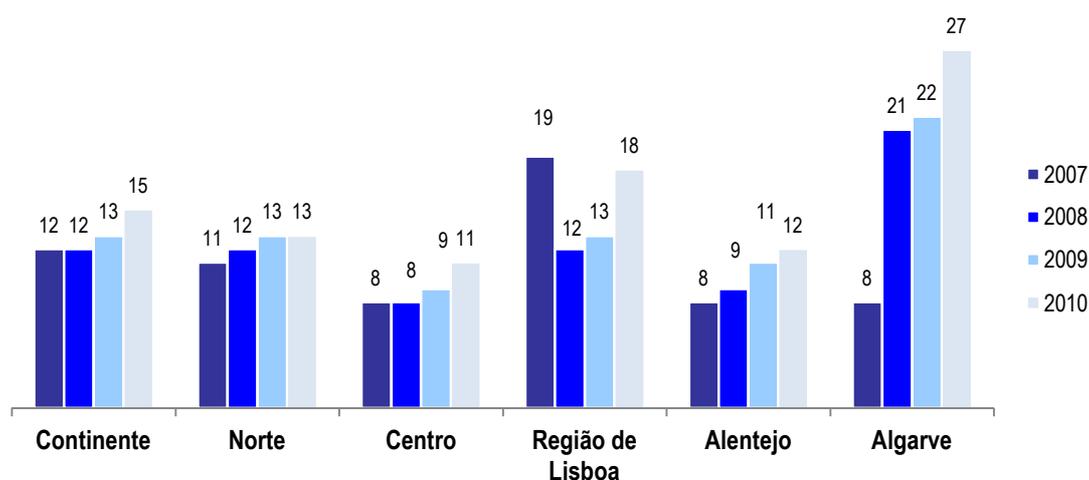


Fonte: INE, Estatísticas dos Resíduos Municipais / ORLVT

### Proporção de resíduos urbanos recolhidos seletivamente (%)

Tendo em conta a proporção de resíduos urbanos recolhidos seletivamente face ao total de resíduos recolhidos, a Região de Lisboa é a única região do continente que apresenta um ligeiro decréscimo, passando de 19% em 2007 para 18% em 2010. Lisboa mantém-se acima da média nacional e é a segunda região do Continente com maior percentagem de resíduos recolhidos seletivamente.

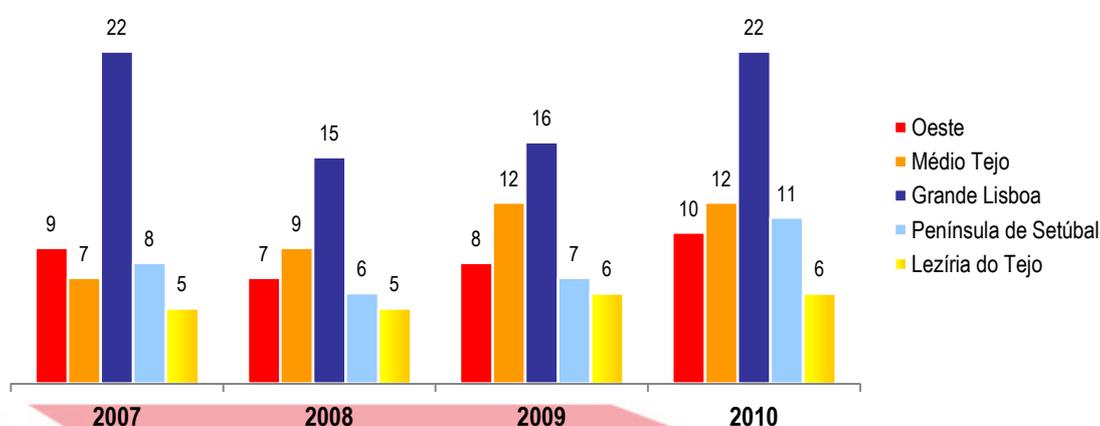
Figura 26 - Desempenho Regional  
Proporção de resíduos urbanos recolhidos seletivamente (%)



Fonte: INE, Estatísticas dos Resíduos Municipais

Ao nível sub-regional, a Grande Lisboa mantém o mesmo valor nos resíduos recolhidos seletivamente e continua a registar o valor mais elevado de reciclagem de RSU no contexto regional enquanto as outras sub-regiões apresentam um ligeiro aumento para igual período.

Figura 27 - Desempenho Sub-Regional  
Proporção de resíduos urbanos recolhidos seletivamente (%)



Fonte: INE, Estatísticas dos Resíduos Municipais

Apesar da melhoria registada entre 2007 e 2010 nas várias sub-regiões, alguns municípios apresentam taxas de resíduos urbanos recolhidos seletivamente muito inferiores à média regional.

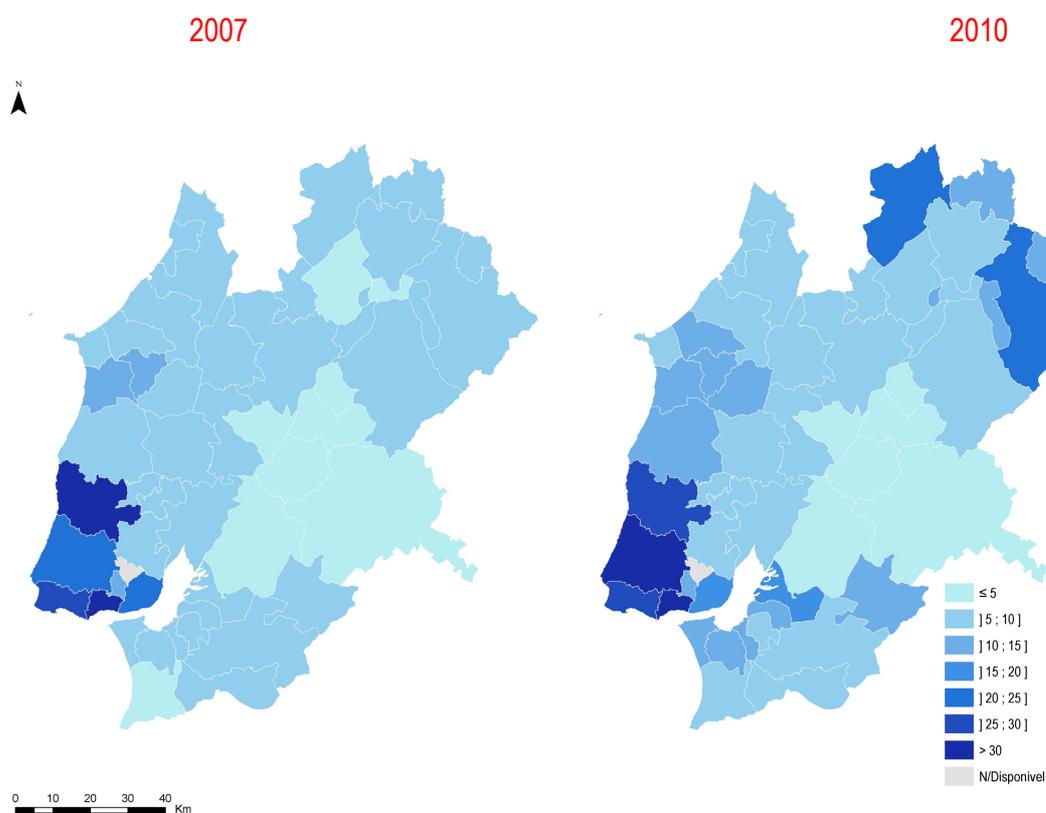
Destaca-se em especial a Lezíria do Tejo, em que um número significativo de concelhos não ultrapassa os 5% (Almeirim, Alpiarça, Cartaxo, Coruche, Benavente, e Salvaterra).

No Oeste a proporção de recolha de seletiva situa-se entre os 6 e os 15%, evidenciando-se a Nazaré por ser o concelho que apresenta o valor mais baixo da sub-região, cerca de 6%. A AML Norte sobressai por apresentar os valores mais positivos da Região.

Na Península de Setúbal a situação mais deficitária é a da Moita e Setúbal com apenas 7% dos seus resíduos a serem recolhidos seletivamente em 2010.

No Médio Tejo relevam Abrantes e Ourém que recolhem seletivamente cerca de 21% dos RSU.

**Figura 28 - Desempenho Concelhio**  
Proporção de resíduos urbanos recolhidos seletivamente (%)

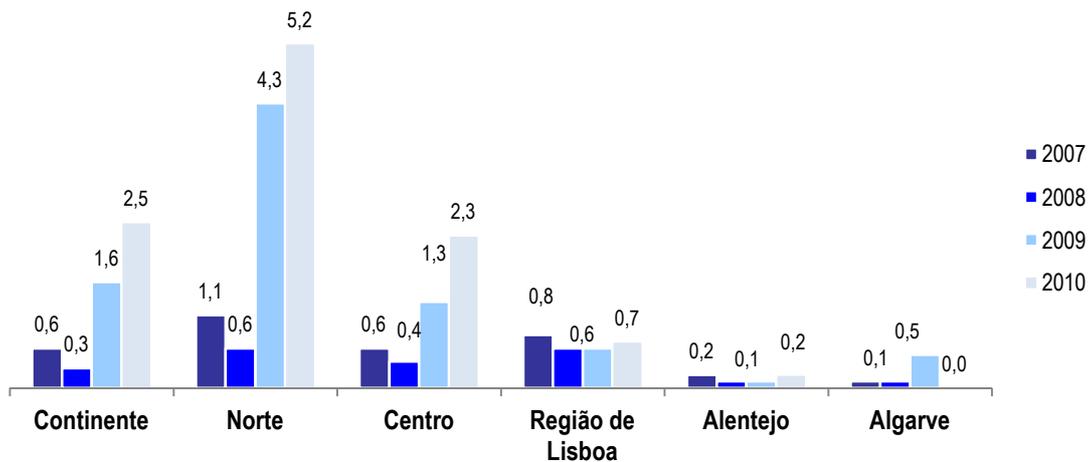


Fonte: INE, Estatísticas dos Resíduos Municipais / ORLVT

### Taxa de superfície florestal ardida (%)

Este indicador apenas revela a percentagem de superfície florestal ardida entre 2007 e 2010, não permitindo tecer significativas interpretações sobre este problema que afeta todos os verões o território nacional. De facto, a RLVT registou um decréscimo entre os anos em análise, possivelmente em resultado quer de uma maior exploração económica da floresta na Região quer da ausência de manifestações de despovoamento e abandono do território.

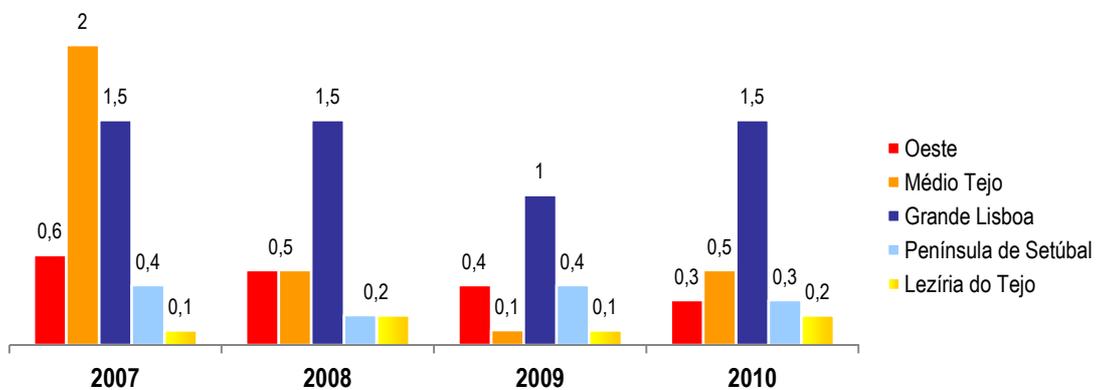
Figura 29 - Desempenho Regional  
Taxa de superfície florestal ardida (%)



Fonte: Autoridade Florestal Nacional

A nível sub-regional, o Médio Tejo e a Grande Lisboa foram os mais afetados em 2007, ardendo, respetivamente, 2% e 1,5% das suas superfícies florestais, no entanto, em 2010, as sub-regiões vêm decrescer os incêndios dos seus territórios, à exceção da Grande Lisboa que mantém o mesmo valor.

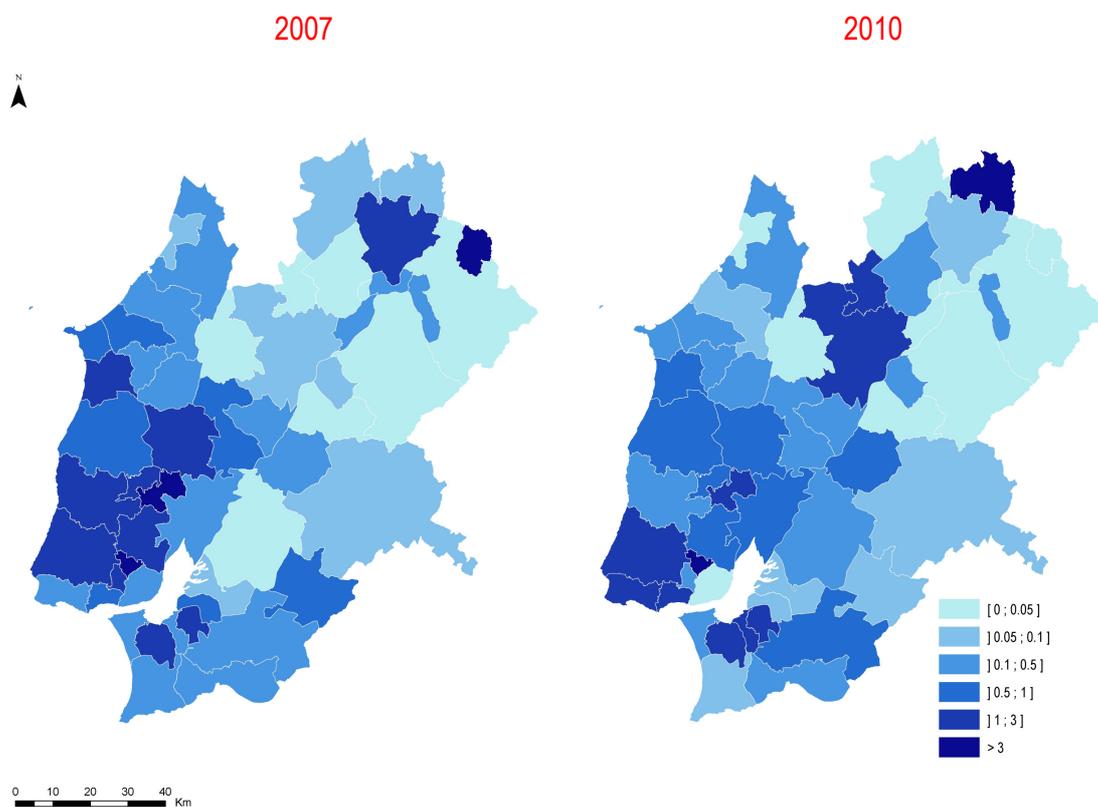
Figura 30 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de superfície florestal ardida (%)



Fonte: Autoridade Florestal Nacional

De forma geral, em 2010, todos os municípios foram menos afetados por incêndios nas suas manchas florestais. Destaque para o concelho do Sardoal onde, em 2007, ardeu cerca de 35% da superfície florestal.

Figura 31 - Desempenho Concelhio  
Taxa de superfície florestal ardida (%)



Fonte: Autoridade Florestal Nacional / ORLVT

### 3.4 Ordenamento

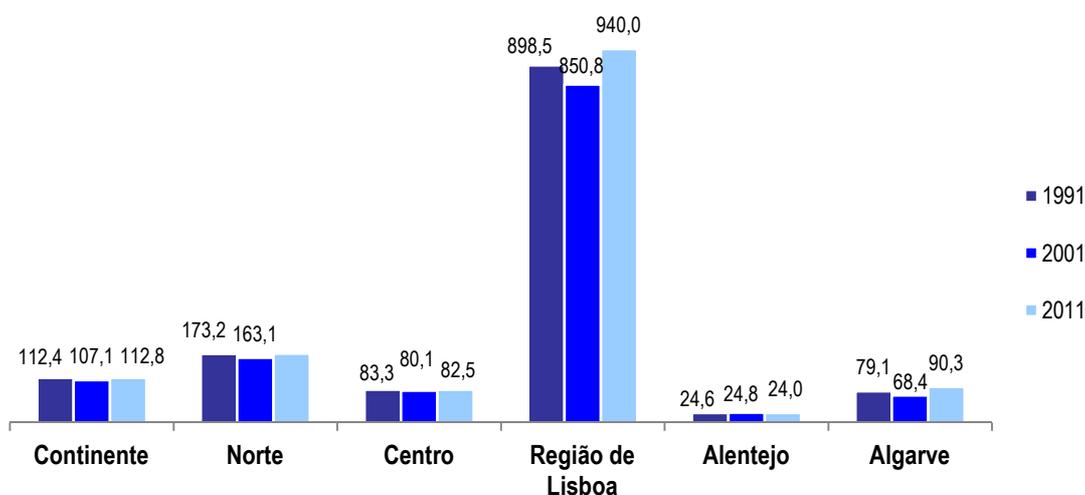
Ao nível do ordenamento, os indicadores selecionados continuam a revelar uma forte concentração populacional nas regiões urbanas, com uma densidade populacional na Grande Lisboa a atingir, em 2011, os 1483.5 habitantes por Km<sup>2</sup>, e onde cerca de 50% reside em centros urbanos com mais de 10.000 habitantes. Já nas sub-regiões mais ruralizadas, a densidade é inferior à média nacional, com apenas cerca de 16% da população a residir em centros urbanos com mais de 10.000 habitantes (Médio e Lezíria do Tejo).

Apesar do número de fogos construídos para habitação familiar ter diminuído no período em análise, a proporção de reabilitações face aos fogos construídos é muito insuficiente, registando-se uma quebra neste indicador ao longo dos anos em análise.

#### Densidade populacional (hab./km<sup>2</sup>)

A Região de Lisboa é a região com a maior concentração populacional do país. A densidade populacional assume valores que são praticamente nove vezes superiores à média do Continente. Evidencia-se a tendência para a concentração da população nas áreas urbanas.

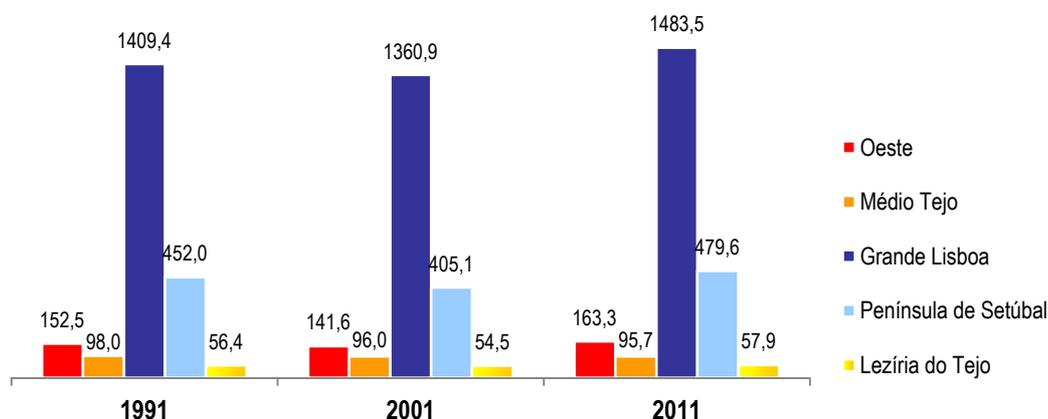
Figura 32 - Desempenho Regional  
Densidade populacional (hab./km<sup>2</sup>)



Fonte: INE, Censos de 2011 – dados provisórios

Também na análise intrarregional se verifica a forte tendência de concentração populacional nas áreas urbanas. As disparidades intrarregionais são ainda muito acentuadas. Num primeiro nível, destaca-se a sub-região da Grande Lisboa, com valores próximos do triplo daqueles que se verificam para a sub-região da Península de Setúbal. Por sua vez, as sub-regiões mais ruralizadas apresentam valores muito inferiores aos registados na Península de Setúbal. Saliente-se a grande discrepância do Médio e da Lezíria do Tejo em relação às outras sub-regiões que, inclusivamente, têm uma densidade inferior à média do Continente. No entanto, em termos evolutivos, a densidade populacional teve um crescimento pouco significativo de 1991 a 2011.

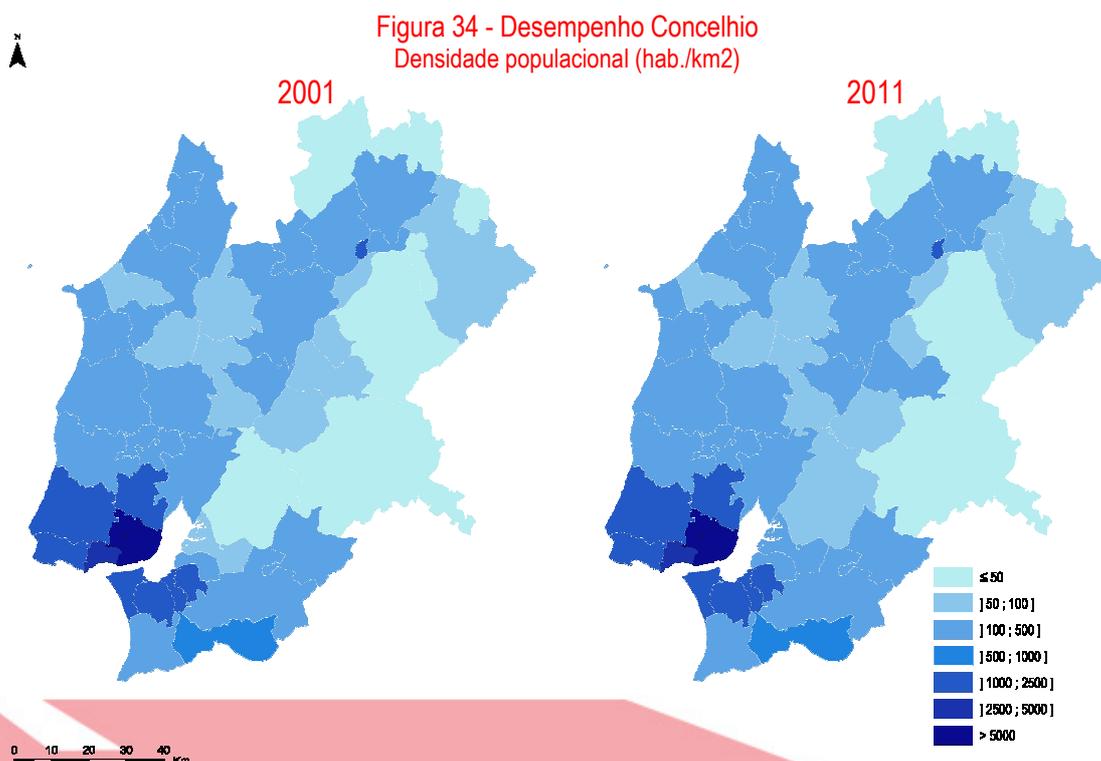
Figura 33 - Desempenho Sub-Regional  
Densidade populacional (hab./km<sup>2</sup>)



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

A densidade populacional aumenta em todos os concelhos do Oeste no período em referência, sendo Peniche, com 357.9 habitantes por Km<sup>2</sup>, o município com o valor mais elevado em 2011. Já no Médio Tejo destaca-se o Entroncamento, um dos concelhos com menor área, mas que concentra mais de 1.471 habitantes por Km<sup>2</sup>. Na Grande Lisboa são os concelhos da Amadora com 7.363, Odivelas com 5.484, Lisboa com 6.447 que apresentam maior densidade populacional. Na Península de Setúbal são os concelhos de Almada com 2.478, Barreiro com 2.164 e Seixal com 1.657 que assumem essa posição nesta sub-região. Por fim, na Lezíria do Tejo, é o concelho do Cartaxo, com o valor de 154,6 habitantes por Km<sup>2</sup>, que se destaca nesta sub-região.

Com os níveis mais baixos de densidade populacional apresentam-se os concelhos de Ourém, Ferreira do Zêzere, Sardoal, Chamusca e Coruche, revelando os efeitos da interioridade.



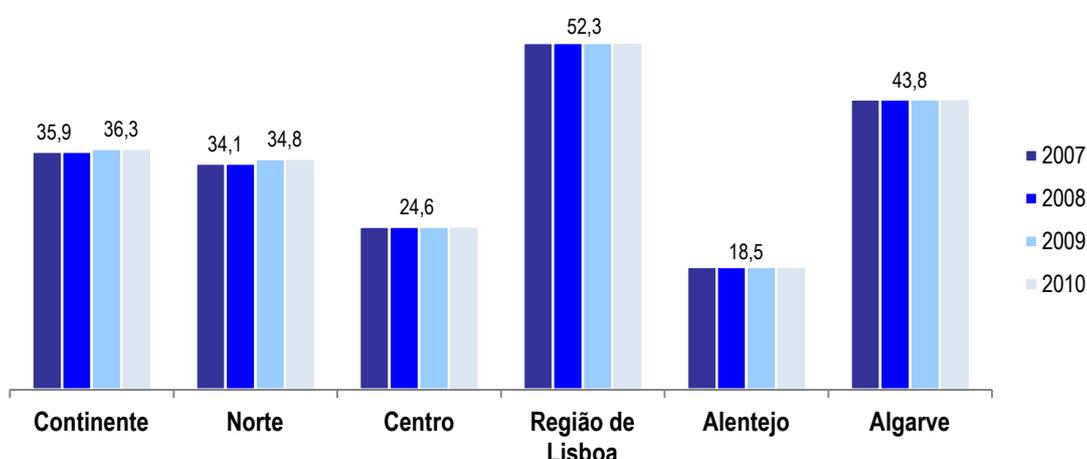
Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

### População residente em centros urbanos com mais de 10 mil habitantes (%)

Também este indicador confirma a tendência para a concentração populacional nas áreas urbanas de maior dimensão. A Região de Lisboa é pautada pelo facto de mais de 50% da população residir em centros urbanos com mais de dez mil habitantes, valor superior à média nacional.

É a região do Norte que regista um aumento do número de pessoas a residir em centros urbanos com mais de 10.000 habitantes no período em análise, em oposição às restantes regiões que manifestam uma tendência de manutenção.

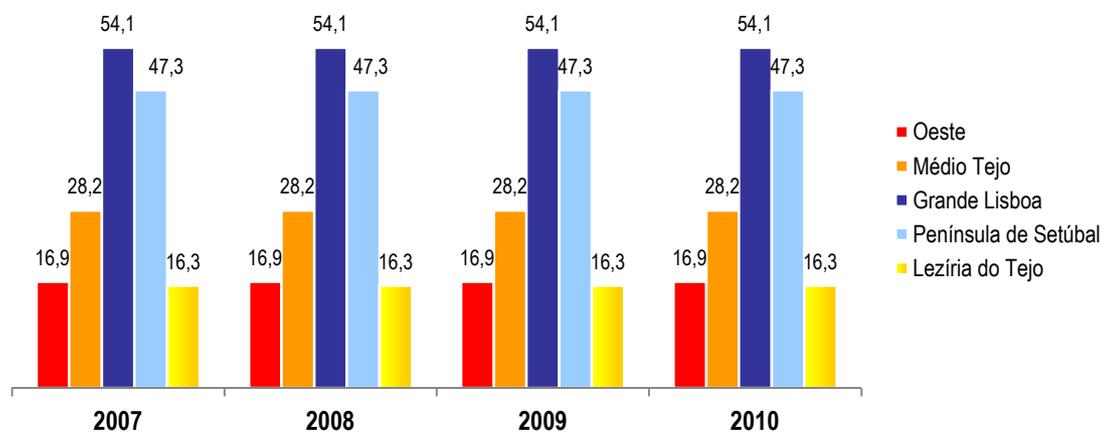
Figura 35 - Desempenho Regional  
População residente em centros urbanos com mais de 10 mil habitantes (%)



Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

A RLVT apresenta valores ligeiramente mais baixos que a Região de Lisboa, porém, ainda mais elevados que a média nacional, sendo que é acompanhada com valores similares pelo Algarve. Ao nível sub-regional, repete-se a tendência manifestada na análise da densidade populacional, isto é, nas sub-regiões mais ruralizadas apenas cerca de 16% da população reside em centros urbanos com mais de 10 mil habitantes. De salientar o comportamento dissonante do Oeste. Se por um lado esta sub-região tem uma densidade populacional superior à do Continente, por outro lado, a proporção da população que reside em centros urbanos com mais de 10 mil habitantes fica abaixo dessa média, evidenciando uma tendência para uma forte dispersão habitacional nesta sub-região.

Figura 36 - Desempenho Sub-Regional  
População residente em centros urbanos com mais de 10 mil habitantes (%)

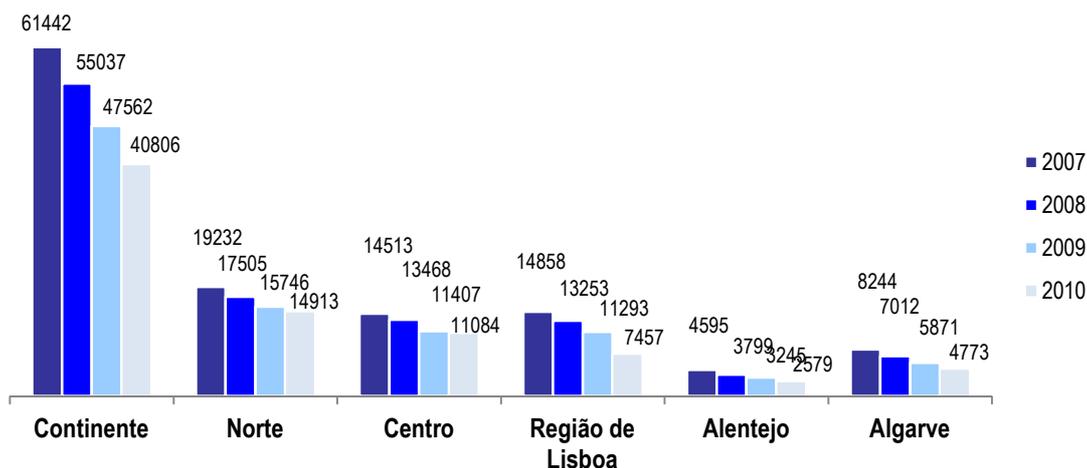


Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação

### Fogos concluídos em construções novas para habitação familiar (N.º)

Em todas as regiões do continente tem-se registado uma tendência contínua de decréscimo do número de fogos novos destinados a habitação. A Região de Lisboa reduziu, de 2007 para 2010, para metade o número de novos fogos construídos, respetivamente de 14858 para 7457.

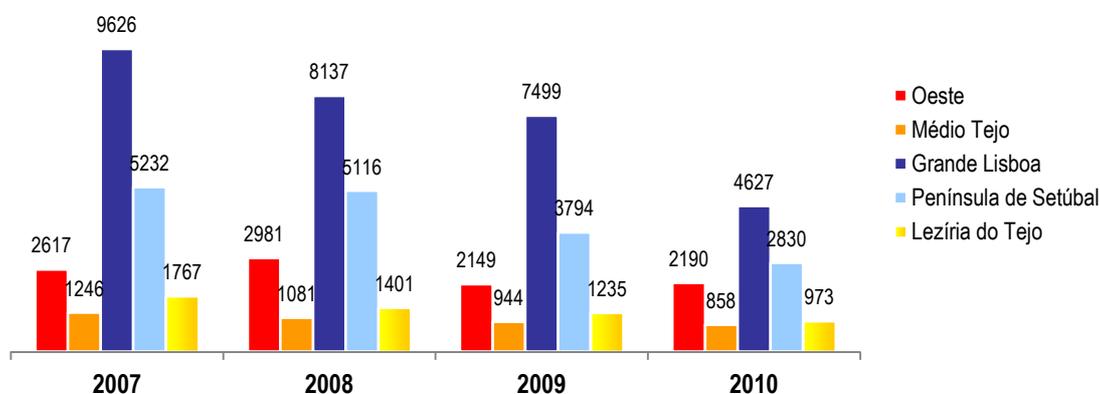
Figura 37 - Desempenho Regional  
Fogos concluídos em construções novas para habitação familiar (N.º)



Fonte: INE, Estatísticas das Obras Concluídas

A nível sub-regional todas as NUTS III da RLVT viram decrescer neste últimos anos a construção de novos fogos, tendo esse decréscimo sido mais significativo na Grande Lisboa e na Península de Setúbal.

Figura 38 - Desempenho Sub-Regional  
Fogos concluídos em construções novas para habitação familiar (N.º)

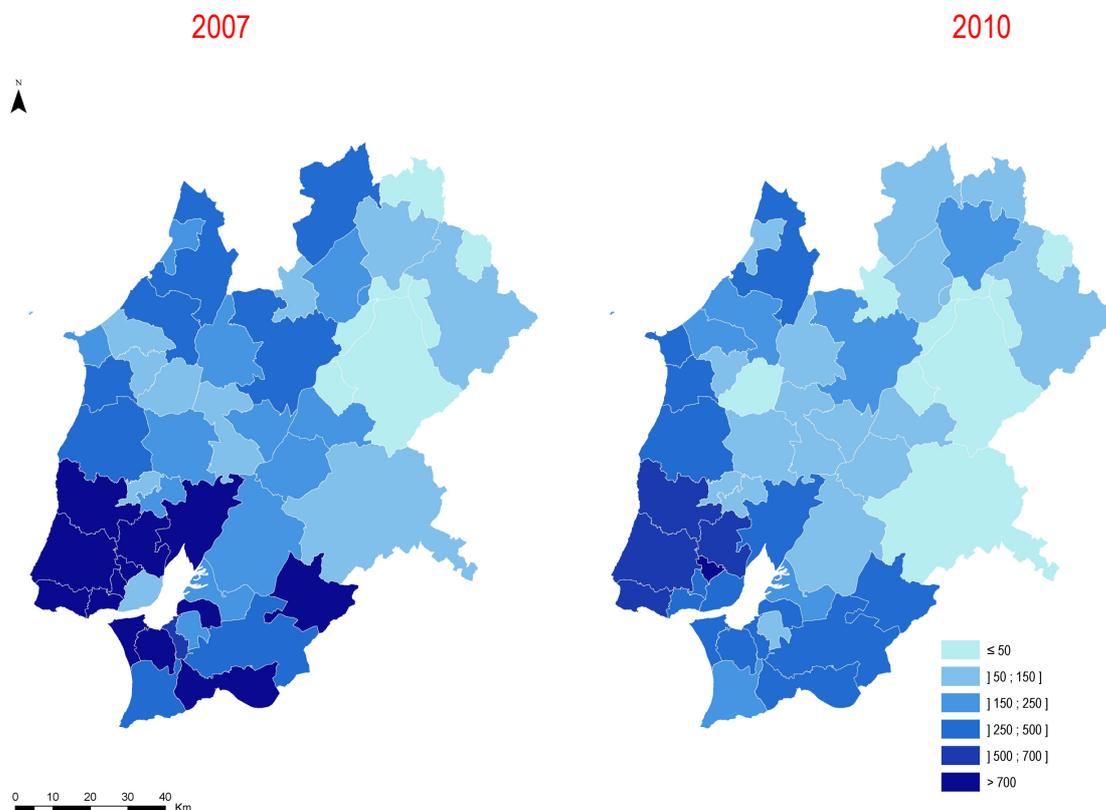


Fonte: INE, Estatísticas das Obras Concluídas

Verifica-se uma diminuição em todos os municípios da RLVT, quanto ao número de fogos novos construídos para habitação no período de 2007 a 2010. Houve apenas 9 concelhos na RLVT com mais fogos construídos em 2010 do que em 2007: Lisboa que passou de 86 em 2007 para 353 em 2010, Palmela (263 para 376), Peniche (229 para 277), Tomar (117 para 160), Abrantes (119 para 122), Ferreira do Zêzere (43 para 61), Lourinhã (258 para 283), Óbidos (144 para 162) e Sobral de Monte Agraço (63 para 94).

Os concelhos com maior número de fogos construídos em 2010 foram: Odivelas (767), Loures (531) Cascais (646) e Sintra (633). São os concelhos da Grande Lisboa que revelam um maior dinamismo no sector da construção. Já os concelhos que menos construíram foram: Golegã (16), Sardoal (9), Chamusca (28), Alpiarça (21), Vila Nova da Barquinha (23) e Constância (14).

**Figura 39 - Desempenho Concelhio**  
Fogos concluídos em construções novas para habitação familiar (N.º)



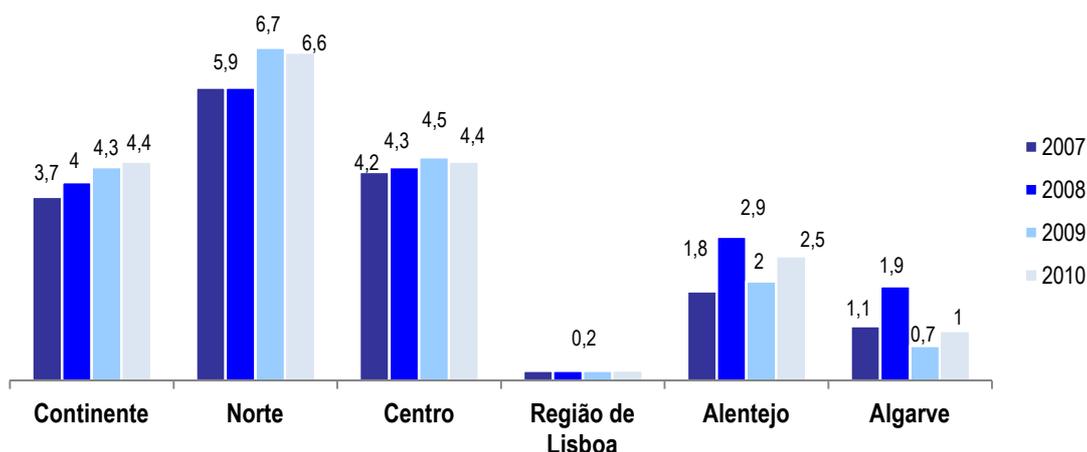
Fonte: INE, Estatísticas das Obras Concluídas / ORLVT

### Reconstruções concluídas por 100 construções novas concluídas (Nº)

As prioridades definidas nos Planos Regionais de Ordenamento do Território que estão em vigor na Região, de contenção da expansão urbana e combate à edificação dispersa, não têm ainda reflexos na realidade imobiliária. Ao nível das reconstruções e reabilitação do edificado da Região, os valores estão ainda muito abaixo do desejado. Este facto evidencia que, apesar da estabilização demográfica, o mercado imobiliário continua a apostar maioritariamente na construção nova. Esta realidade conduz a duas situações distintas: a expansão urbana contínua, embora não se evidencie tendência de grande crescimento populacional; e a degradação e consequente abandono do edificado existente em várias áreas urbanas.

A Região de Lisboa continua, a par do Algarve, a apresentar os valores inferiores à média do Continente, sendo o Norte e Centro as regiões com valores mais elevados de reabilitação do património edificado. Constatam-se que não tem havido uma aposta nestes últimos anos na reconstrução.

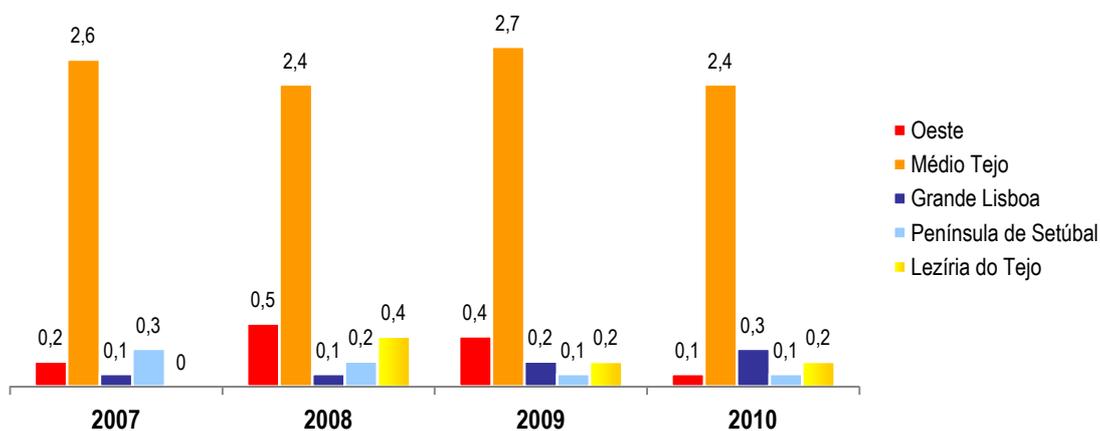
Figura 40 - Desempenho Regional  
Reconstruções concluídas por 100 construções novas concluídas (Nº)



Fonte: INE, Estatísticas das Obras Concluídas

Ao nível Sub-Regional é de salientar o comportamento do Médio Tejo, que se apresenta como a sub-região que atinge os valores mais elevados, tendo as outras sub-regiões apresentado ganhos e perdas pouco acentuados

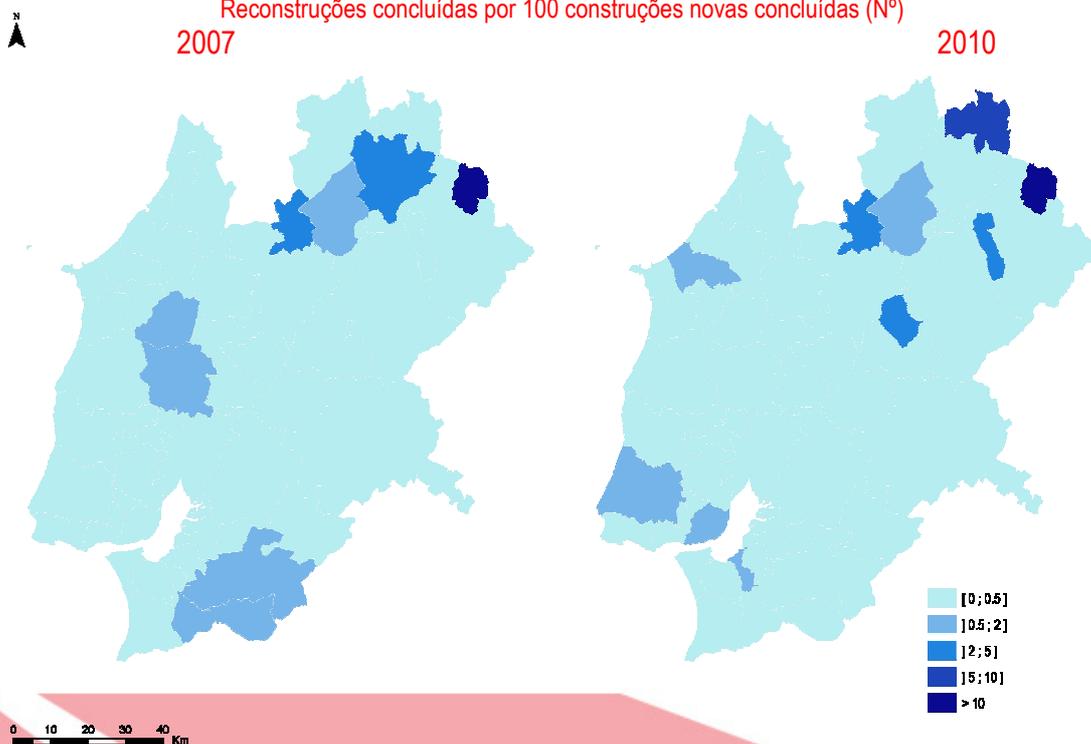
**Figura 41 - Desempenho Sub-Regional**  
Reconstruções concluídas por 100 construções novas concluídas (Nº)



Fonte: INE, Estatísticas das Obras Concluídas

A sub-região do Médio Tejo foi em que a construção de novos fogos para habitação, ao longo do período em análise, foi menos significativa, e portanto também aquela em que a reconstrução teve maior representatividade. São os municípios de Ferreira do Zêzere (7.1) e Sardoal (45.5) que apresentam o maior número de reconstruções por cada 100 construções novas em 2010. No entanto, a reabilitação do edificado decaiu na maioria dos municípios nestes últimos anos.

**Figura 42 - Desempenho Concelhio**  
Reconstruções concluídas por 100 construções novas concluídas (Nº)



Fonte: INE, Estatísticas das Obras Concluídas / ORLVT

### Processos de revisão dos PDM na RLVT

O estado do ordenamento do território é predominantemente influenciado pela aplicação e diretrizes contidas nos instrumentos de gestão territorial que são os PDM. Nesse sentido considerou-se pertinente fazer uma avaliação do ponto de situação dos processos de revisão dos PDM na Região, averiguando como a mesma se apresenta no processo de transição da primeira para a segunda geração de PDM.

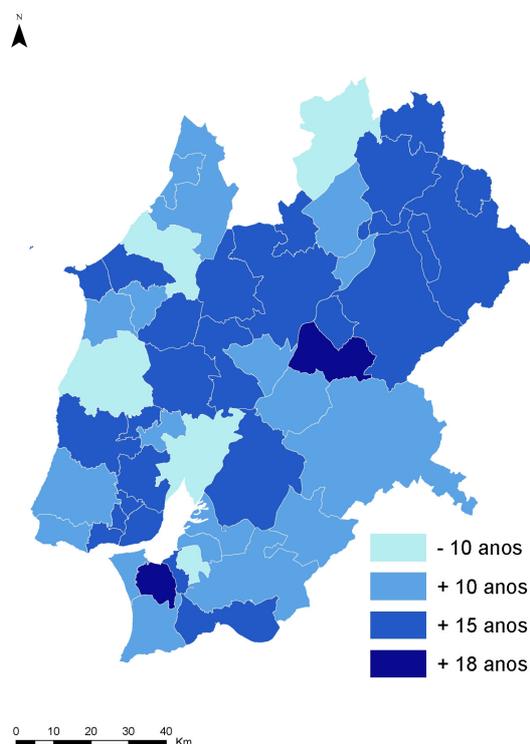
Salienta-se que este ponto de situação reporta a Fevereiro de 2012.

O tempo de vigência dos PDM foi baseado em quatro períodos temporais distintos: os PDM que são eficazes há menos de dez anos (publicados depois de dezembro de 2001); os PDM com mais de dez anos (publicados de janeiro de 1997 a dezembro de 2001), os com mais de 15 anos (publicados de janeiro de 1994 a dezembro de 1996) e os PDM que estão vigentes há mais de 18 anos (publicados antes de dezembro de 1993).

Existem dois concelhos na Região que têm um PDM com mais de dezoito anos, Almeirim e o Seixal. Por outro lado existem cinco concelhos, representando 9,8% do total dos concelhos, que têm um PDM eficaz há menos de dez anos.

Conclui-se, portanto, que cerca de 86% dos PDM da Região têm períodos de vigência entre os dez e os dezassete anos.

Figura 43 – Tempo de vigência dos PDM



Fonte: CCDRLVT/ORLVT

As fases do processo de Revisão do PDM são apresentadas no seguinte mapa, segundo as etapas que constam da Norma 01-OT do Manual de Gestão desta CCDR:

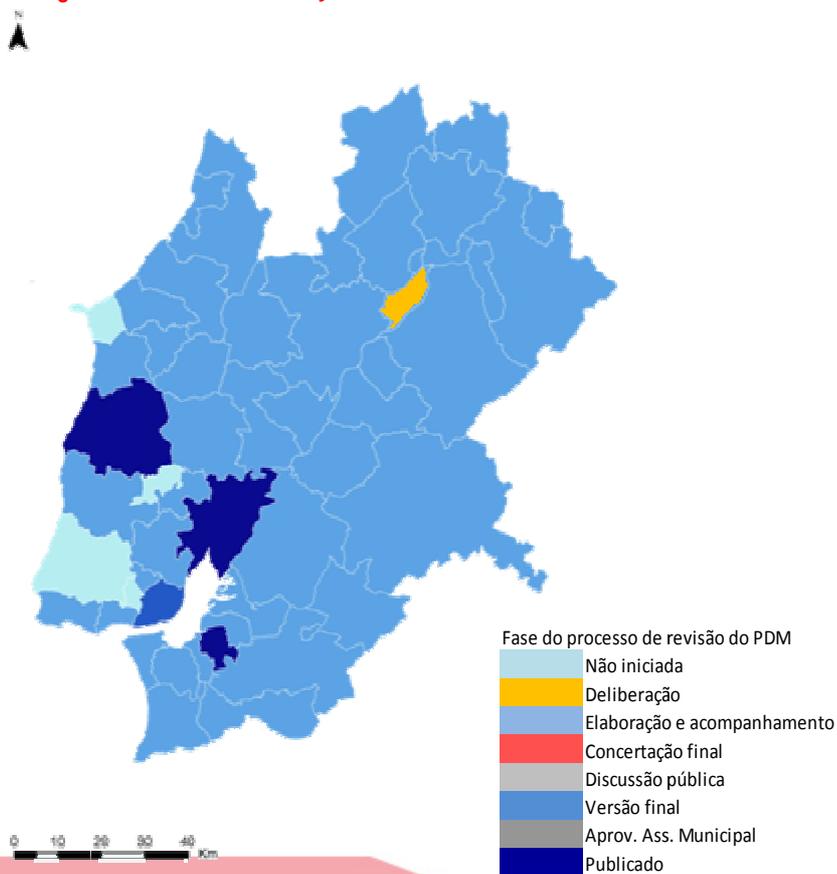
1. Deliberação;
2. Elaboração do Plano e Acompanhamento;
3. Concertação Final;
4. Discussão Pública;
5. Versão Final do Plano;
6. Aprovação pela Assembleia Municipal.

A essas fases acrescentam outras duas categorias que, não sendo tecnicamente fases do processo, são pertinentes para esta avaliação: a revisão que não foi iniciada e os concelhos que têm PDM de segunda geração já publicados.

Verifica-se que no caso dos PDM vigentes há menos de dez anos (cinco concelhos identificados no mapa anterior), três são já Planos de segunda geração, nomeadamente, Torres Vedras, Vila Franca de Xira e Moita (publicados). Os dois restantes (Ourém e Caldas da Rainha) estão em fase de elaboração e acompanhamento. Existem ainda na RLVT quatro concelhos que não iniciaram a revisão do PDM, Peniche, Sobral de Monte Agraço, Sintra e Amadora. Salienta-se também a situação do concelho de Lisboa, que está numa fase avançada do processo de revisão.

A grande maioria dos concelhos da região (84%) encontra-se numa fase inicial do processo de revisão.

Figura 44 - Ponto de situação da Revisão dos PDM



Fonte: CCDRLVT/ORLVT

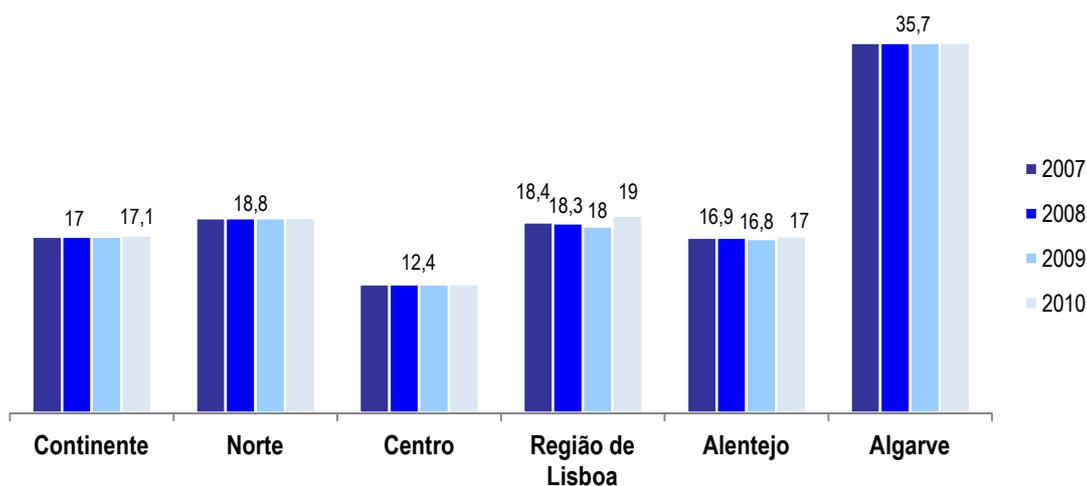
### 3.5 Património

Nesta dimensão de análise, que pretende analisar o património natural da Região de Lisboa e Vale do Tejo, e tendo em conta o vasto património que a caracteriza como única no território europeu, podemos referir que a proporção de sítios de Rede Natura 2000 representa uma parcela significativa do território, bem como das suas zonas de proteção especial. Salienta-se na Região de Lisboa o peso da Península de Setúbal ao atingir 22,2% do seu território com Rede Natura 2000 e onde 9,6% tem estatuto de proteção especial.

#### Proporção da superfície dos sítios da Rede Natura 2000 (%)

A percentagem de área de rede natura 2000 na Região de Lisboa encontra-se ligeiramente acima da média nacional, com 19% da superfície do seu território no ano de 2010. Salienta-se o ligeiro decréscimo de 2007 para 2009.

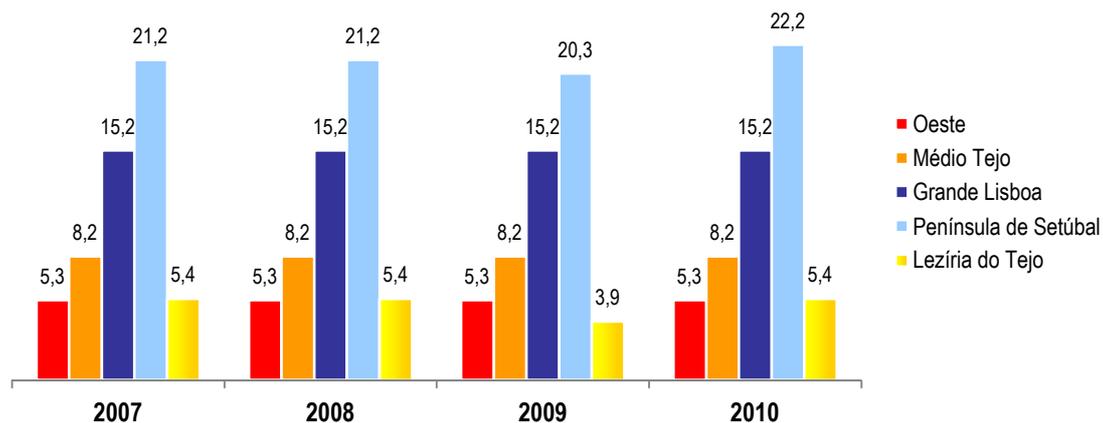
Figura 45 - Desempenho Regional  
Proporção da superfície dos sítios da Rede Natura 2000 (%)



Fonte: INE / Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade

Já a RLVT é a região do país com a proporção da superfície de sítios de rede natura mais baixa (9,4%). Ao nível sub-regional destaca-se pela positiva a Península de Setúbal com o valor mais alto da Região, atingindo os 22% de superfície classificada. As sub-regiões mais ruralizadas são as que apresentam menor superfície de Rede Natura nos seus territórios.

Figura 46 - Desempenho Sub-Regional  
Proporção da superfície dos sítios da Rede Natura 2000 (%)

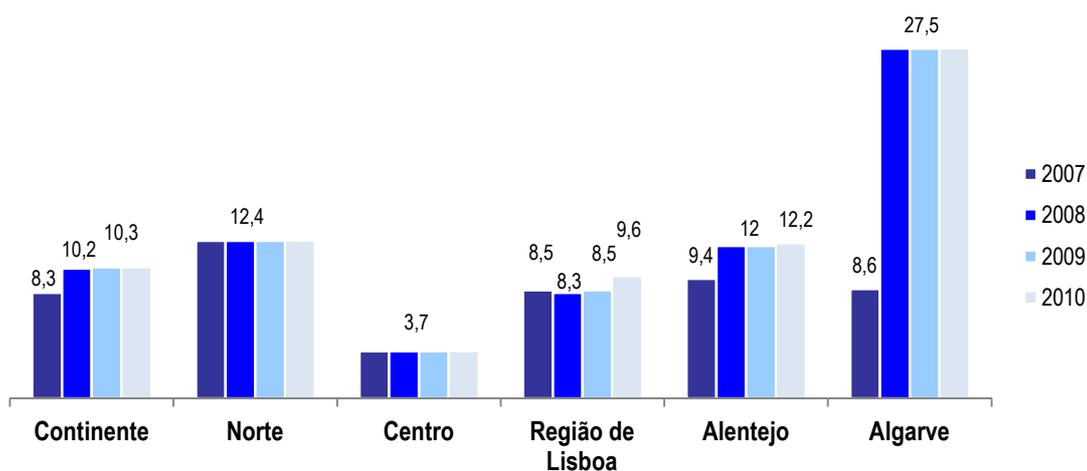


Fonte: INE / Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade

### Proporção de zonas de proteção especial da Rede Natura 2000 (%)

Tendo em conta a percentagem de superfície de Rede Natura classificada como zona de proteção especial, a Região de Lisboa fica abaixo da média nacional. A região do Algarve foi a que atingiu uma proporção com 27,5% de zonas de proteção especial dentro da sua Rede Natura 2000.

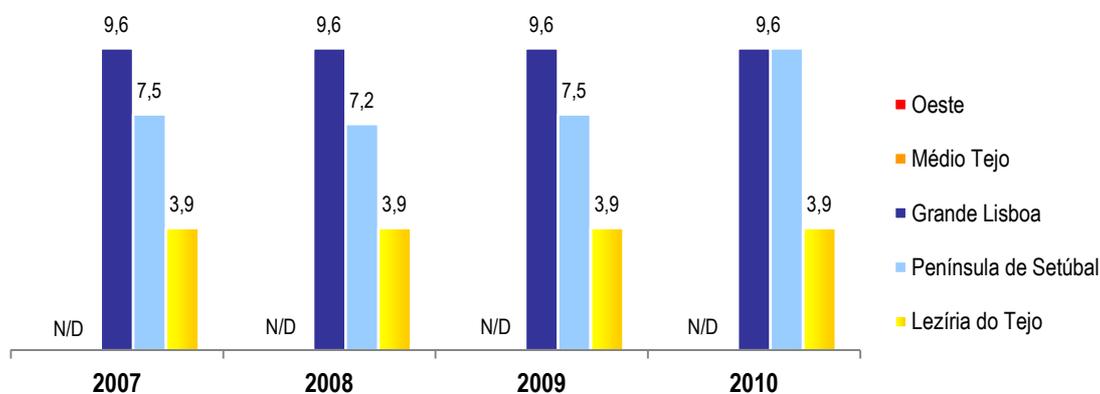
Figura 47 - Desempenho Regional  
Proporção de zonas de proteção especial da Rede Natura 2000 (%)



Fonte: INE / Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade

Ao nível sub-regional é a Grande Lisboa que detêm a maior proporção de áreas protegidas, valor que se tem mantido estável no período em análise. A Península de Setúbal foi responsável pela inversão da situação na Região de Lisboa, ao passar dos 7,5% em 2007 para os 9,6% em 2010.

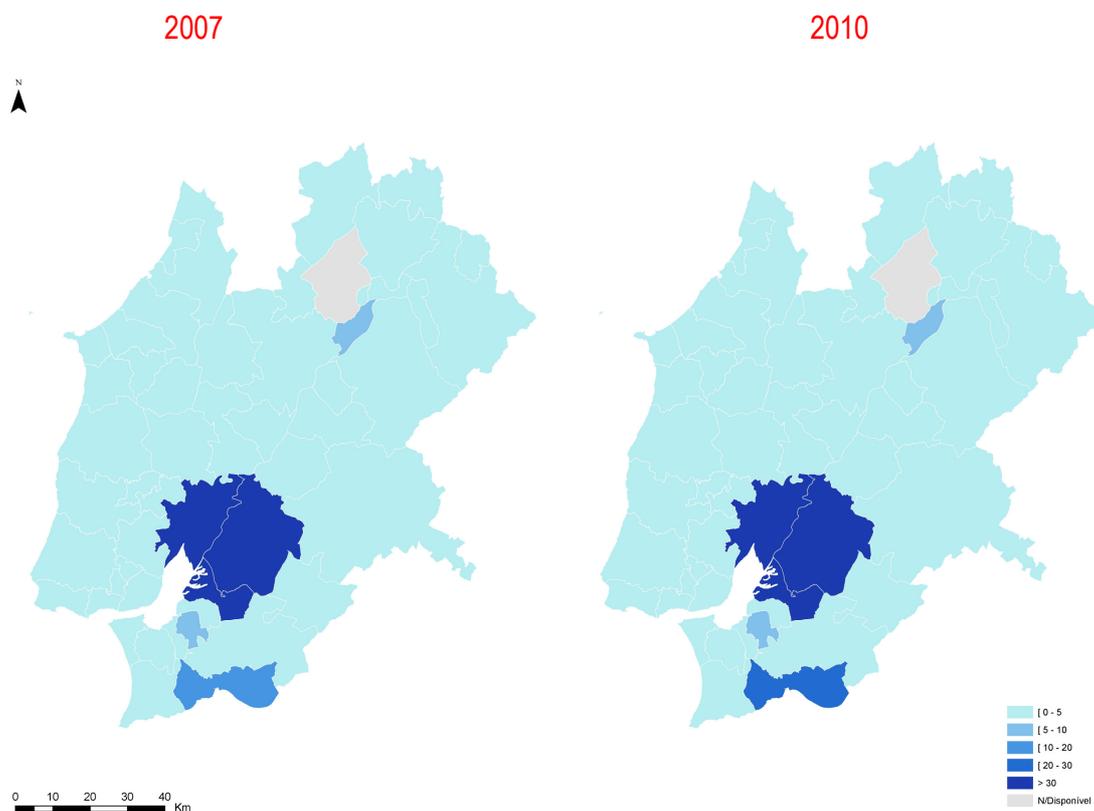
Figura 48 - Desempenho Sub-Regional  
Proporção de zonas de proteção especial da Rede Natura 2000 (%)



Fonte: INE / Inst. da Conservação da Natureza e Biodiversidade

Da análise concelhia os municípios com valores mais elevados são Alcochete (53,1%), Vila Franca de Xira (41,1%) e Benavente (30,7%), destacando-se Setúbal que passou de um valor de 11,5% em 2007 para 24,4% em 2010.

**Figura 49 - Desempenho Concelhio**  
Proporção de zonas de proteção especial da Rede Natura 2000 (%)



Fonte: INE / Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade

<b>Figura nº</b>	<b>Designação</b>	<b>Pag.nº</b>
1	Passageiros Transportados por Ferrovia e no Metropolitano de Lisboa (Milhares)	71
2	Mercadorias descarregadas e carregadas (Tráfego nacional) por Porto declarante (tonelada)	72
3	Passageiros embarcados e desembarcados no aeroporto de Lisboa, portugueses e estrangeiros	72
<b>Consumo de combustível automóvel por habitante (tep/ hab.)</b>		
4	Desempenho Regional	73
5	Desempenho Sub-Regional	74
6	Desempenho Concelhio	74
<b>Consumo doméstico de energia elétrica por habitante (kWh/ hab.)</b>		
7	Desempenho Regional	75
8	Desempenho Sub-Regional	75
9	Desempenho Concelhio	76
<b>Consumo de gás natural por mil habitantes (milhares Nm3)</b>		
10	Desempenho Regional	77
11	Desempenho Sub-Regional	78
12	Desempenho Concelhio	78
<b>Quota da produção bruta de eletricidade por tipo de produção (%)</b>		
13	Desempenho Regional	79
14	Desempenho Sub-Regional	80
<b>Quota de produção de eletricidade em centrais de cogeração (%)</b>		
15	Desempenho Regional	81
16	Desempenho Sub-Regional	81
<b>População servida por sistemas de drenagem de águas residuais (%)</b>		
17	Desempenho Regional	82
18	Desempenho Sub-Regional	83
19	Desempenho Concelhio	83
<b>População servida por estações de tratamento de águas residuais (ETAR) (%)</b>		
20	Desempenho Regional	84
21	Desempenho Sub-Regional	85
22	Desempenho Concelhio	85

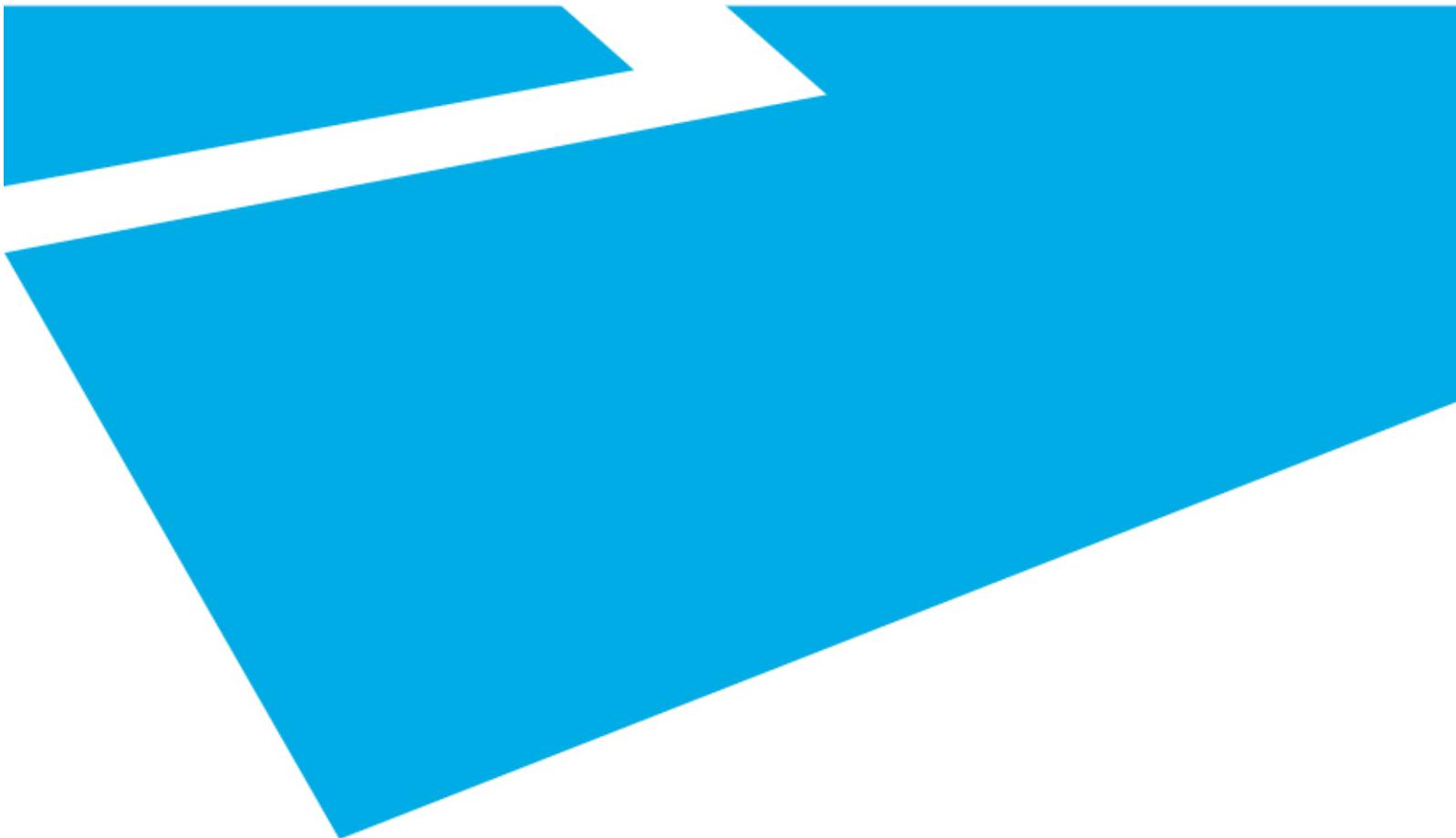
<b>Resíduos sólidos urbanos por habitante (Kg/hab)</b>		
23	Desempenho Regional	86
24	Desempenho Sub-Regional	86
25	Desempenho Concelhio	87
<b>Proporção de resíduos urbanos recolhidos seletivamente (%)</b>		
26	Desempenho Regional	88
27	Desempenho Sub-Regional	88
28	Desempenho Concelhio	89
<b>Taxa de superfície florestal ardida (%)</b>		
29	Desempenho Regional	90
30	Desempenho Sub-Regional	90
31	Desempenho Concelhio	91
<b>Densidade populacional (hab./km2)</b>		
32	Desempenho Regional	92
33	Desempenho Sub-Regional	93
34	Desempenho Concelhio	93
<b>População residente em centros urbanos com mais de 10 mil habitantes</b>		
35	Desempenho Regional	94
36	Desempenho Sub-Regional	95
<b>Fogos concluídos em construções novas para habitação familiar (N.º)</b>		
37	Desempenho Regional	96
38	Desempenho Sub-Regional	96
39	Desempenho Concelhio	97
<b>Reconstruções concluídas por 100 construções novas concluídas (Nº)</b>		
40	Desempenho Regional	98
41	Desempenho Sub-Regional	99
42	Desempenho Concelhio	99
43	<b>Processos de revisão dos PDM - Tempo de vigência</b>	<b>100</b>
44	<b>Processos de revisão dos PDM - Ponto de situação</b>	<b>101</b>

<b>Proporção da superfície dos sítios da Rede Natura 2000 (%)</b>		
<b>45</b>	Desempenho Regional	<b>102</b>
<b>46</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>103</b>
<b>Proporção de zonas de proteção especial da Rede Natura 2000 (%)</b>		
<b>47</b>	Desempenho Regional	<b>104</b>
<b>48</b>	Desempenho Sub-Regional	<b>104</b>
<b>49</b>	Desempenho Concelhio	<b>105</b>





# **DOMÍNIO ORGANIZAÇÕES**



## 4. Domínio Organizações

A economia e o sistema financeiro têm sido afetados nos últimos anos pela crise mundial, com repercussões nas dinâmicas do sistema empresarial e da capacidade produtiva da Região, o que pode colocar em causa o esforço regional da competitividade e da internacionalização que se ambiciona para Lisboa.

Na caracterização da Região ao nível deste domínio, tendo como referência o período de 2007 até ao ano mais recente, não nos afastamos muito das considerações apresentadas no anterior relatório. Lisboa continua a ter uma posição de destaque nas vertentes da especialização económica, da produtividade do trabalho e na sua progressão na economia do conhecimento, dada a qualificação elevada do mercado de trabalho, especialmente nos serviços na Grande Lisboa e na indústria na Península de Setúbal. O sistema de inovação da Região é também o mais avançado do continente e o sector turístico, apesar de uma ligeira quebra em 2009, continua a ter uma grande importância na base económica da região.

Os anos de 2010 e 2011 parecem revelar já uma retração de atividade económica em toda a Região e as desigualdades internas continuam, a manter-se. A nível empresarial regista-se uma quebra no número de empresas na Região, com as novas empresas (nascidas 2 anos antes) a revelarem alguma dificuldade em sobreviver.

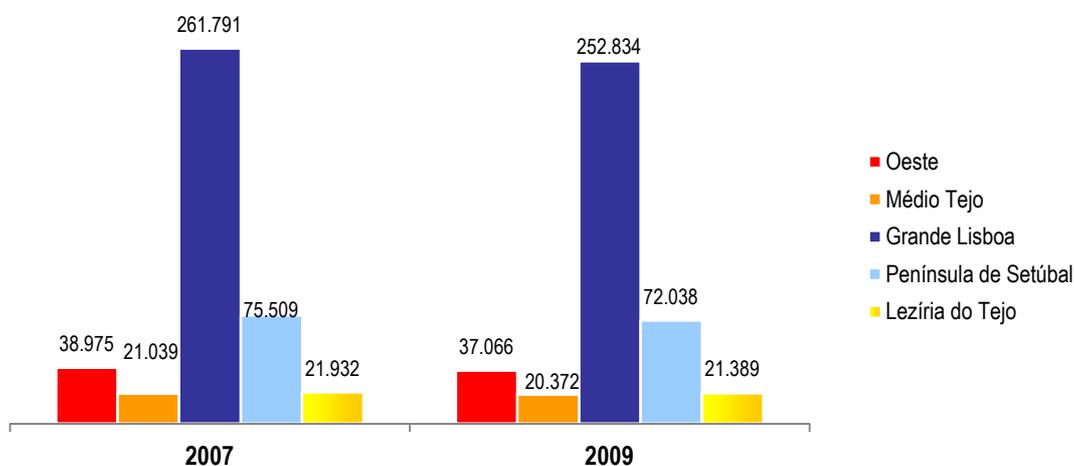
## 4.1 Empresas

Ao nível do sector empresarial, assiste-se a uma redução do número de empresas entre 2007 e 2009. A RLVT perde neste período mais de 15.500 empresas, sendo a sub-região da Grande Lisboa a mais afetada (-8.957). Regista-se também uma evolução negativa da Região de Lisboa e da RLVT quanto à taxa de sobrevivência das empresas nascidas 2 anos antes, que é muito baixa na Região e inferior à média nacional. Apenas no indicador “nascimento de empresas em sectores de média e média-alta tecnologia a Região apresenta uma tendência inversa, com valores superiores ao Continente e revelando um ligeiro aumento entre 2007 e 2009.

É nas sub-regiões da Grande Lisboa e da Península de Setúbal que se concentra o maior número de empresas e por isso também se regista uma maior dinâmica na vida das empresas. Se tivermos em conta os nascimentos de empresas em sectores de alta e média tecnologia, as taxas mais altas encontram-se nestas sub-regiões, registando valores superiores à média nacional.

### Empresas por Sub-Região (Nº)

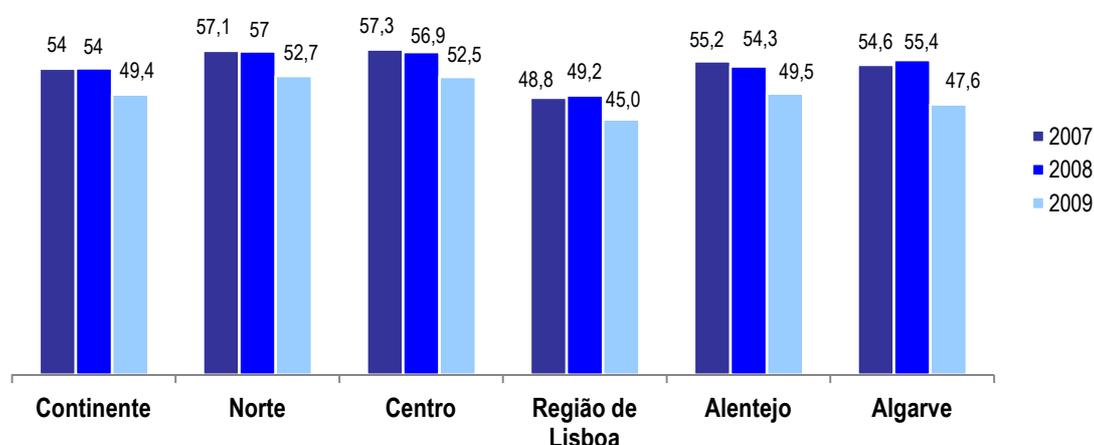
Figura 1 - Desempenho Sub-Regional  
Empresas por Sub-Região (Nº)



### Taxa de sobrevivência das empresas nascidas 2 anos antes (%)

Verifica-se que a Região de Lisboa tem uma taxa de sobrevivência das empresas inferior à média do Continente. Esta taxa sofreu um decréscimo de 2007 para 2009, de forma generalizada em todas as regiões, sendo que nesta última data, na Região de Lisboa, menos de metade das empresas nascidas há 2 anos se encontravam ainda ativas (45%). O início da crise em 2007 pode ser uma das explicações para uma taxa de sobrevivência baixa, como a registada.

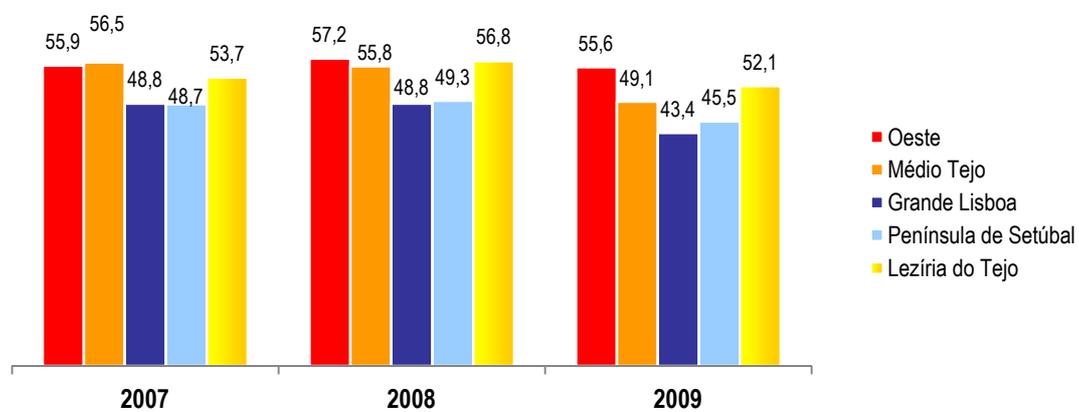
Figura 2 - Desempenho Regional  
Taxa de sobrevivência das empresas nascidas 2 anos antes (%)



Fonte: INE, Demografia das Empresas

Na análise intra-regional destacam-se a Grande Lisboa e a Península de Setúbal com as taxas mais baixas. Estas sub-regiões apresentam em 2009 valores bastante inferiores à média nacional, contrariamente ao que acontece nas suas congéneres, que apresentam valores similares (Médio Tejo) ou mesmo superiores à média do Continente (Oeste e Lezíria Tejo). As empresas criadas em áreas menos urbanas parecem ter uma capacidade de sobrevivência superior às empresas inseridas em meios urbanos e metropolitanos, mais sujeitos à turbulência económica. No entanto, os valores atingidos em 2009 são inferiores aos registados em 2007, o que revela que também nestas sub-regiões a sobrevivência das empresas está a diminuir.

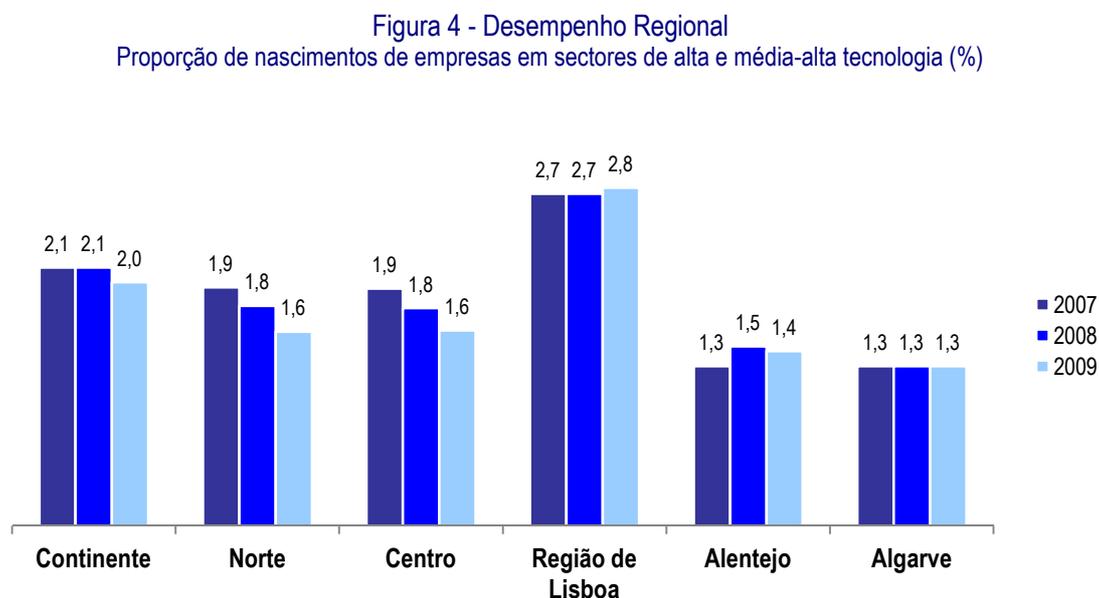
Figura 3 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de sobrevivência das empresas nascidas 2 anos antes (%)



Fonte: INE, Demografia das Empresas

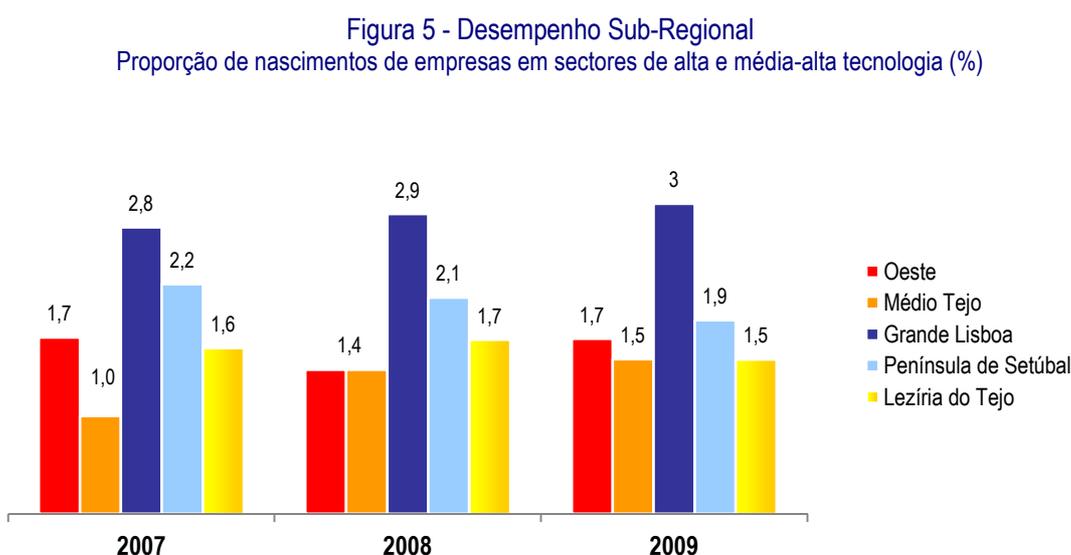
### Proporção de nascimentos de empresas em sectores de alta e média-alta tecnologia (%)

Por outro lado a Região de Lisboa apresenta uma proporção de nascimentos de empresas em sectores de alta e média tecnologia bastante mais altos que os valores nacionais. Contrastadamente, entre 2007 e 2009, estas empresas crescem na Região e diminuem no Continente, o que reflete um maior dinamismo empresarial e a sua relação com o sistema de ciência e tecnologia da Região.



Fonte: INE, Demografia das Empresas

Ao nível sub-regional as disparidades intra-regionais são ainda bastante visíveis nesta vertente de análise. A Grande de Lisboa e a Península de Setúbal revelam-se como as principais responsáveis pelos valores positivos atingidos pela Região, apesar da descida significativa na Península de Setúbal (de 2,2% em 2007 para 1,9% em 2009), enquanto as outras sub-regiões têm um comportamento abaixo do valor de referência nacional (2%). Registe-se o aumento no Médio Tejo, que passa de 1% em 2007 para 1,5% em 2009



Fonte: INE, Demografia das Empresas

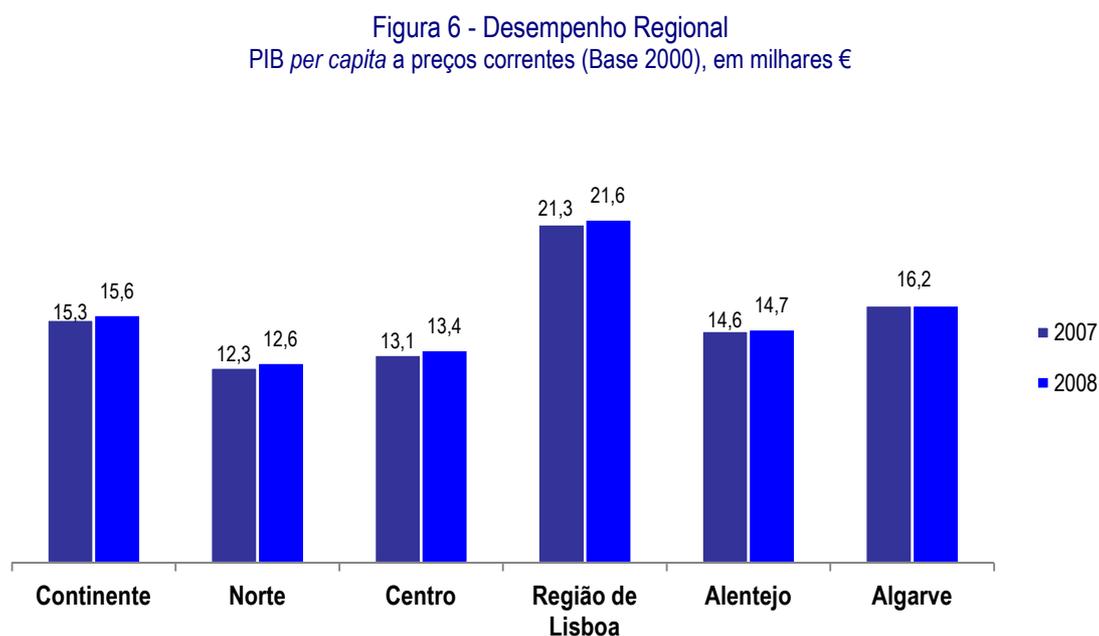
## 4.2 Desempenho económico

Não existindo dados mais recentes ao nível do PIB e da Produtividade, as considerações aqui tecidas não se afastam do que fora já referido no anterior relatório. A RLVT encontra-se bem posicionada nas vertentes de criação de riqueza (ainda que muito aquém do desejado, tendo em conta a atual conjuntura), de especialização económica com elevada produtividade do trabalho e ainda na sua progressão na economia do conhecimento, facto que se deve aos serviços na Grande Lisboa e à indústria na Península de Setúbal. Os dados analisados continuam ainda a revelar as desigualdades existentes na geração de riqueza dentro da Região.

O papel que a Região desempenha como plataforma de articulação com o exterior e com as outras regiões portuguesas verifica-se através dos indicadores de importação e exportação. A capacidade exportadora de bens tem vindo a aumentar no período em análise, conseguindo em 2011 ultrapassar as exportações da Região Norte, destacando-se na Região níveis superiores aos nacionais no que diz respeito às exportações de bens de alta tecnologia.

### PIB *per capita* a preços correntes (Base 2000), em milhares €

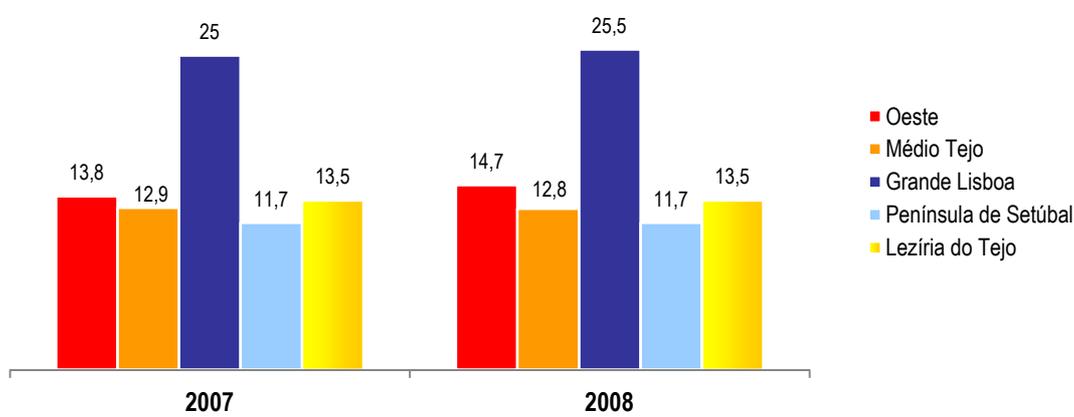
O PIB *per capita* da Região de Lisboa continua a destacar-se no país, atingindo os 21,6 mil € por habitante em 2008. A discrepância entre a Região de Lisboa e o Continente é de 6 mil € em 2008.



Fonte: INE, Contas Económicas Regionais

Ao nível sub-regional, as assimetrias apresentadas continuam a ser muito significativas entre a Grande Lisboa (cujo PIB *per capita* é cerca de 10 mil € superior ao do Continente em 2008), e as restantes sub-regiões, todas com um PIB em cerca de 10 mil euros inferior à Grande Lisboa, o que revela as desigualdades ainda existentes na geração de riqueza dentro da Região. Destaque-se a sub-região do Oeste que viu o seu PIB *per capita* aumentar em cerca de mil euros de 2007 para 2008. A Península de Setúbal continua a ser a sub-região com o PIB *per capita* mais baixo.

Figura 7 - Desempenho Sub-Regional  
PIB *per capita* a preços correntes (Base 2000), em milhares €

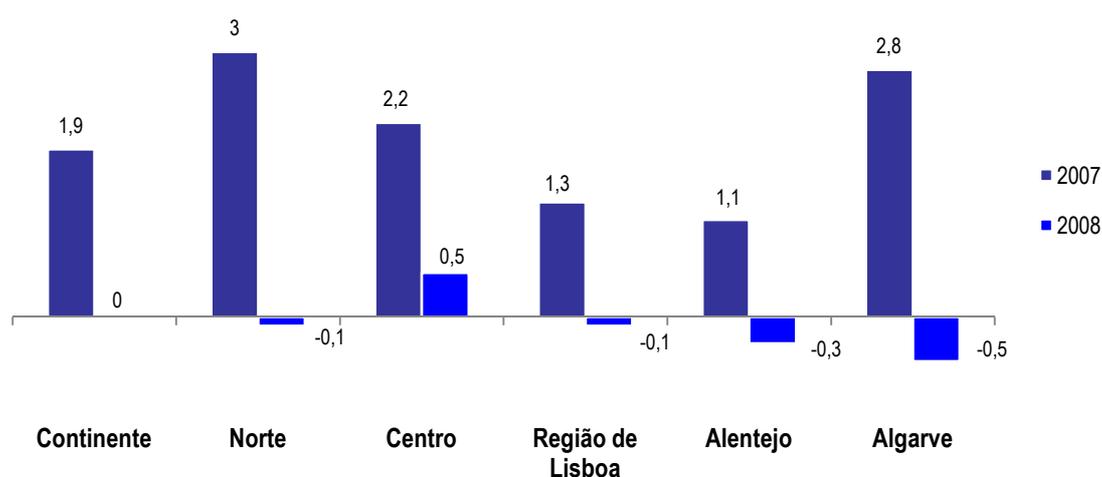


Fonte: INE, Contas Económicas Regionais

### PIB a preços do ano anterior (Taxa de variação anual - Base 2000 - %)

No último ano em análise, o PIB da Região de Lisboa apresenta uma variação negativa, o que indica uma retração de atividade económica. A Região segue a tendência evolutiva semelhante às suas congéneres, com exceção do Centro, que se revela como a única região do Continente que tem uma taxa de variação anual do PIB positiva em 2008.

Figura 8 - Desempenho Regional  
PIB a preços do ano anterior (Taxa de variação anual - Base 2000 - %)



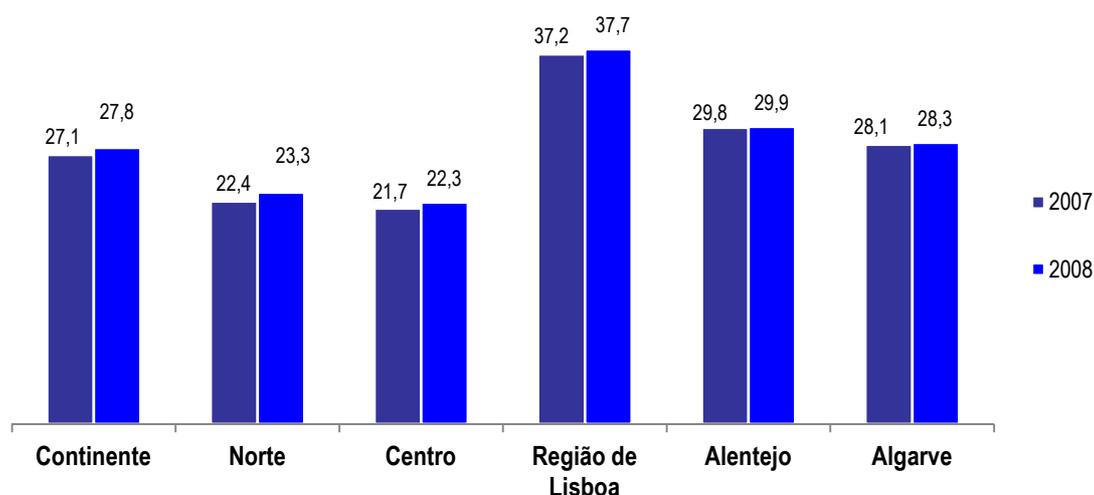
Fonte: INE, Contas Económicas Regionais

### Produtividade aparente do trabalho (milhares €)

A produtividade da Região de Lisboa atingia em 2008 um valor de 37,7 mil €, isto é, cerca de 10 mil euros acima do valor médio nacional, o que se deve ao modelo de especialização económica da Região que privilegia atividades com maior capacidade de criação de valor.

Regista-se que nestes dois últimos anos disponíveis, a tendência nacional é ainda positiva, há aumento de produtividade em todas as regiões, ainda que ligeiro. Tal como no PIB *per capita*, a discrepância entre Lisboa e o Continente tem crescido.

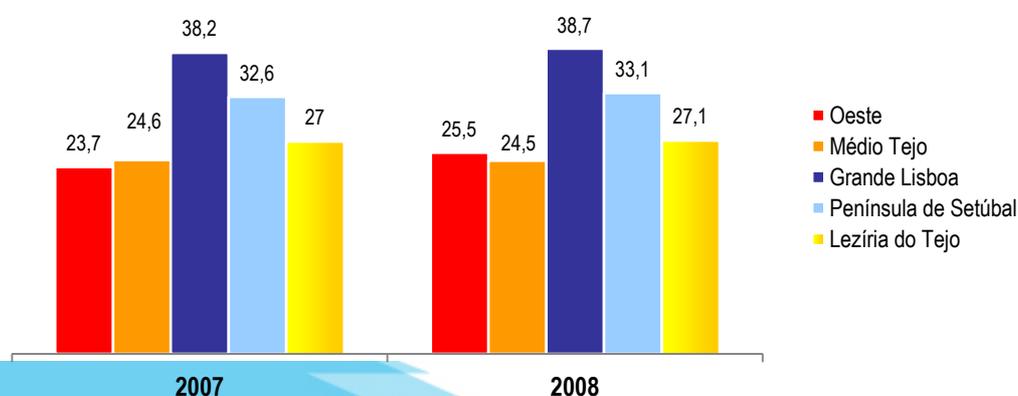
Figura 9 - Desempenho Regional  
Produtividade aparente do trabalho (milhares €)



Fonte: INE, Contas Económicas Regionais

Também ao nível sub-regional a produtividade tem aumentado ao longo do período em análise, todavia, apenas a Grande Lisboa e a Península de Setúbal apresentam valores acima da média do Continente, ficando as restantes sub-regiões aquém dessa referência. Salienta-se o aumento da produtividade no Oeste que registou uma variação positiva de quase 2 milhões de euros entre 2007 e 2008.

Figura 10 - Desempenho Sub-Regional  
Produtividade aparente do trabalho (milhares €)

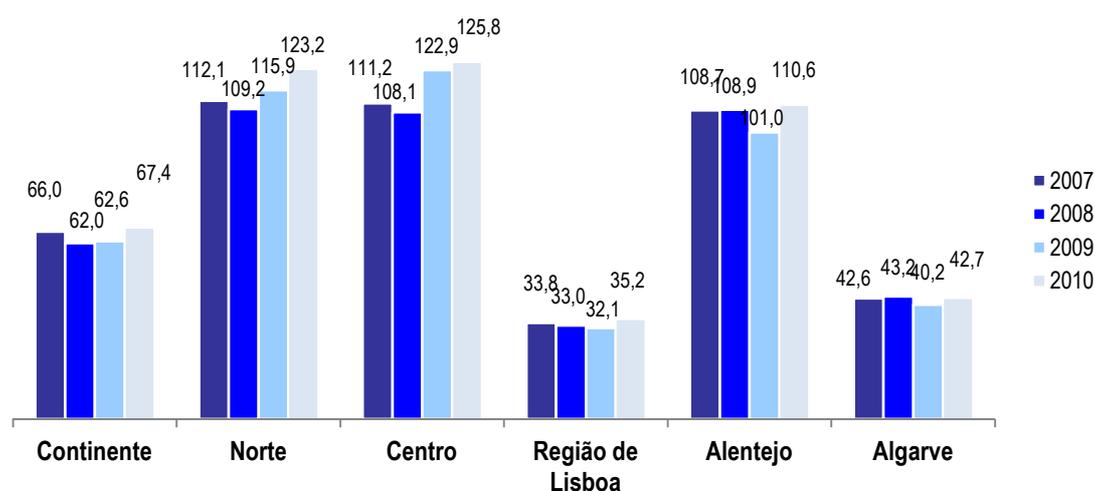


Fonte: INE, Contas Económicas Regionais

### Taxa de cobertura das importações pelas exportações (%)

Em virtude do papel de intermediação enquanto pólo da economia global e de articulação com as restantes regiões do país ao nível do comércio internacional, a Região de Lisboa apresenta o menor grau de cobertura das importações pelas exportações face ao espaço nacional. No entanto, apesar da ligeira quebra registada em 2009, a Região de Lisboa viu a sua taxa de cobertura subir ligeiramente em 2010, acompanhando a tendência nacional.

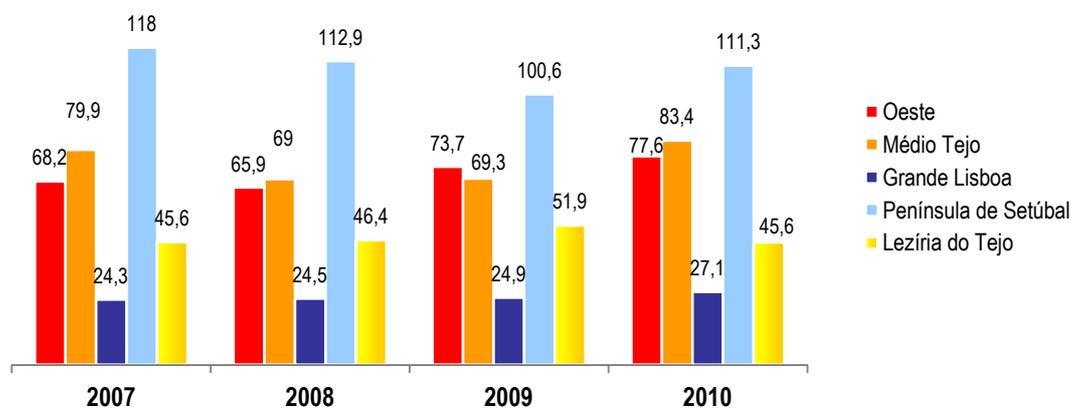
Figura 11 - Desempenho Regional  
Taxa de cobertura das importações pelas exportações (%)



Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional de bens

Ao nível sub-regional, destaque-se a Península de Setúbal pelo seu elevado grau de abertura no que respeita aos fluxos de exportação. O que se explica pelo peso do *cluster* automóvel neste território. No entanto, a taxa de cobertura sofre uma ligeira descida nos últimos anos. O mesmo sucede na Lezíria do Tejo, que retoma os valores de 2007, com uma taxa de 45%. As restantes sub-regiões viram aumentar o seu grau de cobertura em 2010, depois de uma quebra nos anos de 2008 e 2009 (Oeste e Médio Tejo), enquanto a Grande Lisboa registou um ligeiro aumento, atingindo em 2010, o valor mais alto da última década (27,1%). É o seu peso neste indicador que influencia negativamente a performance da RLVT no contexto nacional.

Figura 12 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de cobertura das importações pelas exportações (%)

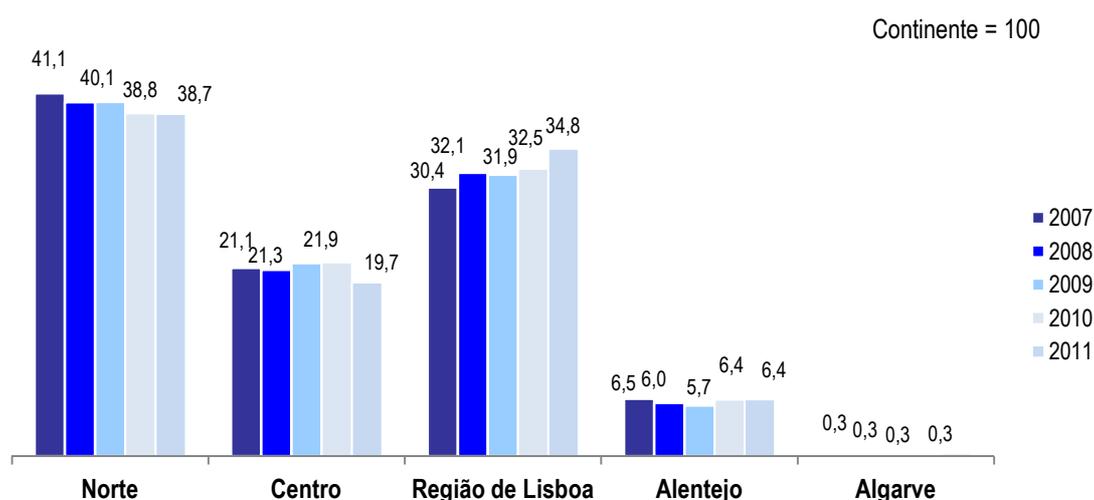


Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional de bens

### Taxa de exportações de bens (%)

Considerando o total das exportações do Continente, a Região de Lisboa representava, em 2011, 34,8% do total das exportações nacionais. Este indicador permite-nos observar que, apesar da taxa de cobertura registar valores inferiores ao Continente dado o peso das importações na Região, a capacidade exportadora de bens tem vindo a aumentar no período em análise, conseguindo em 2011 ultrapassar as exportações da Região Norte, face ao total nacional.

Figura 13 - Desempenho Regional  
Taxa de exportações de bens (%)

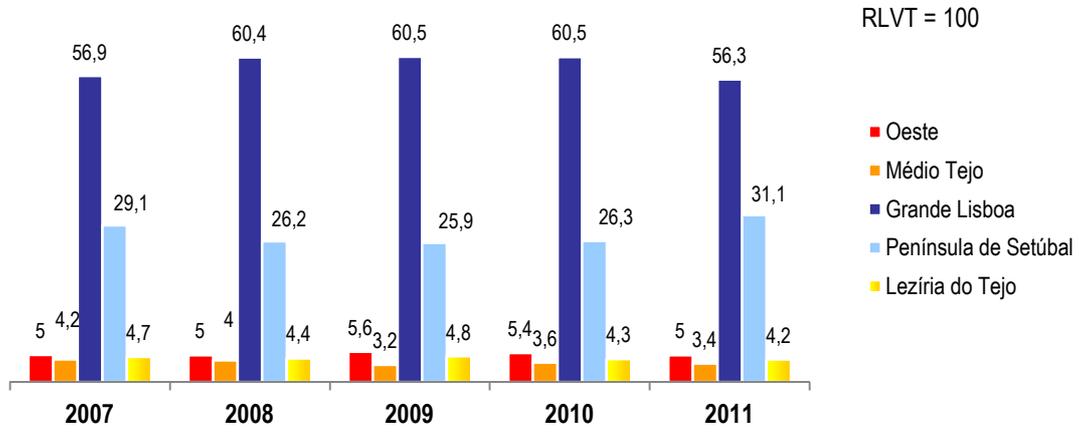


Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional de bens/ORLVT

Considerando o total das exportações do Continente, a RLVT representava, em 2011, 39,8% do total nacional.

Ao nível sub-regional, e tendo em conta o volume total de exportações da RLVT, a Grande Lisboa destaca-se como a mais exportadora, seguindo-se da Península de Setúbal. A figura seguinte permite-nos constatar que é a Grande Lisboa que tem aumentado a capacidade exportadora da Região, dado que as restantes sub-regiões têm, no período de referência, diminuído o seu peso a nível regional. No entanto, em 2011, a sub-região da Grande Lisboa registou uma quebra de 4,2% face a 2010, sendo a Península de Setúbal a sub-região responsável pelo aumento das exportações em 2011, passando dos 26,3% para os 31,1%.

Figura 14 - Desempenho Sub-Regional  
Taxa de exportações de bens (%)

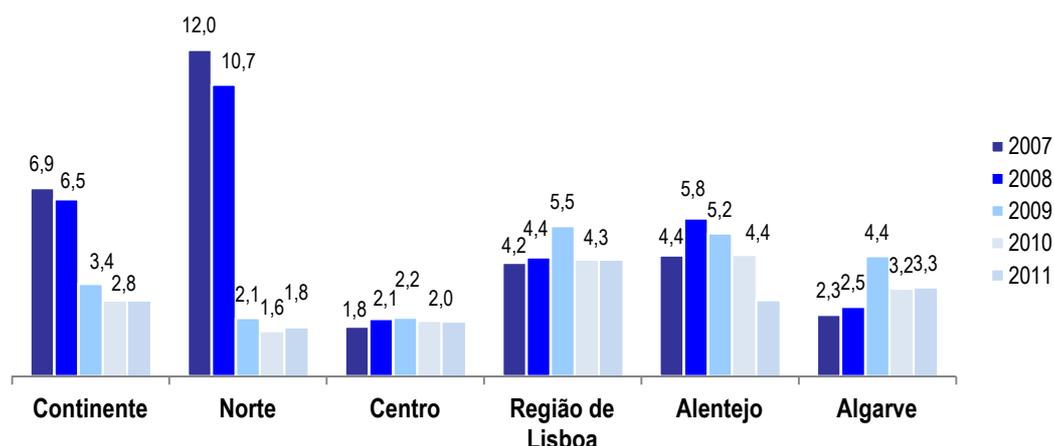


Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional de bens/ ORLVT

### Proporção de exportações de bens de alta tecnologia (%)

Quanto à proporção de exportações de bens de alta tecnologia, depois do aumento registado na Região de Lisboa nos anos de 2008 e 2009, este tipo de exportações diminui a partir de 2010, sendo, no entanto, a Região de Lisboa, a região do país com maior taxa de exportações de bens de alta tecnologia em 2011 (4,3% das suas exportações).

Figura 15 - Desempenho Regional  
Proporção de exportações de bens de alta tecnologia (%)

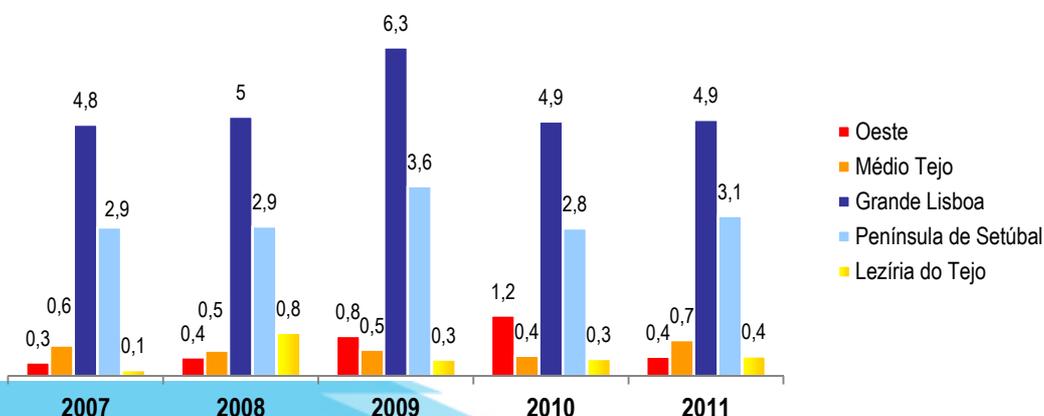


Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional de bens

Mais uma vez é a Grande Lisboa que lidera na Região as exportações de bens de alta tecnologia, ultrapassando em muito a proporção destas exportações no território nacional, expressando a robustez e a dinâmica do sistema de inovação regional. A Península de Setúbal não deixa também de ter um peso significativo na Região. As restantes regiões não atingem sequer 1% das suas exportações em bens desta natureza.

Não podemos deixar de referenciar a forte descida na exportação destes bens ao longo da primeira década deste século, e que apesar do aumento em 2009, regista um novo retrocesso em 2010 e 2011.

Figura 16 - Desempenho Sub-Regional  
Proporção de exportações de bens de alta tecnologia (%)



Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional de bens

### 4.3 Emprego e mercado de trabalho

Ao nível do mercado de trabalho da Região de Lisboa e tendo em conta o modelo de especialização económica existente, marcado pela presença de atividades com maior capacidade de geração de valor, Lisboa apresenta uma mão-de-obra mais qualificada e um emprego melhor remunerado no contexto nacional.

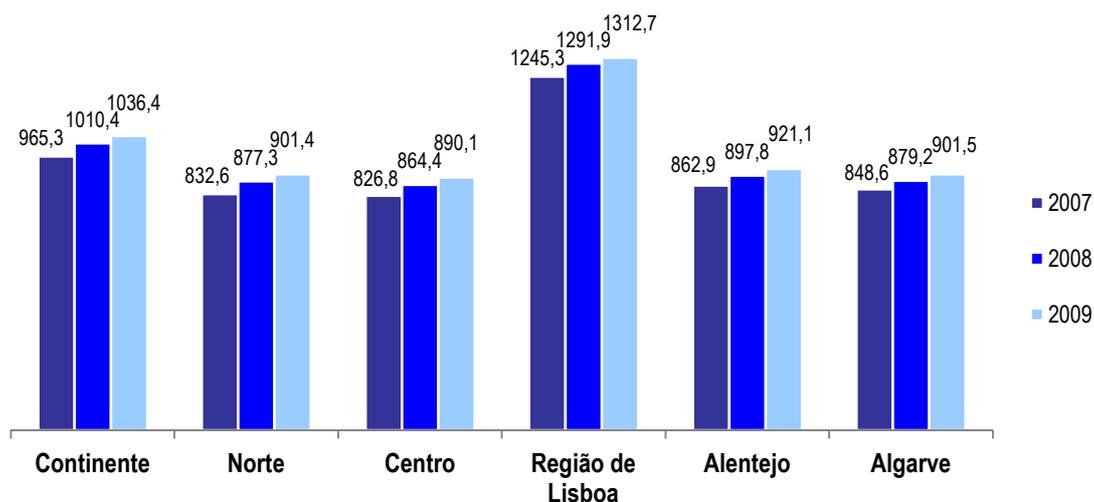
A presença de serviços e indústrias de média-alta e alta tecnologia na Região ilustra a tendência para a concentração destas atividades nas maiores aglomerações que oferecem melhores infra-estruturas tecnológicas e um mercado de trabalho mais qualificado. Ao nível sub-regional, destaca-se a Grande Lisboa nos serviços intensivos em alta tecnologia e na Península de Setúbal a indústria em média-alta tecnologia em resultado da dinâmica do *cluster* automóvel.

#### Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem (mil €)

Em 2009 os trabalhadores por conta de outrem na Região de Lisboa auferiam, em média, cerca de 3 vezes mais que a retribuição mínima mensal garantida, vulgo salário mínimo nacional, que à data era de 450€. Já a média do Continente perfazia, na mesma altura, apenas 2,3 salários mínimos. Comparativamente às outras regiões, o desempenho da Região de Lisboa é bastante positivo, tendo em conta que o ganho médio mensal do Norte, Centro, Alentejo e Algarve ronda os 2 salários mínimos. Claramente, os valores médios de remuneração estão relacionados com o modelo de especialização económica, verificando-se que os salários mais elevados na Região decorrem da presença de atividades com maior capacidade de geração de valor.

Regista-se uma evolução positiva em todas as regiões entre 2007 e 2009, no entanto, o ganho médio auferido pelos trabalhadores aumentou, em 3 anos, entre os 50 e os 70€, valores inferiores aos dos aumentos registados no início da década.

Figura 17 - Desempenho Regional  
Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem (mil €)

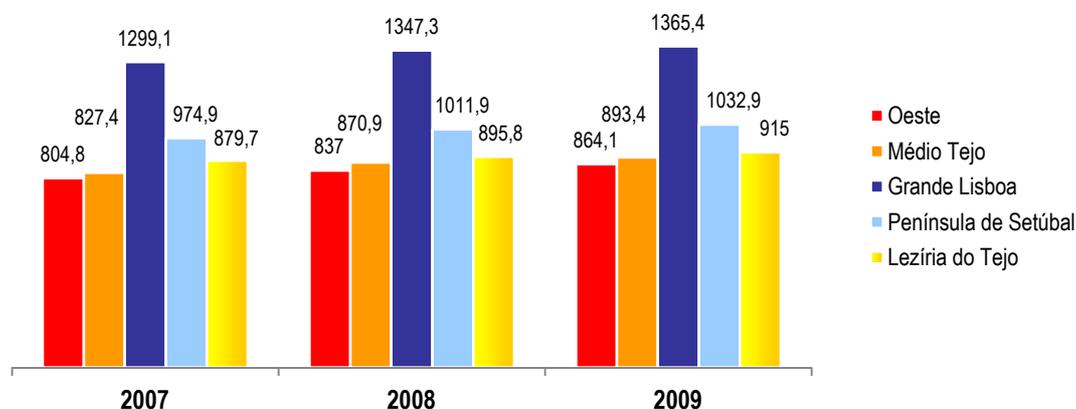


Fonte: INE/ MTSS / Gabinete de Estratégia e Planeamento

As assimetrias intra-regionais são ainda muito significativas no âmbito dos salários auferidos, apesar do ligeiro aumento registado nestes últimos 3 anos em análise. Os valores estão em conformidade com o perfil de especialização económica intra-regional.

Mais uma vez a Grande Lisboa destaca-se das restantes sub-regiões com um salário médio muito superior, mantendo-se o Oeste com o ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem mais baixo em toda a RLVT, apresentando uma diferença em cerca de 500€ inferior ao registado na Grande Lisboa.

Figura 18 - Desempenho Sub-Regional  
Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem (mil €)



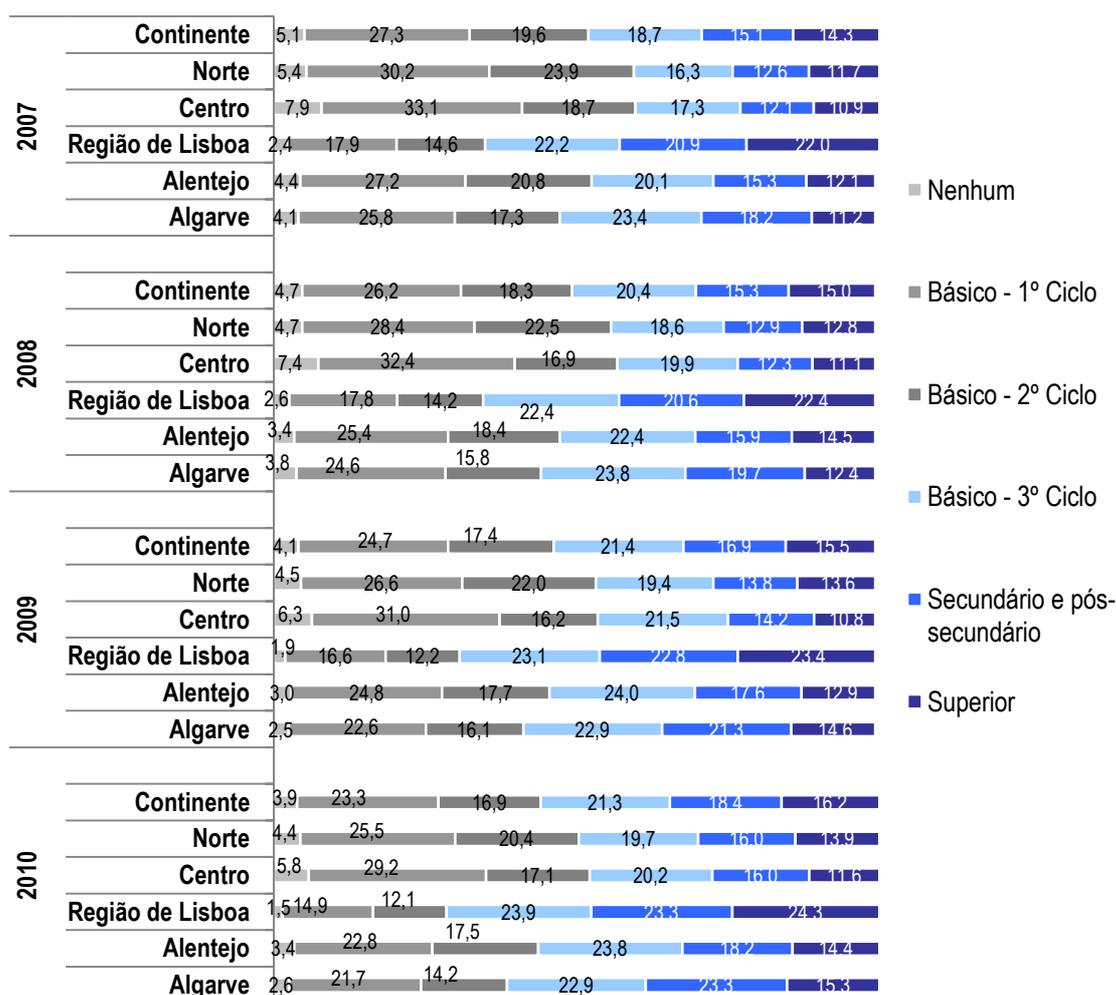
Fonte: INE / MTSS, Gabinete de Estratégia e Planeamento



## Proporção da população ativa por local de residência e nível de escolaridade mais elevado completo (%)

Nos últimos quatro anos da década de 2000, a Região manteve as tendências em curso desde o início do Séc. XXI, registando-se uma diminuição da população com os níveis de escolaridade mais baixa (sem qualificações até ao 2º Ciclo do Básico) e um aumento da população mais qualificada (com o 3º Ciclo do Ensino básico ou mais). Estas tendências atestam o perfil de especialização mais avançado e que é acompanhado por um nível de remuneração mais elevado na Região.

Figura 20 - Desempenho Regional  
Proporção da população ativa por local de residência e nível de escolaridade mais elevado completo (%)

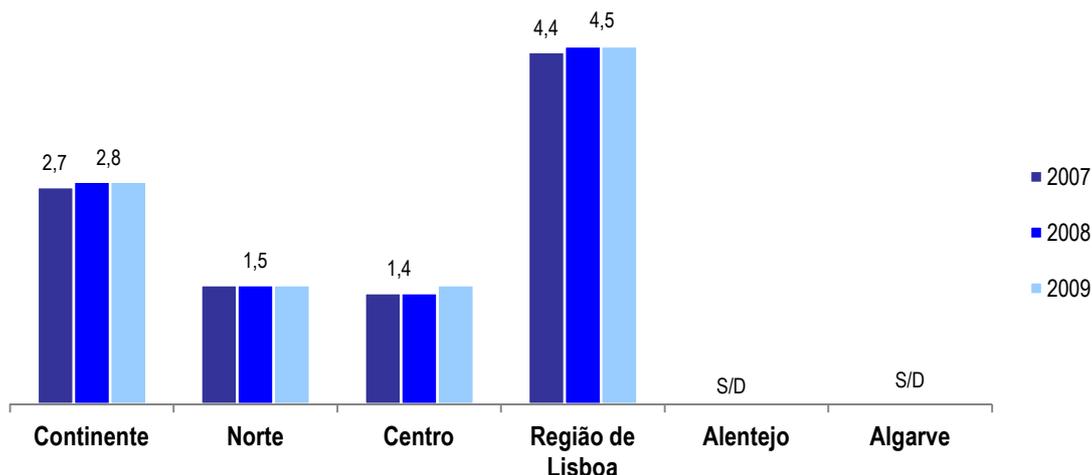


Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

### Proporção de pessoal ao serviço em serviços intensivos em conhecimento de alta tecnologia no total do pessoal ao serviço em serviços (%)

Apesar da escassez de dados para este indicador a Região de Lisboa apresenta uma proporção de pessoal empregado em serviços intensivos em conhecimento muito superior à média do Continente.

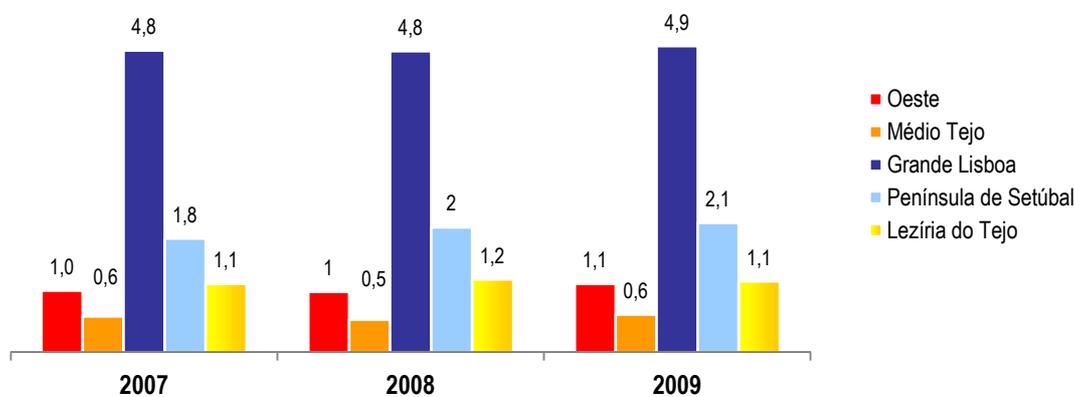
Figura 21 - Desempenho Regional  
Proporção de pessoal ao serviço em serviços intensivos em conhecimento de alta tecnologia (%)



Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

Neste indicador é a Grande Lisboa que detém a melhor posição, com cerca de 5% do pessoal ao serviço em serviços de conhecimento e alta tecnologia, seguindo-se da Península de Setúbal que nos anos em análise registou uma subida significativa de 0,3%, ainda que longe da média nacional. Registe-se a subida em 2009 em 0,1% da RLVT à semelhança da Região Centro.

Figura 22 - Desempenho Sub-Regional  
Proporção de pessoal ao serviço em serviços intensivos em conhecimento de alta tecnologia (%)



Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

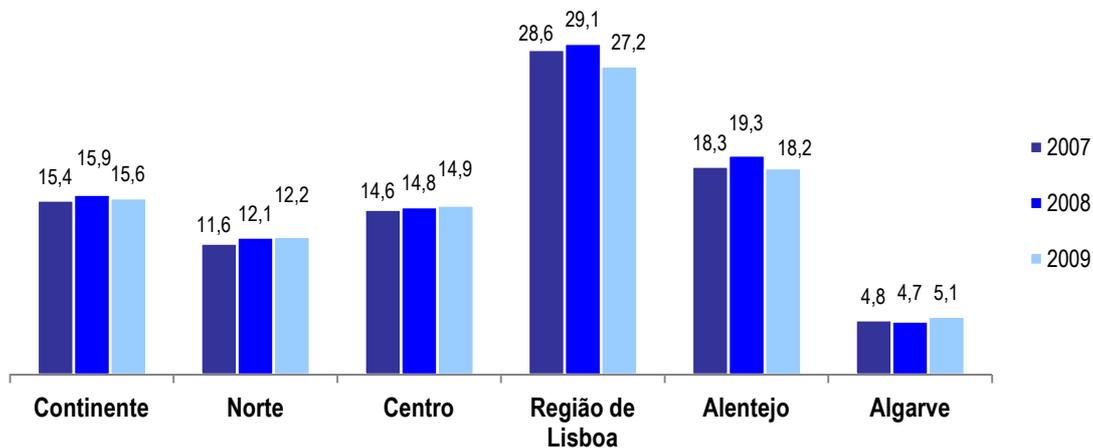
## Proporção de pessoal ao serviço nas indústrias de alta e média-alta tecnologia no total do pessoal ao serviço nas indústrias transformadoras (%)

Quanto à proporção de pessoal ao serviço nas indústrias de alta e média-alta tecnologia face ao total de pessoal ao serviço nas indústrias transformadoras, a Região de Lisboa ocupa um lugar de destaque no todo nacional, bastante acima da média do continente, bem como das restantes regiões, facto que decorre da tendência para a concentração destas atividades nas maiores aglomerações que oferecem melhores infra-estruturas tecnológicas e um mercado de trabalho mais qualificado.

No entanto, regista-se uma quebra neste indicador na ordem de 1,9% na Região de Lisboa

Figura 23 - Desempenho Regional

Proporção de pessoal ao serviço nas indústrias de alta e média-alta tecnologia no total do pessoal ao serviço nas indústrias transformadoras (%)

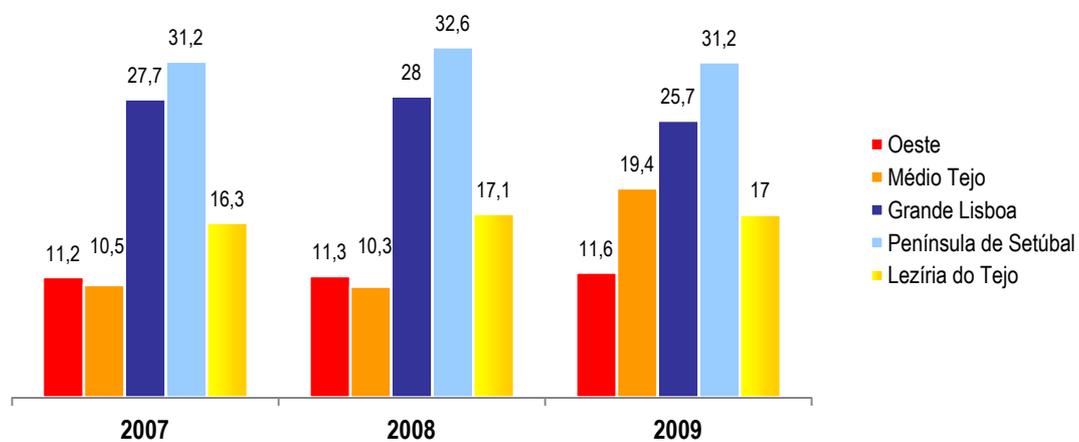


Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

A quebra registada na RLVT em 2009 é de 0,7%. É a Península de Setúbal que apresenta a maior proporção de pessoal ao serviço nas indústrias com nível tecnológico médio e elevado, contribuindo para isso o *cluster* automóvel centrado na Auto-Europa, seguindo-se da Grande Lisboa que concentra também um número significativo de empresas de alta tecnologia. No entanto, em ambas as sub-regiões, regista-se uma quebra em 2009, ainda que mais acentuada na Grande Lisboa, que apresenta valores mais baixos que em 2007.

As restantes sub-regiões da RLVT revelam uma dinâmica positiva nos 3 anos em análise, apesar de serem mais ruralizadas e onde as indústrias de média e média-alta tecnologia parecem ter menor representatividade face às indústrias transformadoras, ultrapassam a média nacional (expeto o Oeste – 11,6). Destaque para o Médio Tejo, que entre 2007 e 2009 apresenta um aumento na ordem dos 9%.

Figura 24 - Desempenho Sub-Regional  
Proporção de pessoal ao serviço nas indústrias de alta e média-alta tecnologia no total do pessoal ao serviço nas indústrias transformadoras (%)



Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

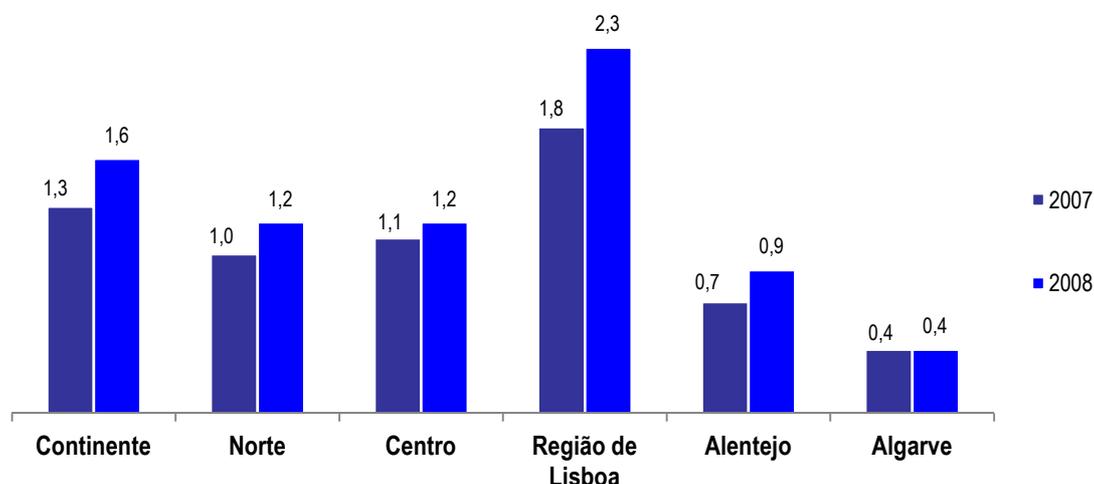
## 4.4 Inovação e Desenvolvimento Tecnológico

A Região de Lisboa destaca-se mais uma vez no panorama nacional no domínio da inovação e desenvolvimento tecnológico, quer na vertente dos *inputs* (aqui medidos pela despesa e em I&D e investigadores) quer dos *outputs* (por exemplo, patentes). Com efeito, o nível de despesa em I&D é o mais elevado a nível nacional, essencialmente devido à forte concentração e dinâmica do sistema de ciência e tecnologia que estimula o processo de desenvolvimento tecnológico na região, com maior destaque para a Grande Lisboa. Registe-se no entanto uma quebra no número de patentes nos últimos anos em análise, tendência que não é apenas regional.

### Despesas em I&D em % do PIB

Na última década a Região de Lisboa, no contexto nacional, tem vindo a apresentar um comportamento bastante positivo em termos de I&D, ainda que longe da meta dos 3%, definida para 2013 na Estratégia Regional Lisboa 2020. Apesar dos dados mais recentes apenas reportarem a 2008, a Região, com cerca de 2,3% do PIB investido em I&D, distancia-se em 0,7% da média do Continente.

Figura 25 - Desempenho Regional  
Despesas em I&D em % do PIB

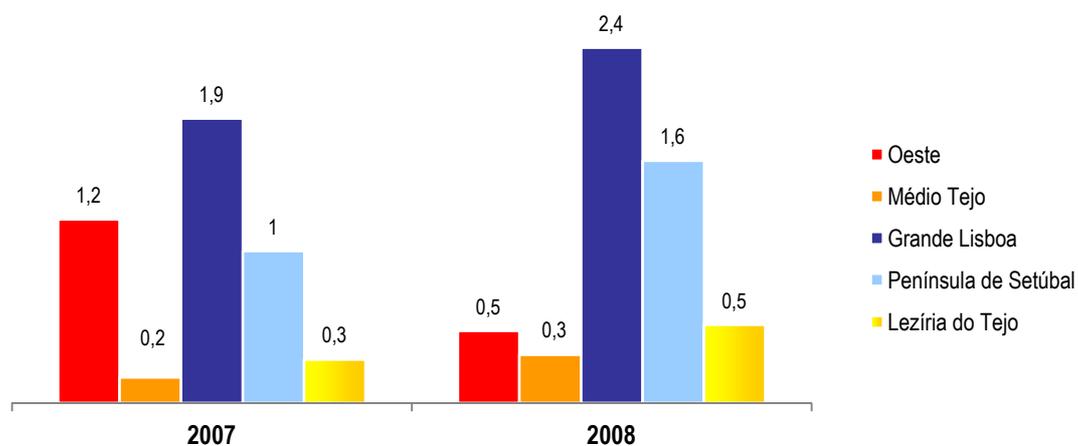


Fonte: INE, Anuário Estatístico da Região Lisboa

Ao nível sub-regional salientam-se as assimetrias registadas internamente. A Grande Lisboa é a sub-região com o melhor desempenho, seguindo-se a Península de Setúbal que, nos anos em análise, aumenta o seu investimento em I&D em 0,6%, atingindo um valor idêntico à média do continente.

Nas restantes sub-regiões regista-se um ligeiro aumento das despesas em I&D no Médio e na Lezíria do Tejo, enquanto o Oeste apresenta um decréscimo superior a 50% de 2007 para 2008.

Figura 26 - Desempenho Sub-Regional  
Despesas em I&D em % do PIB



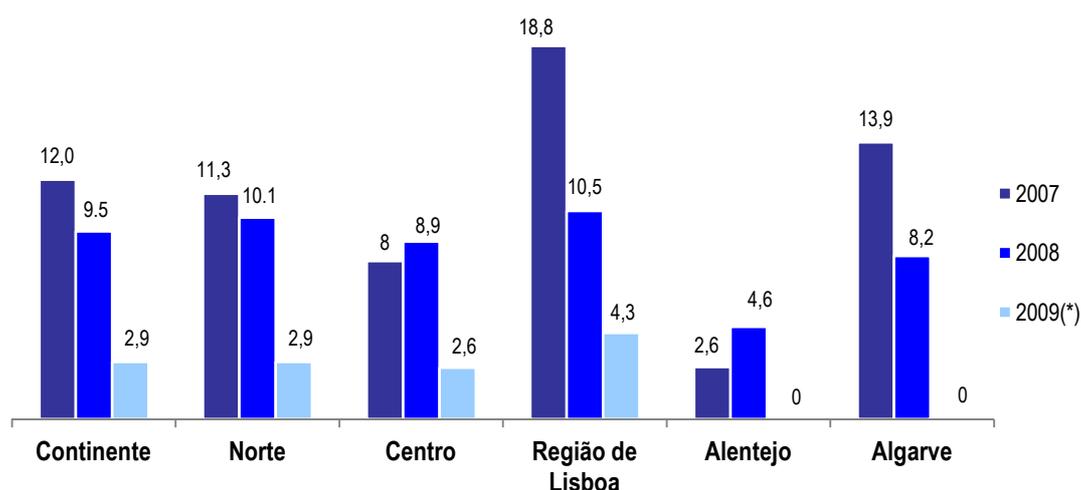
Fonte: INE, Anuário Estatístico da Região Lisboa

### Patentes EPO (por milhão de habitantes)

O número de patentes registado na Região de Lisboa, foi sempre superior à média do continente, bem como das outras regiões portuguesas, essencialmente devido à forte concentração e dinâmica do sistema de ciência e tecnologia que estimula o processo de desenvolvimento tecnológico na região. A existência de parques de ciência e tecnologia tem contribuído para o aprofundamento das relações universidade – empresa – instituições públicas, levando a uma maior evidência de *out-put* da inovação nesta região.

Na Região de Lisboa foram registadas 18,8 patentes por milhão de habitantes em 2007 e apenas 10,5 em 2008. Apesar de ser um número bastante favorável no contexto nacional, a Região em 2008 sofreu uma quebra significativa, apresentando valores muito próximos das restantes regiões do país. A meta apontada para 2013 pela Estratégia Regional Lisboa 2020 - 30 patentes por milhão de habitantes – parece estar cada vez mais comprometida.

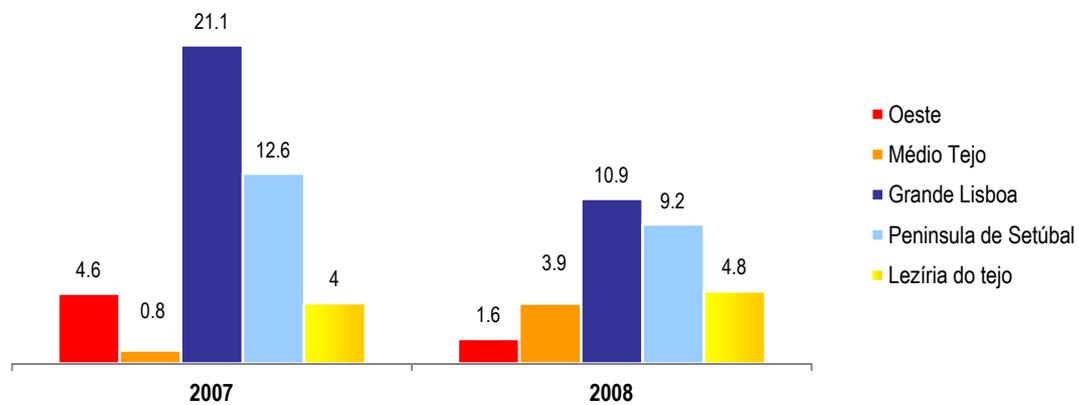
Figura 27 - Desempenho Sub-Regional  
Patentes EPO (por milhão de habitantes)



Fonte: EUROSTAT  
(\*) Dados provisórios

A nível sub-regional, destaca-se mais uma a vez a Grande Lisboa, com valores superiores às restantes sub-regiões, no entanto, as patentes registadas diminuem significativamente de 2007 para 2008 (-10,2), aproximando-se, pela negativa, dos valores registados na Península de Setúbal. Destaque-se o Médio Tejo e a Lezíria do Tejo que neste período registam uma subida no nº de patentes por milhão de habitantes.

Figura 28 - Desempenho Regional  
Patentes EPO (por milhão de habitantes)

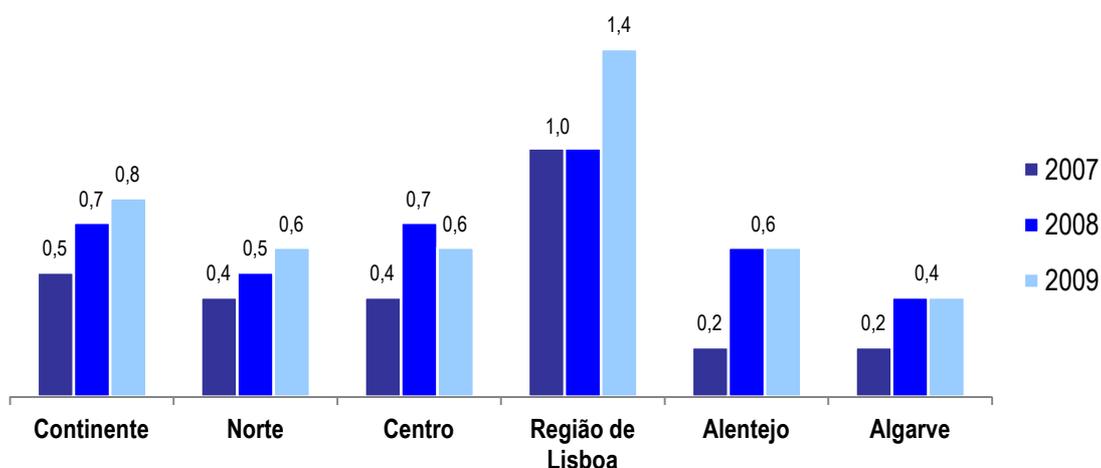


Fonte: EUROSTAT

### Proporção de investigadores equivalente a tempo integral na população ativa (ETI - %)

Tendo em conta a relevância regional da I&D e conseqüente perfil de especialização económica, bem como com o *output* do sistema de inovação, a Região de Lisboa, na comparação com as suas congéneres nacionais, apresenta também a maior concentração de investigadores do país. O número de investigadores a trabalhar na Região de Lisboa aumentou em 2009 em 0,4%, sendo a maior subida registada no país no período em análise.

Figura 29 - Desempenho Regional  
Proporção de investigadores equivalente a tempo integral na população ativa –(%)



Fonte: INE / Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

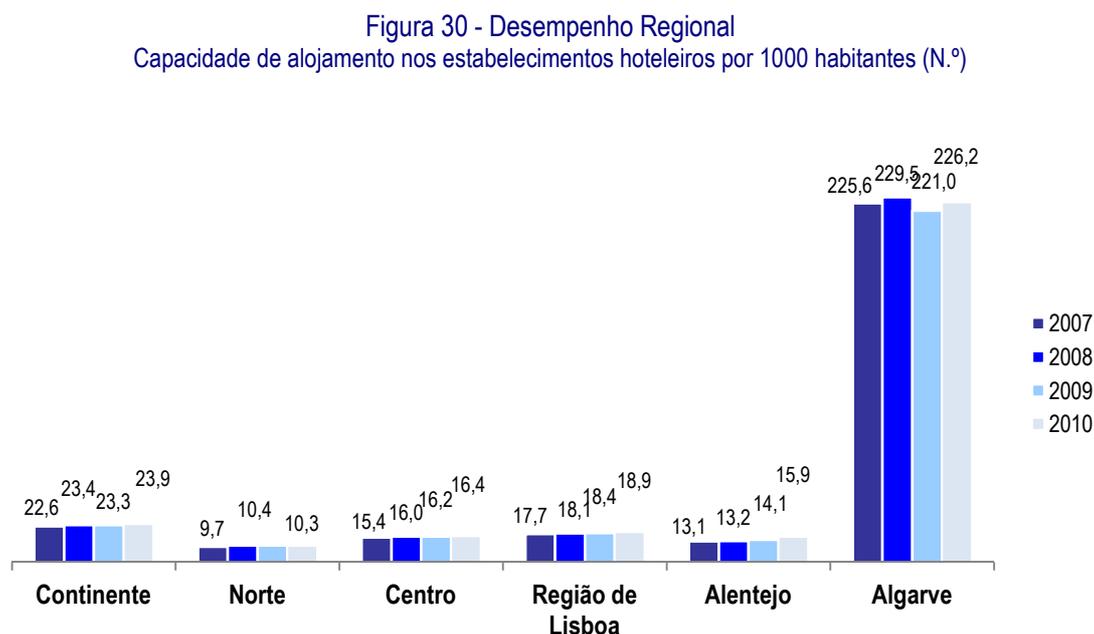
## 4.5 Turismo

Com uma capacidade de alojamento significativa, em especial na Grande Lisboa e com um número de dormidas que atingiu cerca de 24% do total de dormidas no continente em 2009, a capacidade de alojamento na Região de Lisboa e Vale do Tejo corresponde a quase 30% do total do Continente, revelando a importância deste sector para a economia regional.

Apesar da quebra registada neste sector nos anos de 2008 e 2009 (em que a crise europeia que se instalou por toda a Europa pode ser uma das razões deste decréscimo) a Região parece ter melhorado a sua performance em 2010, registando um aumento de 300 mil dormidas face ao ano anterior. Lisboa caracteriza-se por uma diversificação do produto e segmento turísticos, com destaque para o peso do turismo religioso, do sol e praia e do turismo urbano/cultural *short break*, ao que se associa a dinâmica recente de uma maior oferta de voos em companhias áreas *low cost* que servem essencialmente a cidade de Lisboa.

### Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (N.º)

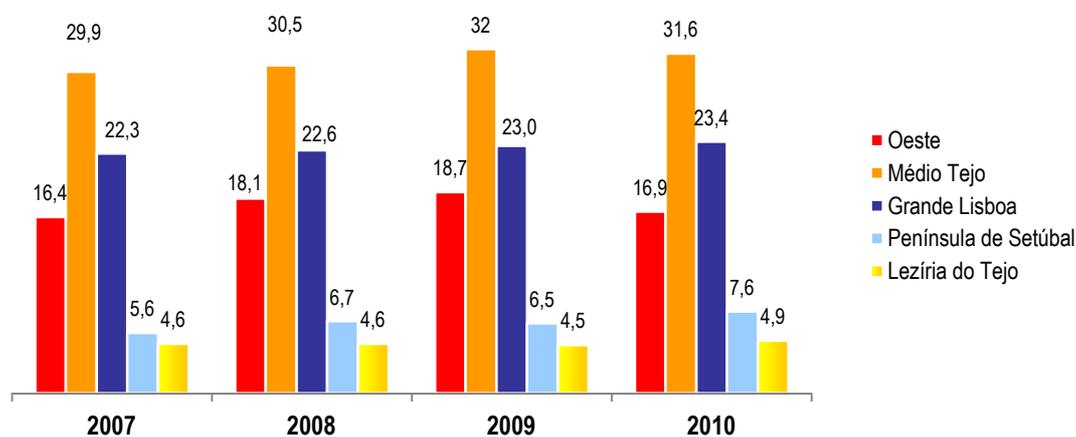
À exceção da Região do Algarve, a capacidade dos alojamentos hoteleiros na Região de Lisboa, que corresponde ao número de camas existentes por 1000 habitantes, continua a marcar uma posição significativa no território nacional, atingindo em 2010 18,9 camas por mil habitantes.



Fonte: INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria

Ao nível sub-regional, destacam-se o Médio Tejo, a Grande Lisboa e o Oeste. Calculado com base na população residente, este indicador aponta para cerca de 31 camas por mil habitantes no Médio Tejo, onde o turismo religioso (Santuário de Fátima) tem um peso significativo, seguindo-se da Grande Lisboa que concentra a maior população do país e que oferece cerca de 23 camas por mil habitantes. Registe-se que o Oeste, com uma subida no número de camas nos últimos anos da década passada, sofre uma quebra em 2010, passando das 18,7 camas para 16,9 camas por mil habitantes. Esta descida pode prender-se com o facto de haver, segundo as estimativas do INE, um aumento da população residente nesta sub-região. É a Península de Setúbal, com um número de camas com pouco impacto na Região, que regista no entanto o maior crescimento nos últimos quatro anos, passando das 5,6 camas em 2007 para as 7,6 em 2010.

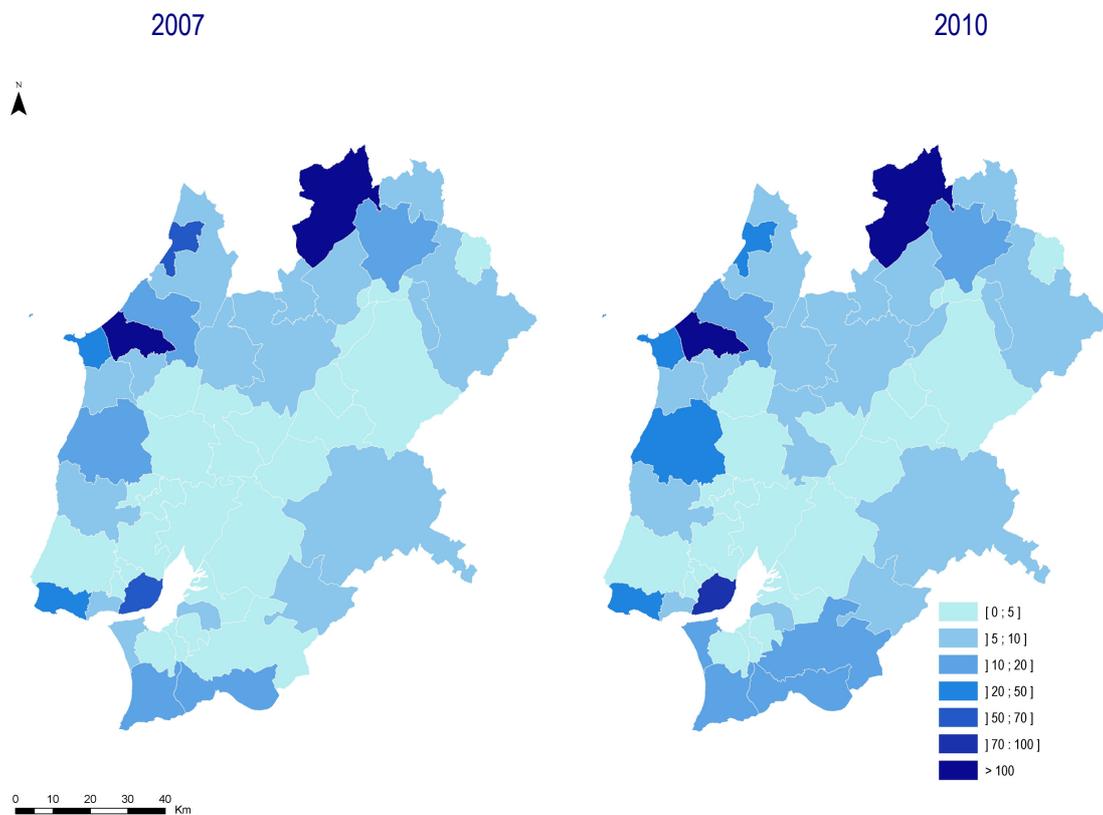
Figura 31 - Desempenho Sub-Regional  
Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (N.º)



Fonte: INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria

A descida verificada no Oeste, deve-se sobretudo ao município de Óbidos (passa das 112 para as 108 camas), no entanto, continua a ser este município, a par do de Ourém a registarem o maior número de camas em toda a RLVT (mais de 100 por mil habitantes). As subidas mais significativas da capacidade hoteleira, no período em análise, registam-se nos municípios de Lisboa (+8,3), Almada (+4,9), Palmela (+14,3) e Torres Vedras (+5,4).

Figura 32 - Desempenho Concelhio  
Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (N.º)

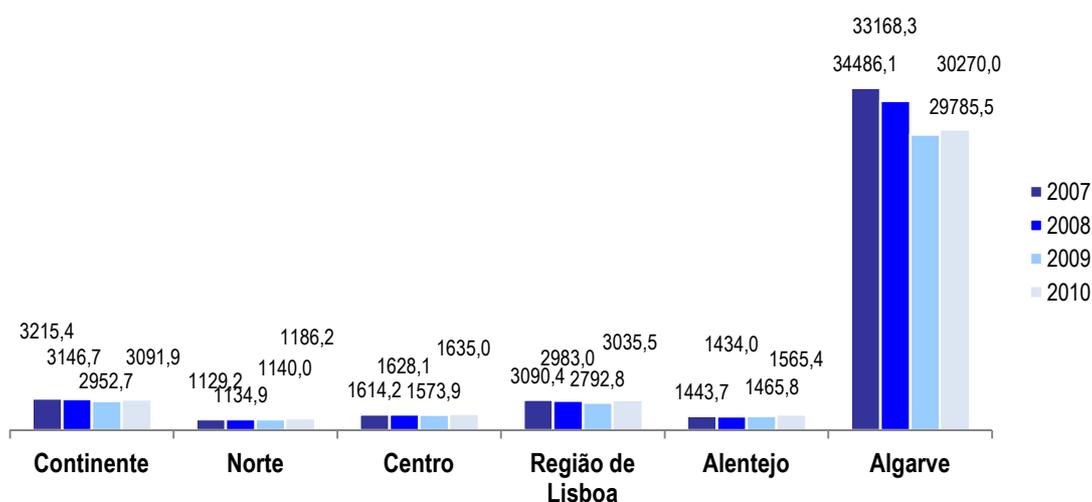


Fonte: INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria/ ORLVT

### Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (milhares)

Quanto ao número de dormidas por 1000 habitantes, de hóspedes nacionais e estrangeiros, o período em análise revela uma quebra no ano de 2009 em todas as regiões do Continente, exceto no Norte e no Alentejo, com valores estáveis neste período. No entanto, o ano de 2010 revela uma ligeira subida, retomando os valores de 2007, à exceção do Algarve que fica ainda muito aquém dos 34 milhões de dormidas registadas nesse ano. A Região de Lisboa, revela uma subida entre 2009 e 2010.

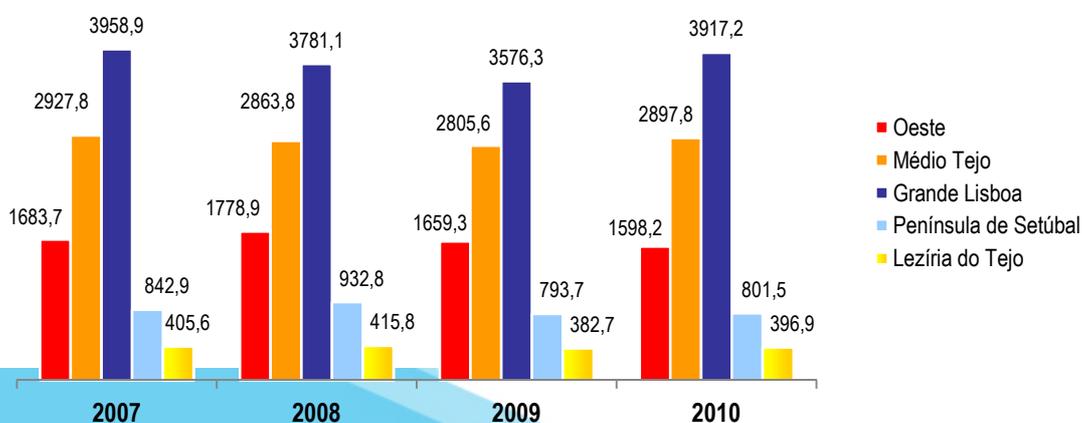
Figura 33 - Desempenho Regional  
Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (milhares)



Fonte: INE / ORLVT, Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo

A nível sub-regional destaca-se a Grande Lisboa, seguida da sub-região do Médio Tejo e do Oeste como os destinos mais procurados na RLVT. No entanto, todas as sub-regiões apresentam uma quebra de dormidas de 2007 para 2009 e que, apesar da subida em 2010, os valores registados ficam ainda longe dos de 2007.

Figura 34 - Desempenho Sub-Regional  
Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (milhares)

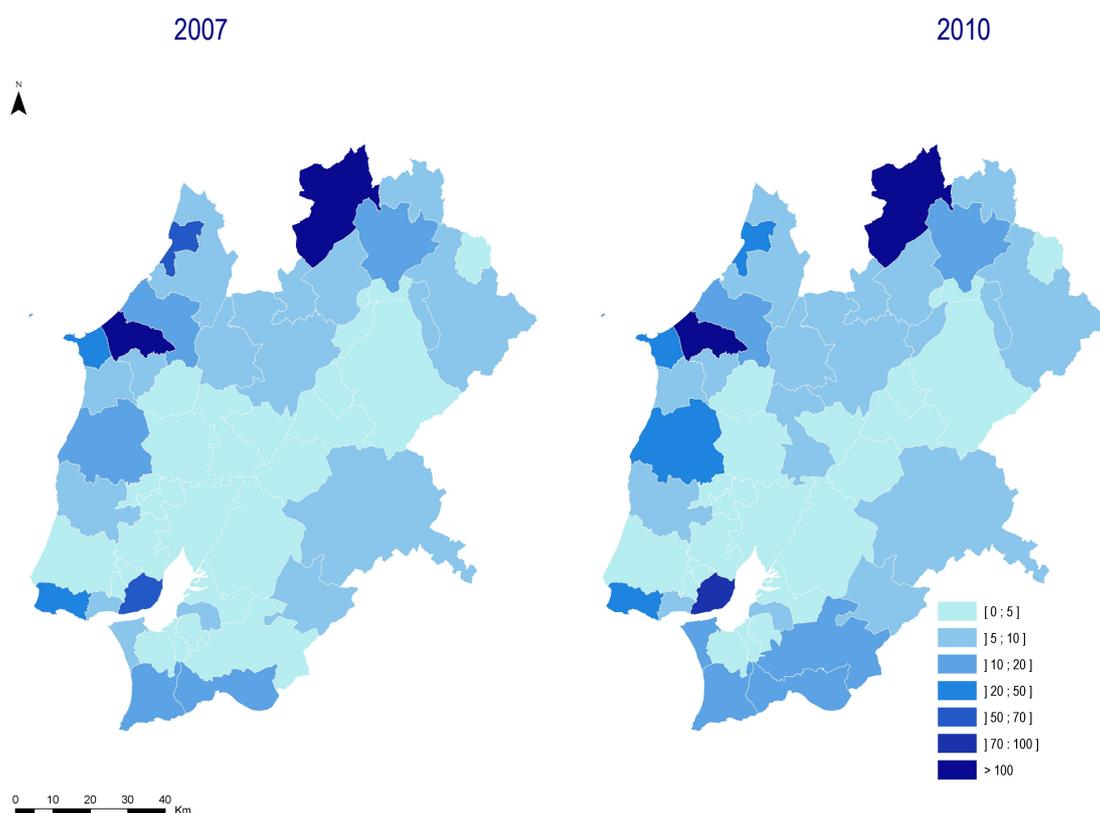


Fonte: INE / ORLVT

A sub-região Oeste, tornou-se na última década um ponto de atração turística, com concelhos como Óbidos, Nazaré, Peniche e Torres Vedras a registarem uma procura significativa de sol e praia por turistas nacionais e estrangeiros. No entanto, à exceção da Nazaré, os restantes concelhos sofreram alguma quebra no número de dormidas por mil habitantes. Neste indicador, mantêm-se os municípios de Óbidos, Ourém e Lisboa como os de maior procura, registando um número de dormidas por mil habitantes superior aos 10 mil.

Os novos dados de 2010 sobre o turismo, e apesar da quebra do número de dormidas em vários concelhos, disponibilizam informação para novos concelhos, não contemplada em anos anteriores, ou porque a informação não era recolhida, ou porque nos últimos anos melhoraram a sua capacidade hoteleira. É certo que as “manchas” na figura de 2010 destacam uma maior concentração regional no litoral Oeste, bem como na Península de Setúbal.

Figura 35 - Desempenho Concelhio  
Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (milhares)

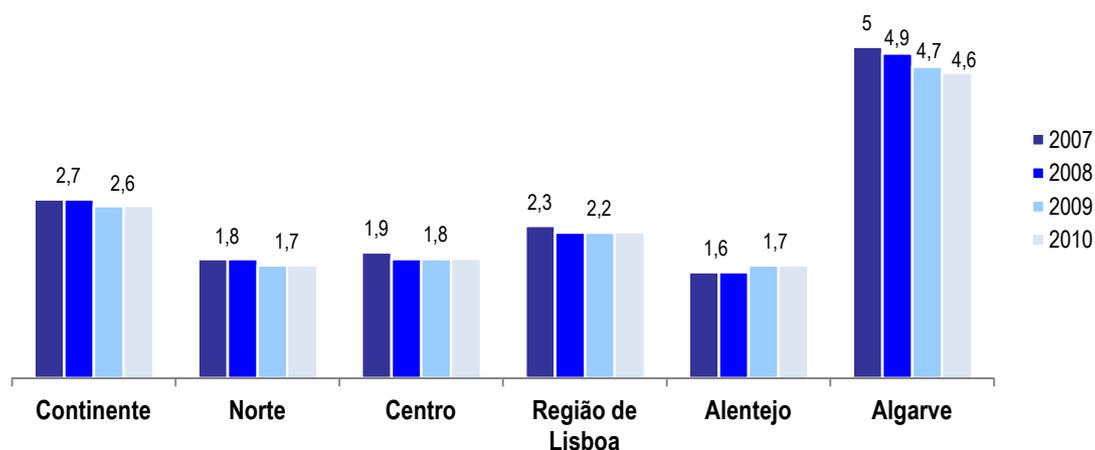


Fonte: INE / ORLVT

### Estada média nos estabelecimentos hoteleiros por tipo de alojamento (dias)

Tendo agora em conta a estada média dos hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros, verifica-se um ligeiro decréscimo no período em análise, exceto no Alentejo. A Região do Algarve parece ser a mais afetada. Tendo em conta que ao nível sub-regional não há tendências significativas a registar, optou-se aqui por não apresentar os dados para as 5 NUTSIII da RLVT.

Figura 36 - Desempenho Regional  
Estada média nos estabelecimentos hoteleiros por tipo de alojamento (dias)

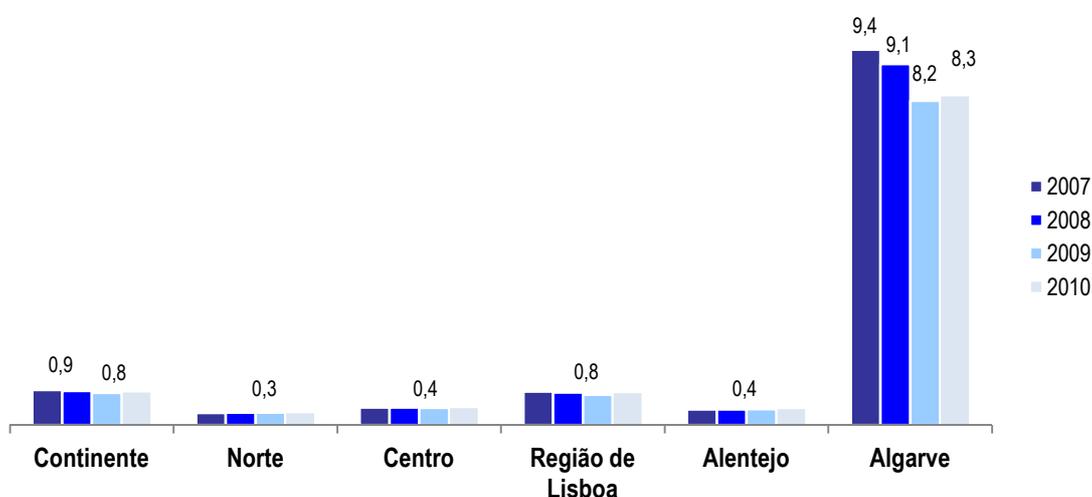


Fonte: INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria

### Intensidade turística (dormidas noite/hab)

A Intensidade Turística é um dos Indicadores de Desenvolvimento Sustentável, utilizado pela Agência Portuguesa do Ambiente e pelo Turismo de Portugal nos seus Relatórios de Sustentabilidade anuais. Avalia a relação entre a quantidade de turistas e a população residente num determinado território, indicando a pressão exercida e a dimensão dos potenciais impactes resultantes. Se a razão for menor ou igual a 1,1 dormidas por residente então é considerada sustentável; se se encontrar entre 1,1 e 1,5 é considerada pouco sustentável e se for superior ou igual a 1,6 é encarada como insustentável. A Região de Lisboa apresenta valores dentro dos parâmetros da sustentabilidade e muito próximos dos do Continente.

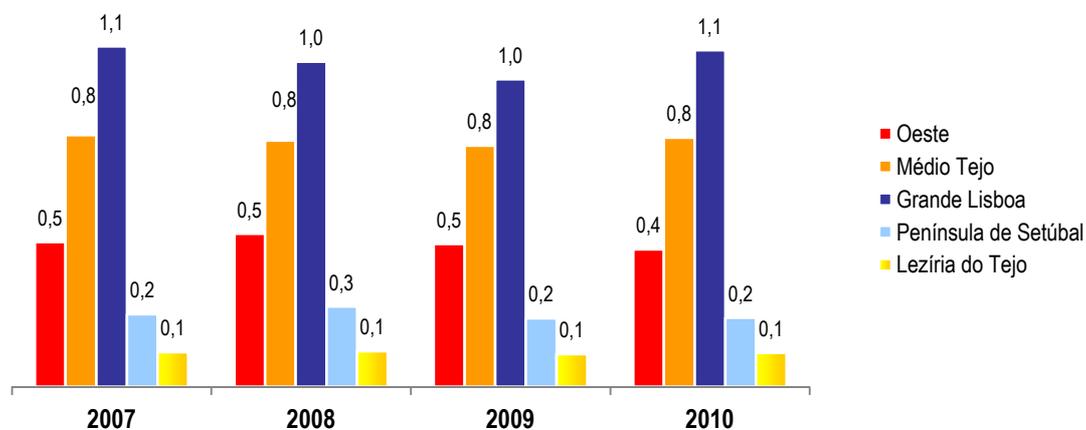
Figura 37 - Desempenho Regional  
Intensidade turística (dormidas noite/hab)



Fonte: Turismo de Portugal, I.P., 2010 / ORLVT

Quanto à dimensão intra-regional destaca-se a Grande Lisboa, por apresentar valores substancialmente mais altos que as outras Sub-regiões, mas ainda assim dentro dos parâmetros da sustentabilidade e a Lezíria do Tejo pela inexpressividade da pressão turística. Só na análise ao nível municipal é possível perceber a situação concreta de alguns concelhos.

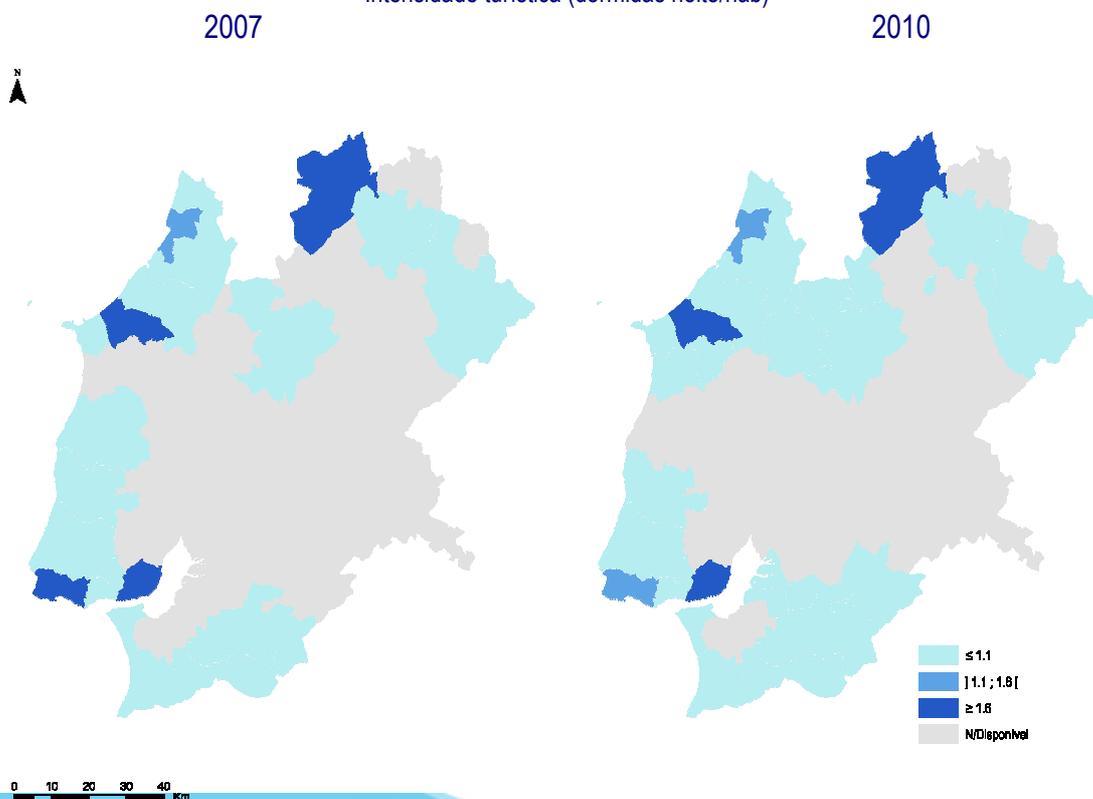
Figura 38 - Desempenho Sub-Regional  
Intensidade turística (dormidas noite/hab)



Fonte: Turismo de Portugal, I.P., 2010 / ORLVT

A intensidade turística dos municípios de Óbidos (3,37), Ourém (2,85) e Lisboa (3,61) revela-se como “insustentável”, dado encontrarem-se acima dos 1,6 em ambos os anos em análise. Cascais é o único município que melhorou a sua intensidade turística, que passou de 2007 para 2010 de 1,79 para 1,55, os restantes municípios da Região, em 2010, não chegavam ao valor 1.

Figura 39 - Desempenho Concelhio  
Intensidade turística (dormidas noite/hab)



Fonte: Turismo de Portugal, I.P., 2010 / ORLVT

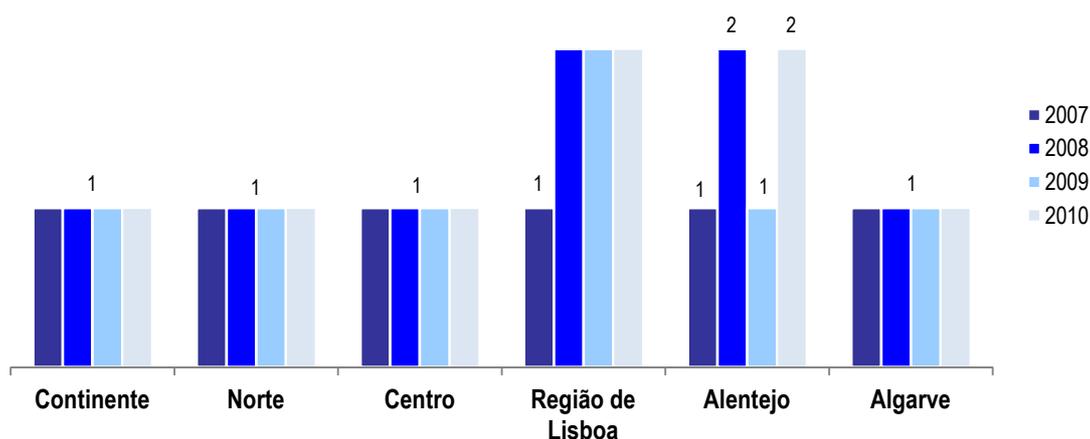
## 4.6 Governança

Existindo pouca informação para esta dimensão de análise, o que impossibilita uma análise das dinâmicas regionais ao nível da governança, apenas destacamos o indicador das Organizações Não-Governamentais (ONG) do Ambiente, onde na Região de Lisboa estão bem representadas.

### Organizações não-governamentais de ambiente por 100 000 habitantes

As ONG's ambientais estão bastante representadas no território da Região de Lisboa, com valores superiores à média nacional. Com exceção do Alentejo, as restantes regiões do Continente mantêm os seus valores no período considerado.

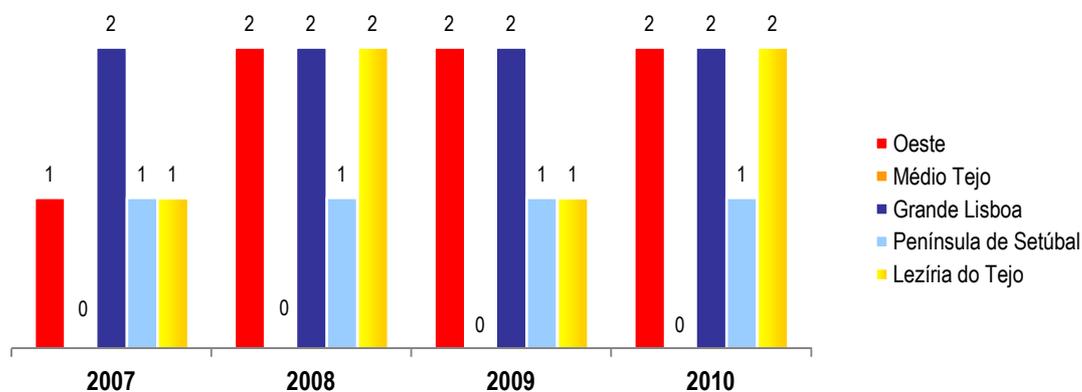
Figura 40 - Desempenho Regional  
ONG's de ambiente por 100 000 habitantes



Fonte: INE, Inquérito às Organizações não-governamentais de Ambiente

À exceção do Médio Tejo, todas as sub-regiões mantiveram no período em análise o seu número de ONG's ambiente por 100.000 habitantes.

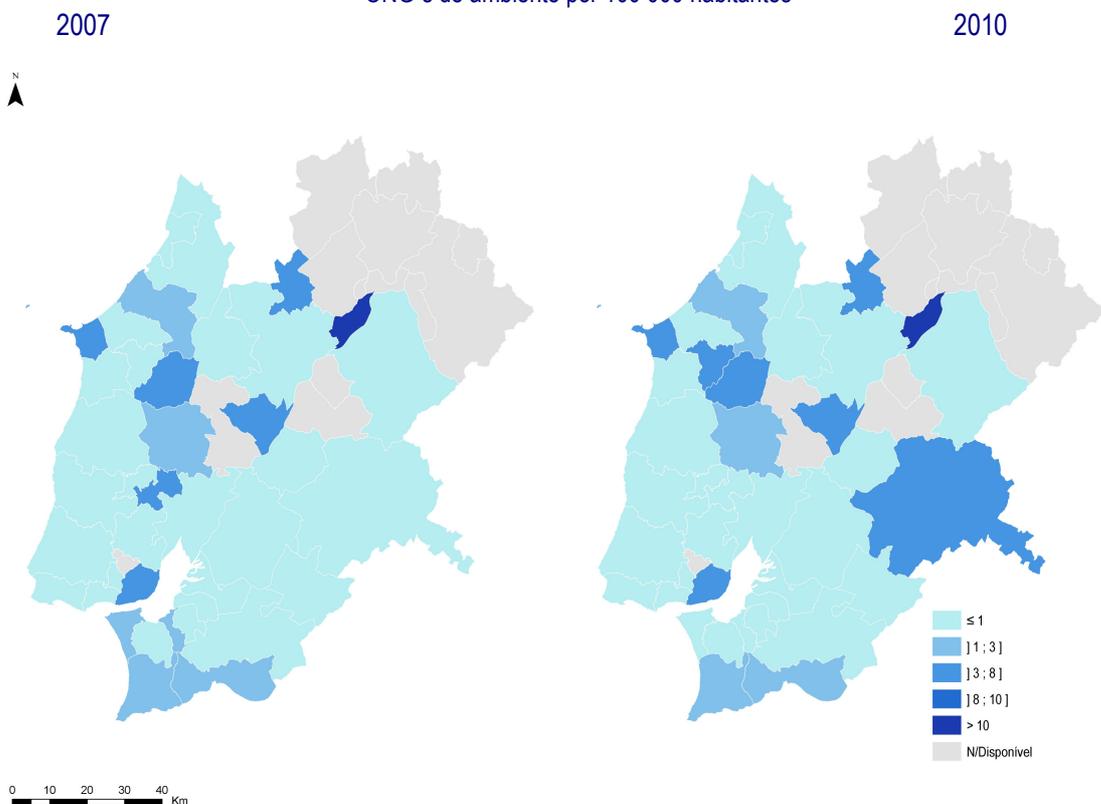
Figura 41 - Desempenho Sub-Regional  
ONG's de ambiente por 100 000 habitantes



Fonte: INE, Inquérito às Organizações não-governamentais de Ambiente

São os concelhos mais ruralizados que a proporção de Organizações Não Governamentais do ambiente continuam a ter uma maior representatividade, com exceção do município de Lisboa. No entanto, algumas das ONG's sediadas em Lisboa têm a sua área intervenção em outras zonas da Região.

Figura 42 - Desempenho Concelhio  
ONG's de ambiente por 100 000 habitantes



Fonte: INE, Inquérito às Organizações não Governamentais de Ambiente/ ORLVT



Figura nº	Designação	Pag. nº
1	<b>Empresas por Sub-Região (Nº)</b>	112
<b>Taxa de sobrevivência das empresas nascidas 2 anos antes (%)</b>		
2	Desempenho Regional	113
3	Desempenho Sub-Regional	114
<b>Proporção de nascimentos de empresas em sectores de alta e média-alta tecnologia (%)</b>		
4	Desempenho Regional	115
5	Desempenho Sub-Regional	115
<b>PIB <i>per capita</i> a preços correntes (Base 2000), em milhares €</b>		
6	Desempenho Regional	116
7	Desempenho Sub-Regional	117
<b>PIB a preços do ano anterior (Taxa de variação anual - Base 2000 - %)</b>		
8	Desempenho Regional	118
<b>Produtividade aparente do trabalho (Mil €)</b>		
9	Desempenho Regional	119
10	Desempenho Sub-Regional	119
<b>Taxa de cobertura das importações pelas exportações (%)</b>		
11	Desempenho Regional	120
12	Desempenho Sub-Regional	121
<b>Taxa de exportações de bens (%)</b>		
13	Desempenho Regional	122
14	Desempenho Sub-Regional	123
<b>Proporção de exportações de bens de alta tecnologia (%)</b>		
15	Desempenho Regional	124
16	Desempenho Sub-Regional	124
<b>Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem (1000 €)</b>		
17	Desempenho Regional	125
18	Desempenho Sub-Regional	126
19	Desempenho Concelhio	127
<b>Proporção da população ativa por local de residência e nível de escolaridade mais elevado completo (%)</b>		
20	Desempenho Regional	128
<b>Proporção de pessoal ao serviço em serviços intensivos em conhecimento de alta tecnologia no total do pessoal ao serviço em serviços (%)</b>		
21	Desempenho Regional	129
22	Desempenho Sub-Regional	129
<b>Proporção de pessoal ao serviço nas indústrias de alta e média-alta tecnologia no total do pessoal ao serviço nas indústrias transformadoras (%)</b>		
23	Desempenho Regional	130
24	Desempenho Sub-Regional	131
<b>Despesas em I&amp;D em % do PIB</b>		
25	Desempenho Regional	132
26	Desempenho Sub-Regional	133

<b>Patentes EPO (por milhão de habitantes)</b>		
27	Desempenho Regional	134
28	Desempenho Sub-Regional	135
<b>Proporção de investigadores equivalente a tempo integral na população ativa (ETI - %)</b>		
29	Desempenho Regional	136
<b>Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes (N.º)</b>		
30	Desempenho Regional	137
31	Desempenho Sub-Regional	138
32	Desempenho Concelhio	139
<b>Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por 1000 habitantes</b>		
33	Desempenho Regional	140
34	Desempenho Sub-Regional	140
35	Desempenho Concelhio	141
<b>Estada média nos estabelecimentos hoteleiros por tipo de alojamento (dias)</b>		
36	Desempenho Regional	142
<b>Intensidade turística (dormidas noite/hab)</b>		
37	Desempenho Regional	143
38	Desempenho Sub-Regional	144
39	Desempenho Concelhio	144
<b>Organizações não-governamentais de ambiente por 100 000 habitantes</b>		
40	Desempenho Regional	145
41	Desempenho Sub-Regional	146
42	Desempenho Concelhio	146





# RETRATO CONCELHIO

II PARTE

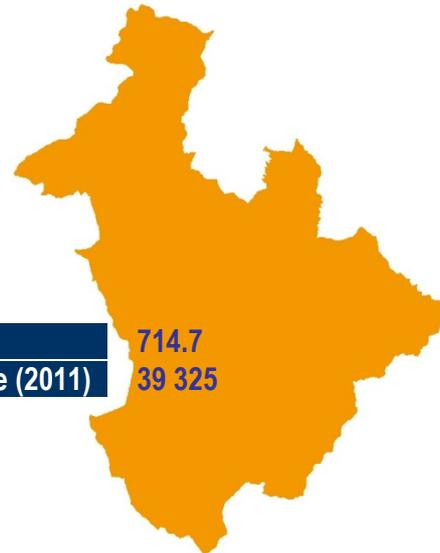
## Retrato concelhio

Uma análise mais pormenorizada ao nível concelhio revela-se fundamental para um melhor conhecimento da Região, e em especial na aferição das disparidades ainda existentes entre os 51 municípios em análise.

Desta forma, o relatório apresenta em seguida uma ficha de caracterização individual de cada município, com base em 11 indicadores, em dois momentos temporais distintos, e fazendo um ponto de situação sobre os PDM eficazes, de forma a identificar as tendências evolutivas registadas no final da década passada.

Tendência	
	Evolução favorável
	Evolução desfavorável
	Estabilização

## Município de Abrantes

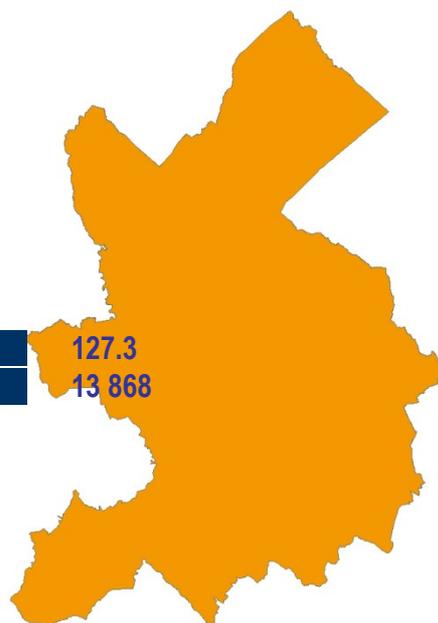


Área (Km<sup>2</sup>) 714.7  
População Residente (2011) 39 325

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-6,89	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	193,9	≈
	2010	193,7	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	78,6	↑
	2010	82,5	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	9,7	≈
	2011	9,6	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	2,1	≈
	2010	2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	15,5	↑
	2009	13,9	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	≈
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↑
	2010	21	
Fogos Construídos (nº)	2007	119	↓
	2010	122	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	0	-
	2010	0	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,21	≈ Sustentável
	2010	0,19	

## Município de Alcanena

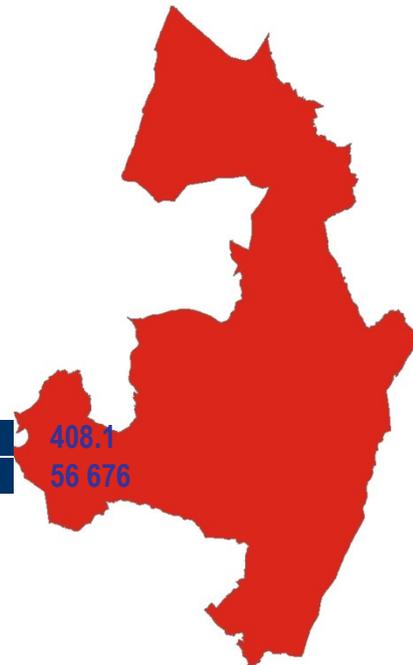
Área (Km <sup>2</sup> )	127.3
População Residente (2011)	13 868



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-5,1	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	157,1	↓
	2010	163,9	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	87,8	↓
	2010	82	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,8	↑
	2010	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	10,1	≈
	2009	10,2	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	9	↓
	2009	10,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↑
	2010	10	
Fogos Construídos (nº)	2007	81	↑
	2010	39	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	46,3	≈
	2010	46,3	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	Sustentável
	2010	0,18	

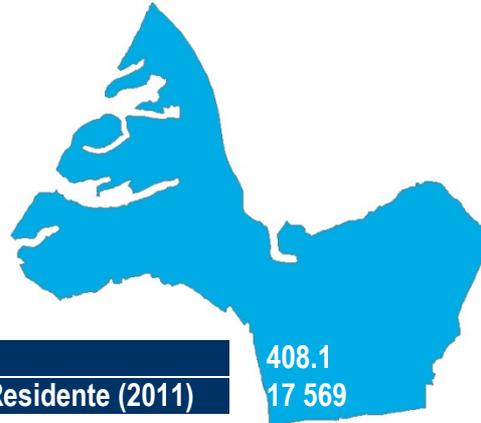
## Município de Alcobaça

Área (Km <sup>2</sup> )	408,1
População Residente (2011)	56 676



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	2,35	≈
Índice de Envelhecimento (%)	2007	116,6	↓
	2010	125,7	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	79,4	↑
	2010	81,9	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,9	≈
	2010	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	12,5	↑
	2009	11,3	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,6	≈
	2009	0,5	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	≈
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	481	↑
	2010	349	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	11,5	≈
	2010	11,5	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,3	≈ Sustentável
	2010	0,28	

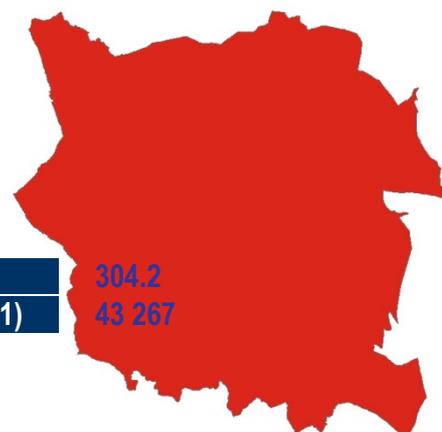
## Município de Alcochete



Área (Km<sup>2</sup>) 408.1  
População Residente (2011) 17 569

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	35,04	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	100	≈
	2010	102,9	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	68,2	↑
	2010	77,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,7	↑
	2010	2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	32,4	↓
	2009	35,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	1,9	↑
	2009	1,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	↑
	2010	16	
Fogos Construídos (nº)	2007	213	↑
	2010	168	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	52,8	≈
	2010	52,8	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	Sustentável
	2010	0,1	

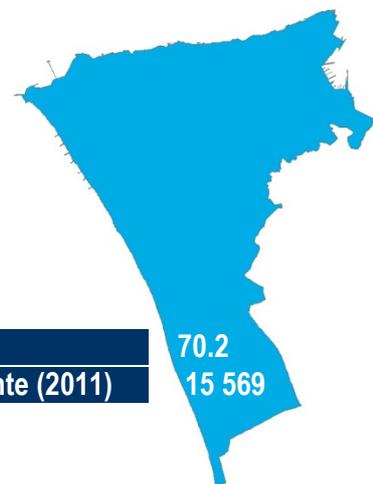
## Município de Alenquer



Área (Km <sup>2</sup> )	304.2
População Residente (2011)	43 267

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	10,43	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	115,8	≈
	2010	118	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	67	↑
	2010	82,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,7	↑
	2010	0,9	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	13,7	≈
	2009	13,1	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	1,4	↑
	2009	0,9	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↓
	2010	7	
Fogos Construídos (nº)	2007	174	↑
	2010	123	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	3,2	≈
	2010	3,2	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

## Município de Almada

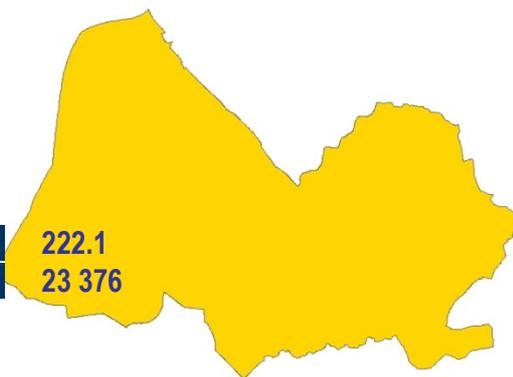


Área (Km<sup>2</sup>) 70.2  
População Residente (2011) 15 569

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	8,21	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	113,7	↓
	2010	121,5	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	69,5	↑
	2010	75,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	67,3	↑
	2011	76,7	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	3,5	≈
	2010	3,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	12,4	↑
	2009	11,5	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,6	≈
	2009	0,5	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	↑
	2010	14	
Fogos Construídos (nº)	2007	789	↑
	2010	384	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,29	≈ Sustentável
	2010	0,35	

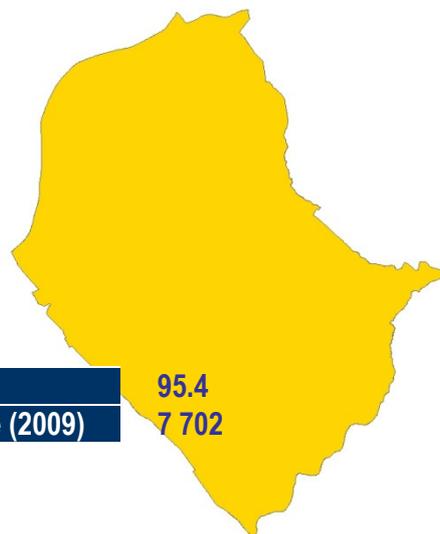
## Município de Almeirim

**Área (Km<sup>2</sup>)** 222.1  
**População Residente (2011)** 23 376



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	6,46	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	116,9	↓
	2010	120,8	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	94,9	↑
	2010	99,5	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,5	≈
	2010	1,5	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	10,9	↑
	2009	9,5	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante	2007	1,4	≈
	2009	1,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	4	≈
	2010	4	
Fogos Construídos (nº)	2007	16	↑
	2010	126	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 18 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística	2007	-	
	2010	-	

## Município de Alpiarça

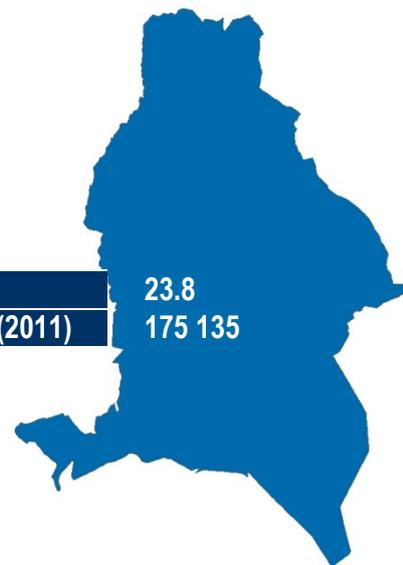


Área (Km²)	95.4
População Residente (2009)	7 702

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-4,01	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	182,6	≈
	2010	181,3	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	84,3	≈
	2010	84,7	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,1	≈
	2010	1,2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	10,4	≈
	2009	10,7	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	3	↑
	2010	5	
Fogos Construídos (nº)	2007	30	↑
	2010	21	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

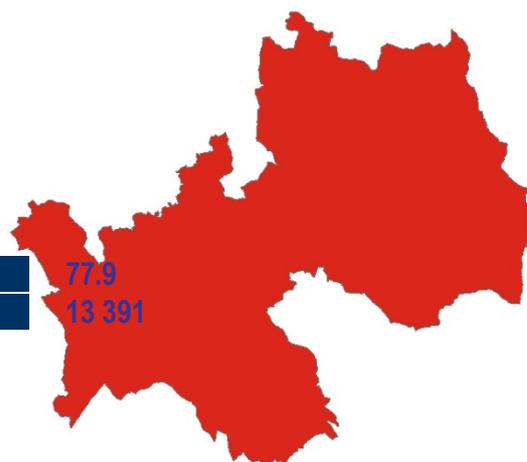
## Município da Amadora

Área (Km <sup>2</sup> )	23.8
População Residente (2011)	175 135



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-0,42	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	113,7	↓
	2010	121,5	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	66	↓
	2010	70,5	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	1,6	↑
	2010	2,1	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	2,9	↑
	2010	3	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	12,5	≈
	2009	12,7	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	12	↑
	2010	14	
Fogos Construídos (nº)	2007	1208	↑
	2010	319	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Não iniciada	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,04	≈ Sustentável
	2010	0,11	

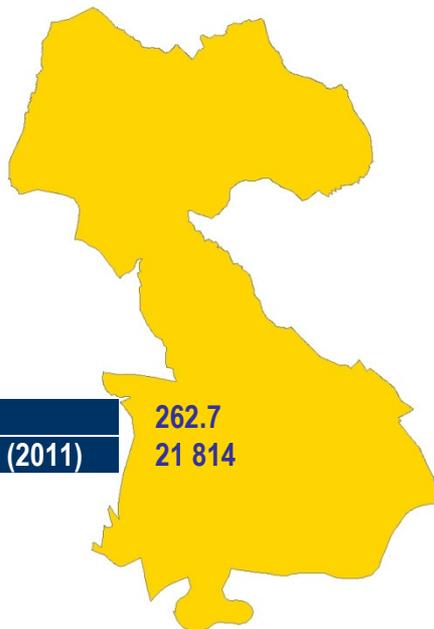
## Município de Arruda dos Vinhos



Área (Km<sup>2</sup>) 77,9  
População Residente (2011) 13 391

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	29,4	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	126,9	≈
	2010	126,3	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	80,8	↓
	2010	79,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,2	≈
	2010	1,4	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	6,7	≈
	2009	6,1	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,9	↑
	2009	0,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	≈
	2010	8	
Fogos Construídos (nº)	2007	192	↑
	2010	99	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

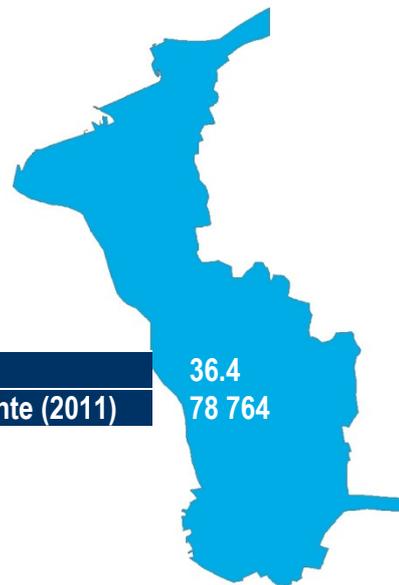
## Município de Azambuja



Área (Km <sup>2</sup> )	262,7
População Residente (2011)	21 814

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	4,69	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	141,5	↓
	2010	144,1	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,5	↓
	2010	73,7	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,9	≈
	2010	0,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	22,8	↑
	2009	15,9	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	6,5	≈
	2009	6,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↓
	2010	6	
Fogos Construídos (nº)	2007	117	↑
	2010	91	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

## Município do Barreiro

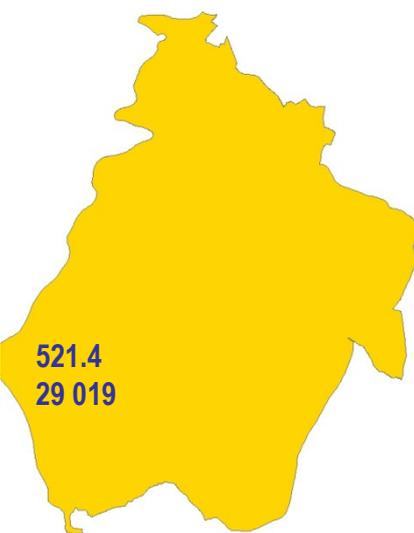


Área (Km <sup>2</sup> )	36.4
População Residente (2011)	78 764

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-0,31	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	133,3	↓
	2010	143,2	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	73,9	↑
	2010	79,1	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	4	↑
	2011	5,4	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	2,4	↑
	2010	2,6	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	17,8	↑
	2009	16,4	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↓
	2009	0,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	↑
	2010	13	
Fogos Construídos (nº)	2007	694	↑
	2010	277	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

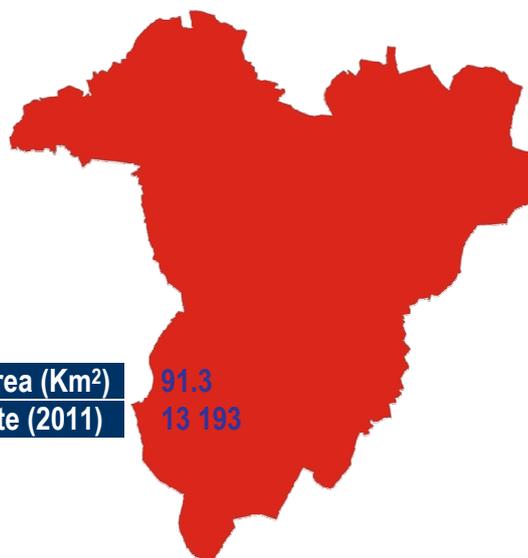
## Município de Benavente

Área (Km<sup>2</sup>) 521.4  
População Residente (2011) 29 019



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	24,78	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	97,3	↓
	2010	102,4	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	70,1	↑
	2010	77,3	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,8	↑
	2009	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	15,2	↑
	2009	14,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,7	↑
	2009	0,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	4	↑
	2010	5	
Fogos Construídos (nº)	2007	250	↑
	2010	126	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	30,5	≈
	2010	30,5	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

## Município do Bombarral

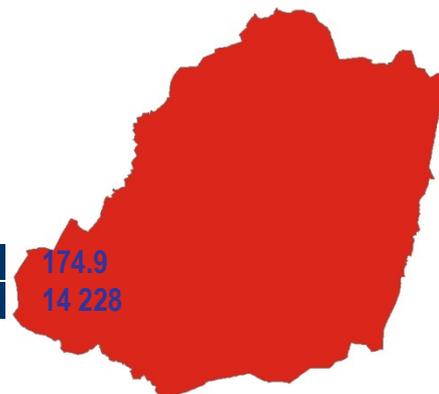


Área (Km²)	91.3
População Residente (2011)	13 193

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-0,98	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	159,9	↓
	2010	166,1	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	75	↓
	2010	74,7	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,2	≈
	2010	1,2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	12,2	↑
	2009	9,3	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	11	↑
	2010	13	
Fogos Construídos (nº)	2007	73	↑
	2010	55	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	Sustentável
	2010	0,13	

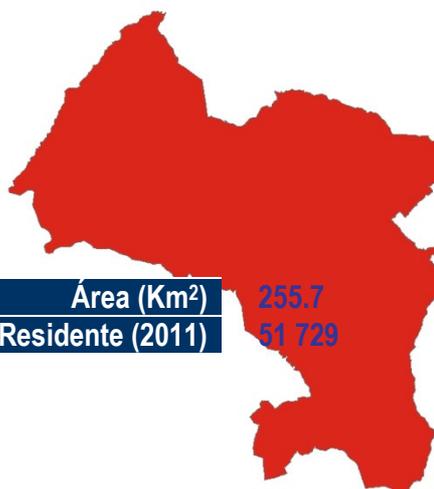
## Município do Cadaval

Área (Km <sup>2</sup> )	174,9
População Residente (2011)	14 228



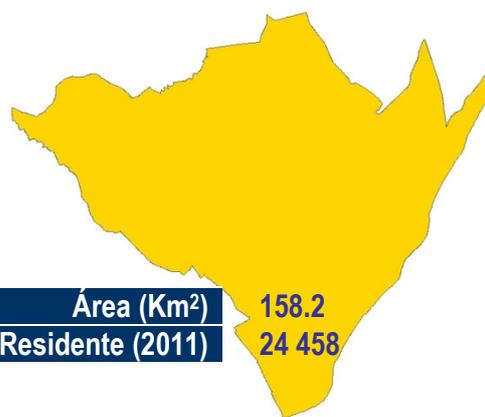
Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	2,04	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	179,2	≈
	2010	179,6	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	74,1	↑
	2010	77,1	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,3	≈
	2010	0,3	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	9,7	↑
	2009	8,1	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	10	↑
	2010	12	
Fogos Construídos (nº)	2007	93	↑
	2010	46	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	16,2	≈
	2010	16,2	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

## Município das Caldas da Rainha



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	5,90	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	125,1	↓
	2010	131,5	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	73,6	↑
	2010	78,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	27,4	↑
	2011	29,2	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	2,8	≈
	2010	2,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	10,1	↑
	2009	9,3	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	1	↑
	2009	0,8	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	↑
	2010	10	
Fogos Construídos (nº)	2007	329	↑
	2010	238	
Tempo de Vigência do PDM	2012	- 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,5	≈ Sustentável
	2010	0,3	

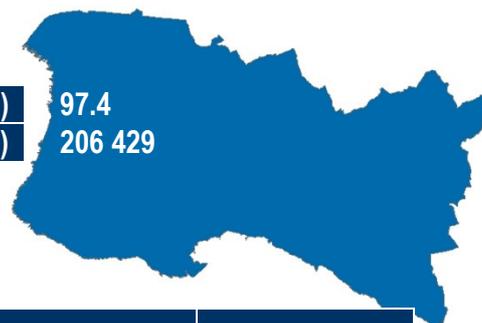
## Município do Cartaxo



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	4,57	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	138,3	↓
	2010	144,4	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	69,2	↑
	2010	76,2	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,5	↑
	2010	1,7	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	17,1	↑
	2009	13	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	4	↑
	2010	5	
Fogos Construídos (nº)	2007	229	↑
	2010	92	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

## Município de Cascais

Área (Km <sup>2</sup> )	97.4
População Residente (2011)	206 429



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	20,94	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	99,2	↓
	2010	101,6	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	77,8	↑
	2010	81,5	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	10,9	↑
	2011	14,2	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	6,6	↑
	2010	7	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	10,3	↑
	2009	9	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	30	↓
	2010	29	
Fogos Construídos (nº)	2007	1170	↑
	2010	646	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	27,2	≈
	2010	27,2	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	1,79	↑ Pouco sustentável
	2010	1,55	

## Município da Chamusca



Área (Km <sup>2</sup> )	746
População Residente (2011)	10 120

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-11,94	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	225,4	↓
	2010	239,9	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	67,3	↑
	2010	74,8	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,6	≈
	2010	0,6	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	13,1	↑
	2009	7,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	6	↑
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	47	↑
	2010	28	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

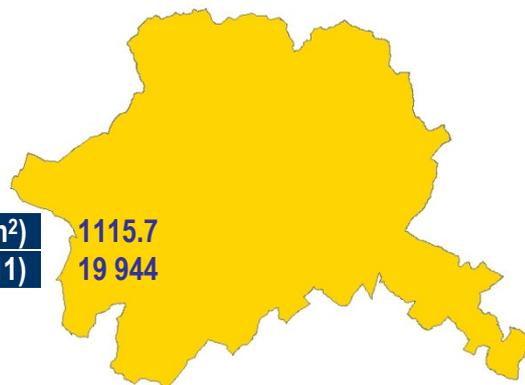
## Município de Constância



Área (Km <sup>2</sup> )	80,4
População Residente (2011)	4 056

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	6,32	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	147,7	↓
	2010	152,3	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	-	
	2010	78,8	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,5	↑
	2010	0,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	23,2	≈
	2009	23,2	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,6	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	10	↑
	2010	11	
Fogos Construídos (nº)	2007	29	↑
	2010	14	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística	2007	0	Sustentável
	2010	0,22	

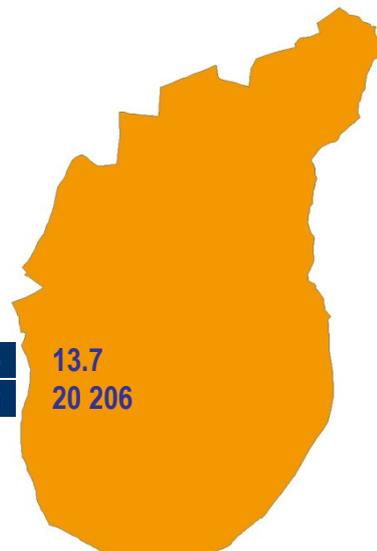
## Município de Coruche



Área (Km <sup>2</sup> )	1115,7
População Residente (2011)	19 944

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-6,51	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	231,3	↓
	2010	234,2	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	86,3	↓
	2010	85,7	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1	
	2010	0,9	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	12	↑
	2009	10	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	3	↑
	2010	5	
Fogos Construídos (nº)	2007	86	↑
	2010	39	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

## Município do Entroncamento



Área (Km <sup>2</sup> )	13,7
População Residente (2011)	20 206

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	11,18	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	106,2	↓
	2010	115,1	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	83,7	↓
	2010	81,1	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,9	↑
	2010	2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	21,5	↑
	2009	18,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,2	↓
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	↑
	2010	12	
Fogos Construídos (nº)	2007	223	↑
	2010	145	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	Sustentável
	2010	0,13	

## Município de Ferreira do Zêzere

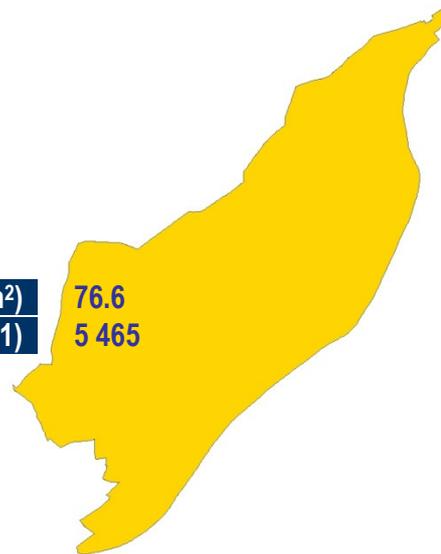
Área (Km <sup>2</sup> )	190.4
População Residente (2011)	8 619



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-8,52	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	213,6	↓
	2010	218,8	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	56,5	↑
	2010	79	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,2	≈
	2010	0,2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	8,5	↑
	2009	6,2	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	≈
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↑
	2010	11	
Fogos Construídos (nº)	2007	43	↓
	2010	61	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	22,5	≈
	2010	22,5	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	-
	2010	-	

## Município da Golegã

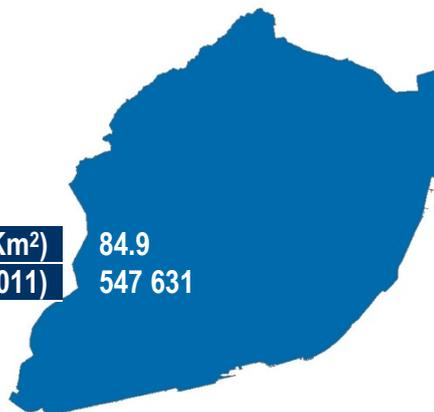
Área (Km <sup>2</sup> )	76.6
População Residente (2011)	5 465



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-4,29	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	163,3	↓
	2010	176	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	59,7	↑
	2010	66,7	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1	↓
	2010	0,9	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	6,2	↓
	2009	8,4	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↑
	2009	0,1	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	7	↑
	2010	8	
Fogos Construídos (nº)	2007	20	↑
	2010	16	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Deliberação	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	0	≈
	2010	0	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

## Município de Lisboa

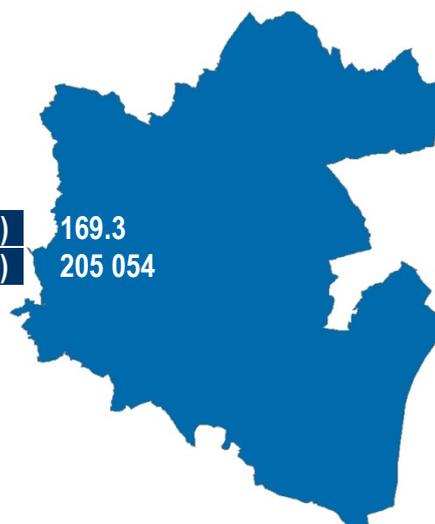
Área (Km <sup>2</sup> )	84.9
População Residente (2011)	547 631



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-3,02	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	177	↑
	2010	161,4	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,7	↑
	2010	81,3	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	218	↑
	2011	252,7	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	15,1	↑
	2010	17	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	14,5	≈
	2009	14,4	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,6	≈
	2009	0,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	21	↓
	2010	17	
Fogos Construídos (nº)	2007	86	↓
	2010	353	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Proposta e Apreciação final	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	3,4	↓ Insustentável
	2010	3,6	

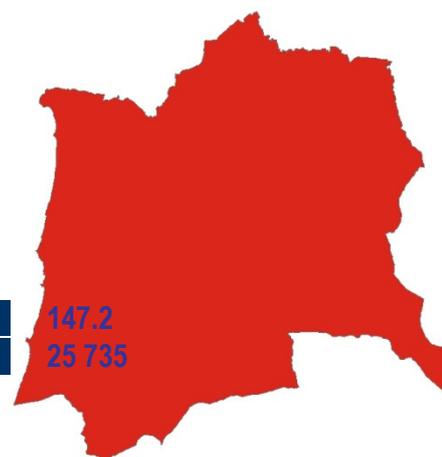
## Município de Loures

Área (Km <sup>2</sup> )	169,3
População Residente (2011)	205 054



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	3,01	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	95,6	↓
	2010	104,2	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,7	↑
	2010	81,3	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	3,3	↑
	2010	3,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,1	↓
	2009	12,5	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,7	↑
	2009	0,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	10	↓
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	1781	↑
	2010	531	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	0,8	≈
	2010	0,7	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

## Município da Lourinhã

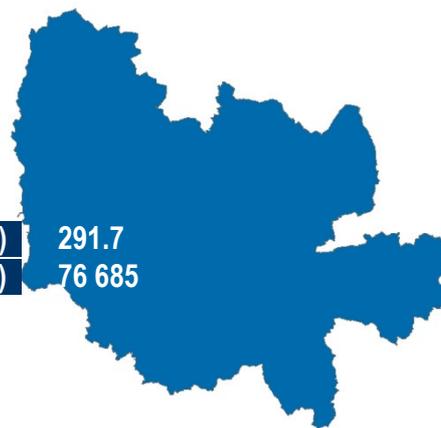


Área (Km <sup>2</sup> )	147,2
População Residente (2011)	25 735

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	10,6	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	113,5	↓
	2010	118,6	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	73,7	↑
	2010	83	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1	≈
	2010	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,7	↑
	2009	10,3	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,8	↑
	2009	0,5	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	11	↑
	2010	12	
Fogos Construídos (nº)	2007	258	↓
	2010	283	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	4,7	≈
	2010	4,7	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈ Sustentável
	2010	0,1	

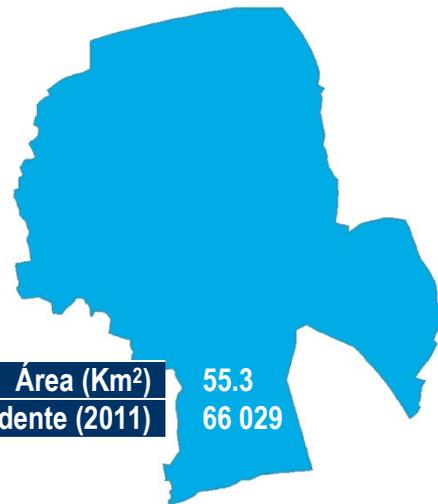
## Município de Mafra

Área (Km <sup>2</sup> )	291,7
População Residente (2011)	76 685



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	41,1	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	95,2	≈
	2010	95,7	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	59,7	↑
	2010	80,5	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,4	↑
	2010	1,7	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	8,4	↑
	2009	6,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,7	↑
	2009	0,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	43	↓
	2010	30	
Fogos Construídos (nº)	2007	1063	↑
	2010	518	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	2,5	≈
	2010	2,5	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,4	≈ Sustentável
	2010	0,3	

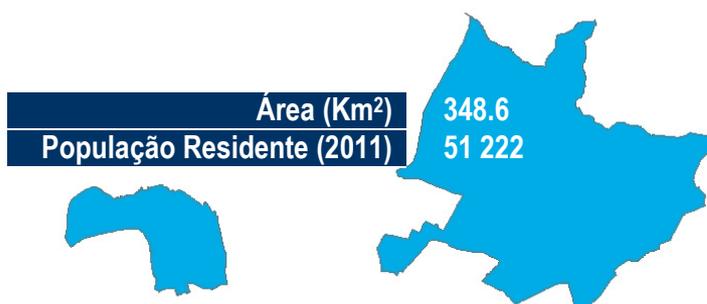
## Município da Moita



Área (Km <sup>2</sup> )	55.3
População Residente (2011)	66 029

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-2,11	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2000	76,1	↓
	2009	89,1	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	66,6	↑
	2010	78	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1	≈
	2010	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	10	↓
	2009	10,4	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,2	≈
	2009	0,2	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	7	≈
	2010	7	
Fogos Construídos (nº)	2007	241	↑
	2010	147	
Tempo de Vigência do PDM	2012	- 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Plano publicado	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	0	≈
	2010	0	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈ Sustentável
	2010	0	

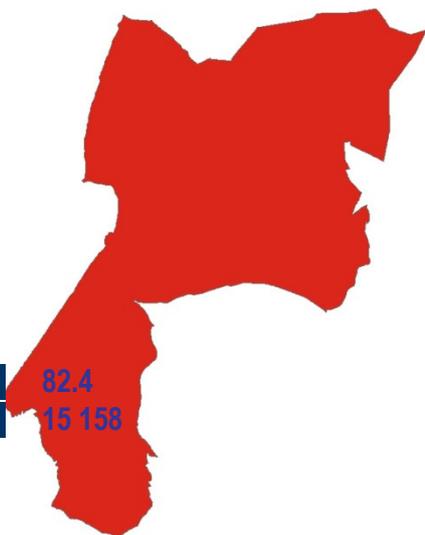
## Município do Montijo



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	30,78	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	105,7	↑
	2010	100,5	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	70,8	↑
	2010	77	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1	≈
	2010	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	14,4	↑
	2009	13,7	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	1,3	↓
	2009	5,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↑
	2010	14	
Fogos Construídos (nº)	2007	842	↑
	2010	359	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	0,2	≈
	2010	0,2	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈ Sustentável
	2010	0,2	

## Município da Nazaré

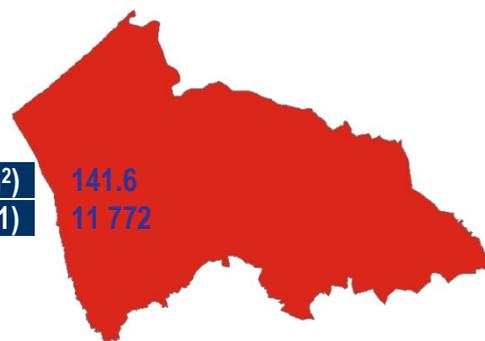
Área (Km <sup>2</sup> )	82,4
População Residente (2011)	15 158



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	0,65	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	117,5	↓
	2010	122,8	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	73,7	↑
	2010	83,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,2	≈
	2010	1,2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	13,7	↑
	2009	11,4	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	6	≈
	2010	6	
Fogos Construídos (nº)	2007	221	↑
	2010	147	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	0	≈
	2010	0	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	1,4	↓ Insustentável
	2010	1,6	

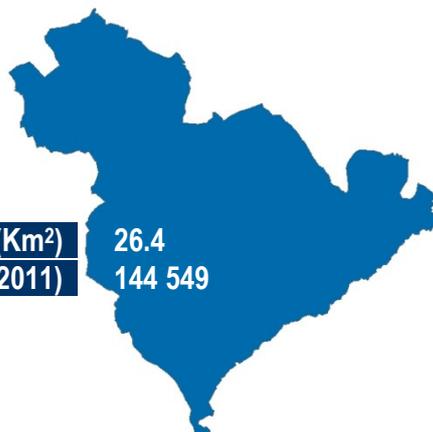
## Município de Óbidos

Área (Km <sup>2</sup> )	141,6
População Residente (2011)	11 772



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	8,3	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	150,4	↓
	2010	153,4	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	85,7	↑
	2010	87,1	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,8	↑
	2010	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,6	↑
	2009	9,3	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,2	↓
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	10	↑
	2010	15	
Fogos Construídos (nº)	2007	144	↓
	2010	162	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	2,2	≈
	2010	2,2	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	3,7	↓ Insustentável
	2010	3,4	

## Município de Odivelas



Área (Km <sup>2</sup> )	26.4
População Residente (2011)	144 549

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	8	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	101,7	↓
	2010	113,7	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	67,3	↑
	2010	74,5	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	1,8	↑
	2011	1,9	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	2,2	↑
	2010	2,5	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	6,9	↓
	2009	7,6	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante	2007	0,1	≈
	2009	0,1	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	-	
	2010	-	
Fogos Construídos (nº)	2007	1048	↑
	2010	767	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística	2007	-	
	2010	-	

## Município de Oeiras



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	6,2	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	113,8	↓
	2010	121,7	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	77,2	↑
	2010	79	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	20	↑
	2011	27,4	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	8,3	↑
	2010	8,6	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	13,8	↓
	2009	14	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,7	↑
	2009	0,5	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	35	↓
	2010	34	
Fogos Construídos (nº)	2007	938	↑
	2010	481	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	S/D	
	2010	S/D	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,36	≈ Sustentável
	2010	0,35	

## Município de Ourém

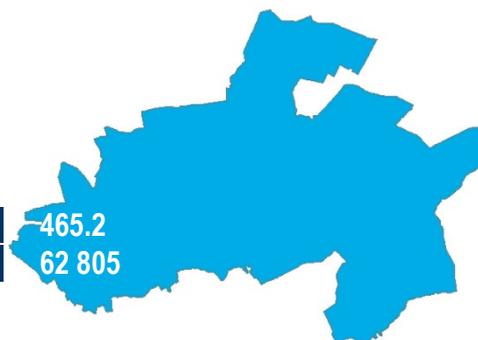


Área (Km <sup>2</sup> )	416.6
População Residente (2011)	45 932

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-0,61	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	131,7	↓
	2010	141,9	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	80,2	↑
	2010	83,7	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,7	↑
	2010	0,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,9	↑
	2009	9,2	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	1,3	↑
	2009	1	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	↑
	2010	21	
Fogos Construídos (nº)	2007	432	↑
	20010	136	
Tempo de Vigência do PDM	2012	- 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	7,2	≈
	2010	7,2	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	2,8	↓ Insustentável
	2010	2,9	

## Município de Palmela

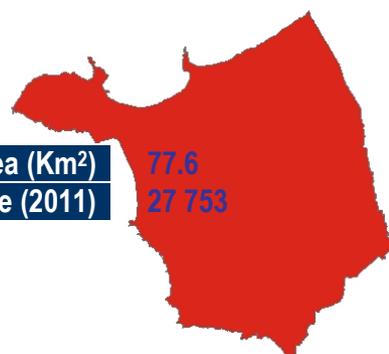
Área (Km<sup>2</sup>) 465,2  
População Residente (2011) 62 805



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	17,72	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	102,6	↓
	2010	108	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	68,3	↑
	2010	84,2	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,9	↑
	2010	2,1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	15,3	↑
	2009	13,4	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	1	↑
	2009	0,7	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	7	↑
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	263	↓
	2010	376	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	11,5	↑
	2010	11,9	
Intensidade Turística (tep/hab)	2007	0,1	≈ Sustentável
	2010	0,3	

## Município de Peniche

Área (Km <sup>2</sup> )	77.6
População Residente (2011)	27 753



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	1,6	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	112,3	↓
	2010	117,4	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	74,7	↑
	2010	78,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	33,4	↑
	2011	47,8	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,2	≈
	2010	1,2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	13,5	↑
	2009	12,2	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↑
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	229	↑
	2010	227	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Não iniciada	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	15	≈
	2010	15	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,9	≈ Sustentável
	2010	0,8	

## Município de Rio Maior

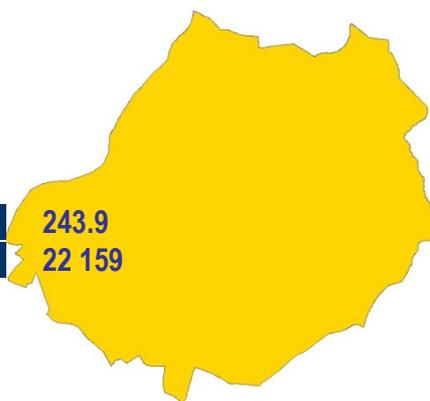


Área (Km <sup>2</sup> )	272.8
População Residente (2011)	21 192

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	0,4	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	131,3	↓
	2010	136,1	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,9	↑
	2010	87,8	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	27	↑
	2011	35,1	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,9	↓
	2010	1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	14,7	↑
	2008	12,3	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,8	↑
	2009	0,5	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	≈
	2010	8	
Fogos Construídos (nº)	2007	188	↑
	2010	81	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	11,7	≈
	2010	11,7	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈ Sustentável
	2010	0,05	

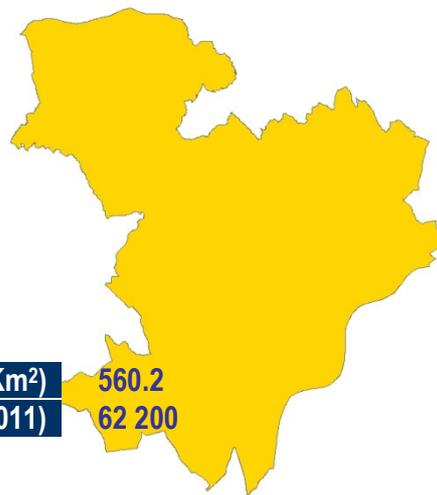
## Município de Salvaterra de Magos

Área (Km <sup>2</sup> )	243.9
População Residente (2011)	22 159



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	7,1	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	144,1	↓
	2010	146,7	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,9	↑
	2010	87,8	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,7	↓
	2010	0,6	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,8	↓
	2009	12,5	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,9	↓
	2009	0,8	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	3	↑
	2010	5	
Fogos Construídos (nº)	2007	212	↑
	2010	109	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

## Município de Santarém



Área (Km <sup>2</sup> )	560,2
População Residente (2011)	62 200

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-2,14	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	150,9	↓
	2010	153,2	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	84,8	↑
	2010	85,4	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	40,6	↑
	2011	52,2	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	3,6	↑
	2010	3,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	16,2	↑
	2009	11,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,9	↑
	2009	0,8	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	6	↑
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	422	↑
	2010	244	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	7,3	≈
	2010	7,3	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,2	≈ Sustentável
	2010	0,2	

## Município do Sardoal

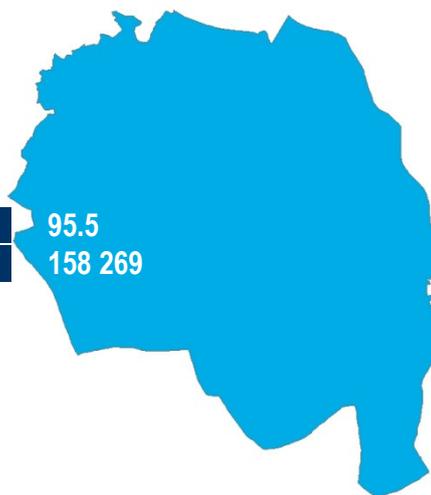


Área (Km <sup>2</sup> )	92.1
População Residente (2011)	3 941

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-3,97	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	228,6	↓
	2010	232,7	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,5	↑
	2010	83,3	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1	↑
	2010	1,1	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	8,7	↑
	2009	3,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,6	↑
	2009	0,5	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↑
	2010	11	
Fogos Construídos (nº)	2007	25	↑
	2010	9	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2002	0	≈
	2009	0	

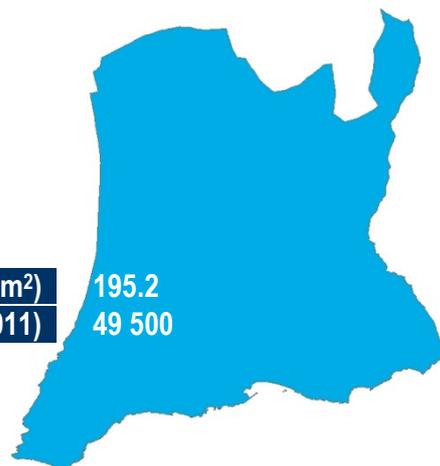
## Município do Seixal

Área (Km <sup>2</sup> )	95.5
População Residente (2011)	158 269



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	5,32	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	75,4	↓
	2010	87,6	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	71,4	↑
	2010	76,1	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (n°)	2007	1,4	≈
	2010	1,4	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,6	↓
	2009	12	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	9	↑
	2010	11	
Fogos Construídos (n°)	2007	1059	↑
	2010	499	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 18 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	12,2	≈
	2010	12,2	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

## Município de Sesimbra



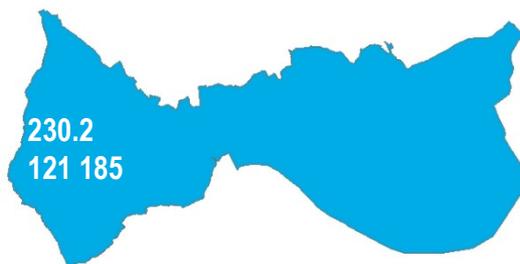
Área (Km <sup>2</sup> )	195.2
População Residente (2011)	49 500

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	31,8	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	75,4	↓
	2010	87,6	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	71	↑
	2010	73,1	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,3	↓
	2010	1,2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	14,8	↑
	2009	12,9	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	5	↑
	2010	8	
Fogos Construídos (nº)	2007	416	↑
	2010	178	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	50,8	≈
	2010	50,8	
Intensidade Turística (dormidas noite/ hab)	2007	0,6	≈ Sustentável
	2010	0,6	

## Município de Setúbal

Área (Km<sup>2</sup>)  
População Residente (2011)

230.2  
121 185

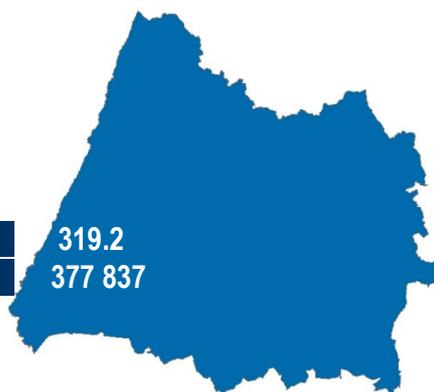


Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	6,3	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	99,1	↓
	2010	104,6	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	73,6	↑
	2010	81,1	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	32,3	↑
	2011	40	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	3,5	↑
	2010	3,6	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	17,9	↑
	2009	17,6	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,6	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	↓
	2010	7	
Fogos Construídos (nº)	2007	715	↑
	2010	442	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	57,1	↓
	2010	54,6	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,7	↑
	2010	0,4	

Sustentável

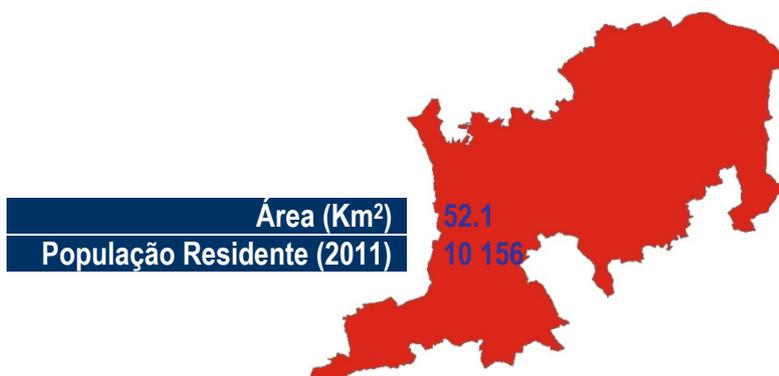
## Município de Sintra

Área (Km <sup>2</sup> )	319.2
População Residente (2011)	377 837



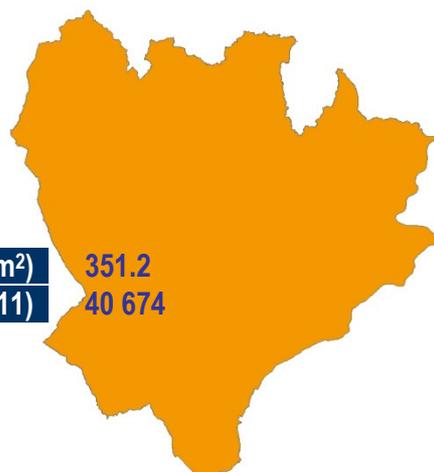
Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	3,9	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	72,7	↑
	2010	83,3	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	73,2	↑
	2010	75,3	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	1,3	≈
	2011	1,3	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,8	↓
	2010	1,7	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11	↑
	2009	10,7	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,4	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	22	↑
	2010	31	
Fogos Construídos (nº)	2007	944	↑
	2010	633	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Não iniciada	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	13,9	≈
	2010	13,9	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,1	≈ Sustentável
	2010	0,1	

## Município de Sobral de Monte Agraço



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	13,8	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	120,4	↓
	2010	122,4	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,5	↑
	2010	80	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,1	↑
	2010	1,2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	8,7	↑
	2009	5,5	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,3	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	8	≈
	2010	8	
Fogos Construídos (nº)	2007	63	↓
	2010	94	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Não iniciada	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0	≈
	2010	0	

## Município de Tomar



Área (Km <sup>2</sup> )	351,2
População Residente (2011)	40 674

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-5,4	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	170,8	↓
	2010	182,1	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	79	↑
	2010	88,3	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	42,7	↑
	2011	46,7	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	2	≈
	2010	2	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,8	↑
	2009	9,4	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,5	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	6	↑
	2010	7	
Fogos Construídos (nº)	2007	117	↓
	2010	160	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	10,8	≈
	2010	10,8	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	0,5	≈ Sustentável
	2010	0,4	

## Município de Torres Novas

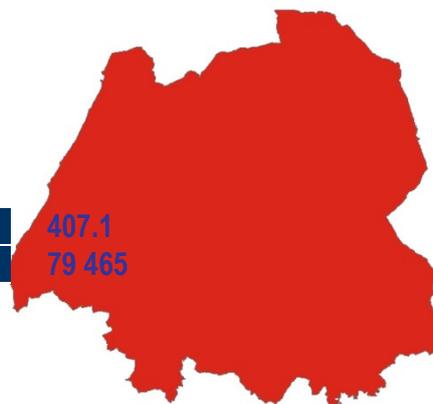


Área (Km <sup>2</sup> )	270
População Residente (2011)	36 717

Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-0,5	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	166,3	↓
	2010	169,6	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	81,2	≈
	2010	81,2	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	3,5	↓
	2011	1,3	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,9	↑
	2010	2,4	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	11,4	↑
	2009	10,5	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,7	↑
	2009	0,5	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	5	↑
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	115	↓
	2010	149	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	7,4	≈
	2010	7,4	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab.)	2007	-	
	2010	-	

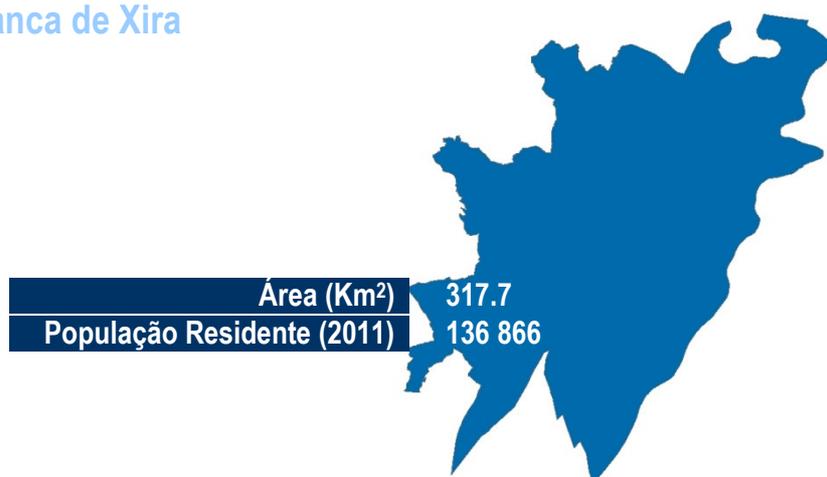
## Município de Torres Vedras

Área (Km <sup>2</sup> )	407,1
População Residente (2011)	79 465



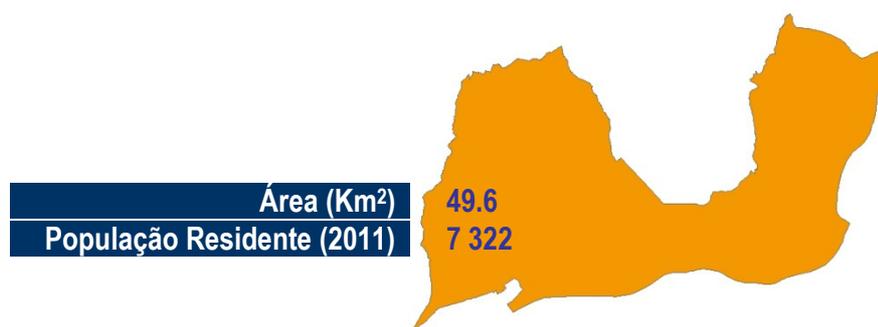
Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	9,9	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	118	↓
	2010	123,5	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	75,2	↑
	2010	81,2	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	0,7	↑
	2011	1,1	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,6	↑
	2010	1,8	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	10	↑
	2010	8,2	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,8	↑
	2009	0,6	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	10	↑
	2010	11	
Fogos Construídos (nº)	2007	360	↑
	2010	317	
Tempo de Vigência do PDM	2012	- 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Plano publicado	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	2,7	≈
	2010	2,8	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab.)	2007	0,4	↓ Sustentável
	2010	0	

## Município de Vila Franca de Xira



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	11,4	↑
Índice de Envelhecimento (%)	2007	80	↓
	2010	86,8	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	76,6	↑
	2010	77,7	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	1,3	≈
	2010	1,3	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	13,9	↑
	2009	13,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,7	↑
	2009	0,4	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	10	≈
	2010	10	
Fogos Construídos (nº)	2007	1388	↑
	2010	379	
Tempo de Vigência do PDM	2012	- 10 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Plano publicado	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	40,7	≈
	2010	40,7	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab)	2007	-	
	2010	-	

## Município de Vila Nova da Barquinha



Indicador	Período de referência	Valor	Tendência
Taxa de Variação da População (%)	2001/2011	-3,78	↓
Índice de Envelhecimento (%)	2007	180,9	↓
	2010	196,5	
Taxa de Transição/Conclusão no Ensino Secundário (%)	2007	86,1	↓
	2010	78,6	
Taxa Bruta de Escolarização do Ensino Superior (%)	2007	-	
	2011	0	
Médicos por mil habitantes (nº)	2007	0,6	↑
	2010	0,7	
Disparidade no Ganho Médio Mensal entre Sexos (%)	2007	13,3	↑
	2009	10,8	
Consumo de Combustível Automóvel por Habitante (tep/hab)	2007	0,2	↑
	2009	0,1	
Proporção de Resíduos Recolhidos Seletivamente (%)	2007	5	↑
	2010	9	
Fogos Construídos (nº)	2007	22	↓
	2010	23	
Tempo de Vigência do PDM	2012	+ 15 anos	
Ponto de situação da Revisão do PDM	2012	Elaboração do Plano e Acompanhamento	
Proporção da Superfície dos Sítios da Rede Natura 2000 (%)	2007	-	
	2010	-	
Intensidade Turística (dormidas noite/hab.)	2007	-	
	2010	-	